



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

---

**DAVID FERNANDO NOGUEIRA DA SILVA**

## **A “REVOLUÇÃO DAS ESPERANÇAS CRESCENTES”:**

**Adlai Stevenson, a Teoria da Modernização e a Guerra Fria na América Latina**

**Brasília  
2018**

**DAVID FERNANDO NOGUEIRA DA SILVA**

**A “REVOLUÇÃO DAS ESPERANÇAS CRESCENTES”:**

**Adlai Stevenson, a Teoria da Modernização e a Guerra Fria na América Latina**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito final à obtenção do grau de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Poder, Instituições e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

**Brasília  
2018**

**DAVID FERNANDO NOGUEIRA DA SILVA**

**A “REVOLUÇÃO DAS ESPERANÇAS CRESCENTES”:**

**Adlai Stevenson, a Teoria da Modernização e a Guerra Fria na América Latina**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito final à obtenção do grau de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Poder, Instituições e Sociedade.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes  
(orientador)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Soreanu Pecequilo  
(Instituto de Relações Internacionais – UNIFESP/SP)

Prof. Dr. Leandro Karnal  
(Programa de Pós-Graduação – UNICAMP/SP)

Prof. Dr. Jaime de Almeida  
(Departamento de História – UnB)

Prof. Dr. Antônio Carlos Lessa  
(Instituto de Relações Internacionais – UnB)

Brasília, 27 de junho de 2018.

Para Mildred, com todo amor e saudade.

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é, talvez, uma das mais solitárias atividades que há. E, por mais paradoxal que possa parecer, é exatamente por isso que é um trabalho que dificilmente pode ser feito sem ajuda. Eu tive a ajuda de muitos, e quero começar agradecendo ao professor Dr. Virgílio Arraes, que foi meu orientador formal no ano final do doutorado. Suas ponderações, seus questionamentos e sua erudição foram fundamentais. Também agradeço ao professor Dr. Jaime de Almeida, que me orientou no início do projeto: obrigado pela leitura delicada dos textos e pelo estímulo das ideias, principalmente no que tange à América Latina.

Agradeço também ao meu co-orientador na Universidade de Princeton, professor Dr. Julian Zelizer, que me ajudou a refletir melhor sobre o mundo do liberalismo americano nos anos 50 e 60. Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, em especial ao professor Dr. Francisco Doratioto, que, por meio de suas aulas, ajudou-me em questões teóricas fundamentais e ao professor Arthur Alfaix Assis, que era coordenador da pós ao tempo de meu ingresso e me ajudou a navegar pelo nebuloso mar das burocracias. Ao professor Dr. Leandro Karnal agradeço as inúmeras cartas de recomendação para congressos, ônus de ter sido meu orientador no mestrado, e agradeço ainda a ajudar-me a enxergar a América Latina de outros ângulos desde as aulas de graduação na UNICAMP. À professora Dra. Cristina Pecequilo, muito obrigado não só por aceitar fazer parte da minha banca, mas por ser uma inspiração, por meio de sua obra profícua, para todos aqueles que pensam a relação entre o Brasil e os Estados Unidos. Ao professor Antônio Lessa, do IREL-UNB, obrigado por suas sugestões em minha banca de qualificação. Agradeço ainda ao professor Dr. Alexandre Moreli, da FGV, que, mesmo sem saber, foi essencial para este trabalho, quando me fez, em uma apresentação da ABRI, em 2016, uma pergunta que redirecionou toda a pesquisa.

Vivo em um país profundamente desigual e no qual grande parte da população carece de amparo mínimo por parte dos governos. Assim, sou especialmente grato às verbas governamentais que recebi durante esta pesquisa, porque sei como é difícil investir em pesquisa e educação. Agradeço à Secretaria de Educação do Distrito Federal por me ter dispensado das minhas funções normais de professor durante os quatro anos de pesquisa, sem prejuízo dos meus vencimentos, para que eu pudesse me dedicar exclusivamente à atividade de pesquisador. Agradeço ainda à CAPES pela bolsa que me possibilitou viver e estudar em Princeton em meu doutorado-sanduíche, à FAP-DF, que financiou a apresentação de um artigo no congresso da *Transatlantic Studies Association*, em Plymouth, Inglaterra, e ao Departamento de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, que, por duas vezes, financiou viagens minhas para

apresentação de artigos: uma vez para a *European Summer School on Cold War History*, em Viena, e posteriormente na conferência anual dos *Historians of the Twentieth Century of The United States*, na Universidade de Cambridge, Inglaterra.

Agradeço também a todos os bibliotecários da *Seeley G. Mudd Manuscript Library*, da Universidade de Princeton, pela colaboração e, na pessoa de Suelena Coelho, que me ajudou na organização das notas, agradeço a todos os bibliotecários dos vários arquivos que consultei por sua paciência e ajuda.

A meus amigos agradeço a compreensão pela ausência e a paciência no escutar diário de tudo que se relacionava a esta tese. Em especial, quero agradecer a Felipe Pessoa, colega da pós-graduação com quem pude trocar ideias que iam de D. Dinis de Portugal a Adlai Stevenson, e a Luís Felipe Lopes e Eduardo Borges, pelas várias horas de conversa sobre esta tese e mil outras coisas relacionadas a todos os assuntos possíveis.

Aos meus tios Esdras e Irene e Onésimo e Vera, bem como à Fabiana Coelho, agradeço o apoio de sempre da família estendida: os almoços sem aviso, as conversas sem objetivos específicos. Obrigado por me ajudarem a manter sempre a perspectiva das coisas simples!

Aos meus irmãos, Maurício, Ebnézer, Paulo, Déborah e Thelma, agradeço todo o suporte que existiu desde o primeiro momento de minha vida e que tornou possível que eu me tornasse a pessoa que sou. Sendo o mais novo de seis irmãos, experimentei o amor desde muito cedo.

Aos meus pais, Maurício e Mildred obrigado pelo amor incondicional! Eles nunca mediram esforços para me fornecer tudo que estava ao alcance deles e, quando se tratava de educação, tentavam me fornecer mesmo o que estava fora do alcance. Quando eu tinha ainda treze anos, minha mãe levava-me a pé até o curso de inglês que ficava a menos de um quilômetro de nossa casa e certificava-se de que eu entraria no prédio porque sabia que, se eu fosse sozinho, provavelmente ficaria na quadra de basquete em frente ao curso. Para mim, foi especialmente cruel que ela me deixasse a um ano da minha defesa. Não conseguiria escrever, de forma alguma, as inúmeras formas como sou grato a tudo que ela significa para mim. Este trabalho é a ela dedicado. Mas terminá-lo sem sua presença tem um gosto muito amargo.

Por fim, agradeço à Marcella, minha companheira de vida, amiga, motivadora, parceira, que, entre tantas coisas, ajudou-me a superar uma fase tão difícil de minha vida, quando, morando em Princeton, precisava pensar esta pesquisa enquanto lutava com a dor de ter perdido minha mãe. Mas, como sempre, ela estava lá. E me ajudou. E no meio de todo este turbilhão ainda me disse sim, em um piquenique no Central Park, embaixo de uma grande árvore, em um 04 de julho. Obrigado!

## RESUMO

Esta tese tem como objetivo mostrar como a teoria da modernização deixou a academia e entrou no mundo político americano por meio da influência do maior líder do partido democrata nos anos 50, Adlai Stevenson. Quer também evidenciar problemas entre a teoria e a prática desta ideia, que se mostram quando ela é consubstanciada em política externa por meio da Aliança para o Progresso. A hipótese que ela sustenta é a de que vários erros de leitura da conjuntura cultural e da política interna latino-americana, por parte dos norte-americanos, fizeram com que as ideias de modernização, pensadas na teoria, se revelassem inviáveis na prática.

**Palavras Chave:** Teoria da Modernização; Adlai Stevenson; Aliança para o Progresso; Desenvolvimento; Modernidade.

## ABSTRACT

This thesis aims to show the way modernisation theory left the academy and entered the American political world through the influence of Adlai Stevenson, the leader of the Democratic Party in the 50's. It also highlights problems between the theory and practice of this idea, which are shown when it is embodied in foreign policy through the Alliance for Progress. The hypothesis that the thesis maintains is that several errors on how to perceive the cultural conjuncture and the domestic policy of Latin America made the ideas of modernisation, as thought in the theory, infeasible in Latin America.

**Keywords:** Modernisation Theory; Adlai Stevenson; Alliance for Progress; Development; Modernity.

# Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	05
<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1.</b> Adlai Ewing Stevenson II .....	17
<b>Capítulo 2.</b> A formação de um liberal: Stevenson e a América Latina A viagem de 1960 – Antecedentes.....	47
<b>Capítulo 3.</b> A Micro-História de uma ideia: Stevenson e a teoria da modernização.....	89
<b>Capítulo 4.</b> Os Rapazes de Chicago e os Irmãos Marx: A quase modernidade latino-americana e seus desencantos.....	122
<b>Capítulo 5.</b> Nacionalismos e Desenvolvimentos.....	140
<b>Capítulo 6.</b> Modernizadores de uma Aliança Perdida.....	160
<b>Conclusão</b> .....	225
<b>Apêndice</b> .....	231
<b>Arquivos</b> .....	235
<b>Bibliografia</b> .....	236

Cada cabeça é um mundo, meu filho.

## INTRODUÇÃO – A REVOLUÇÃO DAS ESPERANÇAS CRESCENTES

*Há alguns anos, a tendência mundial foi descrita na situação global como ‘a revolução das esperanças crescentes’. Desde então, a revolução acelerou para além dos sonhos de qualquer um. Sua natureza, no entanto, não mudou, apenas se intensificou.*<sup>1</sup>

Adlai Stevenson, “*A Better Life: Economic Development*”

Em 1962, James C. Davies (1962) publicou um artigo no qual tentava explicar o que levava as revoluções a eclodirem em determinados momentos. Aqueles eram tempos de intensos protestos pelos direitos civis nos Estados Unidos e, nesse contexto, o artigo chamou a atenção de muitos. Marx, argumentava Davies, quando exortava os proletários do mundo a se rebelarem porque nada tinham a perder a não ser seus grilhões, estava na verdade expondo, de maneira sucinta, a tese de que a degradação progressiva da condição de vida era aquilo que levava às revoluções, que aconteciam quando essa degradação atingia um ponto tal que se tornava insuportável. Isto é, as pessoas se revoltavam quando as coisas estavam por demasiado ruins.

Contudo, no mesmo artigo, Davies afirma ainda que Tocqueville (1955), em seu estudo clássico sobre a Revolução Francesa, sugere uma linha um tanto quanto diferente. As revoltas acontecem não necessariamente quando há uma degradação progressiva das condições materiais, mas sim quando, em uma linha de melhora das condições de vida, essa progressão ocorre de forma mais lenta do que o desejado (DAVIES, 1962). Isto é, para Tocqueville, as revoluções aconteciam não quando as coisas estavam por demasiado ruins, mas sim quando elas não estavam tão boas quanto poderiam estar<sup>2</sup>.

O termo “Revolução de Esperanças Crescentes”<sup>3</sup> (*The Revolution of Rising Expectations*) foi popularizado durante a década de 1950 entre os estudiosos de programas de

---

<sup>1</sup> *A number of years ago, the world trend was described in the world situation as “the revolution of the rising expectation. “Since then the revolution has accelerated beyond anyone’s dreams. Its nature, however, hasn’t changed, only intensified. “A Better Life: Economic Development” (JOHNSON, 1979, p. 92).*

<sup>2</sup> Em seu artigo, Davies tenta formular uma ferramenta, a *J-curve*, que concilia essas duas formas de se pensar as revoluções para saber exatamente em que ponto essa mudança acontece.

<sup>3</sup> Optei por traduzir como “esperanças crescentes” e não como “Expectativas crescentes” porque o termo “esperanças crescentes”, já era utilizado em documentos oficiais do governo brasileiro como um relatório do Ministério do Planejamento sobre a Aliança para o Progresso. O relatório dizia que: “A Segunda Guerra Mundial colocou as relações entre os países desenvolvidos e as regiões menos favorecidas diante de nova perspectiva. A necessidade de obtenção de matérias-primas e a vulnerabilidade das regiões menos desenvolvidas à subversão política, ideológica e econômica deram novo sentido de importância a essas regiões, na estrutura internacional do poder. Nos próprios países em desenvolvimento, os contatos com os países mais avançados e o conhecimento das diferenças de níveis de vida entre ambos prepararam o caminho para a ‘**Revolução das Esperanças Crescentes**’, que passaria a ser característica do período de pós-guerra (Ministério do Planejamento, 1966, p. 68, grifo do autor). Em uma tradução deste discurso para o livro “Os Estados Unidos na ONU: tempos de crise e de esperança”, que reúne discursos de Adlai Stevenson proferidos na ONU, o tradutor Sérgio Moraes Rêgo optou pela tradução: “A

desenvolvimento assim como entre os teóricos que pensam a ajuda externa, e foi usado para descrever a esperança dos países mais pobres por um futuro melhor, na esteira da descolonização do pós-guerra. Dizia-se que as esperanças crescentes “incorporavam a revolução ‘real’ do século XX, na medida em que representavam para a vasta maioria da população mundial uma ruptura com séculos de estagnação, fatalismo e exploração”<sup>4</sup>. No início dos anos 60, o governo Kennedy acreditava que uma revolução das esperanças crescentes era iminente na América Latina.

Em um memorando da força-tarefa que Kennedy comissionou para estudar a situação latino-americana ainda antes de sua posse, pode-se ler a respeito do efeito da eleição do jovem presidente: “sua campanha aumentou as esperanças na América Latina”<sup>5</sup>. Em um relatório feito para Kennedy, por Arthur Schlesinger Jr., Assessor Especial do presidente e renomado historiador, ele escreve: “A América Latina espera ansiosamente por novas iniciativas de Washington. A eleição do presidente Kennedy e o retorno dos democratas ao poder deram origem a enormes esperanças em toda a América Latina”<sup>6</sup>.

Este trabalho tem como objetivo evidenciar problemas entre a teoria e a prática de uma ideia que surgiu, no contexto do início da Guerra Fria, exatamente para lidar com as esperanças crescentes. Essa ideia se chama teoria da modernização e tem como premissa principal a tese de que se pode ajudar nações a saírem de um estágio de desenvolvimento menos avançado e ajudá-las a “alçar voo” para um estado mais avançado. Sociedades “avançadas” eram, naquele contexto, as economias capitalistas ocidentais: Estados Unidos e Europa Ocidental. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos usaram essa teoria para tentar tornar lugares como Brasil, República Dominicana, Laos e Vietnã, entre muitos outros, em sociedades mais parecidas com a americana e, assim, impedir que as esperanças crescentes fossem frustradas e que tal frustração levasse a uma revolução marxista.

---

revolução das esperanças que surgem”. Penso, contudo, que, dentro do contexto em que a terminologia foi criada, a ideia de “esperanças crescentes” é melhor do que a de “esperanças que surgem”.

<sup>4</sup> “*Revolution of Rising Expectations*” In: **International Encyclopedia of the Social Sciences**. Acessado em 16 de março de 2018. Encyclopedia.com: <http://www.encyclopedia.com/social-sciences/applied-and-social-sciences-magazines/revolution-rising-expectations>.

<sup>5</sup> *Your campaign aroused high hopes in Latin America*. “Report from the Task Force on Immediate Latin American Problems to President-elect Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics (Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII)”. iBooks. p. 131.

<sup>6</sup> *Latin America is waiting expectantly for new initiatives from Washington. The election of President Kennedy and the return of the Democrats to power have given rise to enormous expectations throughout Latin America*. Report to the President on Latin American Mission. February 12-March 3, 1961. Kennedy Library, Schlesinger Papers, White House Files, Latin America Report, March 10, 1961. Confidential. Com cópias para McGeorge Bundy, Walt W. Rostow, and Allen Dulles.

Na América Latina, a teoria da modernização gerou uma política de ajuda externa, a “Aliança para o Progresso”, e a análise dessa política permitiu-me perceber algumas nuances interessantes de tal teoria quando aplicada à América Latina na prática. Em meu estudo, centrei-me no caso latino-americano, principalmente no caso brasileiro. Outros países vieram à tona apenas de forma marginal.

Um esboço do que seria a Aliança para o Progresso já havia sido sugerido pelo presidente Kubitschek em sua Operação Pan-Americana, mas tentarei mostrar que havia um mundo de diferenças entre o que políticos como Kubitschek entendiam como “desenvolvimento” e aquilo que a teoria da modernização enxergava como “modernização”. Esse é um problema que considero central. Marshall Berman (1988), em seu clássico “*All that is solid melts in the air*”, já procura demonstrar como modernização, modernismo, modernidade e aquilo que ele considera como elemento que os une, o “desenvolvimento”, são termos que precisam ser esclarecidos para que se compreendam bem as questões que tais termos evocam. Em artigo na *New Left Review*, Perry Anderson explica como todos esses termos são trabalhados por Berman:

What generates this maelstrom? For Berman, it is a host of social processes – he lists scientific discoveries, industrial upheavals, demographic transformations, urban expansions, national states, mass movements – all propelled, in the last instance, by the ‘ever-expanding, drastically fluctuating’ capitalist world market. These processes he calls, for convenient short-hand, socio-economic modernization. Out of the experience born of modernization, in turn has emerged what he describes as the ‘amazing variety of visions and ideas that aim to make men and women the subjects as well as the objects of modernization, to give them the power to change the world that is changing them, to make their way through the maelstrom and make it their own’ – ‘visions and values that have come to be loosely grouped together under the name of “modernism”’. The ambition of his own book, then, is to reveal the ‘dialectics of modernization and modernism’. Between these two lies, as we have seen, the key middle term of modernity itself – neither economic process nor cultural vision but the historical experience mediating the one to the other. What constitutes the nature of the linkage between them? Essentially, for Berman, it is development. (...) development means two things simultaneously. On the one hand, it refers to the gigantic objective transformations of society unleashed by the advent of the capitalist world market: that is, essentially but not exclusively, economic development. On the other hand, it refers to the momentous subjective transformations of individual life and personality which occur under their impact: everything that is contained within the notion of self-development, as a heightening of human powers and widening of human experience. For Berman the combination of these two, under the compulsive beat of the world market, necessarily spells a dramatic tension within the individuals who undergo development in both senses (ANDERSON, 1984, p. 97-98).

Então, para Berman, modernização envolve um processo socioeconômico, modernismo é a forma cultural que os sujeitos da modernização usam para expressar sua visão de mundo e modernidade é a experiência de tempo histórico. Passando como uma linha tênue que une tudo

isso está a ideia de “desenvolvimento”, que é entendida por Berman tanto como sinônimo de crescimento econômico quanto como melhoria do bem-estar. Ao longo do trabalho, procurarei fornecer outras definições, mas creio que, de saída, os conceitos de modernização, modernismo e modernidade, como apresentados por Berman, servem bem para os propósitos deste trabalho. É importante salientar, contudo, que, no campo teórico, considero melhor separar “desenvolvimento” de “crescimento econômico”. Entendo desenvolvimento como algo que engloba uma melhoria dos níveis materiais de vida e uma melhora do bem-estar. Crescimento econômico está ligado ao incremento do PIB.

Entendo esses termos como sendo diferentes e não intercambiáveis, mas percebo também que eles frequentemente são usados como sendo sinônimos, principalmente por políticos. Frequentemente o crescimento econômico leva a uma melhora da qualidade de vida, mas não necessariamente. Como Stephen Rabe (Kindle Edition) salienta, a Aliança para o Progresso é mais ambiciosa do que o Plano Marshall exatamente porque pretende crescimento econômico com uma reconstrução social e de instituições, o que não existiu no plano de recuperação da Europa (RABE, Kindle Edition).

O modelo econômico de JK, por exemplo, chamado de desenvolvimentista, pauta-se, como tentarei mostrar aqui, em um modelo com ênfase no crescimento econômico. Celso Furtado define desenvolvimento como crescimento que gera “homogeneização social” e define essa última como sendo a uniformização dos padrões de vida, com acesso satisfatório à comida, bens culturais, vestuário e educação. A educação, por exemplo, correspondeu a menos de 4% dos recursos do plano de metas de JK. Assim, ao se usar a noção de Furtado para “desenvolvimento”, o plano de metas de JK seria, antes de tudo, um plano de crescimento econômico, ou como explicou Rafael Ioris, “uma estratégia de desenvolvimento definida de forma estreita, centrada em taxas absolutas de crescimento econômico, em detrimento de políticas socialmente inclusivas e debatidas publicamente” (IORIS, Kindle Edition, pos. 309). Assim, quando me referir a desenvolvimento, estarei tratando, tal como Furtado, de melhoria e uniformização dos padrões de vida, salientando que “uniformização” significa a diminuição das desigualdades. Quando me referir a crescimento econômico, estarei tratando apenas do crescimento de indicadores econômicos como o PIB.

É também objetivo desta tese mostrar uma das formas como a teoria da modernização deixou a academia e entrou no mundo político americano por meio da influência do maior líder do partido democrata nos anos 50, Adlai Stevenson, um candidato à presidência dos Estados Unidos duas vezes derrotado, mas que ainda assim foi influente até sua morte, quando era embaixador na ONU, em 1965.

A ideia de entender como a teoria da modernização chega ao *establishment* americano por meio de Stevenson é importante por algumas razões. Primeiro, porque normalmente se estuda como essas ideias se espalham pelas instituições, mas quase não há estudos que tentam compreender isso agindo a partir da sua influência nas pessoas. Desse ponto de vista, trata-se quase que de uma “micro-história” dessa ideia. Segundo, porque Stevenson é uma personagem pouco conhecida no Brasil. Na verdade, mesmo nos Estados Unidos hoje, ele não é mais muito lembrado. Recordo-me de uma passagem no *hall* de entrada da *Woodrow Wilson School of Public and International Affairs*, na Universidade de Princeton, na qual aguardava a liberação para a entrada em um evento no anfiteatro. No *hall*, há um busto de Stevenson. Um senhor perguntou à jovem estudante de pós-graduação que ajudava na organização da fila por que haviam mudado o busto de Adlai Stevenson de lugar (ao que tudo indicava, o busto ficava, originalmente, no canto oposto de onde estava naquele momento). A jovem olhou com uma fisionomia verdadeiramente intrigada e perguntou ao senhor quem era Adlai Stevenson. Espero que este trabalho ajude a responder essa pergunta para aqueles que, porventura, ainda não o conheçam.

Assim, este é um trabalho que pretende entender, por meio da vida e ação de Adlai Stevenson, por que, naquele momento, a teoria da modernização deixou os *campi* universitários na década de 50, ganhou o meio político democrata norte-americano e foi base para políticas de reconstrução de sociedades na Guerra Fria, nos anos 60, na América Latina, durante o governo Kennedy. A hipótese que sustento neste caso é a de que a teoria da modernização foi bem aceita pelos liberais americanos porque espelhava valores inculcados nessa ala política desde o *New Deal* de Roosevelt.

É objetivo ainda desta tese entender por que, ao se consubstanciar em política externa para a América Latina, a Aliança para o Progresso falhou. A hipótese que sustento neste caso em particular é a de que erros de leitura da conjuntura e da cultura latino-americana, ainda na fase da teoria da modernização, inviabilizaram a Aliança na prática. Ou seja, é exatamente porque espelhava valores bem particulares dessa parte da sociedade americana que essa teoria não poderia mesmo ter sucesso na América Latina. Houve, depois disso, inúmeras circunstâncias que aceleraram o ocaso da Aliança, mas minha hipótese é que ela já era fadada ao fracasso em seu nascedouro, ou seja, uma aliança natimorta. Para tentar alcançar todos os objetivos da tese e testar as hipóteses, dividi o trabalho em 6 capítulos, além desta introdução e de uma conclusão.

No primeiro e segundo capítulos, tentei apresentar Adlai Stevenson ao leitor, por meio de uma quase prosopografia, cujo objetivo é realçar suas ligações e sua influência na política

americana. No segundo capítulo, enfatizo a trajetória de Stevenson dentro do liberalismo americano. Isso é importante para que o leitor perceba que a teoria da modernização não se cria em um vácuo; ao contrário, espelha muitos dos anseios desse liberalismo. Isso ajuda a explicar, espero eu, a minha hipótese de que essa teoria foi escolhida como forma de ação da política externa americana, naquele momento exatamente, porque já espelhava valores de parte do mundo político.

No terceiro capítulo, faço uma “micro-história” da teoria da modernização e tento evidenciar como ela entra em contato com Stevenson pela figura de Walt Whitman Rostow e como, por meio de Stevenson, algumas dessas ideias chegaram até mesmo a pessoas do governo Eisenhower. É importante salientar que não se trata de dizer que essa foi “a” forma como a teoria da modernização entrou em contato com a política americana, apenas mais “uma” forma, mas por ter sido Stevenson quem foi, trata-se de uma forma importante e pertinente.

No quarto capítulo, começo a construir o argumento de que muito da falha da teoria da modernização na América Latina vem de um desconhecimento cultural dessa América Latina. A ideia de modernização ensinava, para os latino-americanos, outros signos que não aqueles que os modernizadores norte-americanos tentavam evocar. Isso criou um ruído na comunicação que começou a matar a Aliança já em seu berço. O quinto capítulo ajuda a evidenciar essa questão analisando mais de perto a ideia de que havia vários nacionalismos e desenvolvimentos na região.

No sexto capítulo, tento finalizar minha hipótese mostrando como esse vício de origem interferiu, na prática, nas ações da Aliança para o Progresso. Na conclusão, tento mostrar o porquê da importância de se entender melhor a atuação da teoria da modernização na Guerra Fria latino-americana e de que formas o estudo deste debate de reconstrução de sociedades à imagem e semelhança da americana ajuda a entender os debates de hoje em torno de desenvolvimento e democracia.

Por fim, alguns esclarecimentos se fazem necessários. O termo “latino-americano” é controverso, mas opto por usá-lo para facilitar o entendimento. Em alguns documentos americanos, o leitor vai se deparar com o termo “América do Sul”, que, para tais documentos, é análogo a “América Latina”. É a América ao Sul do Rio Grande. Também optei por fazer a tradução livre de todas as cartas e discursos de Stevenson, mas tive o cuidado de deixar os originais no rodapé para que o leitor proficiente em inglês possa escolher entre a minha tradução e o original.

Sobre as fontes, usei em grande parte os 8 volumes dos papéis publicados de Adlai Stevenson e editados por Walter Johnson, Carol Evans e C. Eric Sears. Entretanto, há ainda

um número infinito de documentos pessoais de Stevenson não publicados e que estão na *Seeley G. Mudd Manuscript Library* da Universidade de Princeton. Esse arquivo foi fonte essencial para a pesquisa. Fiz uso principalmente das correspondências e de documentos guardados por Stevenson, como memorandos, cartas, relatórios, declarações de imposto de renda e bilhetes avulsos. Stevenson manteve também dois diários de suas viagens para a América Latina que foram muito preciosos, além de anotações várias em blocos pautados amarelos, que às vezes ajudavam a elucidar, mas outras vezes tornavam tudo um pouco mais obtuso. Também o *Adlai Stevenson Oral Project* da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, foi fundamental para ajudar a entender o universo de Stevenson. Além disso, documentos dos arquivos do Itamaraty e Carlos Lacerda, em Brasília, ajudaram a entender como políticos e governo brasileiro percebiam toda a situação. Carlos Lacerda foi o brasileiro com quem mais Stevenson teve contatos escritos. Cartas e bilhetes deixados por Lacerda para Stevenson deixam ver que esta talvez fosse uma relação mais pessoal do que outras que Stevenson manteve com figuras brasileiras. Infelizmente são sempre bilhetes muito rápidos que marcavam conversas, nos momentos em que Lacerda se encontrava em Nova Iorque. O documento mais duradouro dessa amizade é a Escola Estadual Adlai E. Stevenson, em Irajá, no Rio de Janeiro, inaugurada por Lacerda poucos dias após a morte de Stevenson e financiada em parte com dinheiro da Aliança para o Progresso.

Os arquivos gerais da CIA e da biblioteca presidencial John F. Kennedy forneceram importantes documentos oficiais e relatórios que ajudaram a montar o quebra-cabeça da Aliança para o Progresso e da percepção de uma revolução socialista na América Latina. Os arquivos nacionais do governo britânico ajudaram-me a perceber que visão os ingleses tinham de Stevenson, principalmente entre as eleições de 1952 e 1956, quando Stevenson faz uma viagem pela Ásia e passa por partes dominadas ou recém-libertas do Império Britânico. Essa visão ajudou-me a compreender melhor o Stevenson “cosmopolita”. Consultei ainda pequenos arquivos, como o da *International Mission Board*, em Nashville, que contém cartas de missionários americanos no Brasil, o que ajudou a perceber como eles liam a realidade do Nordeste brasileiro nos anos 50 e 60.

Por fim, é importante dizer que optei por uma linguagem mais clara e direta no texto. Minha mãe era alguém com interesse especial em história e minha ideia inicial era escrever um texto que ela pudesse ler com fluidez. Infelizmente, no último ano do meu doutorado, ela se foi, mas optei por seguir o tipo de texto que tinha imaginado para ela.

## CAPÍTULO 1 – ADLAI E. STEVENSON II

### **1.1 Introdução**

A primeira carta que Stevenson enviou em sua vida foi aos 7 anos. Ele escreveu a seu pai, que estava na Suíça, desejando que voltasse logo. Stevenson nasceu em Los Angeles a 5 de fevereiro de 1900, mas cresceu e surgiu para a política em Illinois. Foi em seu tempo um dos políticos americanos mais admirados dentro e fora do país ou, nas palavras de Galbraith, um dos raros a serem amados (GALBRAITH, 1999, p. 100). Duas vezes candidato derrotado à Casa Branca, seus correligionários escreveram em uma faixa: *“It’s better to have loved and lost than never to have loved at all”*. A última carta que enviou foi para seu filho, lamentando não participar de seu aniversário, porque estava partindo, naquela noite, para a Suíça.

Stevenson morreu em Londres, a 14 de julho de 1965, enquanto andava nas cercanias da embaixada americana. Entre outras coisas, acreditava que o público estaria mais bem servido se, no horário eleitoral, cada partido comprasse meia hora de silêncio para que os eleitores pudessem pensar por si mesmos e que era natural dos gatos que andassem à solta. Neste capítulo, procurarei explicar melhor quem era Adlai E. Stevenson II, sua importância política e por que ele teve de dar sua opinião sobre delinquência e liberdade felina.

Este capítulo está dividido em mais três partes, além da introdução. Na parte primeira, “O homem como medida”, tento refletir sobre algumas questões teóricas que envolvem o tema e a forma que escolhi abordá-lo. Na segunda, “Adlai”, o fio condutor é a infância de Stevenson, embora eu tenha optado por sempre permear essa infância com seus reflexos na vida adulta de Stevenson. Na terceira parte, “Ewing”, a ideia foi tratar do período de tempo em que a infância já havia passado, mas Stevenson ainda não havia ingressado na ribalta da vida pública. É o período em que ele é quase tão desconhecido quanto o seu nome do meio. Na última parte, “Stevenson”, falo do homem público, político hábil, conhecido mundialmente em seu tempo.

### **1.2 O homem como medida**

Há várias formas de se pensar sobre Adlai Stevenson. Há vários Adlai Stevenson. Pode-se vê-lo como o candidato à presidência dos Estados Unidos da América que foi duas vezes derrotado, ou pode-se enxergá-lo como o político liberal da Guerra Fria que se mostrou mais

popular na América Latina, em seu tempo, do que o presidente Eisenhower e quase tão popular quanto Kennedy. Pode-se ainda reparar no advogado que faz uma extensa viagem à África para defender os interesses das firmas que representava, o que nem sempre coincidiu com os mais nobres e puros interesses que se podia ter para as nações africanas. É possível lembrar-se dele como o embaixador americano na ONU que proferiu o surpreendente discurso “*until hell freezes over*”, que foi peça fundamental para o sucesso americano no fim da crise dos mísseis. Pode-se ainda lembrar do jovem que, aos quinze anos, matou acidentalmente uma prima com um tiro de espingarda e nunca mais quis conversar sobre isso. Por fim, pode ser que o leitor nunca tenha ouvido falar dele, ou, mais provável, que já tenha ouvido, mas nunca nele tenha reparado. “O mundo inteiro é um palco e todos os homens e mulheres não passam de meros atores. Eles entram e saem de cena, e cada um, no seu tempo, representa diversos papéis”<sup>7</sup>. Não foi diferente com Adlai Stevenson. Ele também teve vários papéis.

Um questionamento plausível que se levanta em um estudo assim é: será mesmo válido conhecer uma ideia a partir da vida de um homem? Mais ainda: por que conhecer esta ideia por meio da vida de um político que, por duas vezes, foi derrotado na corrida presidencial? Penso que a resposta para a primeira pergunta é sim. Já a resposta para a segunda é: porque isto fornece uma perspectiva diferente. De algumas maneiras, um estudo como este se aproxima, em método, daquilo que é feito pela micro-história. Também aqui se pode lançar mão de um “paradigma indiciário”<sup>8</sup> e, ao se concentrar em uma pequena escala, entender melhor as forças e ideias que forjavam as mentes e os corações dos homens que eram responsáveis por formular e conduzir parte da política externa americana em meados dos anos 50 e 60. Aquilo que Peter Burke chamou de “microscópio social”<sup>9</sup> será transformado em um “microscópio das ideias políticas”. A partir da análise de como tais ideias chegaram até Stevenson e o impactaram, pode-se perceber pensamentos e ideias políticas que eram influentes e importavam para boa parte do *establishment* americano daquele momento e tentar entender melhor como tais ideias se espalhavam pela rede social política. Norbert Elias fez algo semelhante, de forma brilhante

---

<sup>7</sup> Shakespeare, William, **As you like it**, <http://shakespeare.mit.edu/asyoulikeit/full.html>.

<sup>8</sup> Para ver mais sobre o método do paradigma indiciário de Guinzburg: Guinzburg, Carlo, *Clues: “Roots of an Evidential Paradigm”*, In **Clues, Myths, and the Historical Method**, John Hopkins Press, 1989.

<sup>9</sup> Em seu livro **História e Teoria Social**, Peter Burke desenha uma história do método da Micro-história, começando com o trabalho clássico de Clifford Geertz, **A Interpretação das Culturas**, passando por Natalie Davies, Carlo Guinzburg e Giovanni Levi. Ele também aponta como outros historiadores, principalmente os que pertenciam à Escola de Manchester, reforçam a importância de entender o que era o papel da agência individual (*agency*) na história.

e elegante, ao mostrar várias relações de poder – hierárquicas e horizontais, relações familiares e até mesmo estéticas na Europa do século XVIII por meio da vida um homem<sup>10</sup>.

No que tange ao estudo das Relações Internacionais, também o peso do indivíduo já foi bastante perscrutado<sup>11</sup>. Kennan (1979), em seu estudo clássico sobre as origens da Primeira Guerra Mundial, mostrou que, por muitas vezes na história política, focar em uma pequena escala pode ser um melhor caminho para o historiador, ajudando-o a fugir das generalidades e a descobrir razões e ideias que estavam a inspirar os estadistas de um certo período<sup>12</sup>. Também Kissinger, ao tentar entender as origens do equilíbrio de poder, concentrou-se na pequena escala (KISSINGER, 1973). Autores dos mais variados matizes ideológicos, de Marx a Ortega y Gasset, parecem concordar que saber do indivíduo e de seu papel é, sim, uma forma válida para a compreensão do processo histórico.<sup>13</sup> Na realidade, quando se compreende melhor o indivíduo, passa-se a compreender melhor também seu tempo e sua sociedade<sup>14</sup>.

Portanto, saber acerca de Adlai Stevenson é muito mais do que saber acerca do indivíduo Adlai Ewing Stevenson II; afinal, por meio dele, todo um universo social e político é deslindado e uma série de conexões, amizades, ideias é revelada e pode dar pistas de um tempo, indícios das influências da formação intelectual de um grupo e do pensamento de uma

---

<sup>10</sup> Em sua biografia inacabada de Mozart, Elias consegue levar-nos para a sociedade pré-romântica e analisa as relações sociais tensas entre artistas e patronos. Por meio da vida e do exemplo de Mozart, ele explica a razão de Mozart ter ficado preso na dicotomia dual artesão/artista, enquanto Beethoven, apenas uma geração após à de Mozart, pôde aproveitar as vantagens de ser “apenas” um artista (ELIAS, 1995a).

<sup>11</sup> Jean Baptiste Duroselle aponta que é importante estudar os indivíduos nas relações internacionais. Ele identifica cinco categorias principais entre aqueles que estão no comando para executar a política internacional de uma nação: diplomatas, chefes militares, homem de negócios, propagandistas e informantes. Durante a vida pública de Stevenson, podemos identificá-lo com pelo menos três categorias: diplomata, homem de negócios (como um advogado para as empresas que tinham negócios na África) e informante. Duroselle, Jean Baptiste, **Todo Império Perecerá, Teoria das Relações Internacionais**: Brasília, Editora UnB, 1992. p. 101-113. Também em sua obra clássica com Pierre Renouvin (**Introduction à l'histoire des Relations internationales**), o papel da agência individual é ainda mais enfatizado. O livro é dividido em duas partes e toda a segunda parte, intitulada "O Político" é dedicada ao papel do estadista e sua importância para as relações internacionais.

<sup>12</sup> Em seu livro “O Declínio da Ordem Europeia de Bismarck”, Kennan diz que o foco em uma escala menor pode ajudá-lo para melhor examinar a “textura do processo histórico”. Kennan, George Frost. **O Declínio da Ordem Europeia de Bismarck**: Brasília, Editora da UnB, 1979. p. 15.

<sup>13</sup> Em “A Sagrada Família”, Marx afirma que “Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a “História”, que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se se tratasse de uma pessoa à parte –, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos” (MARX, 2011, p. 111). Em **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**, ele diz que “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1997, p. 21). O filósofo espanhol José Ortega y Gasset diz algo semelhante, quando afirma que “eu sou eu e minha circunstância, e se eu não salvá-la eu não me salvo” (ORTEGA Y GASSET, 1967).

<sup>14</sup> Em seu “A Sociedade dos Indivíduos”, Norbert Elias afirma que só se pode compreender verdadeiramente as relações entre o indivíduo e a sociedade quando se leva em conta o crescimento do indivíduo dentro desta sociedade. A historicidade de cada indivíduo é a chave, argumenta ele, para entender o que é a sociedade. (ELIAS, 1990).

parte do estrato social. Muito embora muitos que o acompanhassem sentissem nele uma certa “solidão”, Adlai Stevenson nunca esteve sozinho no palco.

Ali, na ribalta do embaixador Stevenson, do governador Stevenson, de Adlai, houve muitos expoentes e nomes que compartilharam ideias, valores e projetos de nação com ele; gente como John Steinbeck, Gore Vidal, Eleanor Roosevelt, Walt Whitman Rostow, Arthur Schlesinger Jr., Jackie Kennedy, Barbara Ward, Marietta Tree, Ruth Marshall e tantos outros. Seria difícil entender Adlai Stevenson sem levar em consideração as pessoas que o cercaram por toda sua vida, sobretudo, em seus anos de atuação pública. Muitas das características do político Stevenson podem ser vistas quando se olham as relações privadas de Adlai. Por exemplo, um certo sentimento de nobreza, uma quase soteriologia romântica, quiçá quixotesca<sup>15</sup>, que veremos perpassar muitos momentos de Stevenson, pode ser também observada nessa carta de Steinbeck para ele, escrita em 05 de novembro de 1959:

Nós não podemos esperar criar nossos filhos para que sejam bons e honrados quando a cidade, o estado, o governo, as corporações, todos oferecem a mais alta recompensa para toda chicanice e desonestidade. Em todos os níveis o sistema está corrompido, Adlai. Talvez nada possa ser feito a esse respeito, mas eu sou mesmo estúpido o bastante e inocente o bastante e esperançoso o bastante e eu quero tentar. E você? (STEINBECK, 1975, p. 653).

Steinbeck, assim como Stevenson, se via do lado daquilo que era certo, moralmente elevado. A verdade dos princípios era tão evidente que parecia até que não precisava ser explicada. Stevenson participou da primeira campanha política a fazer uso da televisão, a de 1952, mas se negava a tratar de si ou de suas ideias como um produto a ser vendido. Afinal, a verdade não precisaria de embalagem, como já asseverava Thomas Jefferson, é evidente por si mesma. Steinbeck ajuda a entender Stevenson, que ajuda a entender Steinbeck. Mas, então, se Stevenson será tomado como uma espécie de paradigma para entendermos um grupo, uma forma de pensamento, uma ala da política americana, por que tratar dele? Por que não o próprio Steinbeck ou Eleanor Roosevelt?

Primeiro, porque durante os anos 50, período de ascensão da teoria da modernização, Stevenson foi o líder do Partido Democrata. Logo, é importante perceber como essa ideia chega à liderança do partido. Não só isto, mas também porque Stevenson foi, durante todo esse tempo, um líder sem cargo, um político derrotado nas urnas, e interessa-me saber como atua uma

---

<sup>15</sup> O uso dessa palavra não é aleatório. O jornalista Irwenne Johnson, por exemplo, ao escrever sobre a viagem de Stevenson à América do Sul, no “*Voice of The People*”, a 2 de junho de 1961, começa seu artigo de maneira jocosa, dizendo: “*So our modern Don Quixote sallies down to South America...*”. Arquivos da CIA: CIA-RDP75-00149R000400200026-1.

liderança assim. Conforme já mencionado, apesar de ser um estudo de história política, em alguns momentos, uma pesquisa como esta se aproxima dos métodos e dos questionamentos da micro-história. Sendo assim, o foco em uma escala menor pode ajudar entender melhor como as ideias de Adlai Stevenson foram forjadas pelas suas experiências de vida e pelas experiências daqueles com os quais ele conviveu. Ao me ater à vida de um só homem, pude visitar mais detalhes, partes mais ínfimas de sua história. Stevenson pode ser considerado um paradigma de como uma parte da sociedade americana enxergava uma série de questões, inclusive relativas ao Brasil.

Stevenson era um americano que acreditava nos ideais de sua sociedade e de sua democracia. A carta de Steinbeck fornece uma pequena ideia de como eles acreditavam nestes ideais. Stevenson queria lutar contra o comunismo tanto quanto outros políticos americanos de seu tempo. A diferença era que ele queria usar armas diferentes. Quando Cuba se torna um problema, porque traz o “vírus” do socialismo para o continente, Stevenson afirma que a “única forma de imunizar o restante da América Latina do vírus cubano é melhorar sua saúde social, política e econômica” (JOHNSON *et al.*, 1979b, p. 439). Tentar entender o alcance dessas ideias e de como a teoria da modernização se coaduna com elas no pensamento de Stevenson para a política externa americana é intrigante.

Outro fator importante é o fato de que Stevenson, mesmo passado tanto tempo de sua morte, ainda é relevante e sua memória ainda é celebrada. Carlo Ginzburg fala sobre o “método morelliano”<sup>16</sup>, uma forma de reconhecer a falsificação na arte, prestando atenção aos pequenos detalhes aparentemente não tão importantes, tais como os “lóbulos auriculares, unhas, formas dos dedos e os dedos”<sup>17</sup>. Ele sugere que, na história, também se deve prestar mais atenção aos pequenos pedaços, para pequenos pedaços de evidências, os quais, por vezes, dizem-nos muito sobre a imagem maior. Então, a partir dos pequenos pedaços que ajudam a entender a imagem que existe de Stevenson, há como saber qual ou quais dos papéis de Stevenson sobreviveram?

O sociólogo espanhol Manuel Castells, no capítulo final de seu livro *Communication Power*, sugere uma teoria da comunicação alicerçada na ideia de poder: “o poder é exercido principalmente pela construção de sentido na mente humana através de processos de comunicação promulgadas em redes globais de multimídia/local de comunicação de massa, incluindo a autocomunicação de massa” (CASTELLS, 2013, p. 416). Portanto, a comunicação de massa parece ser de grande importância quando se quer analisar não apenas o poder, mas

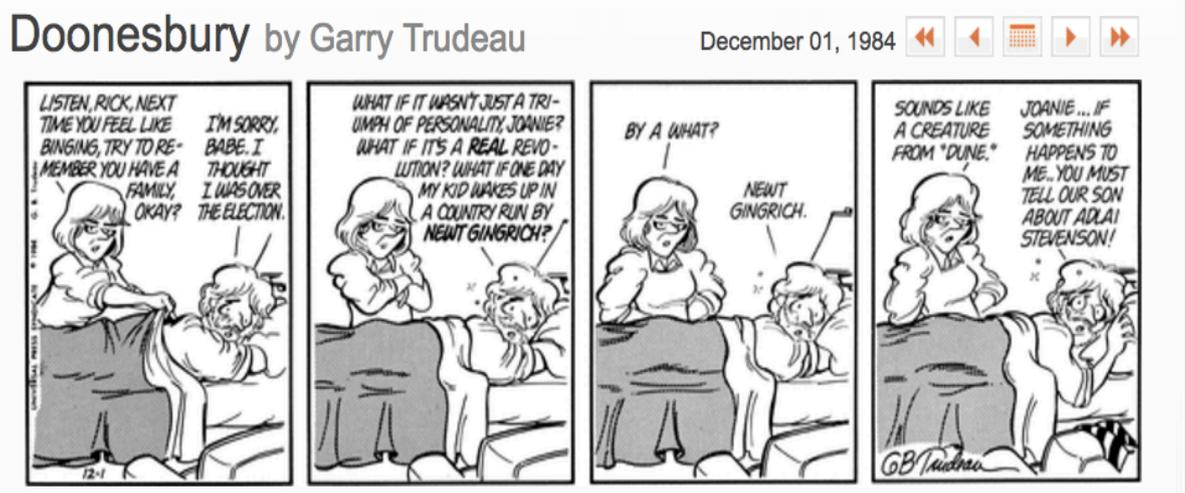
---

<sup>16</sup> Carlo Ginzburg, “Clues: Roots of an Evidential Paradigm”, *In: Clues, Myths and the Historical Method*. edição Kindle. (2013)

<sup>17</sup>Ibid.

também como história e memória são construídas em nossos tempos. Assim, quando verifico pequenas peças de evidências que são fornecidas através de diferentes mídias que possam ajudar a entender os significados construídos atualmente em torno da memória de Adlai E. Stevenson II, percebo que a memória que mais se celebra é a de um político “íntegro” e também a de um feroz antagonista dos russos durante a Crise dos Mísseis. Isto é, de certa forma, irônico, haja vista que Stevenson não era nem de longe o mais “hawkish” (falcão) dos membros do gabinete de crise criado por Kennedy para gerir a Crise dos Mísseis. Com efeito, Stevenson era considerado um “dove” (pomba), por sua postura conciliatória. Mas como cheguei a esta conclusão de que a memória comemorada é a de integridade e a de confrontação ante a Crise dos Mísseis? Há várias pequenas evidências disto.

Em 1984, o cartunista Gary Trudeau, criador de Doonesbury, publicou a seguinte tira:



**Joanie:** Listen, Rick, next time you feel like binging, try to remember you have a family, okay?

**Rick:** I’m sorry, babe. I thought I was over the election. What if it wasn’t just a triumph of personality, Joanie? What if it’s *real* revolution? What if one day my kid wakes up in a country run by Newt Gingrich?

**Joanie:** By a what?

**Rick:** Newt Gingrich.

**Joanie:** Sounds like a creature from “Dune”.

**Rick:** Joanie... If something happens to me... you must tell our son about Adlai Stevenson!

Ainda atuante no cenário político americano, Newt Gingrich foi um dos primeiros membros do GOP (Partido Republicano) a flertar com Donald Trump e, quando ficou claro que o magnata americano seria o candidato à presidência, foi algumas vezes ridicularizado pela

forma ávida como buscou ser o escolhido por Trump para a vice-presidência<sup>18</sup>. Ou seja, o pesadelo de acordar em um país liderado por Newt Gingrich, mesmo em 2018, não era algo tão impossível assim. Entretanto, é óbvio que Trudeau está se referindo a outro tempo, e a tira faz alusão à participação de Gingrich na campanha vitoriosa de Ronald Reagan. Contra isto, que o autor parece considerar um período sombrio (deixando claro seu posicionamento anti-republicano) o melhor antídoto seria, de acordo com a tirinha, falar para o filho que um dia existiu um político chamado Adlai Stevenson. O que isto nos permite inferir é que o cartunista enxerga Stevenson como a personificação da ideia de um tempo em que os valores eram diferentes destes vigentes em seu tempo. E na verdade pouco importa o posicionamento político de Trudeau, porque o mais interessante não é o fato de ele criticar um político republicano vivo, mas sim o de ele lançar mão da memória de um político democrata morto, na ocasião há quase vinte anos, para fazê-lo. Mas esta não é a única referência na memória popular que se pode ver sobre Adlai Stevenson. Há outras.

Por exemplo, no domingo, 18 de fevereiro de 1996, muitos nos Estados Unidos estavam com seus aparelhos televisores ligados nos Simpsons. Naquela noite em particular, o novo episódio foi o décimo sexto episódio da sétima temporada. Nesse episódio, Lisa percebe que a história oficial de Springfield – a que coloca o fundador da cidade Jebediah como um herói, está errada. Ela faz tudo o que pode a fim de mostrar aos outros cidadãos de Springfield que sua principal personagem histórica é uma farsa. No final, ela entende que tal constatação era uma realidade dura demais para a cidade, que não estava pronta para a “verdadeira história”. Convém chamar atenção para um momento icônico no episódio: na tentativa de provar sua tese, Lisa consegue exumar o corpo de Jebediah e, durante o processo de desenterrar o corpo do falso herói, torrões de terra são jogados em uma sepultura próxima. A poeira e a terra produzidas pela exumação acabam por extinguir uma chama eterna que estava acesa na sepultura ao lado. Na lápide, pode-se ler: “Adlai Stevenson 1900-1965”, como mostra a figura abaixo:

---

<sup>18</sup> Ver o artigo de Julia Ioffe: “*The Millennial’s guide to Newt Gingrich*”, disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2016/07/2016-newt-gingrich-scandals-accomplishments-veepstakes-running-mate-trump-gop-republican-214050>.



(Captura do desenho “os Simpsons”, exibido em 18 de fevereiro de 1996. Episódio *Lisa the iconoclast.*)

Michel de Certeau define a construção da história como a intermediação entre duas linguagens – a do passado com a contemporânea (Dosse, 1995, p. 179). Se é assim, o que pode ser intermediado neste caso?

O episódio “*Lisa the Iconoclast*” foi dirigido por Mike B. Anderson e escrito por Jonathan Collier. Collier é formado pela Universidade de Harvard; é razoável supor que ele, portanto, saiba, em alguma medida, quem foi Stevenson e talvez tenha sido precisamente por essa razão que o escolheu para mostrar no show, entre tantas escolhas possíveis. A metáfora é bastante clara: à medida em que se cavava mais e mais, à procura da verdade sobre o falso herói, a terra ia apagando a vela no túmulo de uma outra personagem totalmente esquecida. A fixação de Springfield com Jebediah impedia que Springfield enxergasse Stevenson. É verdade que a maioria dos espectadores do desenho talvez não tenha percebido a mensagem. Ainda assim, a mensagem estava lá. Stevenson era o verdadeiro herói não celebrado.

Em 26 de agosto de 2016, uma outra situação que envolve Stevenson e uma exumação surge nas mídias, e reforça a memória do Stevenson íntegro. O comediante Spencer Green escreveu no *Huffington Post*:

As former Secretary of State Hillary Clinton continues to struggle in the polls, Democratic leaders have announced plans to exhume the body of 1952 and 1956 Presidential nominee Adlai Stevenson to run for the Oval Office. “It’s clear we need a

truly intellectual and principled candidate,” said Anyone But Wink Wink NudgeNudge spokesperson Malcolm Flagler. <sup>19</sup>.

Aqui se tem, mais uma vez, uma certa memória sobre Stevenson que enfatiza aquela que foi trazida na metáfora dos Simpsons: o político íntegro<sup>20</sup>. Parece que, por meio de diferentes mídias, a cultura *pop* tem retratado Stevenson como o político de princípios que é ético e, em certa medida, é diferente da imagem média do político.

Em relação à forma como a memória funciona em nossos cérebros, o neurocientista português, António Damásio, nos diz que não há tal coisa como uma “memória perfeita”. Memórias são construídas em nossos cérebros em uma interação com nossas experiências anteriores, a nossa cultura e crenças<sup>21</sup> (DAMÁSIO, 2009, p. 169). Portanto, é justo pensar que a memória que se construiu sobre Adlai Stevenson na Guerra Fria – e por que não dizer – as memórias que foram construídas sobre a própria Guerra Fria, seguirão por esse processo, serão construídas em conexão com nossas experiências anteriores (de guerra e conflitos) com a nossa cultura, com nossas crenças. É por isso que, embora memórias gerais de Stevenson possam ser encontradas na cultura *pop*, como se viu, o seu momento mais lembrado é também o seu mais combativo: o discurso “*till hell freezes over*”, na Assembleia Geral da ONU.

Na quinta-feira à tarde, 25 de outubro de 1962, o embaixador da União Soviética na ONU, Valerie Zorin, tinha afirmado que a URSS não tinha armas ofensivas em Cuba. Os americanos sabiam, desde a noite de 15 de outubro, que isso não era verdade. O Presidente Kennedy e o embaixador Stevenson souberam da presença de armas ofensivas no dia 16. Diferente do que tinha acontecido no incidente da Baía dos Porcos, desta vez a Casa Branca não tinha escondido os fatos de Stevenson. Ele sabia o que estava acontecendo. Portanto, quando ouviu as negações do embaixador Zorin, Stevenson estava preparado para dizer que o embaixador soviético não estava dizendo a verdade. Suas palavras foram as seguintes:

All right sir, let me ask you one simple question. Do you, Ambassador Zorin, deny that the U.S.S.R has placed and is placing medium and intermediate range missiles and sites in Cuba? Yes or no? Don't wait for the translation: yes or no? (JOHNSON, 1979, p. 331-332)

---

<sup>19</sup> O artigo está disponível em [http://www.huffingtonpost.com/spencer-green/democrats-plan-to-exhume-satire\\_b\\_8037246.html](http://www.huffingtonpost.com/spencer-green/democrats-plan-to-exhume-satire_b_8037246.html), acessado em 7 de julho de 2016.

<sup>20</sup> O mesmo tipo de memória parece ser evocado no filme *Annie Hall*, de Woody Allen (1977). Em uma das cenas, Alvy, o personagem principal interpretado por Woody Allen, é um comediante que também é um apoiador da campanha de 1956, de Adlai Stevenson.

<sup>21</sup> Ele afirma que o fato de que nossas memórias são construídas por meio de interações e não através de recepções passivas é a chave para explicar o “efeito Proust”. Walter Benjamin discutiu o lugar da memória em Proust, em seu trabalho. Benjamin afirma que o passado é finito, mas a lembrança do passado é infinita, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (BENJAMIN, 1987, p. 39).

Este não era “Stevenson normal”. O tom de sua voz, uma certa agressividade, a urgência com que exortou seu colega soviético a não esperar pela tradução oficial da ONU para responder à pergunta. O Embaixador Zorin respondeu:

I am not in an American courtroom, sir, and therefore I do not wish to answer a question that is put to me in the fashion in which a prosecutor does. In due course, sir, you will have your reply. Do not worry (JOHNSON, 1979, p. 331-332).

Em linguagem diplomática, esta foi a chave para Stevenson não pressionar mais sobre essa questão, pois era claro que Zorin não estava disposto a responder a essa ou a qualquer outra questão sobre o assunto naquele momento. Ele não era obrigado a fazê-lo e lembrou Stevenson de que o Conselho de Segurança da ONU não era um tribunal americano, uma observação inteligente que poderia ter deixado Stevenson, que era advogado, desconfortável. Mas o embaixador Stevenson sabia o que estava fazendo e não usou seu tom mais diplomático. Arthur Schlesinger escreveu que o discurso de Stevenson que se seguiu foi um golpe final para o caso soviético perante a opinião pública mundial (SCHLESINGER, 1965, p. 824). Ele estava certo<sup>22</sup>. O diálogo a que Schlesinger se refere foi o seguinte:

AMBASSADOR STEVENSON: You are in the court of world opinion right now and you can answer yes or no. You have denied that they exist. I want to know if you – if this – if I've understood you correctly.

AMBASSADOR ZORIN: [statement in Russian followed by English translation through a United Nations Interpreter]: Sir, will you please continue your statement. You will have your answer in due course.

SECURITY COUNCIL CHAIRMAN: Mr. Stevenson, would you continue your statement please? You will receive the answer in due course.

AMBASSADOR STEVENSON: I am prepared to wait for my answer until hell freezes over, if that's your decision... And I'm also prepared to present the evidence in this room<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> De fato, o desempenho de Stevenson na ONU foi de grande importância. Por exemplo, os africanos reforçaram o seu apoio à causa americana na disputa e, como Schlesinger indica, os países africanos assumiram “importância estratégica vital, uma vez que todos os voos da União Soviética para Cuba teriam de se reabastecer em aeroportos africanos”. Schlesinger diz: “A ONU foi apenas o primeiro passo para ganhar a compreensão mundial da posição americana. Ambos Sékou Touré, na Guiné, e Ben Bella, na Argélia, enviaram a Kennedy suas garantias de que eles iriam negar direitos de trânsito de aeronaves russas”. (Schlesinger 1965, p. 1086).

Também o embaixador brasileiro em Washington escreveu em um telegrama para Brasília: "Ontem também, no Conselho de Segurança, para fugir da questão direta de [Adlai] Stevenson, [Valerian] Zorin praticamente admitiu que a União Soviética havia fornecido e está instalando armamento ofensivo em Cuba". Telegrama da Embaixada do Brasil em Washington (Campos), meio-dia, sexta-feira, 26 de outubro de 1962. História e Políticas Públicas Programa de Arquivo Digital, MD-Washington-Telgr. - Cartas-Receb.-Exped.-1962 (7 A XII), (Cx 324), Ministério das Relações Exteriores Arquivos, Brasília. <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/115300>.

<sup>23</sup> Os papéis de Adlai Stenson, embaixador das Nações Unidas, 1961-1965, Vol. VIII, p. 331-332.

Este é o momento mais célebre em memória que temos de Adlai Stevenson na cultura *pop*. De *Star Trek VI*<sup>24</sup>, na década de 90, a *Madam Secretary*, em 2015, passando por filmes como “13 dias”, de 2000, e pela música *pop* indie “Adlai Stevenson”, de 2008<sup>25</sup>, todos eles falam sobre o discurso da ONU de Stevenson durante a Crise dos Mísseis de Cuba. Apesar de ter sido um político que, como se verá, pautou-se muito pelo diálogo e pela tentativa de acordo, sendo inclusive o primeiro a propor o fim dos testes nucleares entre soviéticos e americanos, o momento mais comemorado de Stevenson ainda é o seu momento mais agudo, mais *hawkish*, aquele que mostra um Stevenson aguerrido e pouco disposto a esperar por tergiversações de Zorin.

Para compreender em que medida essa memória construída corresponde aos valores do político Stevenson, há que se aproximar do homem Adlai E. Stevenson II em seu tempo e em seu contexto, para tentar deslindar as ideias de um sujeito histórico que nasce em uma família influente, na Califórnia, que vive sua infância, desde antes do primeiro ano completo até a adolescência, na cidade de Bloomington, Illinois, no centro-oeste americano, em meio às imensas plantações e às extensas pradarias. É preciso se aproximar do que é ser um jovem neste ambiente nos primeiros anos do século XX, em meio às transformações que fazem deste um período de efervescência e esperança, particularmente nos Estados Unidos.

### 1.3 Adlai

A infância de Adlai foi quase toda ela vivida na pequena cidade de Bloomington, Illinois. O *website* da cidade informa que ela está localizada a aproximadamente 125 milhas a sudoeste de Chicago, 155 milhas a nordeste de St. Louis e tem uma população de cerca de 77.000 pessoas atualmente. Na época em que Adlai era menino, a população não chegava a

---

<sup>24</sup> No filme “Star Trek VI: A Terra Desconhecida”, é muito fácil identificar a inspiração no discurso de Adlai Stevenson. O diálogo é o que se segue:

CHANG: Are those your words?

KIRK: Those words were spoken by me.

COLONEL WOLF: Objection! My client's political views are not on trial.

CHANG: On the contrary, Captain Kirk's views and motives are, indeed, at the very heart of the matter. This officer's record shows him to be an insubordinate, unprincipled, career-minded opportunist with a history of violating the chain of command whenever it suited him.

KLINGON JUDGE: Continue.

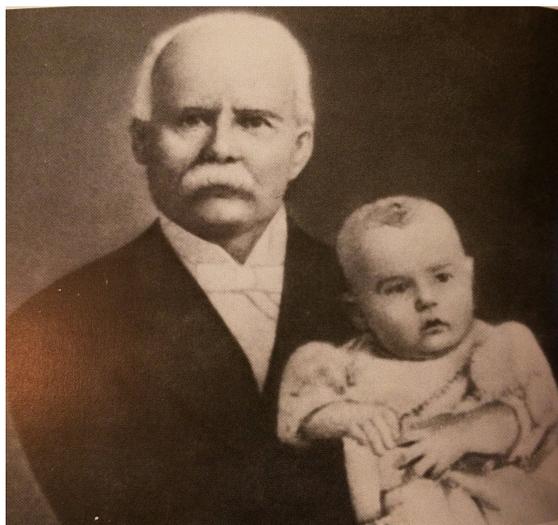
CHANG: Indeed the record shows that Captain Kirk once held the rank of Admiral and that Admiral Kirk was broken for taking matters into his own hands in defiance of regulations and the law. Do you deny you were demoted for these charges, Captain? **Don't wait for the translation. Answer me now!** (Transcrição de trecho do filme, disponível em <http://www.chakoteya.net/movies/movie6.html>).

<sup>25</sup> Apêndice C.

25.000 habitantes. Quando Stevenson concorreu ao governo do estado, ele obteve uma vitória eleitoral esmagadora na cidade, mas quando concorreu à presidência, não. Isto porque Bloomington era uma cidade majoritariamente republicana (como todo o estado de Illinois). Na verdade, pode-se dizer que Bloomington ainda é uma cidade eminentemente republicana, como se pôde ver nas eleições de 2012. Mitt Romney teve 54,4% dos votos e Barack Obama 43,4%<sup>26</sup>. Um homem que conheceu Stevenson disse certa vez: “Stevenson não poderia ter sido eleito aqui. Ele nunca foi totalmente aceito por aqui até que foi trazido de volta para ser enterrado”. Então talvez isso tenha mudado e, desde que ele foi trazido para ser enterrado junto com seus antepassados (ele é o quinto de sua linhagem no Cemitério *Memorial Evergreen*), Stevenson tenha sido aceito em Bloomington. Ou talvez não. Até hoje, o *website* oficial da Bloomington não faz referência a ele. Entretanto, faz uma referência a Adlai Stevenson I, seu avô – há uma foto de sua casa. A família de Adlai Stevenson tinha raízes profundas no estado de Illinois e no cenário político americano. Não é de se admirar, portanto, que há apenas alguns meses de seu nascimento, sua foto já estivesse sendo publicada nas páginas do jornal *Chicago American*. O cavalheiro que segurava no colo o pequeno Adlai E. Stevenson II era seu avô, Adlai E. Stevenson I, outrora vice-presidente dos Estados Unidos no governo de Grover Cleveland e que, à época em que a foto foi tirada, buscava outro mandato como vice-presidente, agora na chapa de William Jennings Bryan.

---

<sup>26</sup> Muito embora nas eleições de 2016 o quadro tenha mudado um pouco, Hillary Clinton teve 48,79% dos votos e Donald Trump, 41,44%. Fonte: Bloomington Board of Elections. Disponível em: <http://results.enr.clarityelections.com/IL/Bloomington/63744/184055/en/summary.html>.



(Adlai com seu avô no *Chicago American*. JOHNSON *et al.*, 1972).

Porque Adlai recebeu seu nome em homenagem ao avô e acabou por se tornar um político como ele, pode-se supor que Adlai E. Stevenson fosse o antepassado favorito de Adlai E. Stevenson II. Errado. Seu antepassado predileto estava do lado materno e seu nome era Jesse W. Fell, bisavô de Adlai. A ironia é que o lado materno da família era todo de ferrenhos republicanos. Stevenson II foi, como seu avô Stevenson, um líder do Partido Democrata; no entanto, ele também foi um democrata que demonstrou por diversas vezes ser capaz de cooperar bem com os republicanos, como mostra seu trabalho com John J. McCloy<sup>27</sup>. Ele brincava que herdou do lado paterno a política e do lado materno, a religião (sua mãe era unitarista, como ele). Seu bisavô materno, Jesse W. Fell, o antepassado predileto de Adlai, foi “*lawyer, publisher, abolitionist, tree planter, land developer, town booster, dabbler in politics, friend of Abraham Lincoln*” (MARTIN, 1976, p. 6). Ele foi também o pai de Eliza, que se casou com O. Davis; ambos pais de Helen, mãe de Adlai. Do lado de sua mãe, ele herdou a sagacidade, o gosto pela vida social e, acima de tudo, o amor pelos jornais, especialmente um jornal específico, o *Pantograph*, que pertencia à sua família e que herdou junto com sua irmã

---

<sup>27</sup> Em recente trabalho, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt sustentam que uma das razões para o declínio da democracia nos Estados Unidos está exatamente na extrema polarização partidária que impede que os partidos trabalhem juntos quando necessário, como aconteceu nos anos 50 e 60. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel, **How Democracies Die**. Kindle Edition.

e primas. As declarações de imposto de renda de Stevenson mostram que o *Pantograph* fornecia o bastante para que ele não se preocupasse muito com dinheiro.

Do lado de seu pai, o primeiro Stevenson chegou à Pensilvânia bem antes da Guerra de Independência. William Stevenson veio da parte norte da Irlanda por volta de 1748 e, após seu casamento, mudou-se da Pensilvânia para o condado de Iredell, na Carolina do Norte. Lá, seu filho James casou-se com Nancy Brevard. Com sua família, James mudou-se para o condado de Christian, Kentucky, onde morava perto de Jefferson Davis, presidente da Confederação. James teve um filho chamado John Turner Stevenson, que se casou com Eliza Ann Ewing, também nascida em Iredell e filha de um homem chamado Adlai. O segundo filho de Eliza com John Turner também se chamaria Adlai em homenagem ao avô, Adlai Ewing Stevenson, que se tornaria vice-presidente dos Estados Unidos<sup>28</sup>. Quando o vice-presidente Stevenson tinha apenas dezesseis anos, seu pai perdeu toda a colheita de tabaco com a geada e decidiu levar sua família para Bloomington, Illinois, chegando lá em 7 de julho de 1852. Antes de se mudar para Bloomington, libertou os poucos escravos que tinha. Stevenson I cresceu em Bloomington e se tornou um advogado, mas com grandes inclinações políticas. Com ele, começa um envolvimento mais sério dos Stevensons com a política e com o Partido Democrata, especificamente. Ele era um fervoroso seguidor do Partido Democrata, como se pode ver no seguinte discurso:

I firmly believe that your interests, the interests of all the people of these United States, are bound up in the success of that grand old party which came in with Jefferson in the very infancy of our Republic; the party which for fifty-two years of our existence has stood at the helm of State; the party which in all periods of our history has been the bulwark of our Constitution and the faithful guardian of the rights of all people; the party under whose borad banner the men of all nationalities have been welcomed to share with us this God-given heritage... (MARTIN, 1976, p. 13)

Stevenson I foi pai de Lewis Stevenson. Lewis começou a namorar secretamente Helen, filha de Eliza e W. O. Davis, por quase um ano. Ela era espirituosa e havia morado na Europa por mais de um ano como parte de seus estudos (MARTIN, 1976). Eles se casaram na noite de

---

<sup>28</sup> O nome é de origem bíblica e só aparece uma vez no texto, em Crônicas 27:20. O nome era, e ainda é, frequentemente pronunciado de maneira errada. O certo é “Ad-lei”, mas muitos pronunciam “Ad-lai”. Em um texto que foi publicado no *Pantograph*, em 28 de julho de 1952, e no dia seguinte no New York Times, Stevenson credita o erro na pronúncia de seu nome a Mark Twain. O texto diz que “*Mark Twain has always been one of my favorite persons, although I have always felt he was somewhat responsible for the confusion that exists as to how to pronounce my first name. While my grandfather, Adlai E. Stevenson, was vice president under Grover Cleveland, Mark Twain was at a luncheon where grandfather was a guest. The newspapers of the time quoted Mark Twain as follows on the pronunciation of my first name: Philologists sweat and lexicographers bray, but the best they can do is to call him Ad-lay. But at longshoremens picnics, where accents are high, Fair Harvard's not present, so they call him Ad-lie. Anyway, the correct pronunciation is 'Ad-lay', although to put it mildly, I have been called many things*”. (**The Pantograph**, 28 de julho de 1952).

21 de novembro de 1893 e foram infelizes para sempre, como mostram vários biógrafos. Sua primeira filha nasceu em julho de 1897, Elizabeth “Buffie” Stevenson. Em 5 de fevereiro de 1900, nasceu o segundo filho do casal, que se chamou Adlai E. Stevenson II, em homenagem ao avô paterno.

O pequeno Adlai cresceu cercado de serviçais e cuidados, sinais que mostram bem a sua condição privilegiada na sociedade americana. Joseph F. Bohrer, um amigo de infância, fala de como eram deliciosos os biscoitos feitos pela cozinheira da avó de Adlai: “*most perfect beaten biscuits I ever tasted*” (BOHRER, 1966, p. 2), relembra ele, nostálgico. O faz-tudo do avô de Adlai, de acordo com o mesmo Joseph Bohrer, chamava-se George, um negro que parecia ser muito velho, mas que, como ele soube mais tarde, tinha apenas trinta e dois anos à época. A sociedade que privilegiava uns, castigava outros. Sobre George, Bohrer escreve que ele “*cared for the Yard and the horses in the barn in the backyard, drove the carriage and served dinner in a beautiful White starched coat*” (BOHRER, 1966, p.2).

John Bartlow Martin, principal biógrafo de Stevenson, fala também de outros empregados. Havia Alverta Duff, uma mulher natural de Bloomington, que era mestiça de negros com índios, e um outro negro, Sambo, que cuidava de afazeres externos. De acordo com Martin, os Stevensons viam seus criados como “*faithful family retainers*” e Marieta Tree, a amiga que andava com Stevenson quando ele sentiu o ataque fulminante de coração nas ruas de Londres, o qual o mataria, disse anos mais tarde que a relação dele com os “*family retainers*” condicionou sua atitude e relação com os negros por toda a sua vida<sup>29</sup> (MARTIN, 1976, p. 30).

Nos verões, a família ia para o chalé do avô materno em Charlevoix, Michigan. As crianças nadavam no lago, jogavam tênis, remavam. Bohrer, o amigo de Bloomington, relembra que muitos dos bem-nascidos de Illinois faziam o mesmo. A irmã de Stevenson, por exemplo, sempre brincava com Alice Stanley nos verões em Charlevoix. Alice casou-se posteriormente com Dean Acheson, Secretário de Estado de Truman. As redes sociais quase sempre se cruzavam neste meio. Kenneth Davis diz que a vida em Charlevoix era “*pure nineteenth century*” (DAVIS, 1957, p. 60).

---

<sup>29</sup> Arthur Schlesinger Jr. Diz, em entrevista, que, após as eleições de 1952, que ele, Galbraith e Tom Finletter fizeram um grupo para instruir Stevenson em política interna, uma vez que para eles as posições de Stevenson neste aspecto eram muito conservadoras, muitas vezes até sendo difícil de serem distintas das de Eisenhower, principalmente no que se referia aos direitos civis e às questões econômicas. “*Reminiscences of Arthur Meier Schlesinger Jr.*”: 1967. Adlai E. Stevenson Project. Número de Chamada: NXCP87-A1286. *Columbia University Rare Books and Manuscript Library*.

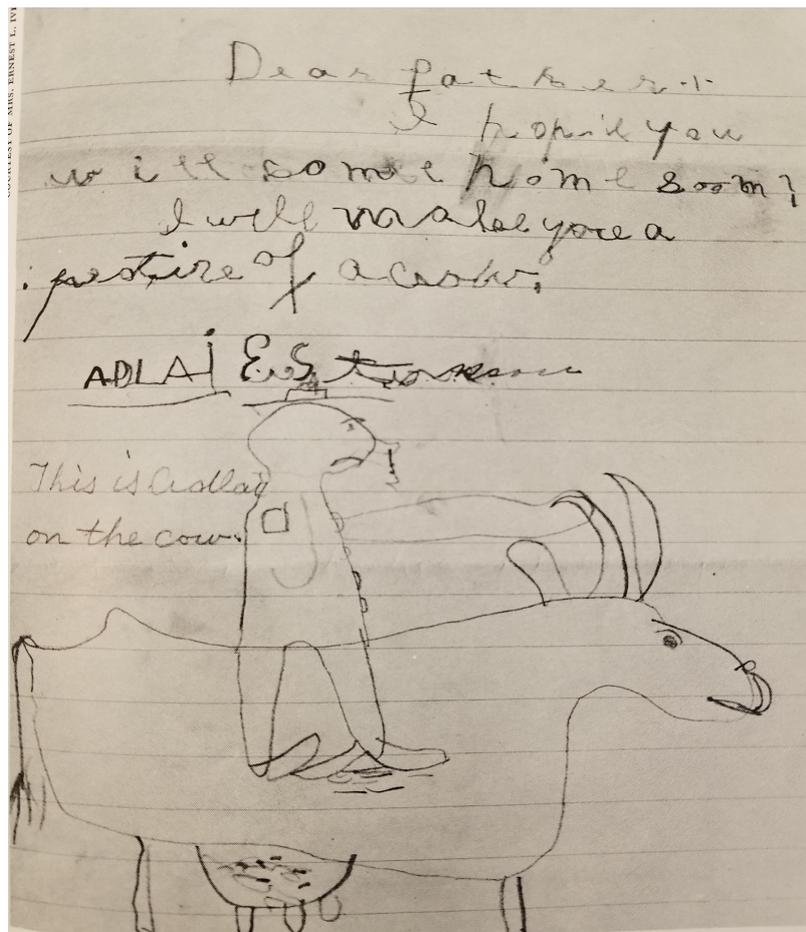
Mesmo com tantos pontos em comum com a criação dos mais bem abastados jovens de sua época, pode-se dizer que Adlai ainda assim teve uma infância um pouco incomum quando a comparamos com a infância de outras famílias ricas da elite americana. Seus pais viajavam muito e, conseqüentemente, Stevenson e sua irmã também. Elizabeth “Buffie” Stevenson era três anos mais velha que Adlai e sua única irmã. Os dois foram muito próximos até o fim da vida de Adlai. John Martin diz que a atitude da irmã com Adlai, quando ele era criança, beirava o comportamento possessivo, chegando a rivalizar com a mãe sobre quem cuidava melhor do pequeno Adlai (MARTIN, 1976, p. 40). Quando tinha apenas onze anos, Adlai foi à Europa pela primeira vez. Sua irmã, anos mais tarde, refletiu sobre a influência que as viagens constantes tiveram na visão de mundo dela e de seu irmão: “*We were losing our insular notion that people in foreign countries were peculiar if they seemed different from americans. It was good for two Midwestern children to learn that no one is a foreigner to friendship*” (BROADWATER, 1994, p. 5). Na primeira viagem à Europa, além dos pais e da irmã, Adlai teve a companhia de uma professora de Bloomington, senhorita Lucy Youngman, que acompanhava os irmãos para que eles não ficassem para trás no ano escolar enquanto viajavam. Além de fazer com eles as lições dos livros didáticos que os acompanhavam, ela os levava para lições mais interessantes, como, por exemplo, ler Keats e Shelley ao pé da tumba desses poetas em Roma. Quando retornaram de viagem, Lewis Stevenson, pai de Adlai, o levou para uma lição prática de política americana. O menino de doze anos foi conhecer Woodrow Wilson, herói da família, e que, a partir daquele momento, seria também herói de Adlai. Primeiro americano com doutorado a ocupar o cargo de Presidente, Wilson havia sido reitor da Universidade de Princeton. A tarde em que ouviu Wilson e seu pai conversarem sobre política americana, sobre Teddy Roosevelt e outros tantos assuntos, foi primordial para que Adlai tomasse gosto pela política e sonhasse em estudar na Universidade de Princeton (DAVIS, 1957, p. 66).

Pode-se vislumbrar um pouco da vida cosmopolita dos Stevenson e seus efeitos em Adlai por meio da primeira carta escrita por ele, em 01/03/1907, ainda com sete anos de idade. A carta era para seu pai, que estava na Suíça, e dizia: “*Dear father, I hoped you will come home soon? I will make you a pictire<sup>30</sup> of a cow<sup>31</sup>*”. A promessa foi mantida e o menino incluiu na carta o desenho de uma vaca.

---

<sup>30</sup> Os erros de grafia, com troca de letras e esquecimento de letras duplas, acompanhariam Stevenson por toda a vida.

<sup>31</sup> Carta para Lewis G. Stevenson, *The Papers of Adlai Stevenson*, VOL.1 p. 7. A carta foi reproduzida da mesma forma que foi escrita, com os erros de pontuação e escrita.



(Primeira carta de Stevenson. JOHNSON et. al., 1972)

Parece um detalhe pouco importante, contudo, esses primeiros anos da vida de Adlai podem revelar alguns aspectos interessantes do político que Stevenson era: um cosmopolita acostumado a falar para o mundo, mas com seus pés muito bem firmados nas pradarias do centro-oeste americano (como nos lembra o desajeitado desenho de uma vaca). Stevenson viajou o mundo, mas não havia lugar para ele melhor do que a sua propriedade, *Libertyville*. O pequeno detalhe biográfico de sua relação próxima com a terra e com as plantações de milho de Illinois ajuda a entender, por exemplo, a sua aproximação posterior com Khrushchev.

Stevenson encontrou-se com Khrushchev em Moscou, a 5 de agosto de 1958, e conversaram sobre Iugoslávia, Líbano e Hungria. Khrushchev reclamou das bases americanas na Turquia, Inglaterra e Grécia. Achava que os americanos deveriam respeitar os russos. No que hoje, retrospectivamente, pode ser visto como um vislumbre da crise que aconteceria em

outubro de 1962, ele se queixa das bases americanas na Europa e Ásia dizendo: “O que diriam os americanos se nós tivéssemos bases, por exemplo, no México? Como vocês se sentiriam?”<sup>32</sup>.

Em 1959, foi a vez do *premier* russo visitar os Estados Unidos. Ele fez questão de encontrar Stevenson, que levou Khrushchev para visitar os campos de milho de seu estado, Illinois. Anos depois, em uma correspondência entre os dois, vemos ambos recordando e comentando como foi agradável visitar o campo, lugar em que eles se sentiam confortáveis<sup>33</sup>. Dois estadistas que se sentiam mais confortáveis juntos à terra<sup>34</sup>. Contudo, se é verdade que Khrushchev tinha raízes camponesas humildes, não se pode dizer o mesmo de Stevenson.

Além de ser neto de um vice-presidente por parte de pai, Stevenson era também herdeiro de um jornal com sua irmã e seus primos por parte de mãe. O jornal local de Bloomington, *The Daily Pantograph*, era uma das grandes paixões de Stevenson, que, por algum tempo, se dividiu entre a vontade de ser jornalista e político. Seu primeiro artigo publicado foi logo aos nove anos de idade, em 1909, e era intitulado “*My Pet Bunny*”. Neste caso, pode-se dizer que a publicação tinha menos a ver com um possível talento precoce do autor e estava mais relacionada com o fato de a família do ensaísta possuir o jornal. Anos mais tarde, depois que Adlai já havia se tornado um político conhecido nacionalmente e perdido as eleições de 1952, o sonho de ser jornalista foi suprido em parte.

Após a derrota nas eleições presidenciais, Stevenson viajou pela Ásia e a revista “*Look*” comissionou alguns artigos para que ele falasse sobre a política e a sociedade dos locais que ia visitando. Stevenson escreveria também mais tarde alguns artigos para a revista “*Look*” por conta da sua primeira visita à América Latina, como mostrarei mais à frente. Um oficial do *Foreign Office*, em Bangkok, enviou relatório para Londres, tratando daquilo que ele pensava ser o triste fim de um estadista, quando percebeu Stevenson tomando notas como um simples repórter:

---

<sup>32</sup> Transcrição da conversa entre o *Premier* Khrushchev e o Governador Stevenson, que ocorreu no escritório de Khrushchev no Kremlin, em 5 de agosto de 1958. Baseado nas notas tomadas à mão por Robert Tucker. A conversa durou 2 horas e vinte minutos. Presentes do lado soviético, além de Khrushchev, estavam seu intérprete, Troyenovisky, e o presidente do Comitê de Relações Culturais, G. Zhukov, que tomou as notas para o *premier*. *The Papers of Adlai E. Stevenson*, VOL. VII, p. 257.

<sup>33</sup> Em fevereiro de 1960, Stevenson respondeu a uma carta de Khrushchev, na qual o *premier* russo felicitou Stevenson por seu 60º aniversário. Em sua resposta, Stevenson escreveu: “*Your letter brought back happy memories of our visit last summer at Mr. [Rowell] Garst’s farm. I, too, count it a most useful conversation, and I only regret that we have so little opportunity to exchange views about ways and means of improving the prospects for peace and the well-being of all peoples*”. *The Papers of Adlai E. Stevenson*, Vol. VII, p. 397.

<sup>34</sup> Em um discurso em 1952, em campanha na Universidade de Wisconsin, Madison, Stevenson disse: “*we can never forget that our democracy had its roots in the land. It was a Wisconsinian historian – Frederick Jackson Turner – who first made the nation understand that the American Democracy came out of the wilderness*”. (The Area of Freedom, speech at the University of Wisconsin, October 8, 1952. *The Papers of Adlai E. Stevenson*, “Let’s talk sense to the people”, 1952-1955, Vol. 4. Ed. JOHNSON, Walter *et al.*, 1979).

We had not finished the grapefruit when he started popping questions about Siam and South East Asia. He immediately pulled out a notebook, as did Barry Bingham and Walter Johnson, and from then on all three scribbled feverishly while I talked through the rest of the meal. **I must say it gave me an odd feeling – the might-have-been President of the United States taking notes like a cub reporter from a minor type like myself.** The truth is, I am afraid, that he has been dragged down from the level of a statesman accumulating wisdom about the world to that of a rather overwrought journalist.<sup>35</sup> (*Grifo meu*)

Neste relatório de 1953, percebe-se o estranhamento de se ter alguém como Stevenson tomando notas “como em repórter de rua” e tentando, de fato, entender o que estava acontecendo ao seu redor. O funcionário do *Foreign Office* não percebia que era exatamente ouvindo “tipos menores” como ele que Stevenson acumulava a sabedoria de mundo. Nas viagens à América Latina, perceberemos esta mesma atitude, e muitas vezes seu diário fez o papel do bloco de notas. Stevenson tinha perdido as eleições de 1952 e agora fazia um pequeno *tour* para tentar entender melhor algumas questões mundiais de seu tempo. Entretanto, ao contrário do que imaginava o diplomata do *Foreign Office*, aquele estava longe de ser o fim do estadista Stevenson.

Aos onze anos, Adlai escreveu sua primeira carta do estrangeiro; na verdade, um pequeno ensaio enquanto viajava. O título do ensaio era “*A Lonely Day At The Sea*” e foi escrito a bordo do navio Lusitania, a caminho da Europa, numa viagem com seus pais e sua irmã. No ano seguinte, uma tragédia se abateria sobre a vida de Adlai, tragédia esta sobre a qual ele pouco comentou. A 30/12/1912, a irmã de Adlai, Buffie, deu um jantar para seus amigos. Um dos garotos que estava na festa quis demonstrar algo que tinha aprendido na escola militar sobre apresentar armas. Adlai pegou um velho fuzil que havia no sótão da casa e entregou a Bob Whitmer, o rapaz que queria fazer a demonstração. Ele fez os movimentos e entregou a Adlai para que ele os fizesse também. Adlai tentou imitar o rapaz e a arma disparou, ferindo e matando Ruth Merwin. O pai da menina era irmão do marido da tia de Adlai, portanto embora os dois não fossem exatamente parentes, as famílias se conheciam. A mãe de Ruth conversou com Adlai e disse que ele não deveria se culpar pelo acontecido (JOHNSON, 1972, p. 12; McKEEVER, 1989, p. 30). No dia do funeral, a mãe de Adlai levou ele e um primo para uma viagem. Quando retornaram da viagem, o incidente nunca mais foi mencionado por nenhum membro da família Stevenson e Adlai não falou novamente sobre o assunto até 1952, quando o repórter William Glasgow, da *Time Magazine*, perguntou a Stevenson sobre o episódio:

---

<sup>35</sup> “Adlai Stevenson tour: his stay in Bangkok, from A.R.K Mackenzie to Sir Garvey”, 27 de abril de 1953. National Archives, FO 371/103503.

“Sabe, você é a primeira pessoa que me pergunta sobre isto desde o acontecido – e essa é a primeira vez que vou falar para alguém sobre o assunto”. E então, de acordo com o repórter, Stevenson descreveu o fato, da forma mais “factível” possível. Muito se especulou sobre os efeitos desta tragédia da vida de Adlai na vida de Stevenson. A verdade é que tudo é mesmo pura especulação. Não há registro algum do que Adlai tenha falado sobre o assunto; Stevenson falou muito pouco. Para uma mãe que teve um filho envolvido em uma tragédia similar, ele escreveu: “diga a ele que terá de viver por dois” (McKEEVER, 1989, p. 31).

O pai de Adlai foi nomeado Secretário de Estado de Illinois e, com isso, a família mudou-se para Springfield. O bucolismo e as paisagens de Bloomington ficariam para trás, mas Stevenson teve até o fim da sua vida uma casa em uma pequena fazenda na cidade em que Adlai cresceu. Sobre Bloomington, Stevenson diria anos mais tarde:

Tenho que agradecer a Bloomington pela lição mais importante que aprendi: que, em lugares calmos, a razão é abundante, que em pessoas calmas há visão e propósito, que muitas coisas que são reveladas aos humildes estão escondidas dos grandes... O espírito de Bloomington é o conceito *midland* de americanismo, progresso juntamente com ordem, liberdade sem consentimentos, tolerância sem frouxidão, economia sem maldade ... minha cidade natal me ensinou que bom governo e boa cidadania são a mesma coisa ... eu aprendi que bom governo é boa política e que o cargo público deve dobrar a responsabilidade que um homem sente por sua própria casa, seu próprio bairro, sua cidade natal. Eu espero e oro para que eu possa me lembrar das grandes verdades que parecem tão óbvias em Bloomington, mas tão obscuras para outros lugares.<sup>36</sup>

Assim, aos 12 anos, duas experiências, uma trágica, com a morte de Ruth Merwin, e outra política, com a visita a Wilson, começariam a fazer a transição de Adlai da infância para a adolescência. Mas à medida que a infância ia ficando para trás, Bloomington se tornaria cada vez mais um refúgio e cada vez menos o lugar em que Adlai passaria a maior parte de seu tempo. Com o propósito firme de entrar na Universidade de Princeton, Adlai, na sua adolescência e mocidade, integraria duas das instituições que ajudavam a moldar a elite americana: a escola preparatória de Choate e a Universidade de Princeton. A infância ia ficando para trás e a juventude se aproximava.

---

<sup>36</sup> *I have Bloomington to thank for the most important lesson I have learned: that in quiet places, reason abounds, that in quiet people there is vision and purpose, that many things are revealed to the humble that are hidden from the great... the spirit of Bloomington is the midland concept of Americanism, progress coupled with order, liberty without license, tolerance without laxness, thrift without meanness... my hometown has taught me that good government and good citizenship are one and the same... I learned that good government is good politics and that public office should double the responsibility that a man feels for his own home, his own neighborhood, his hometown. I hope and pray I can remember the great truths that seem so obvious in Bloomington but so obscure to places.* (McKEEN, 1989, p. 34).

## 1.4 Ewing

Choate School era uma das cerca de 20 escolas preparatórias em que a elite americana matriculava seus filhos para que tivessem uma chance nas universidades da *Ivy League*. Jean Baker diz que “*Eastern parents had discovered in boarding schools like Choate a means of stamping their sons as members of the upper class, even before the boys entered the Ivy League colleges that would reinforce shared affiliations*”. De fato, depois de ingresso em Princeton, Stevenson fará parte do grupo de alunos filiados à Choate, que só será menor do que o dos filiados à *Hill School* (todas as boas escolas preparatórias da costa Leste tinham “*clubs*” no campus). Baker continua dizendo que “*Such exclusiveness was attained by means of snobby exceptionalism derived from Anglo-Saxon Protestant roots, private education, money, residence in suburbs like Chicago’s Lake Forest and Baltimore’s Roland Park* (BAKER, 1996, p. 234).

A lista de celebridades que passaram por Choate é eclética, indo de John F. Kennedy até Ivanka Trump, passando por Adlai Ewing, é claro. A família esperava que Adlai Ewing, com 16 anos, pudesse passar apenas um ano na escola antes de ingressar em Princeton, mas o diretor, George St. John avisou que um ano era o suficiente para ingressar somente em universidades menos prestigiadas, para ingressar em Harvard, Yale ou Princeton o garoto precisaria de pelo menos dois anos de estudo (BAKER, 1996, p. 234).

No arquivo de Choate há uma série de cartas entre os pais do garoto e a direção da escola em que seus pais reclamam de uma certa estafa física de Adlai Ewing, e ameaçam tirar o jovem da escola caso sua condição física não melhorasse (JOHNSON, 1972; BAKER, 1989). Adlai Ewing, por sua vez, estava longe da tutela dos pais (e de sua irmã), pela primeira vez, e parecia estar gostando deste certo ar de liberdade. Contudo, pode-se perceber como ser parte de uma família influente era parte importante do jogo naquele momento, e que ao mesmo tempo que aproveitava sua liberdade, Adlai Ewing também se aproveitava da influência de sua família. Em meados de outubro de 1916 ele escreve a seu pai dizendo:

Querido pai:

Eu estou te escrevendo em uma questão de grande importância, isto é, importância para mim. A competição “*News*”<sup>37</sup> termina neste sábado e eu estou agora em quarto lugar na competição. Além disso, acho que (e me disseram isto) que a diretoria só vai aceitar três participantes para o conselho do “*News*”. Agora, uma propaganda vai me ajudar muito e eu poderia fazer parte do conselho se eu conseguir uma boa, como eles querem, e eu estou tão perto do terceiro lugar de qualquer maneira. O “*News*” é considerado a segunda maior coisa na escola depois do futebol americano e o Sr. St.

---

37 O Choate News era o jornal da escola havia uma competição para novos membros do conselho.

J. acha que é a coisa mais importante. Agora, como eu disse antes, um anúncio me ajudará consideravelmente. Você conhece alguma empresa, etc, que pode anunciar? Se você souber de uma, por favor me avise imediatamente porque a competição termina no sábado. você pode sugerir qualquer empresa para a qual eu possa escrever que seria capaz de anunciar? Estou me sentindo bem, tudo O.K. Amor a todos, Ad. R.S.V.P.<sup>38</sup>

O final foi feliz, Lewis Stevenson falou com alguns contatos em Chicago, Adlai Ewing conseguiu os anúncios que faltavam e assim pode fazer parte da “segunda maior coisa” de Choate depois do futebol americano, o “*News*.” Adlai Ewing foi membro do conselho até maio de 1917 quando se tornou gerente de negócios do jornal, cargo que ocupou até sair da escola em 1918. Em Choate, Adlai Ewing trocou as aulas de física pelas de espanhol um pouco a contragosto do pai (justificou dizendo que era “a *comming language*”, e ajudaria no exame de entrada em Princeton) fez amizade com um garoto russo que havia chegado há pouco tempo nos Estados Unidos e falava inglês muito precariamente e comemorou, junto com mais outros dois garotos, a vitória de Woodrow Wilson sobre Charles Hughes. Eles eram os únicos três democratas em Choate à época. A 18 de setembro de 1918 Adlai Ewing escreve sua última carta de Choate para sua mãe “Estou a cada dia ganhando erudição e sinceramente acredito que você não me reconhecerá no meu atual disfarce intelectual quando nos encontrarmos (...). Temos um quarto no *Nassau Inn* durante o período de exames e não precisamos nos preocupar mais com acomodações”. Hospedado no lendário *Nassau Inn*, que já havia abrigado (a contragosto) tropas britânicas e (com muito gosto) participantes do congresso continental, Adlai Ewing preparava-se para, pela quarta vez, tentar ingressar em Princeton. Desta vez estava confiante. Mais tarde diria que achava que se somassem seus resultados das primeiras três vezes ainda assim não seria o suficiente para ingressar em Princeton (MARTIN, 1976). Mas desta vez foi o suficiente, em 1918, com dezoito anos, Adlai Ewing ingressava em Princeton. Era parte, agora, da turma 1922.

É difícil dizer quem foi a maior das celebridades a entrar pelos portões de Nassau Hall, que tem uma lista ainda mais extensa e eclética do que a de Choate, indo de James

---

<sup>38</sup> *Dear Father: I am writing you on a matter of great import, ie, import to me. You see the "News" competition ends this Saturday and I am now fourth man on the competition., furthermore I think (and have been told so) that the board is only going to take on three men. Now an "ad" will help me greatly and I might possibly get taken on the board if I get a good one as they want them and I am so near to third place anyway. The "News" is considered the second biggest thing in school after football and Mr. St. J. thinks it the first. Now, as I said before, an "ad" will help me consid[e]rably. Do you know of any firm, co. etc. that might advertise (SIC)? If you know of one please let me know immediately because the competition ends Saturday. can you suggest any company to which I might write that would be likely to advertise? Am feeling fine, everything O.K. Love to all, Ad. R.S.V.P. (JOHNSON, 1972, p. 30-31).*

Madison a Brooke Shields. Contudo, entre os mais famosos, certamente está um que nunca existiu, Amory Blaine, a personagem protagonista de “Este lado do Paraíso” de Scott Fitzgerald. O autor deixou Princeton sem se formar em 1917 para se alistar no exército, mas as experiências vividas ali foram matéria prima para sua obra. Assim como fizera Adlai Ewing, Amory Blaine também passou pela experiência das rigorosas e seletas escolas preparatórias, a St. Regis. Fitzgerald escreve em seu romance que:

Amory seguiu para a Nova Inglaterra, a terra das escolas preparatórias. Lá ficavam Andover e Exeter, com suas lembranças dos mortos na Nova Inglaterra – grandes democracias, semelhantes a faculdades; St. Marj’s, Groton, St. Regis – com seus alunos recrutados em Boston e nas famílias Knickerbocker de Nova York; St. Paul, com seus grandes riques de patinação; Pomfret e St. George’s, prósperos e bem vestidos; Taft e Hotchkiss, que preparavam os ricos do centro-oeste para o êxito social em Yale; Pawling, Westmister, Choate, Kent e centenas de outras – todas produzindo, ano após ano, seus tipos bem-ajustados, convencionais e impressionantes; dando estímulo mental para os exames de admissão nas universidades; expondo os seus vagos propósitos em centenas de circulares sobre “Como ministrar uma completa educação mental, moral e física adequada a um cavalheiro cristão, preparando-o para enfrentar os problemas de sua época e de sua geração, dando-lhe sólida base em artes e ciências”. (FITZGERALD, 2011, p. 45)

Outro ponto em comum entre Amory e Adlai Ewing é o orgulho comum em ambos em serem um “*Princeton man*.” Se Adlai Ewing teve sua escolha influenciada pelo desejo da família e pelo encontro com Woodrow Wilson aos 12 anos, Amory escolheu Princeton porque proporcionava o mais vívido convívio social entre todas as *Ivy League* era “o mais agradável clube de campo da América” (FITZGERALD, 2011, p. 61). Amory queria ir para Princeton e na sua explicação do porquê diz, “acho que todos os homens de Harvard são um tanto efeminados, como eu costumava ser, e todos os homens de Yale usam grandes suéteres azuis e fumam cachimbo (...) Imagino que os estudantes de Princeton sejam preguiçosos, bonitos e aristocráticos... como um dia de primavera” (FITZGERALD, 2011, p. 47.). O romance de Fitzgerald é uma boa forma de conhecermos a Princeton de Adlai Ewing. A Princeton de Adlai Ewing não era muito diferente daquela experimentada por Amory Blaine no romance de Fitzgerald. Conforme Kenneth Davis explica: “*in most respects this Princeton World of Fitzgerald’s was identical with which Adlai knew*” (DAVIS, 1957, p. 107).

Adlai Ewing estava muito orgulhoso em ser um “*Princeton man*” como se poder ver pelas cartas que mandou à sua mãe em seus primeiros meses em Princeton. Em uma delas, escrita a 27 de setembro de 1918, ele escreve: “Minha querida mãe, como você percebe, estou escrevendo minha primeira carta em papel timbrado de Princeton. Eu não posso dizer que a sensação é particularmente única, mas certamente é uma satisfação saber que eu sou um

estudante admitido regularmente e, conseqüentemente, um homem de Princeton<sup>39</sup>” em outra, procura explicar melhor para a mãe a diferença que existia entre ele e outros estudantes que, apesar de estarem ali, não eram verdadeiros *Princeton men*, porque estavam na universidade por meio do serviço militar apenas, e não porque haviam passado nos exames de admissão:

Minha querida mãe: ontem foi um dia de gala para os calouros. Mas antes de explicar tudo, você deve lembrar que todos os companheiros que estão aqui na turma de calouros não são calouros, mas apenas aqueles que entraram por exames, como eu fiz. Em outras palavras, todos os companheiros que entraram por alistamento militar, etc., para se juntarem às organizações militares não são considerados como homens de Princeton e não estão incluídos na turma de 1922. Eu certamente estou feliz por ter entrado por exames e ser um verdadeiro homem de Princeton. Embora seja muito difícil manter todos os antigos costumes universitários etc. a diferença entre os homens regulares de Princeton e os outros é muito óbvia. Por exemplo, sempre que "Old Nassau" ou qualquer uma das canções de Princeton são cantadas, os alunos não-regulares não estão autorizados a cantar e tem de prestar atenção<sup>40</sup> (JOHNSON, 1972, p. 69).

A ideia de pertencimento de Adlai Ewing e os laços que unem os garotos que passaram pelas escolas preparatórias e os jovens que frequentaram as Ivy League, são os mesmos laços que vão unir os homens que formaram esta forma de aristocracia americana.<sup>41</sup> Em Princeton, Adlai Ewing logo se engajou nos trabalhos do periódico da universidade o "*The Princetonian*", à semelhança da personagem de Scott Fitzgerald. Entretanto, se em algumas coisas de fato Adlai Ewing se parecia muito com Amory Blaine em outras, como observa Jean Baker, ele era bastante diferente. Por exemplo, diferentemente de Amory Blaine, Adlai Ewing apreciava os velhos rituais hierárquicos de Princeton, como os que obrigavam os calouros a usar determinado tipo de chapéu e os impedia de andar pelas calçadas, que eram reservadas para os veteranos.

---

<sup>39</sup> "Dearest mum, as you perceive I am writing my first letter on Princeton stationery. I can't say that the sensation is particularly unique, but certainly is a satisfaction to know that I am a regularly admitted student and consequently a Princeton man" (JOHNSON, 1972, p. 65).

<sup>40</sup> *Dearest Mum: Yesterday was a quite gala day here for the freshmen. But before explaining it all you must remember that all the fellows who are here in the freshmen class are not freshmen, but only those that entered by examinations, as I did. In other words all the fellows that came in on certificate etc. to join the military organizations are not ranked as Princeton men and are not included in the class 1922. I certainly am glad that I came in by exams and am a real Princeton man. Although it is very difficult to maintain all the old college customs etc. the difference between the regular Princeton men and the others is very obvious. For instance whenever "Old Nassau" or any other of the P[inceton]. Songs are sung the non-regular men are not allowed to sing and have to stand at attention.*

<sup>41</sup> Em uma reportagem de 2015, a revista *The Economist* chama atenção para esta forma de aristocracia pautada no capital intelectual ganho nas universidades de ponta dos Estados Unidos. Também Steven Fraser e Gary Gerstle traçam um histórico desta aristocracia americana, e pensam sobre as vantagens políticas que ela usufrui no livro **Ruling America: A History of Wealth and Power in a Democracy.**

A universidade de Princeton estava longe de ser uma instituição minimamente heterogênea, com mais de 80% dos alunos sendo presbiterianos ou episcopais, sem a presença de nenhuma mulher, de nenhum negro e de nenhum judeu. 85% dos alunos haviam passado por uma escola preparatória como a Choate de Adlai Ewing e a St. Regis de Amory Blaine (BAKER, 1996, p.243).

No outono de 1920, Adlai Ewing ajudou a organizar o comitê Cox-Roosevelt. Adlai Ewing já era o diretor do conselho do jornal e o *The Princetonian* apoiou, em um editorial, a Liga da Nações e a candidatura Cox-Roosevelt contra a candidatura de Harding. Houve protestos no campus, largamente republicano, e 15 dos 27 membros do conselho, todos republicanos, publicaram uma carta informando que o apoio havia sido uma decisão do presidente do conselho. Isso não chegou a comprometer Adlai Ewing e por muito tempo vários dos amigos republicanos de Stevenson viriam de Princeton. Não só isto, mas grande parte dos que o apoiaram em sua candidatura a governador de Illinois, eram amigos republicanos dele e de sua família. A estridente divisão que existe hoje entre os partidos, naqueles tempos pareciam menos importantes quando comparadas aos velhos laços do patriciado norte-americano.

Adlai Ewing formou-se em Princeton na turma de 1922. Mais tarde, lembrando-se de seu tempo na universidade, diria que teve “*lots of fun and some incidental education as well*” (BAKER, 1996, p. 248). Saindo de Princeton, começou os estudos de Direito em Harvard, mas desistiu. Seus livros de estudo do tempo da faculdade de Direito quase não têm marcação alguma, parecem pouco usados, enquanto o romance *Nina*, de Susan Erz, que ele leu na mesma época em que estava na faculdade de Direito, está inteiramente marcado (MARTIN, 1976, p. 68). Não tinha certeza se queria ser advogado ou administrar o jornal da família, o *Pantograph*, e finalmente decidiu-se em ir para a *Northwestern University* terminar os estudos de Direito e assim ficar mais perto de casa. Em 1926, ele foi admitido no exame de advogados de Illinois e se tornou um advogado, assim como seu avô. Dois anos depois, casou-se com Ellen Borden. O casamento deles não foi infeliz para sempre como o de seu pai, mas tão somente até 1949, o primeiro ano de seu mandato como governador, quando se separaram.

Nos anos 30, já como advogado e pai de família, Adlai Ewing começa a atuar em Chicago. Ele trabalhou em agências do *New Deal*, como a Administração de Ajustes Agrícolas e o Controle Federal de Álcool. Passou a fazer parte também do *Chicago Council of Foreign Relations*. Como relembria mais tarde outro membro do conselho, a ativista civil Harriet Welling “*It was Hitler who brought us together, for Nazism and isolationism were both growing worries and most of us on the Council Board saw eye to eye about the dangers of both*” (WELLING, 1966, p. 43). Por essa época Stevenson era ele mesmo um líder cívico em

Chicago, era diretor da *Immigrants Protective League of Chicago*, o que lhe rendeu um convite do Secretário de Trabalho em Washington para ser o Comissário Geral de Naturalização e Imigração, convite que ele recusou (DAVIS, 1957, p. 202). Em 1935, ele foi eleito presidente do *Chicago Council of Foreign Relations* e por volta dessa época começou a construir a casa que seria seu lar preferido, em Libertyville, alguns quilômetros a Oeste de *Lake Forest*. Quando a guerra começou ele teve de se engajar, mudou-se para Washington e foi nomeado assistente especial do secretário da Marinha, Frank Knox, membro do Partido Republicano e editor de Chicago<sup>42</sup>. Depois da Segunda Guerra Mundial, ele serviu com a delegação dos EUA nas conferências de São Francisco e Londres sobre a criação das Nações Unidas. Foi nesta época que se aproximou de Eleanor Roosevelt, de quem foi amigo e confidente até a morte dela em 1962. Em 1947, Stevenson representou os Estados Unidos como delegado suplente da Assembléia Geral da ONU em Nova York. Naquela época, ele já estava próximo do presidente Truman e se mostrava como uma possível liderança ascendente no Partido Democrata. Assim, ele já ia deixando a juventude para trás e se tornado Stevenson.

## 1.5 Stevenson

Depois da guerra, Stevenson voltou para Chicago. Sua esposa odiava Washington e nos últimos anos dele ali ela ficava em Chicago com as crianças. No seu aniversário de 47 anos, a 5 de fevereiro de 1947, Stevenson escreve em seu diário:

Completo 47 anos hoje - ainda inquieto; insatisfeito comigo mesmo. Qual é o problema? tenho tudo. Esposa, filhos, dinheiro, sucesso - mas não na profissão de advogado. Muita ambição por reconhecimento público; muito disperso em interesses; como posso conciliar a vida em Chicago como advogado com interesse em relações exteriores e o desejo de reconhecimento e posição nesse campo? Perspectiva de nomeação do Senado permanece, e às vezes preocupa, até me assusta. Queria poder pelo menos ficar tranquilo e fazer Ellen feliz e fazer um trabalho humilde para Deus. Almocei com a turma de Princeton 1922... para falar sobre os planos para o reencontro.<sup>43</sup>

As coisas mudavam dentro de Stevenson e ele sentia isso no inferno astral de seu aniversário. A experiência de homem público em Washington durante a guerra (esta passagem

---

<sup>42</sup> Knox havia sido candidato à vice-presidência em 1936 na chapa de Alf Landon e era editor e dono do *Chicago Daily News*.

<sup>43</sup> *Am 47 today - still restless; dissatisfied with myself. what's the matter? have everything. Wife, children, money, success - but not in law profession. Too much ambition for public recognition; too scattered in interests; how can I reconcile life in Chicago as lawyer with consuming interest in foreign affairs and desire for recognition and position in that field? prospect of Senate nomination sustains, & some time troubles, even frightens me. Wish I could at least get tranquil & make Ellen happy and do god humble job at law. Launched with Princeton 1922 people... to talk about reunion plan* (MARTIN, 1976, p. 260).

será mais bem explicada no capítulo 2), bem como sua experiência na conferência de São Francisco obviamente o marcaram de forma bastante profunda no que tange à vontade de estar no serviço público. Havia acontecido ainda a possibilidade de Stevenson tornar-se embaixador em Londres mas, segundo ele, sua esposa não queria e ele não tinha dinheiro suficiente para isto<sup>44</sup> (MARTIN, 1976, p. 261). O nome de Stevenson começou a ser considerado para o senado pelo estado de Illinois para a vaga do republicano C. Wayland (Curly) Brooks, principalmente pela sua atuação no *Council of Foreign Relations* de Chicago, onde chamou a atenção pela sua retórica. Ruth Field, esposa de Marshall Field, multimilionário de Chicago que, entre outros empreendimentos, eram donos da *Macy's*, era muito próxima a Stevenson e diz em entrevista que foi por volta de 1948 que, seu marido, entre outras figuras ilustres da sociedade de Chicago, pensaram no nome de Stevenson para o senado<sup>45</sup>. Entre os que apoiavam essa ideia estava o advogado Louis A. Kohn, que sondou Stevenson sobre a ideia. A princípio Stevenson achou a ideia interessante. Logo Kohn organizaria com Lori C. (Bud) Merwin, primo de Stevenson e editor chefe do *Pantagraph*, uma rede para prospecção da candidatura de Stevenson. Merwin mandou carta para 25 jornais do estado para que eles sondassem, junto ao seu público, as possibilidades de Stevenson. A resposta foi quase unânime: todos que o conheciam o respeitavam, mas poucos o conheciam fora de Chicago. Em Chicago, seu nome foi recebido com entusiasmo (DAVIS, 1957, p. 282).

Entretanto a nomeação para qualquer pretensão democrata em Illinois passava pelo cacique do partido, Coronel Jack Arvey. Os amigos de Stevenson tentaram convencer Arvey de que Stevenson era melhor do que Douglas, o preferido de Arvey para o senado. Em uma viagem de Chicago para Nova Iorque um dos apoiadores de Stevenson, Dutch Smith, encontrou-se casualmente com Arvey no “*club car*” do trem. Falou a respeito de Stevenson e Arvey disse “*Well, I don't know – a fellow was telling me the other day I'd better lay off Stevenson, that he went to Oxford.*” Stevenson não tinha ido para Oxford, mas a ideia que existia por detrás da afirmação de Arvey era a mesma que o perseguiria tempos depois, a de que ele era um “*egghead*”, um intelectual. Com muitos bons candidatos ao senado, mas sem

---

<sup>44</sup> Stevenson teve também a oportunidade de ser Secretário de Estado Assistente. Quando William Benton deixou o cargo, ele indicou Stevenson para a posição. O presidente Truman aceitou a indicação. O General Marshall passou uma tarde inteira em um quarto de hotel em nova Iorque tentando convencer Stevenson que teve de recusar a oferta porque a sua esposa o ameaçou dizendo que se ele aceitasse mais algum cargo em Washington, ela se divorciaria dele. Ele disse ao presidente que não gostaria de se divorciar. Benton, posteriormente em entrevista em 1967, disse que se ele aceitasse o cargo, provavelmente jamais seria o governador de Illinois e consequentemente candidato à presidência. Ele não aceitou o cargo, mas eventualmente sua esposa se separou dele de qualquer forma. “*Reminiscences of William Benton*”: 1967. Número de Chamada: NXCP86-A268. Adlai E. Stevenson project. *Columbia University rare book & Manuscript Library*.

<sup>45</sup> “*Reminiscences of Ruth Field*”: 1967. Adlai E. Stevenson Project. Número de Chamada: NXCP87-A243. *Columbia University Rare Books and Manuscript Library*.

candidato bom o suficiente para o governo do estado, Jack Arvey mudou um pouco os planos iniciais de Stevenson e de seus apoiadores: Stevenson seria sim candidato, mas ao governo do estado.

Nas eleições, ele derrotou o republicano Dwight Green em uma vitória esmagadora. Como já se sabe, até mesmo Bloomington estava do seu lado dessa vez. No entanto, essa foi a última vez que Stevenson derrotaria um republicano chamado "Dwight". Nos próximos anos, outro "Dwight", Dwight Eisenhower, o derrotaria duas vezes nas eleições presidenciais, em 1952 e 1956. A vitória de Stevenson havia sido acachapante. Foi a maior diferença de votos que qualquer candidato a governador tinha tido até então, e isto não era pouco, uma vez que ele era apenas o terceiro democrata a governar estado desde o fim da Guerra Civil em 1865 (MARTIN, 1976, p. 347).

Quando se mudou para Springfield, capital do estado, sua vida mudou drasticamente e seu casamento, que já vinha abalado desde os tempos de Washington, não aguentou a mais esta mudança. O mandato de Stevenson foi considerado bom e havia grandes chances de uma reeleição, especialmente porque ele conseguiu fazer com que o legislativo local trabalhasse em harmonia com o executivo aprovando muitas leis. É claro que, eventualmente, ele tinha de exercer seu poder de veto em leis que eram formuladas pelo legislativo, como por exemplo no projeto de lei que ficou conhecido como "*Cat Bill*" que considerava que qualquer gato solto na rua, ou no quintal de um vizinho, era um perigo aos pássaros e por isto poderia ser apreendido por qualquer cidadão. Seu veto à lei vale a pena ser lido:

Eu aqui retorno, sem minha aprovação, o projeto de lei do Senado N° 93, intitulado "Um ato para fornecer proteção a pássaros insetívoros por meio da restrição dos gatos". Esta é a chamado "*Cat Bill*". Eu veto e retenho minha aprovação deste projeto pelas seguintes razões: (...) Eu não posso concordar que deva ser declarado política pública de Illinois que um gato, visitando o quintal de um vizinho ou atravessando a rodovia, seja um incômodo público. É da natureza dos gatos querer um certo vaguear sem escolta. Muitos moram com seus donos em apartamentos ou outras instalações restritas, e duvido que queiramos fazer de sua breve incursão uma oportunidade para uma pequena caçada por cidadãos zelosos - com armadilhas ou outros instrumentos. Receio que este projeto só possa criar discórdia, recriminação e inimizade. Considere também o dilema do dono: escotar um gato para o exterior com uma coleira é contra a natureza dos gatos, permitir que ele se aventure sem vigilância em uma noite de novos perigos é contra a natureza do dono. Além disso, os gatos prestam um serviço útil, particularmente nas áreas rurais, no combate ao trabalho de roedores que eles necessariamente executam sozinhos e sem levar em conta as linhas de propriedade. (...) O problema dos gatos versus pássaros é tão antigo quanto o tempo. Se tentarmos resolvê-lo pela legislação, quem sabe possamos ser chamados a tomar partido também em outros problemas antigos, como o do cão contra o gato, o pássaro contra

a minhoca? Na minha opinião, o Estado de Illinois e seu governo local já têm trabalho suficiente para ter de se ocupar da delinquência felina.<sup>46</sup>

Os gatos de Illinois puderam passear despreocupados, uma vez que o governador Stevenson vetou o projeto. Mas certamente não eram só os donos de gatos que estavam felizes com o trabalho de Stevenson frente ao governo do estado, o presidente Truman também parecia contente, uma vez que o chamou para um encontro na *Blair Residence* e disse a ele que deveria ser o candidato a presidente dos Democratas nas eleições de 1952. Stevenson, a princípio, pareceu não ter se entusiasmado muito com a ideia, o que deixou o presidente um tanto quanto irritado<sup>47</sup>. De qualquer forma, após pensar com mais calma Stevenson resolveu que ele seria sim o candidato dos Democratas. Assim passaria a ser, a partir de agora, um político americano com projeção mundial. Adlai havia crescido, mas suas raízes do centro-oeste, sua criação aristocrática e pouco insular, seu tempo de Choate e Princeton, em que Adlai Ewing nutriu amizades e tradições, tudo isto ainda estava ali com ele, e o ajudariam a formar seu caráter e forjar suas ideias. Adlai Ewing Stevenson II estava pronto para um novo papel.

### Conclusão

Adlai Stevenson certamente era um homem que carregava as limitações e os preconceitos de seu tempo. Nascido em 1900, criado no centro-oeste americano em uma família do patriciado, Stevenson nunca teve de se preocupar com suas finanças. Obteve a melhor educação que a elite americana podia dar. Certamente era vaidoso. Em uma carta datada de 7 de novembro de 1956, Corina Williams Anderson, ativista do comitê judeu-americano e que tinha laços de amizade com Stevenson que remontavam a Illinois, disse a ele que, na Europa, ninguém entende como os americanos não elegeram Adlai Stevenson. Ela escreveu:

---

<sup>46</sup> *I herewith return, without my approval, Senate Bill No. 93 entitled "An act to provide Protection to Insectivorous Birds by Restraining cats." This is the so-called "Cat Bill". I veto and withhold my approval from this bill for the following reasons:...I cannot agree that it should be declared public policy of Illinois that a cat visiting a neighbor's yard or crossing the highway is a public nuisance. It is in the nature of cats to do a certain amount of unescorted roaming. Many live with their owners in apartments or other restricted premises, and I doubt if we want to make their every brief foray an opportunity for a small game hunt by zealous citizens- with traps or otherwise. I am afraid this bill could only create discord, recrimination and enmity. Also consider the owner's dilemma: to escort a cat abroad on a leash is against the nature of the cat, and to permit to venture forth for exercise unattended into a night of new dangers is against the nature of the owner. Moreover, cats perform useful service, particularly in rural areas, in combatting rodents-work they necessarily perform alone and without regard for property lines. ...The problem of cats versus bird is as old as time. If we attempt to resolve it by legislation, who knows what we may be called upon to take sides as well in the age problems of dog versus cat, bird versus worm? In my opinion, the State of Illinois and its local governing already have enough to do without trying to control feline delinquency.*

<sup>47</sup> "Reminiscences of Arthur Meier Schlesinger Jr": 1967. Adlai E. Stevenson Project. Número de Chamada: NXCP87-A1286. Columbia University Rare Books and Manuscript Library.

“*The great psychologist and philosopher, Carl G. Jung of Zurich, asked last July ‘why are your people rejecting Stevenson?’*”<sup>48</sup>. Na resposta à carta, percebe-se que Stevenson ficou imensamente lisonjeado com a menção de Jung: “*That Carl Jung implied a preference pleases me immensely!*”. Mas a vaidade de Stevenson era uma vaidade intelectual e sua famosa foto da campanha de 1952, em que aparece com o sapato furado, demonstra isto.

Uma das coisas que se pode concluir, ao ver sua vida de perto, é que, de fato, conforme Fraser e Gerstle afirmam, há sim uma aristocracia americana, definida pelo poder do dinheiro (FRASER & GERSTLE, Kindle Edition). Charles Murray (Kindle Edition) também percebe algo parecido, notando uma clivagem bastante significativa que começa a separar, a partir dos anos 50, a elite da classe trabalhadora nos Estados Unidos. Desde sua mocidade, Adlai estudou nas melhores escolas, frequentou os clubes mais exclusivos e teve acesso ao mundo por meio de viagens e conversas com pessoas que eram responsáveis por governá-lo. Mas o mais interessante de tudo isso é que os amigos e inimigos de Stevenson tiveram acesso, de certa forma, às mesmas coisas. As escolas preparatórias, as *Ivy League*, os clubes exclusivos, tudo isso era o berço da elite americana, quer fossem Democratas ou Republicanos. Talvez isso fosse um facilitador para que algumas diferenças fossem mitigadas e, em momentos cruciais, a união “dos dois lados do corredor”, entre Republicanos e Democratas, fosse possível. Uma pergunta que fica é se essa formação mais homogênea ajudava a manter também um debate político menos polarizado.

---

<sup>48</sup> “Carta de Corina Williams Anderson a Adlai Stevenson”, 7 de novembro de 1956. AES Papers (MC#124) caixa 1, folder 05. American-Jewis Committee, Anievas.

## CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DE UM LIBERAL – STEVENSON E A AMÉRICA LATINA: A VIAGEM DE 1960 – ANTECEDENTES

### 2.1 Introdução

Em 15 de março de 1960, em uma reunião na embaixada americana em Buenos Aires, Adlai Stevenson foi instruído de que era incorreto falar de relações entre Estados Unidos e América Latina. Ao invés disso, existiam as relações dos Estados Unidos com 20 países diferentes, situados ao sul dos Estados Unidos<sup>49</sup>. Era estranho ele estar ali, em Buenos Aires, dedicando tanto tempo e atenção às relações com a América Latina (ou como havia acabado de ser lembrado, com os 14 países que visitaria em sua viagem), enquanto seu partido ardia nas primárias para a eleição presidencial que se avizinhava. Kennedy queria que Stevenson declarasse logo seu apoio a ele, mas Stevenson era amigo de Humphrey e sabia da força de Johnson no sul, assim resolveu assumir uma posição “régia” e não declarar apoio a ninguém. Foi se instruir sobre os “vizinhos do sul”, conhecê-los melhor.

Nas duas eleições anteriores (1952, 1956), o tema América Latina não havia sido muito debatido. Sua importância parecia menor ante outras questões, como a Coreia ou a caça aos comunistas. É bem verdade que antes disso, ainda nos anos 40, no contexto da II Guerra Mundial, o presidente Roosevelt dedicou atenção à região naquilo que ficou conhecido como a “política da boa vizinhança<sup>50</sup>”. Contudo, com o final da II Guerra e o início da Guerra Fria, o interesse pela América Latina havia diminuído significativamente em Washington<sup>51</sup>. Enquanto milhões de dólares foram despejados na Europa e no Japão por meio dos planos

---

<sup>49</sup> Johnson, Walter. **The Papers of AES**. Little, Brown & Company, Boston, 1977. VOL. VII, p. 432.

<sup>50</sup> Na realidade o termo “*Good Neighbor*” remonta a um discurso do presidente Herbert Hoover (1929-1933). Logo depois de eleito, ainda antes da posse, Hoover fez uma viagem pela América Latina e, em um discurso em Honduras, declarou sua vontade de que as relações interamericanas fossem aquelas de “bons vizinhos”. Posteriormente o presidente Roosevelt voltou a usar o termo, o que ficou conhecido como política da boa vizinhança. Citado por Smith, Joseph. **The United States and Latin America a history of American Diplomacy, 1776-2000**. Routledge: New York, 2005. Para saber mais sobre a política de boa vizinhança, ver: Pike, Frederick B. **FDR’s Good Neighbor Policy: sixty years of generally gentle chaos**. Austin: University of Texas Press, 1995.; Wood, Bryce. **The Making of the Good Neighbor policy**. New York: University of Columbia Press, 1961. Para saber mais sobre a política da boa vizinhança e o Brasil, ver: Tota, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>51</sup> Joseph Smith aponta como razões para a diminuição do interesse norte-americano na América Latina, na década logo após o término da II Guerra, o fato da política americana ter se tornado agora, de fato, uma política internacional, no sentido em que o que acontecia em todos os lugares interessava aos americanos, somado ao fato de que os norte-americanos consideravam o hemisfério ocidental já seguro sob sua influência e entendiam que o apoio dos países latino-americanos às suas causas já estava garantido (SMITH, 2005).

Marshall e Colombo, a América Latina lutava com seus problemas sem que o vizinho do norte demonstrasse a mesma atenção que dispensava para o que se passava em regiões como Europa e Ásia<sup>52</sup>.

Outra forma de ver a pouca importância da região no cenário político de então é prestar atenção em como o tema “América Latina” foi tratado nas eleições de 1952 e 1956 – praticamente não se tratou dele. Nas eleições americanas de 1952, o assunto “América Latina” quase não foi debatido. Não que a política externa não tenha sido tema de discussão, ela foi. A América Latina é que não estava mesmo no radar. A lógica dual da Guerra Fria dominava a política externa, e a América Latina não estava no centro dessa nova lógica. Em termos gerais da política externa, por exemplo, Stevenson, um dos candidatos, acreditava que os rumos tomados até ali pelo presidente Truman (que, não se pode esquecer, era democrata como o candidato Stevenson), neste novo contexto surgido da II Guerra Mundial, estavam corretos. Em uma das vezes que falou sobre política externa, em Grand Rapids, Michigan, a 1º de setembro de 1952, o governador afirmou que entendia que a direção essencial para os Estados Unidos tomarem, no contexto da política externa, a fim de evitarem o avanço do bloco comunista, era construir uma unidade e força coletiva entre os países “livres”<sup>53</sup>.

Não só Stevenson, mas o próprio Eisenhower parecia concordar, em linhas gerais, com os rumos da política externa do presidente Truman<sup>54</sup>, como apontava McGeorge Bundy, em um artigo na *Foreign Affairs*, um mês antes da eleição (BUNDY, 1952). Mesmo Stevenson, em seu discurso, chama a atenção para o fato de que havia concordâncias entre os candidatos com relação à política externa<sup>55</sup>. Não à toa que o discurso foi intitulado “*Bi-Partisan Foreign*

---

<sup>52</sup> Para se ter uma ideia dessa diferença em números, entre 1945 e 1952, Bélgica e Luxemburgo receberam mais ajuda financeira direta dos Estados Unidos do que todas as 20 nações da América Latina juntas no mesmo período (SMITH, 2005).

<sup>53</sup> “*I want to say, clearly and unmistakably, that I believe the essential direction of our foreign policy is right – building the unity and collective strength of the free countries to prevent the expansion of Soviet dominion and control over one nation after another*”. Stevenson, Adlai, “*Bi-Partisan Foreign Policy*” In: **Major Campaign Speeches 1952**. Random House: New York (STEVENSON, 1953, p. 42-46).

<sup>54</sup> Houve, entretanto, por parte de republicanos – e de alguns democratas – uma dose de incerteza sobre os rumos da política externa com a chegada repentina de Truman ao poder, tanto porque ele era considerado um *Midwestern* sem muita experiência internacional como, no caso específico da América Latina, porque parecia ter pouco conhecimento sobre o tema. Ver ZELIZER, Julian. **Arsenal of Democracy the politics of National Security - From World War II to the War on Terrorism**. Basic Books: New York e SMITH, Joseph. **The United States and Latin America a history of American Diplomacy**. 1776-2000. Routledge: New York, 2005.

<sup>55</sup> Em um artigo na *Foreign Affairs*, em novembro de 1952, McGeorge Bundy concorda com Stevenson nas semelhanças dos candidatos no que diz respeito à política externa: “*The two nominees share a final and more complex advantage: they are known as supporters of the basic outlines of the American foreign policy developed since 1947, and both have had a part in this policy (General Eisenhower much the larger part, it is fair to note), yet both, in different ways, have been spared the necessity to defend or attack this policy in any partisan or inflexible spirit*” (BUNDY, 1952).

*Policy*”<sup>56</sup>. Nesse discurso, o principal tema abordado foi aquele que dominou a maior parte da campanha no tocante à política externa: a Guerra da Coreia<sup>57</sup>.

A Guerra da Coreia (1950-1953)<sup>58</sup> foi, nas palavras de Medhurst (2000), “*a hot war that broke out in the midst of the ongoing cold war*”. Stevenson enfatiza a semelhança entre ele e Eisenhower no entendimento de que a guerra tinha de ser lutada naquele momento como forma, inclusive, de se evitar uma Terceira Guerra Mundial (STEVENSON, 1953, p.44). O tema voltou em seu segundo grande discurso de política externa, proferido a 9 de setembro de 1952 (STEVENSON, 1953, p. 91). Nesse discurso, intitulado “*World Policy*”, o candidato democrata trata o assunto da Guerra da Coreia de uma forma mais ampla, falando não especificamente da Coreia, mas da relação dos Estados Unidos com o continente asiático. Stevenson afirmava que todas as lutas da humanidade ao longo de séculos – econômica, política, espiritual – se realizavam agora na Ásia<sup>59</sup> (STEVENSON, 1953, p. 95).

Assim, enquanto a Ásia – cadinho dos problemas surgidos com a ordem do pós-guerra – ganhava relevo e importância na política estadunidense, o tema América Latina passava bem longe da mente dos eleitores e, por conseguinte, da boca dos candidatos. Nem os discursos de Stevenson e Eisenhower, nem o artigo de McGeorge Bundy falavam de maneira consistente sobre as relações entre os Estados Unidos e a América Latina a poucos meses da eleição. A luta contra a União Soviética, a reconstrução da Europa, tarifas comerciais e é claro; a questão da Ásia, especialmente a questão da Coreia, monopolizavam a atenção naquela eleição. Entretanto isto não significa que a América Latina tivesse sido completamente obliterada da

---

<sup>56</sup> A expressão também trazia ao ouvinte da época uma lembrança bem viva das ações do senador republicano Vanderberg com o presidente democrata Truman. Vanderberg cunhou a expressão “*politics stops at the water’s edge*” para classificar o trabalho conjunto que os dois partidos tinham de fazer para barrar o comunismo no início da Guerra Fria. Contudo, com a doença do senador Vanderberg, já nas eleições parlamentares de 1950, os republicanos estavam dando sinais de abandono destas práticas bi-partidárias. Truman escreve a Vanderberg: “*you just don’t realize what vacuum there has been in the Senate and in the operation our foreign policy*”. Citado por Zelizer, Julian (2010, p. 05). Um artigo que demonstra esta ideia de trabalho bi-partidário durante a Guerra Fria é o de Peter Trubowitz e Charles A. Kupchan: “Grand Strategy for Divided America”, In: **Foreign Affairs**, Julho/Agosto, 2007.

<sup>57</sup> Também o jornal *The New York Times*, em uma matéria publicada em 01/11/1952, fala que ambos os candidatos mandaram declarações para um jornal brasileiro e que, em linhas gerais, essas declarações falavam em manter a “boa vizinhança”. RIVALS PLEDGE U. S. AS GOOD NEIGHBOR. (1952, Nov 01). *New York Times* (1923 - Current File) Retrieved from <https://search-proquest-com.ezproxy.princeton.edu/docview/112299797?accountid=13314>.

<sup>58</sup> Tecnicamente para alguns, a guerra persiste, haja vista que em 27 de julho de 1953 foi assinado um armistício, mas um tratado de paz nunca foi efetivamente assinado. Conversas em abril de 2018 entre o líder da Coreia do Norte e da Coreia do Sul abriram caminho, contudo, para que essa paz fosse definitivamente assinada.

<sup>59</sup> “*Across the continent of Asia more than a billion of the world’s peoples are churning in one of history’s greatest upheavals. All the struggles of man over the centuries – economic, political, spiritual – have come together in Asia and now seem to be reaching climax*”.

campanha. Stevenson, por exemplo, mencionou de forma passageira o tema em um dos seus discursos.

Em 10 de outubro de 1952, em um comício na *Beauregard Square*, em New Orleans, Louisiana, Stevenson fez um discurso que tocava em um ponto importante para o Estado e para a cidade: a recente decisão da Suprema Corte de que o petróleo retirado das *tidelands* de *New Orleans* (faixa de terra submersa ainda dentro do mar territorial) seria federal e não do estado. Como alternativa à inevitável perda de receitas, Stevenson apresentava o comércio externo e, condenando as altas tarifas defendidas pelos republicanos, argumentava que os democratas historicamente defenderam tarifas menores, o que facilitaria as exportações pelo porto de New Orleans, o que melhoraria a vida de todos ali. Neste contexto, Stevenson reconhece que New Orleans havia construído uma relação pessoal e de negócios com a América Latina e que tal relação encontrava-se em perigo se continuasse sendo difícil para os latino-americanos também conseguirem ganhar com esse comércio e que o fortalecimento da política da boa vizinhança<sup>60</sup> seria um dos principais objetivos da sua administração<sup>61</sup>.

Essa proposta de política externa de Stevenson em relação à América Latina carrega os defeitos que ele apontava no programa de política externa de Eisenhower – o de ser uma mera elaboração de intenções, de objetivos e nada mais (STEVENSON, 1953, p. 92). Assim, aqui

---

<sup>60</sup> Não fica claro aqui ainda o que Stevenson quer dizer com “política de boa vizinhança”, se é um retorno das políticas estruturadas por Roosevelt ou simplesmente um aprofundamento das relações cordiais com o hemisfério ocidental. Nas memórias de Dean Acheson, Secretário de Estado do Governo Truman, percebe-se uma tendência dele em entender a política de boa vizinhança quase como uma atitude paternalista de alguma atenção para os vizinhos do sul. Ele percebe um sentimento *anti-yankee* liderado pelo presidente Perón, da Argentina, e, para mitigar isso, os americanos organizam o 4º encontro de consulta dos ministros das relações exteriores. O relato que Acheson recebe do embaixador americano no Brasil, parece-me, reforça nele a sensação de que tudo que bastava para deixar os vizinhos ao sul felizes era dar-lhes um pouco de atenção. Acheson escreve em suas memórias: “*Nevertheless, the Fourth Meeting of Consultation went into inter-American annals as a moderate success. The extent to which personal elements entered into this judgement is shown by Neves’s da Fontoura’s comments to our Ambassador on his return to Brazil. He had gone as a friend and returned more impressed than ever by the worldwide political and military importance of the United States, more determined than ever to strengthen American-Brazilian relations. He had been deeply gratified by his reception and talk with the President and by the letter that had been entrusted to him for delivery to president Vargas. He spoke warmly of the Secretary of State’s affording him opportunities for personal talks and his understanding attitude toward him and toward Brazil*” (ACHESON, 1969, p. 498). Bem, se estiverem corretas as anotações do embaixador americano, de fato, um pouquinho de atenção era tudo que bastava para deixar os vizinhos do sul mais calmos. Hopkins, biógrafo de Acheson, observa que Acheson reconhecia a importância dos laços econômicos entre os Estados Unidos e a América Latina, uma vez que a região atraía cerca de ¼ das exportações americanas e mais de 1/3 dos investimentos diretos americanos no exterior, mas aponta para o fato de que Acheson compartilhava da crença generalizada de que a política da boa vizinhança de Roosevelt havia estabilizado a região (HOPKINS, 2017, p. 199).

<sup>61</sup> “*New Orleans has done a magnificent job building cordial personal and business relations with Latin America. How long do you think these relations will last if our Latin-American friends have trouble earning a living by trading with the United States? What will it do to our Good Neighbor Policy – and I say to you that the further strengthening of our Good Neighbor Policy will be a major objective of my administration*” (STEVENSON, 1952, p. 239).

também o que se vê é a elaboração de um objetivo, o fortalecimento da política da boa vizinhança, mas sem muitos esclarecimentos sobre como isso poderia ou deveria ser feito<sup>62</sup>. Provavelmente ele não sabia mesmo como fazê-lo. A política da boa vizinhança era o mais perto de uma política consistente para a América Latina que os Estados Unidos tinham chegado desde a vaga proposta de James Monroe no discurso ao congresso de 1823. Emular, portanto, a política de Roosevelt, que, além de uma referência pessoal para Stevenson, era também um presidente democrata, não parecia ser o pior dos mundos àquela altura. Mas demonstra como, de fato, a América Latina estava longe de ser um assunto que ocupasse de forma sistemática a cabeça de políticos americanos de qualquer um dos partidos do capitólio e da Casa Branca. Europa, Ásia e, em menor escala, a África, por conta da descolonização, eram assuntos que demandavam planejamento futuro. A América Latina podia se contentar com as promessas passadas. Este padrão esteve presente na corrida presidencial de 1952, nos quatro anos de mandato de Eisenhower, e na posterior corrida de 1956.

Em uma carta a seu amigo, o historiador Arthur Schlesinger Jr.<sup>63</sup>, em 1954, já depois da sua primeira derrota para Eisenhower, Stevenson escreve: “Estou muito interessado em sua viagem à Costa Rica. Espero que aconteça e que eu possa ouvir tudo sobre isso prontamente. A América Latina é algo sobre o qual eu sei pouco e um campo de importância que devemos

---

<sup>62</sup> Apesar de já ter salientado aqui que, em linhas gerais, Stevenson concordava com a política externa de Truman, havia pontos de discordância; e um certo abandono da política de boa vizinhança parece ser um deles. Apesar de ser o vice de Roosevelt, quando Truman assume, ele dá uma nova direção à política externa americana. Ele tinha muito menos experiência internacional do que Roosevelt e, de certa forma, não estava preparado para ter de atuar em um cenário internacional tão complicado como o do fim da II Guerra Mundial (CRAIG & LOGEVALL, 2009).

<sup>63</sup> Schlesinger foi o redator chefe das campanhas de Stevenson em 1952 e 1956. A amizade de ambos começa na convenção de 1952, quando Schlesinger, que apoiava a candidatura de Harriman à presidência, serve de ponte entre Harriman e Stevenson para que Harriman concorde em abrir mão de sua candidatura em favor de Stevenson, haja vista a notória vontade da grande maioria dos democratas em prol de uma candidatura Stevenson. É neste contexto que Schlesinger conhece o futuro candidato. Algumas semanas depois do fim da convenção, Schlesinger recebe uma ligação do *staff* do governador Stevenson, pedindo para que ele fosse até Springfield e se juntasse à equipe como redator chefe da campanha. Schlesinger aceita a tarefa e a amizade de ambos durará até a morte de Stevenson, em 1965 (“*Reminiscences of Arthur Meier Schlesinger, Jr.*”: oral history, 1967. Adlai E. Stevenson project. Columbia University Rare Manuscripts, Butler Library. Número de Chamada NXCP87-A1286). Schlesinger sempre teve um interesse intelectual e pessoal grande pela América Latina, tendo publicado artigos sobre o tema ainda no início de sua carreira, como o “*Good fences makes Good Neighbours*”, publicado na revista *Fortune*, em agosto de 1946. Na administração Kennedy Schlesinger, foi, entre outras coisas, Assistente Especial do Presidente, voltado sobretudo para a América Latina. Seu interesse no tema perdurou até a sua morte, como pôde-se ver por meio de seus papéis. Schlesinger tinha um folder especial sobre a América Latina, em que guardava antigos artigos seus, como o da *Fortune*, obituários de velhos conhecidos, como o de Jose Figueres, publicado em 13 de junho de 1991 na *The Times of The Americas*, e o de Victor Paz Estenssoro, publicado na *The Economist* de 23 de junho de 2001. Acompanhava também os artigos acadêmicos publicados sobre diversos temas relacionados à América Latina, em revistas como **World Policy Journal**, **Diplomatic History** e **Cold War History**. E guardava também artigos sobre o turismo na Costa Rica, como o publicado em 16/10/2003, na *Sophisticated Traveler* (The New York Public Library, Manuscripts and Archives Division, Arthur M. Schlesinger Jr. Papers, MssCol 17775, Caixa 405).

(não) negligenciar<sup>64</sup>” (JOHNSON, 1974c, p. 385). Apesar dessa demonstração de interesse, o fato é que mesmo um ano depois de ter escrito esta carta, pode-se perceber que Stevenson ainda não estava seguro da importância da América Latina para os Estados Unidos, ou mesmo da relevância do tema para a sua próxima campanha, que se avizinhava<sup>65</sup>.

Em 13 de dezembro de 1955, em uma carta para o professor da *Rutgers University*, Robert J. Alexander, Stevenson diz que compreende a importância de entender a América Latina, mas ainda tem algumas dúvidas sobre quão interessado o povo americano estaria em um tema assim e, conseqüentemente, sobre o valor político das relações entre os Estados Unidos e a América Latina<sup>66</sup>.

Alexander era um professor de economia e havia mandado antes duas cartas para o líder do partido republicano e provável novo candidato à presidência das eleições de 1956. Nas duas cartas anteriores, Alexander tenta chamar a atenção de Stevenson para a importância da América Latina, negligenciada por tantos anos e de tantas formas pelos governos americanos<sup>67</sup>. Na primeira carta que enviou, em 24 de janeiro de 1955, o professor da *Rutgers* ressalta como Nova York tornou-se um lugar de encontro para os exilados de várias ditaduras latino-americanas e que muitos desses exilados entraram em contato com ele para que pudesse intermediar um encontro com Stevenson, uma vez que ele era o líder da oposição e o provável futuro presidente dos Estados Unidos<sup>68</sup>.

É possível que a carta de Alexander e os vários outros relatórios que enviou para Stevenson sobre a situação da América Latina no contexto da política internacional tenham, de

---

<sup>64</sup> “*I am much interested in your Journey to Costa Rica. I hope it comes off and that I can hear all about it promptly. Latin America is something I know little about, and a field of importance which we must (not) neglect.*”

<sup>65</sup> O desconhecimento sobre América Latina parecia ser bastante generalizado entre políticos e funcionários do governo. Dean Acheson, que trabalhou no Departamento de Estado desde 1941 e, em 1950, era o Secretário de Estado, disse ao seu *staff* que tinha um conhecimento “vago” da América Latina e precisava saber se “eles eram mais ricos ou mais pobres, se estavam se tornando comunistas, fascistas ou o quê” (*Note on morning meeting*, 4 de janeiro de 1950, FRUS50/2, p. 589n. Citado em SMITH, Gaddis. **The Last Years of The Monroe Doctrine. 1945-1993**, New York: Hill and Wang, 1994. p. 7.

<sup>66</sup> “*I do not discount the importance of a more intelligent understanding of Latin America problems, and certainly the behavior in Argentine in the latter days of Peron was absurd. But I have some misgivings on how interested our people are or the political value of Latin American relations*” Carta de Adlai Stevenson para Robert J. Alexander, 13/12/1955, Adlai E. Stevenson Papers (MC#124) caixa 2, folder 11. Seeley G. Mudd Library, Princeton University, Princeton. De agora em diante AES Papers, caixa e folder. Interessante notar que essa dúvida de Stevenson acontece pouco menos de um ano da intervenção americana na Guatemala.

<sup>67</sup> Robert Alexander havia pertencido ao partido comunista nos anos 30 e era alguém extremamente ligado às questões da América Latina. Ele foi membro da *Task Force*, nomeada por Kennedy para definir ações para a América Latina em 1961 e um dos responsáveis pela implantação da Aliança para o Progresso.

<sup>68</sup> “*Perhaps you know, that New York city is a rallying point for exiles of the various Latin American dictatorships. I'm in contact with a number of these exiles, and they approached me with the idea of obtaining as interview with you one of the next times you are in New York city. Looking upon you as the Leader of the Opposition and as the probable future president, they are very anxious to explain to you some of the things of the part of the world from which they come.*” AES Papers (MC#124) caixa 2, folder 11.

alguma forma, ajudado a dirimir as “dúvidas” (*misgivings*) que o candidato tinha em relação ao interesse do eleitor americano sobre o assunto ou mesmo sobre a importância da América Latina para os Estados Unidos. Contudo, suas propostas para a América Latina em 1956 ainda eram uma tentativa de resgate da política da boa vizinhança de Roosevelt dos anos 40. O partido democrata não havia, até aquele momento, pensado na América Latina no contexto da Guerra Fria de maneira programática e pragmática. Em um papel de Stevenson sem data, mas que tinha dois rascunhos da plataforma democrata sobre a América Latina, um para 1956 e outro para 1960, o leitor consegue perceber as diferenças entre as duas plataformas. Em 1956, a declaração já começa com a expressão sublinhada “apoiar nossos bons vizinhos do sul” e avança dizendo que o partido democrata vai restaurar a política da boa vizinhança, negligenciada pela administração republicana. Além de vizinhos do sul, o termo “hemisfério ocidental”<sup>69</sup> também é utilizado. O texto diz:

Statement on Latin America from 1956 Democratic Platform: Support of Our Good Neighbor to the South. In the Western Hemisphere the Democratic Party will restore the policy of the “good neighbor, which has been alternately neglected and abused by the Republican Administration. We pledge ourselves to fortify the defenses of the Americas. In this respect, we will intensify our cooperation with the neighboring republics to help them strengthen their economies, improve educational opportunities, and combat disease. We will strive to make the Western Hemisphere an inspiring example of what free peoples working together can accomplish<sup>70</sup>.

A ideia de uma nova política da boa vizinhança, que cuidasse da segurança, mas que também auxiliasse os países do hemisfério na educação e no saneamento básico das cidades começa a ser desenhada nessa plataforma de 1956. Interessante comparar essas com as linhas do partido democrata para o hemisfério para a campanha de 1960. Como já mencionei, no mesmo rascunho em que se lê a plataforma de 1956, pode-se ver “*suggested statement for 1960 platform*”. Pode-se perceber, nessa única folha de papel, algumas diferenças do pensamento de Stevenson para o partido sobre o continente e sobre a forma de envolvimento dos Estados Unidos com o continente. Nas sugestões de 1960, o texto já menciona graves problemas das repúblicas subdesenvolvidas. Estabelece como urgência o aumento do consumo *per capita*, da necessidade de um trabalho conjunto com os líderes “responsáveis” da América Latina e da

---

<sup>69</sup> Michael Dunne explica que a ideia de Hemisfério Ocidental era usada pelos Americanos desde a Doutrina Monroe para se referir à América do Norte e toda a América Latina. Nos anos 50 e 60 os termos América Latina e América do Sul para os americanos são sinônimos tudo que está ao sul do Rio Grande passa é chamado de América Do Sul. (DUNNE, 2013).

<sup>70</sup> AES Papers (MC#124) Caixa 446 Folder 2.

necessidade de resistência contra a infiltração de todos os métodos ditatoriais, *sejam da direita, sejam da esquerda*.

Latin America. The graves problem of the Latin American republics in the underdevelopment, compounded by a population explosion. It is urgent that steps be taken to increase per capita consumption, and eliminate the widespread feelings of underprivilege. To do this, we need the advice of responsible Latin leaders, who have given serious thought to their fundamentals problems, The Democratic party pledges itself to request the assistance of an Advisory Committee of such responsible leaders, charged with the task of working with us on the basic problems of production, distribution and consumption, in a program based on the furthering of democratic principles, and resisting the infiltration of all dictatorial methods, whether from the Right or the Left<sup>71</sup>.

Convém observar que não há aqui um objetivo primário de barrar o comunismo. Fala-se de economia e colaboração política, por meio do conselho de líderes latino-americanos que pensaram sobre os problemas de seus países. Aparentemente há uma visão menos paternalista em favor de uma aproximação mais baseada na cooperação. Fala-se ainda de princípios democráticos que devem resistir às infiltrações de arroubos ditatoriais, quer sejam de esquerda, quer sejam de direita. Se este documento já começa a mostrar como Stevenson pensa a relação com a América Latina, a declaração oficial que ele faz à imprensa no dia 9 de fevereiro de 1960, dia de sua saída para a turnê latino-americana, ajuda a entender com que intenções ele parte para a região.

Nesta declaração, Stevenson começa dizendo que sua viagem é a viagem de um “aprendiz” (*learner*), já que ele nunca pôde viajar extensivamente pelos vizinhos lusófonos e hispânicos. Mas ele deixa claro, já no primeiro parágrafo, que também se trata de uma viagem de negócios particulares e de visita a amigos latino-americanos. Stevenson diz perceber que a América Latina está no amanhecer de uma era mais democrática, mas que os padrões de vida precisam ser aumentados e que o analfabetismo tem de ser combatido. Comenta que é claro que a América Latina tem mostrado muitos avanços, mas que também se sabe que alguns países sofrem com ditaduras e corrupção. Termina dizendo que os laços econômicos e culturais entre os americanos do Norte e do Sul são fortes e de longa data.

Resumindo a declaração oficial de Stevenson, percebe-se, portanto, um aprendiz com interesses particulares, que enxerga um continente avançando, mas com problemas de corrupção, acesso à democracia, padrões de qualidade de vida e educação. Uma agenda bem

---

<sup>71</sup> AES Papers (MC#124) Caixa 446 Folder 2.

diferente daquela do candidato de 1956, que só queria aprofundar a política da boa vizinhança. Mas como “*old habits die hard*”, em uma declaração de 4 parágrafos, por 4 vezes, Stevenson usou o termo vizinhos e no final usou o conhecido “bons vizinhos”<sup>72</sup> (JOHNSON *et al.*, 1977, p. 402).

Neste capítulo e no subsequente, antes de ver mais de perto essa viagem, de vasculhar os pensamentos de Stevenson por meio de seu diário, cartas, documentos oficiais dos chefes de Estado que o receberam, acho importante entender como Stevenson chegou a essas prioridades, de que forma seu pensamento foi se moldando a ponto de entender que temas educacionais, ajuda econômica, cooperação com líderes locais eram mais importantes do que outras formas de ação. Entendo que, assim, pode-se entender também como o próprio Partido Democrata americano foi se transformando e percebendo essas prioridades. É certo que o substrato que permeia todas as ações é o da Guerra Fria, da eliminação do perigo soviético. Contudo, espero conseguir mostrar ao leitor que mesmo este tema central no contexto das ações americanas nos primeiros anos da Guerra Fria se torna secundário para Stevenson. A eliminação do perigo soviético será quase como um bônus de políticas que sejam moralmente defensáveis. Na América Latina, para Stevenson, a hipocrisia americana podia ser mais deletéria para as causas estadunidenses do que o avanço soviético.

Ao entender como tais convicções foram se formando em Stevenson, creio que há o duplo benefício de entendê-lo melhor e entender parte considerável do pensamento político americano que tomará o poder em 1960 e implementará a Aliança para o Progresso. Falo de nomes como Arthur Schlesinger, George Ball, Lyndon Johnson, Archibald MacLeish e do próprio John Kennedy. Sobre Stevenson, o poeta MacLeish escreveu que sua maior realização não foi o triunfo político; não foi, aliás, qualquer tipo de triunfo. Sua maior realização foi o enriquecimento de seu tempo pela natureza das suas relações com seu tempo (MACLEISH,

---

<sup>72</sup> A declaração original de Stevenson foi a seguinte: “*My journey to Latin America is one of a learner, for I have never had the opportunity to travel widely among our Portuguese and Spanish speaking neighbors. I also have some business to transact in several countries for American clients, and some old Latin American friends to visit. I think all North Americans want to know a great deal more about our neighbors. Latin America is crucial to the United States and the free world. Rapid changes are taking place there and we are at dawn of a more democratic era. But standards of living must be raised, illiteracy combated. Latin America has many achievements – and some problems, as we all have. Among them are the population rise, inflation, the shortage of capital and confidence, economic and political instability, and fluctuating export prices. As we all known, some countries have suffered from dictatorship and corruption. I want to understand these problems better. The political, economic and cultural ties between North and South America are long and strong. We want to be, and must be, good neighbors. By history and deep commitment we Americans, North and South, are on the side of the democratic forces we all hold dear: freedom, honest elections and integrity in political life. I hope to return from this trip a much better citizen on the hemisphere*” (JOHNSON *et al.*, 1977, p. 402).

1968, p. 295). Assim, examinarei as relações humanas que forjaram o pensamento de Stevenson com seu tempo nos anos entre a II Guerra Mundial e sua viagem de 1960 à América Latina. Em seguida, buscarei entender como as relações com a política americana levaram Stevenson a pensar em objetivos morais que deveriam ser perseguidos na política interna e na política externa. Por fim, tentarei mostrar ao leitor como a sua viagem à União Soviética em 1958, pouco antes de ir para a América Latina, é peça importante para se entender não só as ideias, mas também os interesses, particulares e de negócios, que permeavam este pensamento de Stevenson.

## 2.2 Os gregos

No primeiro capítulo, afirmo que retomaria a trajetória de Stevenson durante a II Guerra Mundial, o que passo a fazer neste momento. Optei por tratar desta parte aqui, porque entendo que as relações aqui estabelecidas são essenciais para o que se segue dentro do capítulo e estão dentro de uma lógica que ajuda a entender não só Stevenson, mas um pouco dos valores que norteavam alguns democratas da sua geração.

Durante a II Guerra Mundial, Stevenson trabalhou diretamente com o secretário da Marinha, Frank Knox. Oficialmente seu cargo era o de consultor jurídico, “*Principal Attorney*”, com um salário de cinco mil dólares por ano. Na prática, Stevenson escrevia os discursos de Knox, participava de reuniões como seu representante em comitês interagências e cuidava de questões administrativas para o secretário (MARTIN, 1976). O trabalho nos comitês interagências fez com que Stevenson se aproximasse de algumas pessoas que acabariam por se tornar íntimas, como o diretor da *Lend-Lease*, Edward R. Settinus Jr., que mais tarde se tornaria Secretário de Estado, e o poeta Archibald MacLeish, chefe do OFF – *Office of Facts and Figures*, além de ser o bibliotecário do Congresso<sup>73</sup>.

O *Office of Facts and Figures* é parte de uma estrutura intrincada e que demonstra formas diferentes de se entender a propaganda de Guerra. A disputa em torno do OFF também ajuda a entender os valores que eram defendidos por gente como MacLeish e Stevenson. O esforço de propaganda de guerra nos Estados Unidos começa informalmente, já em 1938, por aquela parte dos liberais do Partido Democrata ligada ao internacionalismo wilsoniano<sup>74</sup>, que

---

73 O *Librarian of The Congress* é o chefe da biblioteca do Congresso; é apontado pelo presidente com ratificação do senado para um mandato de 10 anos.

74 Para saber mais sobre o Wilsonismo, principalmente seus atuais reflexos na política externa americana, ver: IKENBERRY, John; KNOCK, Thomas; SLAUGHTER, Anne-Marie e SMITH, Tony. *The Crisis of American Foreign Policy: Wilsonianism in the Twenty-first Century*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

entendem que a participação dos Estados Unidos era imprescindível para poupar o mundo de um mal maior – os regimes totalitários (naquele momento, tanto o fascismo como o Stalinismo). No primeiro momento, o esforço é o de contrabalancear o movimento isolacionista liderado pelo herói-aviador Lindberg, movimento este que se chamava *American First* (haverá ainda outras tantas coincidências do cenário político americano de então com o das eleições de 2016). Para tanto, aqueles favoráveis à intervenção americana no conflito europeu tentavam agora, de forma mais incisiva, repelir os *neutrality-acts*. O *neutrality-act* de 1937 proibia a intervenção americana na Guerra Civil Espanhola e o de 1939 mantinha os mesmos termos do ato de 1937 para o conflito europeu que se iniciava. O ponto que mais aborrecia o presidente Roosevelt nos dois *neutrality-acts* era o *cash-and-carry*, o qual determinava que os Estados Unidos poderiam comercializar com as nações beligerantes, mas **não poderiam vender armas** a elas e as compras deveriam ser **pagas no ato e transportadas em navios não americanos**. Isso atrapalhava demais as tentativas de ajudar os ingleses no início da II Guerra Mundial e era uma vitória dos isolacionistas.

O dramaturgo laureado com o Pulitzer, Robert Sherwood, com a ajuda de um editor de Kansas, também laureado, Ailliam Aleen White, organizaram um grupo chamado “*Non Partisan Committee for Peace Through Revision of the Neutrality Act*”, cuja ideia era exatamente fazer o lobby para que o congresso repelisse o *Neutrality-act* de 1939. Faziam parte deste grupo, entre outros, Adlai Stevenson, Reinhold Neibuhr e William Fulbright. Em novembro de 1939, o *neutrality-act* foi revisado, e o comércio de armas foi liberado por uma margem apertada (212-194), o que permitiu um fôlego aos ingleses. Em dezembro de 1940, Roosevelt conseguiu aprovar o *Lend-lease act*, que prescindia do pagamento em dólares no presente (na verdade, mesmo no futuro), e, em outubro de 1941, a seção do *neutrality-act* que proibia o uso de navios americanos foi derrubada também. Assim, o primeiro esforço de propaganda de pessoas como MacLeish e Sherwood foi possibilitar os avanços no congresso para que esses passos pudessem ser dados.

Com o ataque a Pearl Harbor e a entrada efetiva dos americanos no conflito, o esforço de propaganda passava a ser outro. Contudo, ainda antes do ataque de 7 de dezembro de 1941, em junho do mesmo ano, o coronel “Wild Bill” Donovan já havia chamado MacLeish para participar do recém-criado *Coordinator of Information* – COI. MacLeish aceitou e logo juntou uma equipe de professores universitários e intelectuais em uma subdivisão do COI chamada escritório de serviços estratégicos (*Office of Strategic Services* – OSS). Em outubro, Roosevelt criou o Escritório de Fatos e Números (*Office of Facts and Figures* – OFF) e pediu a Macleish que chefiasse o novo escritório.

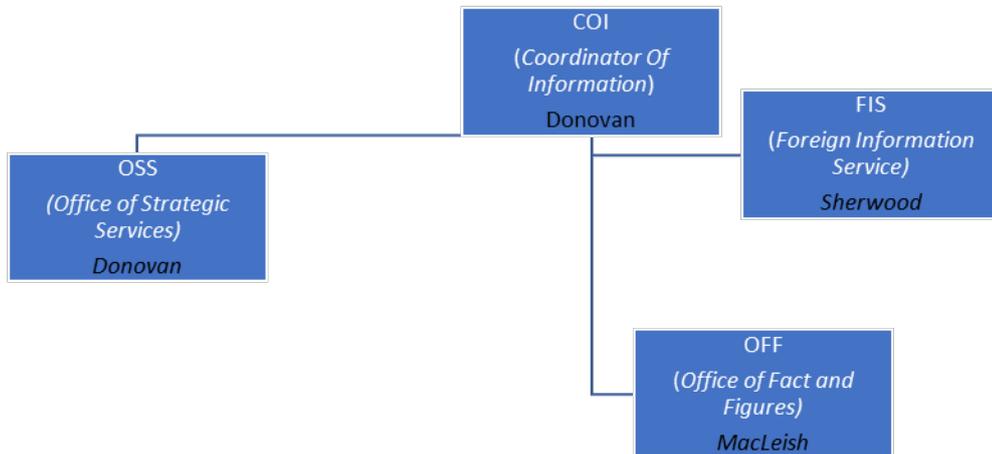
Ainda subordinado ao COI estava um outro escritório, formado no verão de 1941, portanto também antes do ataque a Pearl Harbor: o Serviço de Informação Estrangeira (*Foreign Information Service – FIS*). Desta vez, “Wild Bill” pediu que Sherwood, o mesmo escritor laureado que havia liderado o comitê contra os *neutrality-acts*, chefiasse o serviço. Sob a tutela de Sherwood estava também todo o programa de rádio de informação americana, o *Voice of America*. Contudo, o que os dois escritores civis (Sherman e MacLeish) logo veriam era que os militares, personificados pelo coronel Donovan, entendiam a ideia de propaganda de forma diferente. Para Sherwood e sobretudo para MacLeish, a ideia era propagandear aquilo que eles entendiam como as **verdadeiras** vantagens da democracia americana e de sua máquina de guerra. Os militares queriam usar a propaganda, sobretudo os programas de rádio, para plantar notícias falsas e a desinformação (chamaríamos hoje de *Fake News*). MacLeish, que chefiava um órgão que se chamava “Fatos e Números”, não aceitava que fatos e números fossem distorcidos propositadamente para desinformação.

A divergência logo chegou ao presidente Roosevelt, que tinha plena confiança tanto em MacLeish quanto em Donovan, e optou assim por uma solução salomônica: em junho de 1942, as operações de propaganda foram divididas em duas: o Escritório de Informação de Guerra (*Office of War Information – OWI*), chefiado por MacLeish, e o Escritório de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services – OSS*), chefiado por Donovan. O FIS de Sherwood e o OFF, que era liderado por MacLeish, ficariam sob a tutela do OWI. A CIA surge do OSS.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Sobre os *neutrality-acts*, ver: *Office of the Historian*, em <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/neutrality-acts>. Sobre as participações de MacLeish e Sherwood, o surgimento do OFF, OWI, OSS e os atritos com Donovan, ver: BUITENHUIS, P. “Prelude to War: The interventionist Propaganda of Archibald MacLeish, Robert E. Sherwood, and John Steinbeck”. *Canadian Review of American Studies*. 26,1,1 Jan. 1996. ISSN:00077720. Sobre OSS e CIA, ver HERSH, Burton. **The Old Boys: The American Elite and the Origins of the CIA**. New York: Scribner’s, 1992.

### Estrutura de Serviços de Informação E.U.A (até 1942)



### Estrutura de Serviços de Informação E.U.A (pós-1942)



Assim, MacLeish é o responsável por arquitetar uma nova estrutura diplomática e de informação nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Para ele, os tempos estavam mudando e as novas formas de comunicação fizeram com que a interação entre a política interna e a política externa fossem muito maiores: “*Electric communications have made foreign relations domestic affairs*” (HART, 2010, p. 196). Hart salienta ainda que para MacLeish as pessoas agora não só expressavam opiniões sobre política, elas também faziam política, haja

vista as novas formas de comunicação. Isso muito antes que MacLeish tivesse vivido para ver a internet e lançamentos de políticas de governo via *Twitter*. MacLeish e Stevenson terão um intenso contato neste momento, e é possível que esta forma de enxergar as relações internacionais de MacLeish tenha influenciado em alguma medida a forma como Stevenson começava a enxergar a política externa. Mas Stevenson teria também na guerra a oportunidade de fazer política externa *in locu*.

Com a invasão das tropas aliadas à Itália, em 10 de julho de 1943, começa a efetiva ocupação da Itália. Em novembro, o presidente Roosevelt autorizou a *Foreign Economic Administration* (FEA), chefiada por Leo T. Crowley, a mandar uma missão para a Sicília e outras partes da Itália sob domínio aliado, para avaliar de que forma a FEA poderia ajudar na reconstrução italiana (JOHNSON *et al.*, 1973, p. 163). Crowley então escreve uma carta a Knox, pedindo que o Secretário da Marinha “empreste” Stevenson por seis meses para chefiar esta missão<sup>76</sup>.

É nesta viagem que Stevenson vai, pela primeira vez de fato, à América do Sul, embora ele não pareça contar essa visita como uma real visita aos países ao sul do Rio Grande. Em seu caminho para a Itália, Stevenson fez escalas em Georgetown, Guiana Inglesa e depois em Belém e Natal. Sobre Belém, escreveu a 08 de dezembro, sobre a dificuldade de se achar qualquer outra coisa para beber no acampamento militar que não fosse a água barrenta. Conta ainda que não entrou na cidade porque esta era “*very malarial*” (JOHNSON *et al.*, 1973, p. 166). Em Natal, a 09 de dezembro, ele pôde observar mais de perto uma cidade brasileira. Não parece ter se impressionado muito com a capital potiguar. O adjetivo que usou para se referir a ela foi “medonha” e anotou que todos os lugares da América Latina pareciam iguais. Anotou ainda que os brasileiros são muito pequenos<sup>77</sup>. Bem diferente do Stevenson de 1960, como se percebe<sup>78</sup>.

Com a morte de Knox a 28 de abril de 1944, Stevenson se desligou do ministério e retornou para Illinois, tentando brevemente restabelecer uma vida civil normal. Ele tentava

---

<sup>76</sup> “*The man we should very much like to head this mission is Mr. Adlai Stevenson, if you felt you could spare his services for us for a period of about six weeks... We would place a good deal of confidence in any report made by Mr. Stevenson and I also have full confidence that he would handle himself with tact and discretion while overseas*” (Johnson *et al.*, 1973, p. 163).

<sup>77</sup> “... *Spent several hours examining the hideous little town, nothing much of any interest – all Latin American places look alike. Tholand says this is a fair sample of the Brazilians towns except for Rio & Sao Paulo. Brazilians very small.*” Interessante perceber que Stevenson, a partir de uma breve visita, já emite um juízo de valor sobre “*all Latin American places*” (Johnson *et al.*, 1973, p.163).

<sup>78</sup> De acordo com Johnson, o relatório que Stevenson produziu ao fim desta viagem à Itália aumentou seu *status* dentro da administração de Roosevelt (JOHNSON *et al.*, 1973, p. 164). De acordo com Stuart Gerry, o relatório “*became a model that was studied in connection with reconstruction and foreign aid for many nations*” (JOHNSON *et al.*, 1973, p. 164).

ainda criar um grupo para comprar as ações da viúva de Knox no *Chicago Daily News* e assim satisfazer seu sonho de viver de jornalismo; entretanto, houve uma oferta maior pelas ações do que aquela que Stevenson conseguiu dar com seu grupo de investidores, então Stevenson ficou aberto a retornar para o governo<sup>79</sup>. Entre novembro e dezembro, ele viajou para Inglaterra e França como membro do “*Strategic Bombing survey*”, que deveria preparar relatórios sobre a efetividade dos bombardeios, os danos físicos e psicológicos causados ao inimigo e sobre em que medida os bombardeios haviam sido efetivos no auxílio das forças aliadas. George Ball, seu amigo de longa data, e que virá a ser um importante membro de *Camelot* – o gabinete de Kennedy – fazia parte do mesmo grupo e viajou com ele para França e Inglaterra.

Em janeiro de 1945, MacLeish convida Stevenson para uma outra posição dentro do Departamento de Estado: ser seu auxiliar. O convite foi feito em uma carta a 16 de janeiro de 1945. Nesta carta MacLeish diz que, desde que trabalhou com Stevenson, no Comitê de Guerra de Informação, soube que ele era um dos homens mais valiosos daquele governo: “*I need the assistance and the counsel and the collaboration and the advice of a man who believes what you believe, who sees the problems as you see them, and who has had your experience, both of this country and of this Government*” (WINNICK, 1983, p. 326-327). A resposta veio a 25 de janeiro de 1945: “*Dear Archie, this is the hardest letter I’ve ever written, the answer is no!*”. Na sequência da resposta bastante direta, Stevenson explica que está lutando para colocar sua vida pessoal em ordem depois de tanto tempo em Washington e que Archibald está sendo muito bom com ele e muito persuasivo, mas ele precisa resistir à tentação e dizer não<sup>80</sup>.

Tudo leva a crer que Stevenson não era muito bom em resistir às tentações do serviço público, haja vista que, em fevereiro de 1945, o subsecretário de Estado, Joseph C. Grew, anunciou Stevenson como assistente especial do Secretário de Estado Edward Stettinius Jr. Aliás, o serviço de Stevenson seria duplo, porque ele atuaria tanto como auxiliar de Stettinius quanto de MacLeish. No anúncio, Grew disse: “*He will work with Archibald MacLeish, Assistant Secretary of State, in matters relating to postwar international organization*” (DAVIS, 1957, p. 255). Stevenson trabalhou com MacLeish em Washington nesta nova função por pouco tempo, até maio de 1945, quando se juntou à delegação americana em São Francisco para assessorar o próprio secretário como elo entre a delegação e a imprensa. Logo depois, MacLeish pediria demissão de seu cargo no Departamento de Estado e os dois não trabalhariam mais juntos ali.

---

<sup>79</sup> *Reminiscences of Ruth Field*: 1967. Adlai E. Stevenson Project. Número de Chamada: NXCP87-A243. Columbia University Rare Books and Manuscript Library.

<sup>80</sup> AES Papers MC#124 Caixa 54 Folder 5.

Contudo, Stevenson e MacLeish desenvolveram uma amizade a partir daquele momento que durou até a morte de Stevenson em 1965. Em 1952, Stevenson pediu para que MacLeish o ajudasse a escrever o seu primeiro discurso de campanha. Quando Stevenson morreu, MacLeish fez o discurso na cerimônia em memória de Stevenson nas Nações Unidas a 19 de julho de 1965. Foi nesta ocasião que MacLeish disse como já citado anteriormente, que a grande conquista de Stevenson foi o enriquecimento de seu tempo pela natureza da relação que ele teve com o seu tempo<sup>81</sup>.

Depois da saída de MacLeish do Departamento de Estado, o homem que tomou seu lugar, o novo *Assistant Secretary of States for Public and Cultural Affairs*, precisava continuar as políticas já iniciadas. Para isso era premente que o congresso liberasse as verbas necessárias, mas o congresso era muitas vezes suspeito dessa nova diplomacia iniciada com MacLeish. O novo Secretário Assistente vai então ao congresso para pedir o apoio a uma legislação cujo objetivo era solidificar o papel do Departamento de Estado nesse novo tipo de diplomacia. Ele disse: “*There was a time when foreign affairs were ruler-to-ruler relations (...) monarchies gave way to representative governments the relations often continued to be secret and private through ambassadors*” continuou dizendo que nos últimos vinte anos, contudo, “*The relations between nations had constantly been broadened to include not merely governments but also peoples(...) The peoples of the world are exercising an ever larger influence upon decisions of foreign policy*” (HART, 2010, p. 195). Na já citada frase de MacLeish, agora as pessoas faziam política, por isso é que o novo assistente dizia, perante o congresso, que a nova diplomacia era uma diplomacia de pessoas exercendo influência.

O novo Secretário Assistente que substituiu MacLeish era William Benton, que anos mais tarde se tornaria senador, depois diretor da *Britannica*, posteriormente iria com Stevenson para a União Soviética e, por fim, meses depois, para a América Latina. Benton havia substituído Rockefeller como coordenador do *Inter-american Affairs*. Rockefeller era um republicano, Benton um democrata; mas Benton disse que o trabalho de Rockefeller no *Inter-american Affairs* havia sido perfeito. De acordo com ele ainda, Rockefeller tinha um profundo conhecimento da América Latina e talvez fosse, com Stevenson, o político americano mais admirado na América Latina nos anos 50 e 60<sup>82</sup>. Benton era formado em Yale como MacLeish, havia sido presidente da Universidade de Chicago e um dos primeiros publicitários de sucesso,

---

<sup>81</sup> MacLeish, Archibald, “Adlai Stevenson, Remarks at the memorial ceremony in the General Assembly Hall at the United Nations”, 19 de julho de 1965. In: **A Continuing Journey essays and addresses by Archibald MacLeish**.

<sup>82</sup> *Reminiscences of William Benton: oral history*, 1967. Adlai E. Stevenson project. *Columbia University Rare Manuscripts, Butler Library*. Número de Chamada: NXCP86-A269.

quando a publicidade ainda começava a engatinhar. Stevenson – MacLeish – Benton: uma amizade forjada no berço da diplomacia pública americana.

### 2.3 MacLeish: o poeta

Quando Stevenson foi trabalhar com MacLeish ele era ainda um desconhecido advogado de Chicago, vindo de uma família influente, sem dúvidas, e desempenhando um ótimo trabalho junto a Knox na Secretaria Naval, mas ele não tinha o reconhecimento e o *status* que MacLeish possuía. O *Librarian of the Congress* já era um poeta de prestígio, vencedor de um prêmio Pulitzer (conquistaria mais dois, um em 1946 e outro em 1959), amigo de Hemingway e Ezra Pound (a quem ajudou a livrar de uma prisão americana na Itália por apoiar o regime fascista italiano).

Formado em direito em Yale, membro da famosa *Skulls and bones*, jornalista, Secretário Assistente de Estado, *Librarian of the Congress*, atleta do time de futebol americano de Yale, editor da Yale Lit, ele dizia ser amaldiçoado com a praga de “conseguir fazer mais ou menos bem coisas que teoricamente não combinam”<sup>83</sup>. Anteriormente eu já havia mencionado que é possível encontrar traços do pensamento de Stevenson em Archibald, ou melhor, ecos do pensamento de Archibald em Stevenson. Gostaria agora de aprofundar essa influência. Não se trata de dizer que Stevenson tenha se apropriado conscientemente ou propositadamente de certos pontos de vista, era normal que Stevenson, mais novo, olhasse com certa admiração para Archibald, o poeta laureado. Essa admiração ficará mais patente à medida que Stevenson avança na carreira política e pede pequenas ajudas para Archibald, aqui e ali, para arredondar um discurso ou para discutir uma ideia<sup>84</sup>. Então penso ser interessante entender alguns pontos fundamentais do pensamento de MacLeish que reverberaram mais forte dentro de Stevenson e na sua forma de pensar a política, principalmente a política externa.

Um dos textos mais significativos de MacLeish no assunto foi “*The Conquest of the United States*”. O texto apareceu na revista *Atlantic Monthly*, de agosto de 1949, e a

---

<sup>83</sup> Sobre a vida de Archibald MacLeish ver de Scott Donaldson, **Archibald MacLeish an American Life**, Houghton Mifflin Company: Boston, 1992.

<sup>84</sup> Curiosamente a “parceria” de ambos na escrita de textos começou quando MacLeish chamou Stevenson em seu escritório no Departamento de Estado para informá-lo de que Roosevelt havia morrido e que eles precisavam escrever uma proclamação de morte à nação. Neste caso o trabalho de Stevenson foi mais de pesquisa, procurando todas as outras declarações de morte de presidentes já escritas para escrever algo no mesmo tom. MacLeish escreveu uma declaração encorajando o povo americano a perceber que, apesar da morte do presidente, sua coragem, sua voz e sua fé ainda estavam ali com eles (DONALDSON, 1992, p. 386).

repercussão do artigo foi tamanha que teve uma resposta no jornal russo *Pravda*<sup>85</sup>. Em termos gerais, Macleish expõe o fato de que, em um momento de vitória e de ápice da cultura americana, tudo que os americanos puderam fazer foi copiar os russos ao contrário. O que ele queria dizer é que a política americana era uma política reativa aos movimentos russos, não uma política externa propositiva de novos caminhos, o que poderia ser feito principalmente por meio das Nações Unidas. Ele está analisando os “últimos 4 anos”, ou seja, desde o final da guerra em 1945 até aquele momento, 1949. O anticomunismo está em um de seus momentos mais altos e MacLeish entende que os americanos estão perdendo tempo com esses movimentos meramente reativos.

Para MacLeish, os americanos compraram a ideia marxista de confronto inevitável do capitalismo com o comunismo, e por isso têm, desde 1945, se alinhado não somente uma, mas várias vezes, com regimes autoritários de direita, como o de Franco, abandonando os ideais americanos. Para ele, portanto, a conquista da América não era uma conquista territorial, seria uma conquista das ideias e do espírito americano. Como apontam Grieve-Carlson e Day, para MacLeish, o problema com a estratégia de “contenção”<sup>86</sup> é que ela parte do princípio de que o comunismo poderia ser vencido simplesmente pela negação da sua existência. Para ele, o verdadeiro conflito não era entre a esquerda e a direita, mas sim entre todas as formas de autoritarismo (GRIEVE-CARLSON & DAY, 2010, p. 285). Em um diagnóstico que faz lembrar a famosa pintura de Dalí, “Criança geopolítica observando o nascimento do homem novo,” de 1943, MacLeish diz que a origem dos problemas americanos não é nem de longe o comunismo e, sim, uma própria crise da cultura e da civilização, uma crise daquela época: “*It involves a conflict not between nations but between worlds: a dying world not altogether dead; a new world conceived but not yet born*” (MACLEISH, 1968, p. 63). O poeta diz que o comunismo e seus rivais autoritários não podem ser entendidos como forças revolucionárias para lidar com as questões deste mundo nascente. Para ele a verdadeira força revolucionária que pode fazer isto estão nas ideias de Jefferson, no valor do indivíduo, mas não na releitura mercantil do individualismo jeffersoniano que se tinha à época. O combate ao comunismo, da maneira como estava sendo feito, ia de encontro a um dos principais ideais americanos: a

---

<sup>85</sup> No primeiro parágrafo, Macleish diz que, em algum momento dos anos 1980, alguém publicaria um livro intitulado os anos 1940. E dizia, “espero estar morto quando isto acontecer”. O texto que estou usando é o que está no livro *A Continuing Journey*, e neste livro MacLeish coloca uma nota dizendo que o *Pravda*, que publicou uma resposta a seu texto, “*warmly endorsed the hope*”. (MACLEISH, 1968, p. 59).

<sup>86</sup> MacLeish faz uma menção mais direta a Kennan no texto “*Indian Summer*”. Para ele o agora famoso relatório de Kennan reforçava a ideia de que “*Communism and Capitalism cannot both survive in the same world*”, o que levou à doutrina Truman, uma espécie de guerra religiosa: “*The American government had never before declared war upon an idea no matter how hateful*”, citado por Grieve-Carlson & Day (GRIEVE-CARLSON & DAY, 2010, p. 288).

liberdade de pensamento<sup>87</sup>: “*A people who have been real to themselves because they were for something cannot continue to be real to themselves when they find they are merely against something*” (MACLEISH, 1968, p. 68). Ele chama para uma “*redeclaration of the revolution of the individual in terms which would have realistic meaning in this time*” (MACLEISH, 1968, p. 72).

Assim, para MacLeish, a luta contra o comunismo não era uma luta que deveria ser feita ao custo dos valores morais americanos (liberdade, individualidade, democracia), porque se assim fosse seria uma luta perdida. Os americanos nunca tinham sido um povo que lutou contra ideias, ao contrário, foi o povo que defendeu a livre expressão das ideias. MacLeish fazia neste texto um clamor para que as coisas continuassem dessa forma. Essa mesma visão, que englobava a não necessidade de um confronto com o comunismo ao mesmo tempo em que acreditava plenamente na superioridade dos valores americanos, que, exatamente por serem superiores, podiam ser levados por meio do uso de argumentos racionais, da razão, de forma mais eficaz do que pela mera imposição da força, pelo canhão. Uma linha muito parecida de raciocínio poderá ser vista na retórica de Stevenson em relação à luta contra o comunismo em geral e com os países latino-americanos mais especificamente.

MacLeish tinha uma profunda admiração por Roosevelt e, depois da morte do presidente, ele renunciou à sua posição no Departamento de Estado. Ele pediu a Stevenson que ficasse em seu lugar. Em uma carta em 26 de julho de 1945, Stevenson responde dizendo que ele não é capaz de fazer o que MacLeish fazia: “Eu sou apenas um advogado qualquer com um gosto congênito pelo serviço público”<sup>88</sup>. Ao que MacLeish respondeu que guardaria a carta de Stevenson para mostrar a ele um dia. Stevenson era, de acordo com MacLeish, como um desses distintos escritores ingleses de livros sobre os Estados Unidos: o cenário estava correto, as pessoas descritas de forma extremamente gráfica, mas havia um problema, como nunca haviam estado nos Estados Unidos, os autores nunca tinham olhado para o assunto sobre o qual escreviam. Para MacLeish, Stevenson nunca havia olhado para Stevenson<sup>89</sup>. De qualquer forma, Stevenson não ficou com a vaga de MacLeish. Em setembro de 1945, ele foi com o

---

<sup>87</sup> MacLeish já havia trabalhado o conceito de “liberdade jeffersoniana perdida” no poema “*Brave New World*”, de 1948. Em alguns dos versos, ele escreve: “*But you, Thomas Jefferson, /You could not lie so still, /You could not bear the weight of stone / On the quiet hill, /You could not keep your green grown peace/ Nor hold your folded hand/ If you could see your new world now, /Your new sweet land What’s changed is freedom is this age. /What great men dared to choose /Small men dare now neither/ win /Nor loose Freedom that was a thing to use /They’ve made a thing to save /And staked it in and fenced it round/ Like a dead man’s grave*”. (DONALDSON, 1992, p. 402).

<sup>88</sup> “*I am just a low order of country lawyer with a congenital taste for public service*”. Carta de Stevenson para MacLeish, 26/07/1945, AES papers, caixa 54, folder 5.

<sup>89</sup> Carta de MacLeish para Stevenson, 30/07/1945, caixa 54, folder 5.

secretário de estado Byrnes para Londres para participar do conselho de ministros das relações exteriores que iria trabalhar nos planos de paz para os países satélites e Itália. Quem assumiu o lugar de MacLeish no Departamento de Estado foi, como já se viu, William Benton. E quem era William Benton?

## 2.4 Benton, o publicitário

Em 1961, Stevenson escreveu o prefácio do livro “*The Voice of Latin America*”, resultado das impressões de Benton sobre a viagem que ele fez com Stevenson pela América Latina e que será analisado com mais detalhe no próximo capítulo. Na apresentação que fez de Benton, a quem conhecia há quase duas décadas, Stevenson diz que o ex-senador tem o tipo de mente versátil que associamos aos renascentistas ou aos Pais Fundadores. Stevenson continua dizendo que Benton tem interesse por tantas coisas, que não é à toa que é presidente do conselho de uma enciclopédia. Benton, diz Stevenson, sente-se muito à vontade falando sobre educação, mercado editorial, negócios, política, arte e tantas coisas mais (BENTON, 1961, p. VIII).

Benton nasceu no mesmo ano que Stevenson (1900) e embora tenham se conhecido em algum momento dos anos 40, a amizade de ambos se fortaleceu depois dos anos 50, especialmente depois da campanha de 52<sup>90</sup>, em que Stevenson foi candidato a presidente e Benton novamente ao senado<sup>91</sup>. Ambos eram “*New Dealers*”<sup>92</sup> e a amizade dos dois duraria até a morte de Stevenson em 1965.

---

<sup>90</sup> De acordo com Benton, como ambos foram candidatos nas eleições de 1952, Stevenson e ele fizeram muita campanha juntos (Stevenson candidato à presidência e Benton candidato ao senado). Benton fala que os filhos de Stevenson, que estudavam em Harvard, haviam combinado de passar o dia de ação de graças com a família de Benton em Connecticut. Na véspera, Stevenson ligou para Benton para dizer que a mãe dos meninos havia resolvido passar o dia de ação de graças com eles em Boston. Stevenson então se convidou para ir até a casa de Benton e passar o dia de ação de graças com ele, já que ele, candidato derrotado à presidência nas eleições que haviam acabado de ser realizadas, não tinha onde passar o dia de ação de graças. Benton diz que depois do jantar, sem saber direito o que fazer com Stevenson e os cerca de 20 jovens que estavam na casa dele, amigos de seus filhos, resolveu passar os filmes educacionais da *Britannica* para todos, e depois de cada tema Stevenson, para a surpresa de Benton, fazia uma breve preleção sobre o tema que havia sido abordado. Benton se disse impressionado com o conhecimento de Stevenson e perguntou como ele sabia tanto sobre tantos assuntos diversos. Stevenson então falou que tinha um talento especial para colecionar informação inútil. Benton logo o convidou para fazer parte do conselho da *Britannica*, dizendo que era exatamente o que o conselho precisava, gente que tivesse talento para colecionar conhecimento inútil (“*Reminiscences of William Benton*”: 1968. *Columbia University Rare Book & Manuscript Library, mixed genre*. Número de Chamada: NXCP86-A269).

<sup>91</sup> “*Reminiscences of William Benton*”: 1967. *Columbia University Rare Book & Manuscript Library*, Adlai E. Stevenson Oral History project. Número de Chamada: NXCP86-A268.

<sup>92</sup> A expressão “*New Dealer*” está imbricada dentro de um contexto mais amplo do liberalismo americano, do qual tratarei mais à frente com mais cuidado. Por hora basta saber que este “*New Dealer*” é um liberal que entende que o capitalismo não pode ser deixado totalmente desregulado à solta, precisa de restrições e limites (BRINKLEY, 1989). Gerstle chama atenção, no entanto, para o fato de que esta forma de pensar, ao contrário do

Apesar do seu envolvimento com a publicidade, Benton travou uma interessante cruzada contra a publicidade em alguns sentidos. Nos anos 30, quando o rádio era ainda o meio de comunicação com as massas, Benton escreveu vários memorandos à CBS dizendo que as empresas anunciantes não deveriam controlar o conteúdo dos programas. Para ele os programas estavam sendo feitos para agradar aos anunciantes mais do que aos ouvintes, isso levaria naturalmente a um desinteresse dos ouvintes e a programas cada vez mais desinteressantes e mais comerciais e, no longo prazo, acabaria sendo ruim para as próprias empresas que agora viam-se felizes dando as cartas nas programações (MEYERS, 2009).

Benton via o rádio como um importante meio de levar educação e cultura para quem não conseguia ter acesso a tais bens mesmo antes de assumir o lugar de MacLeish no Departamento de Estado – e com isso assumir o *Voice of America* e tentar implementar ali muitas das suas ideias sobre o uso do rádio. Em 1936, ele largou o mundo da publicidade e se dedicou de forma mais intensa à educação, tornando-se vice-reitor da Universidade de Chicago. Em 1937, em uma entrevista na CBS, ele disse que era chegada a hora do mundo dos negócios apostar na inovação ao invés de pensar só nos lucros. Para ele, a melhor forma de as empresas terem inovação, e com isso conseguirem confeccionar produtos melhores e mais baratos, era contar com líderes que fossem inovadores, que tivessem tido uma boa educação; desta forma, a escola e as universidades poderiam ser grandes parceiros das empresas, que precisavam, contudo, abandonar sua visão um pouco míope de lucros acima de qualquer coisa (MEYERS, 2009).

Há aqui, portanto, uma convergência de pensamento entre MacLeish, Benton e Stevenson na forma de pensar o que deveria ser a propaganda americana nos anos de guerra. Se para MacLeish esta propaganda não podia ser mentirosa, para Benton ela deveria ajudar a educar a população sobre os acontecimentos, posição partilhada por Stevenson, como se verá mais adiante em alguns de seus discursos e até mesmo por meio do mote maior de sua campanha presidencial de 1952: “*talk sense to the people*”.

Dessa forma, quando Benton, o “*adman*”, mais tarde fizer suas viagens com Stevenson, ele entenderá que tais *tours* pelo mundo, apesar de serem viagens de cidadãos particulares, eram também uma forma de diplomacia<sup>93</sup>, como ele disse em seu depoimento ao senado

---

que muitos podem pensar, não surge depois da crise de 29. Na realidade, a I Guerra Mundial é responsável pelo primeiro grande choque de mudança no liberalismo americano no século XX levando a esta ideia de um capitalismo que precisa ser domado (GERSTLE, 1994). Contudo, é com a chegada de Roosevelt ao poder que essas ideias se transformam em políticas públicas.

<sup>93</sup> Hart sustenta o uso do termo “*Public Diplomacy*” para o tipo de diplomacia defendido por Benton e MacLeish, apesar de eles estarem atuando em meados dos anos 40 e o termo só ter sido criado por Edward Gullion, em 1965. Contudo, como Nick Cull já demonstrou em outro artigo, a frase já era utilizada desde meados do século XIX e

americano: “*the relations between nations had constantly been broadened to include not merely governments but also peoples*” (HART, 2010, p. 195). Para Benton, Stevenson incorpora as características que os latino-americanos mais apreciam em um líder – urbanidade, oratória, sabedoria, sagacidade, qualidades humanas –, e é por isso que Kennedy, inclusive, pede que ele repita seu *tour* em 1961, agora como embaixador americano na ONU, em uma viagem de preparação para o encontro de *Punta del Este* (BENTON, 1961, p. XVI). Os principais problemas que Benton verá na América Latina vão se alinhar àquilo que Stevenson também enxerga. Ele diz: “*In this perspective of mine, three great Latin-American problems now seem paramount – the lack of economic development, the threat of Communism, and the paucity of education*” (BENTON, 1961, XVIII).

## 2.5 Stevenson: o estadista?

Pode-se perceber então que para pessoas como MacLeish e Benton, a política não poderia apartar-se de preceitos morais. Se isto era verdade para a propaganda de guerra, que deveria retratar a realidade, será verdade também para o tipo de política externa que eles defendem. É possível constatar ainda, nas falas de Stevenson, ressonâncias desse pensamento, sobretudo a partir do final de 1958 e início de 1959. É neste momento que se fortalece a ideia de que os Estados Unidos precisam, antes de mais nada, viver internamente as ações que pregam externamente, ou seja, de que precisam liderar pelo exemplo. Este tema se torna recorrente para Stevenson. O discurso que mais exemplifica isso é o proferido a 18 de janeiro de 1959, na abertura de uma série de palestras em homenagem ao clérigo unitarista A. Powell Davies<sup>94</sup>. A repercussão foi intensa, e Stevenson recebeu inclusive cartas de leitores furiosos com suas escolhas no artigo, uma vez que ali ele elencava o que julgava serem as principais lutas que os Estados Unidos deveriam enfrentar. O título da palestra “A relevância política do

---

foi largamente utilizada durante a I e II Guerras, sendo por isso descabida a ideia de que o uso do termo nos anos 40 seja um anacronismo (HART, 2009).

<sup>94</sup> Sobre este discurso e o seu impacto, os editores de **Adlai Stevenson Papers** escreveram: “*On January 18, 1959, Stevenson delivered the first annual lecture in memory of the liberal Unitarian minister A. Powell Davies. He spoke in Constitution Hall to an audience of four thousand people. The address was widely quoted in editorials, and the Saturday Review, February 7, 1959, published a condensed version of it. Life, February 9, 1959, published a full-page editorial “The Cost of Easy Options,” quoted a number of sentences from the lecture, and called it “the best recent statement of this informed worry”. Stuart Gerry Brown devoted a chapter to this speech in Conscience in Politics and observed: ‘This address, more than any other of his many speeches and writings, explains why Adlai Stevenson could not have been elected to the Presidency of the United States in the ‘Age of Eisenhower’. But it explains, too, why he had established for himself a high place in the history of his time and his country, and why, on transcendent issues, he could and did articulate the will and the vision of America as no other of his contemporaries could do*” (JOHNSON, 1974g, p. 320-321).

princípio moral” já é um indicativo da mensagem. O núcleo duro da mensagem de Stevenson no texto, que foi impresso e publicado em várias revistas pelo país afora, era o de que, para poder ganhar a batalha contra o comunismo, os Estados Unidos precisavam voltar-se aos seus princípios morais. Isso porque, de acordo com ele, a maioria dos principais problemas de seu tempo se apresentavam em termos morais. Assim, ele tentava passar a ideia de uma medida única, de valores que deveriam prevalecer internamente e externamente<sup>95</sup>. Stevenson coloca três pontos que considera como essenciais: combater a desigualdade dentro dos Estados Unidos, combater a desigualdade entre países no mundo e abraçar a ideia de irmandade<sup>96</sup>. De todos os pontos, o segundo era o mais difícil de ser digerido pelo público americano e, mais à frente, espero conseguir explicar o porquê. Para apresentar os seus três pontos, Stevenson diz que os desafios de seu tempo se apresentam em termos morais, logo a resposta tem de ser dada em termos morais também. Como exemplo, diz que a nação mais rica do mundo tem 5 milhões de famílias miseráveis, e que, se esta nação quer liderar, é moralmente imprescindível que acabe com essa diferença entre os muito ricos e os muito pobres:

Mas talvez a razão mais urgente pela qual a qualidade de nossa resposta moral tenha se tornado uma questão decisiva na política é simplesmente que a maioria dos grandes problemas de nossos dias se apresentam em termos morais e são provavelmente insolúveis sem alguma dose de generosidade, alguma medida de visão. Deixe-me dar três exemplos. Na nação mais rica do mundo, pelo menos 5 milhões de famílias ainda vivem na pobreza miserável, mas remediável. Eles são uma minoria. Eles não têm os votos para forçar a questão de seu infortúnio na linha de frente das questões públicas (...) Nós teremos a dedicação e o esforço para eliminar a pobreza desta terra rica somente se a maioria de hoje não repetir a indiferença egoísta que, em muitas comunidades, tem sido o epitáfio da rica elite de ontem (JOHNSON *et al.*, 1974c, p. 329)<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> Embora a palestra de 1959 tenha tido uma repercussão muito grande devido ao número de reproduções e alcance que ela obteve, a ideia de um padrão moral único na política interna e na política externa já vinha sendo defendida por Stevenson desde 1957. Em 8 de setembro de 1957, Stevenson apareceu na *CBS News* em uma entrevista que foi televisionada para todo o país. Quando foi perguntado quais ele achava que seriam os temas prementes a serem debatidos nas eleições parlamentares de 1958, ele disse que seria o tema da política externa primeiramente. “*I think we have to begin to realize...internationally...as we have to realize nationally, that great wealth and great poverty can't exist safely side by side indefinitely. And we have in this world, especially among the newer nations and the underdeveloped nations, many areas of great want, great want and great misery; that the two great revolutions that are sweeping the world is revolution against want and revolutions against poverty, and the revolution against foreign domination*” (BARTLOW, 1977, p. 417).

<sup>96</sup> Em todas as versões consultadas, as partes citadas foram mantidas.

<sup>97</sup> *But perhaps the most urgent reason why the quality of our moral response has become decisive issue in politics is quite simply that most of the major problems of our day present themselves in moral terms, and are probably insoluble without some stirring of generosity, some measure of vision. Let me give you three instances. In the Wealthiest nation in the world, at least 5 million families still live in the squalid but remediable poverty. They are a minority. They don't have the votes to force the issue of their misfortune into the front rank of public issues (...) We shall have the dedication and drive to wipe poverty out of this rich land only if the well-to-to-majority of today do not repeat the selfish indifference which, in many communities, has been the epitaph of yesterdays' wealthy elite.*

É possível perceber que a desigualdade era uma questão que perturbava Stevenson tanto na política interna quanto na política externa, já que mais à frente no texto ele voltava à mesma ideia de desigualdade, contudo, dessa vez, comparando o mundo atlântico (entendido pelo viés eurocêntrico, ou seja, mundo atlântico equivalente a Estados Unidos e Europa), com o restante do mundo. Contudo, antes de chegar ao terceiro ponto e falar das desigualdades, Stevenson toca naquele que é o mais difícil dos temas: o racismo americano. A questão era simples: na esteira do movimento de descolonização, era difícil para os Estados Unidos se alinharem com os países africanos – e assim evitar que caíssem na esfera de influência soviética – se, dentro dos Estados Unidos, os negros não eram reconhecidos como cidadãos da mesma forma como os brancos. Como disse Stevenson, a questão da cidadania dos negros é a nossa pequena contribuição para um problema mundial:

(...) Pegue a questão dos direitos e status de nossos cidadãos de cor. Essa é nossa pequena parcela de um problema mundial. O domínio de quatrocentos anos de homens de pele branca está terminando. A vasta maioria de pessoas de cor da humanidade está buscando a oportunidade e o respeito que as pessoas brancas tiveram a sorte de aproveitar por tanto tempo – às vezes às custas das pessoas de cor. Mas, dentro dessa crise mundial, nós, na América, com nossa minoria de cor, temos um papel importante a desempenhar – para o bem ou para o mal. "O trabalho inacabado" que Lincoln nos deixou, de criar uma sociedade na qual todos os homens possam manter a cabeça como iguais e cidadãos que se respeitam, nunca poderá ser realizado a menos que haja homens e mulheres brancos suficientes que resistam no âmago de suas vidas, ao mal moral de tratar qualquer um dos filhos de Deus como sendo essencialmente inferior (JOHNSON, 1974c, p. 329).<sup>98</sup>

Desta forma, Stevenson combina a política externa e interna e expressa suas ideias a respeito de um tema que era à época essencialmente difícil de ser abordado por qualquer político americano. Quando a luta pelos direitos civis estourar de maneira mais intensa durante o governo Kennedy, esse ficará praticamente paralisado no avanço da legislação dos direitos civis. Robert Kennedy chegou a dizer a Thurgood Marshall, o advogado que atuou no caso *Brown versus Board of Education*<sup>99</sup>: “*that’s the problem with you people. You want too much*

---

<sup>98</sup> (...) *Take the issue of the rights and status of our colored citizens. This is our small share of a worldwide problem. The four hundred years’ dominance of men of white skin is ending. The vast colored majority of mankind are seeking the opportunity and the respect which white people have been lucky enough to enjoy for so long – sometimes at the colored people’s expense. But, within this worldwide crisis, we in America, with our colored minority, have a major role to play – for good or evil. “The unfinished work” which Lincoln left us, of creating a society in which all men can hold up their heads as equals and self-respecting citizens, can never be accomplished unless there are enough white men and women who resist in the core of their being the moral evil treating any of God’s children as essentially inferior.*

<sup>99</sup> Este é o caso julgado pela Suprema Corte Americana em 1954, que julgou leis estaduais que possibilitavam escolas segregadas para brancos e negros como sendo ilegal. Torna-se assim um caso marcante para o fim da segregação. Com o julgamento, iniciou-se um debate sobre se o governo federal deveria usar ou não força policial para fazer valer a decisão da Corte.

*too fast*” (ZELIZER, 2015, p. 37). Zelizer (2015) nos mostra que será apenas no governo Johnson, com muita dificuldade, apesar da extrema destreza que o ex-deputado sulista tinha para lidar com os assuntos parlamentares, que o projeto da “*Great Society*” vai começar a se tornar realidade.

A questão racial era apartidária e a rejeição a ideias que pudessem representar um avanço neste sentido vinham de Republicanos e Democratas do grande bloco sulista. Políticos que precisassem dos votos do Sul e tocassem neste assunto sabiam que suas eleições estavam seriamente comprometidas. Mas não se pode esquecer que Stevenson, apesar de ser em muitos pontos um visionário, era também um homem de seu tempo e, portanto, não se trata aqui de retratá-lo como um baluarte da luta contra o racismo. Ao contrário, Stevenson foi por muitas vezes acusado, por parte do movimento negro e pela ala mais liberal dos liberais do Partido Democrata, de ser muito tolerante com a segregação que acontecia nos Estados Unidos. No primeiro capítulo, já foi dito como os “retainers” que trabalhavam para a família moldaram uma visão que, se não era fundamentalmente racista, era de alguma forma paternalista com relação à questão dos negros, interna e externamente.

Stevenson fala da questão de maneira ampla e mundial, ao mencionar a busca da grande maioria de negros (no mundo) pela oportunidade que os brancos por tanto tempo aproveitaram. Fala também que esta busca é da minoria negra dos Estados Unidos, e que também aqui um padrão moral único deve ser adotado. No âmbito mundial, Stevenson se referia à questão do colonialismo; ele já havia apoiado, em um texto publicado na revista *Western World*, a posição de Eisenhower de votar com os soviéticos nas Nações Unidas contra um ataque britânico e francês ao Egito<sup>100</sup>. Por fim, ele volta à questão da desigualdade, mas agora abordando, como disse anteriormente, o problema em uma escala global, a desigualdade que existe entre os países mais ricos e os países mais pobres. Esse trecho nos ajuda a entender porque a sugestão de ideias para a plataforma dos democratas para a eleição de 1960 fala de aumento de renda *per capita*. Stevenson entendia que os países mais pobres deveriam se desenvolver e diminuir o espaço entre eles e o “mundo atlântico”. Logo, políticas que ajudassem esse movimento deveriam ser canceladas pelos países mais ricos. Mas Stevenson diz não saber o que moverá a minoria de países ricos a se mexer no sentido de ajudar à maioria de países pobres, uma vez que esta minoria está isolada do problema. Stevenson afirma que a régua moral e as lições da história americana não deveriam ser estimuladas apenas pelo medo de uma invasão

---

<sup>100</sup> Stevenson, Adlai, “The Support of Nationalism Helps Combat Communist Imperialism”, **Western World**, Vol. I Nº 1, Maio de 1957.

soviética<sup>101</sup>. Aqui se pode novamente ver similitudes entre o pensamento de Stevenson e o famoso artigo de MacLeish já citado anteriormente.

Contudo, como já frisei, Stevenson começou com uma posição moderada, que foi muitas vezes criticada até por membros de seu próprio partido. Era uma visão moderada tanto em relação às questões dos direitos civis, quanto em relação à descolonização. Quando perguntado pela rede americana *CBS News*, em uma entrevista televisionada, se ele usaria tropas federais, caso fosse presidente, para fazer valer a ordem da Suprema Corte contra a segregação nos estados, Stevenson respondeu: “*No, I would not*”<sup>102</sup> (BARTLOW, 1977, p. 417). Na mesma entrevista, quando perguntado sobre se ele achava que os Estados Unidos tinham feito o bastante para contribuir com as políticas de descolonização, a resposta de Stevenson foi: “*Yes. I am not too eager, as perhaps you know, too eager about premature Independence. I think you have to learn to walk before you can run*” (BARTLOW, 1977, p. 417).

Percebe-se, assim, que a concatenação entre política interna e política externa no discurso de Stevenson vai levando à criação de um padrão único que ele procura defender daqui por diante. A ideia é que algumas das mudanças que são necessárias tanto internamente quanto externamente, muitas vezes, requerem um desafio que é moral e que, portanto, não deve variar de acordo com as conveniências dos Estados Unidos. No entanto, Stevenson pode ser enquadrado mais como um “liberal iluminista” no sentido lockeano do termo do que como um revolucionário liberal. De qualquer forma, para ele, o que for imoral nos Estados Unidos será da mesma forma imoral na América Latina ou na África. As mudanças devem acontecer lentamente e sem grandes rupturas, mas devem acontecer.

---

<sup>101</sup> *Here we are in the Atlantic world, 16 per cent of the worlds' peoples consuming 70 per cent of the worlds' wealth. We cannot be indifferent to the moral implications of this gap. I do not know how we can gain a new perspective about the narrow world of plenty and poverty in which we live unless moral insights of justice and compassion stir us to understand the privileged position in which we live. We are not going to be stirred to action by our own needs. We are the cushioned, protected fortunate minority. It is not the measure of our morals or the lesson of our history to be spurred only by fear of Russian encroachments* (JOHNSON, 1974c, p. 329).

<sup>102</sup> Stevenson estava falando sobre um caso específico, já que naquele momento o governador Orval Faubus, do Arkansas, estava usando a Guarda Nacional do Arkansas para impedir que crianças negras assistissem aulas na *Little Rock High School*. Stevenson, além de dizer que não usaria a força federal contra o governador do Arkansas, ainda chamou o governador de “*my friend Governor Faubus*”. Na questão da descolonização, enquanto o senador John Kennedy tomou uma posição de defender a questão argelina, Stevenson tergiversou. O editor do periódico parisiense *L'express*, J.J. Servan-Schreiber, pediu a Schelesinger Jr. que conseguisse uma entrevista com Stevenson. Schelesinger, que estava em Paris com Stevenson, conseguiu fazer com que os dois se encontrassem. Shlesinger Jr. contaria depois que o encontro foi um fracasso, porque Stevenson comentou com J.J. Servan-Schreiber que o discurso de Kennedy havia sido um erro e defendeu a política francesa na Argélia. Servan-Schreiber comentou posteriormente com Schelesinger: “*Why do you Americans think [Stevenson is] so good? He's so conventional*”. Como aponta Schlesinger, Stevenson assumiu a visão do *establishment* na questão, Kennedy não (BARTLOW, 1977, p. 415).

Assim é um importante antecedente para que se entendam as impressões e ações que moverão Stevenson em sua viagem à América Latina e, também, em sua viagem à União Soviética e os valores morais que ele entendia deveriam ser aplicados dentro dos Estados Unidos e nortear as ações americanas em sua política externa. Mas há ainda um outro fator que merece ser explorado: a primeira viagem à América Latina, assim como a viagem à União Soviética, não são viagens oficiais. Há outros interesses, privados, que movem essas viagens. Esses interesses são de alguma forma conflitantes com os preceitos morais que Stevenson diz defender?

### **2.5.1 The dramatic story of helping others to help themselves**

Um dos interesses privados que se misturam com os objetivos públicos de Stevenson está relacionado com a educação. O interesse de Stevenson pela educação na parte sul do hemisfério começa antes mesmo de sua chegada à América Latina, já que se encontra no seu material de preparação para a viagem um memorando datado de 7 de dezembro de 1959, intitulado "*Background memorandum on existing educational foreign aid programs*".

O memorando se concentra na ajuda externa americana com educação e enfatiza o papel dos meios audiovisuais neste processo. O documento cita uma publicação do Departamento de Estado sobre o assunto "*The Dramatic Story of Helping Others to Help themselves*", impresso em julho de 1959 com ajuda da ICA (*International Cooperation Administration*). Uma das citações no memorando da publicação diz: "*Leaders of all the underdeveloped countries are becoming increasingly aware of the importance of audiovisual techniques in speeding up the process of development*" (p. 20-22). O memorando não é assinado e não tem nenhum timbre que possa identificar sua origem. Ao final existe apenas uma mensagem que informa: "*this memorandum will be supplemented at a later time with more precise data and information, but for present purpose, it outlines the various U.S Government programs abroad using audiovisual educational techniques*". Quando se volta aos trechos destacados mais acima, nota-se que Stevenson frequentemente faz menções a materiais audiovisuais, equipamentos e novas técnicas de educação. A seguir, um exemplo que exemplifica isto.

Em março de 1959, Stevenson foi convidado para escrever no espaço editorial da revista *The Instructor*, a maior revista para professores dos Estados Unidos à época. Ele ocupou o espaço com um artigo intitulado "*America's strength*". Stevenson começa o artigo à maneira que começa quase todos os seus discursos, com uma piada. Neste caso ele aproveitava a experiência da sua viagem a União Soviética para comparar a educação americana com a

educação soviética. Argumentava que, embora os Estados Unidos estivessem à frente, os soviéticos estavam trabalhando duro e que, por isso, os americanos também teriam de apertar o passo. Como uma das formas de sustentação de seu argumento de que os americanos estão à frente dos soviéticos, principalmente naquilo que ele chama de “*practical side of education*”, ele explica que novas formas de comunicação como filmes podem ajudar a abrir a mente das crianças<sup>103</sup>.

Mais uma vez, vê-se, portanto, Stevenson salientar a importância de filmes e televisão como apoio didático para uma educação mais eficaz. Tal posicionamento é bastante curioso partindo de Stevenson, o candidato que, nas eleições de 1952 e 1956, criticava o fato da política ter se tornado um “circo midiático” e que se negava a adaptar mensagens políticas como se fossem comerciais de cereais. Para alguns, tal teimosia de Stevenson em aceitar o papel que a televisão teria dali por diante foi uma das causas de seu fracasso, principalmente em 1952<sup>104</sup>. Então, o que aconteceu com Stevenson para que ele se tornasse um defensor do audiovisual na educação? Ele passou a integrar o conselho da *Encyclopaedia Britannica*.

Em 1956, após sua segunda derrota, Stevenson havia pensado em abandonar de uma vez pretensões políticas para cargos eletivos. Não havia precedentes para que um candidato que fosse derrotado duas vezes em eleições presidenciais tivesse a oportunidade de perder uma terceira vez. Assim, ele usou o *Democratic Advisory Committee*, que posteriormente se tornaria *Democratic Advisory Council* para pregar suas ideias políticas. Passou a integrar o conselho da *Britannica*, da Fundação *Field* e ampliou seu escritório de advocacia (MARTIN 1977, p. 399)<sup>105</sup>. Como conselheiro da Enciclopédia, ele tinha reuniões periódicas com viagens pagas para um de seus destinos favoritos – Londres. Recebia uma quantia anual<sup>106</sup> e algumas viagens eventuais eram pagas, como a viagem de Stevenson para a América Latina, por exemplo. Contudo, não somente a *Britannica* pagou o *tour* de aprendizado de Stevenson pela América

---

<sup>103</sup> “*We have much to show the Soviet leaders who come to see what we have developed on the practical side of education. For example, new communications techniques are rapidly spreading which will rescue the child who has trouble with regarding from having to grope along in a fog year after year as in the past. The American teacher, no longer dependent on the printed page, can draw from a whole library of films, supplemented with television instruction, to open the doors of a child’s mind and carry home her lessons*”. Stevenson, Adlai. “America’s Strength”. In **The Instructor**, March 1959. AES Papers MC#124 Caixa 209 Folder 5.

<sup>104</sup> O livro mais recente que reflete sobre o peso da propaganda nas eleições americanas de 1952 e 1954 é **Liking Ike**, de David Blake (2016).

<sup>105</sup> Aqui existe uma inconsistência entre as fontes. De acordo com as reminiscências de William Benton, já citadas aqui e reunidas no projeto de história oral da Universidade de Colúmbia, Stevenson teria se juntado à *Britannica* desde 1952. De acordo com seu mais célebre biógrafo, Martin, a partir de 1956. Em suas declarações de renda, existe a informação de que alguma remuneração por escrita e atividades editoriais, mas sem especificação, o que dificulta saber exatamente a partir de que momento Stevenson se tornou oficialmente parte do conselho da *Britannica*. Entretanto é seguro que ele já fazia parte do Conselho em 1958.

<sup>106</sup> Mais à frente analisarei mais detalhadamente o impacto do dinheiro da *Britannica* no orçamento de Stevenson.

Latina, como ela também sugeria “pautas” para que o ex-candidato à presidência escrevesse sobre elas. O artigo da “*The Instructor*” é novamente um exemplo. Em 29 de setembro de 1958, Maurice B. Mitchell, diretor da *Britannica Films*, escreveu para o assessor de Stevenson Newton Minow:

Prezado Newt, acho que o governador Stevenson deveria cooperar na preparação do trabalho de página única para “*The Instructor*”. Bill Benton ocupou esta página há alguns meses e com bons resultados. *The Instructor* tem um público muito grande e é bem apreciado por uma grande parte dos professores do ensino fundamental que prestam atenção a qualquer periódico. Quanto ao conteúdo, acho que esta é uma ocasião em que o governador deve se sentir perfeitamente livre para se expressar como quiser. Eu certamente espero que ele encontre uma única frase – ou talvez um pensamento – que possa apontar para as virtudes de considerar as novas técnicas de comunicação na sala de aula. Talvez isso possa ser feito de forma eficaz, lembrando aos professores do ensino fundamental que um de seus grandes problemas ainda está em se comunicar com jovens que ainda não aprenderam a ler tão rapidamente quanto outros, e que filmes e televisão podem ser de grande ajuda nesse sentido. Não tenho dúvidas, no entanto, que *The Instructor* quer que Stevenson reflita um pouco sobre sua experiência na Rússia. Aliás, o último autor deste porte no *The Instructor* foi Danny Kaye.<sup>107</sup>

Stevenson recebia muitos pedidos de participação em eventos, palestras, artigos e até em casamentos. Recusava uma grande parte. Mas no que diz respeito ao artigo da “*The Instructor*”, como se viu, ele não recusou. A carta de Maurice Mitchell é intrigante por vários motivos. Primeiro porque Stevenson escreveu o artigo e seguiu a recomendação de Mitchell de falar das novas técnicas de comunicação na sala de aula. Segundo porque ele diz que “essa é uma daquelas oportunidades em que o governador deve se sentir confortável para falar livremente”. Logo depois deste trecho, vai a pequena recomendação de conteúdo, ou seja: livremente, mas não muito. Em 10 de outubro de 1958, Minow escreve para a editora de “*The Instructor*” em nome do governador e aceita a proposta de escrever o artigo. A 14 de outubro, ela agradece a resposta positiva e estica o prazo de entrega para janeiro, um pedido de Minow

---

<sup>107</sup> Dear Newt: I think governor Stevenson should cooperate in preparing the single-page piece for “*The instructor.*” Bill Benton occupied this page a few months ago, and with good effect. The instructor has a very large audience and it is well liked by a large percentage of the elementary teachers who pay attention to any periodical. As to the content, I think this is one time when the Governor should feel perfectly free to express himself as he likes. I would certainly hope that he would find a single sentence – or perhaps thought – that might point to the virtues of considering the new communications techniques in the classroom. Perhaps this might be done effectively by reminding elementary school teachers that one of their big problems still is communicating with youngsters who haven’t yet learned to read as rapidly as some others, and that films and television can be a great help along these lines. There is no doubt in my mind, however, that *The instructor* wants Stevenson to reflect some of his experience in Russia. Incidentally, the last author of this leading feature in *The Instructor* was Danny Kaye. AES Papers MC#124 Caixa 209 Folder 5.

na carta anterior. Tudo certo. Stevenson escreve o artigo. Há uma clara influência da *Britannica*. Um ano depois a *Britannica* paga a viagem de Stevenson para a América Latina.

Como se pode analisar esta viagem de Stevenson para entender os interesses de grandes corporações e os limites e usos da diplomacia pública? Stevenson falava de valores morais, mas será que estes valores morais que defendia andavam lado a lado com os interesses econômicos, ou Stevenson estava sendo apenas cínico e usando o discurso de valores morais para camuflar os verdadeiros interesses econômicos que representava? Para começar a responder essas perguntas, julgo importante ver mais de perto essas duas viagens.

### **2.5.2 Back in the USSR**

A viagem à União Soviética não foi financiada pela *Britannica*, mas por uma outra entidade de interesses privados que pagou Stevenson para representá-la: a *Author's League*. Uma das influências mais fortes que farão Stevenson entender a América Latina da forma como ele entenderá será a União Soviética. Nisso ele não difere de nenhum dos políticos e estrategistas de seu tempo. Nisso também ele não abandona uma tradição da política norte-americana iniciada com a doutrina Monroe de não conseguir pensar em relações interamericanas de uma maneira que não seja transatlântica, ou seja, de uma forma ou de outra a Europa é sempre parte da equação. Contudo, Stevenson, ao olhar para a União Soviética e pensar a América Latina, não trará as mesmas inquietações e respostas que a grande maioria de seus compatriotas.

Na primeira vez que Adlai E. Stevenson esteve na União Soviética, ele tinha 26 anos de idade e havia terminado, não há muito tempo, a faculdade de direito, mas acreditava que sua vocação era o jornalismo. A ideia de conhecer um dos lugares do mundo mais inacessíveis para um norte-americano nasceu no jantar de casamento de um de seus amigos, em junho de 1926. Stevenson e dois amigos, George Norton e Bob Page, conversaram bastante sobre tudo que acontecia no mundo, especialmente na parte oriental da Europa, e se animaram com a ideia de conhecer a enigmática União Soviética. Contudo, a tarefa não era exatamente fácil. Primeiro porque o governo russo, via de regra, negava o acesso de cidadãos viajando em caráter particular, especialmente americanos, em seu território. Segundo que, mesmo com uma improvável permissão russa, o Departamento de Estado americano não permitia a viagem de cidadãos particulares à União Soviética. Naqueles tempos pré-Guerra Fria, a única forma para que eles pudessem entrar no país era como correspondentes estrangeiros de jornais americanos. Stevenson conversou com seu pai, que conseguiu por meio de seus inúmeros contatos em

Illinois uma credencial internacional como correspondente do jornal *Herald-American* de Chicago. A ideia era entrevistar uma das figuras mais controversas e difíceis do governo moscovita de então: o ministro das relações exteriores Grigori Vasilievich Chicherin (DAVIS, 1957, p.150-153). Na verdade, ele sabia que entrevistar o ministro era uma tarefa virtualmente impossível, uma vez que nem os repórteres mais experientes dos maiores meios de comunicação estavam conseguindo a façanha. Stevenson queria mesmo era ver por si mesmo como era a tão falada União Soviética.

No fim de julho ele foi para a Itália, onde conseguiu ainda vislumbrar um pouco do fascismo de Mussolini. Chegou a escrever alguns artigos para o *Pantagraph* sobre o assunto<sup>108</sup>. Em seguida foi para Viena, onde encontrou alguns amigos de Princeton que tentariam a viagem com ele. Tentaram o visto em Viena e não conseguiram; depois em Bucareste tentaram novamente e, diante de nova negativa, os amigos de Stevenson desistiram da viagem. Stevenson foi para Belgrado, onde teve mais uma vez o pedido de visto negado; foi para Constantinopla, onde, depois de esperar por três dias em frente à embaixada soviética, finalmente conseguiu o seu visto. Embarcou em um cargueiro italiano e 5 dias depois estava em Batumi, Georgia.

Ali seus problemas começaram e todos os seus livros, inclusive seu dicionário francês-russo foram levados. Sem falar nada de russo, Stevenson seguiu para Tiflis, e de lá para Baku, onde conseguiu pegar um trem para Moscou. Chegou cinco dias depois, cansado, sujo, faminto e sem muita certeza do que fazer (DAVIES, 1957, p. 157). Quando desceu do trem, Stevenson logo avistou um grupo de meninos de rua, “meninos-lobo”, e a miséria da capital o deixou assombrado. Não era exatamente o que ele esperava encontrar. Hospedou-se em uma pensão administrada pela *Friends Service Committee*, local em que jornalistas estrangeiros quase sempre se reuniam para almoçar. Por dias foi ao ministério das relações exteriores da União Soviética na tentativa de conseguir uma entrevista com Chicherin, mas não conseguiu nada além de conversar com o secretário de imprensa do ministro. Depois de perceber que sua entrevista seria impossível, deixou Moscou rumo a Leningrado e de lá foi para Estocolmo.

---

<sup>108</sup> O jovem Stevenson percebe os excessos do regime fascista, o custo que ele tem sobre a liberdade dos italianos, mas ao mesmo tempo reconhece e admira os avanços econômicos e sociais do regime. Ele escreve para o *Daily Pantagraph*, a 29 de novembro de 1926, um artigo intitulado *Beneficent Tyranny rule of Italy today*: “*Italy did get down to work and has been at work ever since. Italians have always preferred to follow personalities than principles (...) That Italy’s industries are expanding with unprecedented rapidity, that her enlarging foreign trade and aggressive maritime movement have caused little surprise around the world. That predatory poverty no longer infests the streets and that she is united by race consciousness and a spirit of proud nationalism for the first time since the Caesars; (...) The process has finally culminated, since the last attempt on his life, in the total abolition of the opposition press. This combined with other repressive measures, such as the dissolution of all opposition parties and organizations has created a situation which finds a counterpart only in Russia*” (JOHNSON *et al.*, 1977a, p. 174).

Essa viagem deixou uma impressão muito forte – e negativa – em Adlai Stevenson. Ele se lembra da atmosfera de medo, que era palpável, da pobreza das massas, do medo de estar sendo seguido o tempo inteiro. Ele escreve que:

The atmosphere of fear was palpable, as palpable as the abject poverty of the masses. I never knew whether or not if I was being followed, but I did know that people were afraid to be seen talking to me. One of the Russians I talked to was Karl Radek, the old Bolshevik theoretician, who was later killed in the Purge. He was head of Intourist, which was the planning stage when I was there” (DAVIS, 1957, p.158).

Já nos anos de 1950, quando governador de Illinois e perto de ser candidato pela primeira vez ao Governo dos Estados Unidos, Stevenson ainda se manifestou sobre aquela primeira incursão russa, experiência à qual, apesar das dificuldades e do medo que sentiu em parte da viagem, sempre será grato, pois ele pôde ver de perto o que era o socialismo, evitando, assim, a sedução que o comunismo exerceu sobre muitos, especialmente nos anos 30, nos Estados Unidos pós-depressão<sup>109</sup>.

Agora, em 1958, Stevenson retornava à União Soviética, mas em condições muito diferentes daquelas que teve quando foi pela primeira vez. Apesar de ter negado a oferta do embaixador russo Menshikov de que sua viagem fosse uma visita oficial, com todo o aparato por parte do governo russo que a visita de um chefe de Estado teria, Stevenson ainda assim teve um tratamento diferenciado. Pôde visitar áreas da União Soviética que eram fechadas a outros turistas estrangeiros, conversou com altos dignatários do partido comunista e com estudantes, teve um encontro privado com Khrushchev. Olhando para o efeito dessa experiência na vida e no pensamento de Stevenson, penso que ela é crucial para se compreender melhor a viagem que ele fará para a América Latina. Entendo que um dos pontos mais importantes deste *tour* é a solidificação no pensamento de Stevenson de que o comunismo não é o monstro tão feio pintado no mundo ocidental e de que a luta contra o comunismo se dará em outros *fronts* que não são necessariamente militares. É claro que, para ele, ainda se trata de um sistema inferior, principalmente da forma como é praticado na China e na União Soviética, já que nesses países o comunismo não vem acompanhado de um elemento essencial, a democracia. Mas aí estará um ponto interessante a ser observado no pensamento de Stevenson:

---

<sup>109</sup> “*But I’ve always been very thankful for that trip. After what I saw there, I could never believe, as so many did in the early 1930s, that Soviet Russia’s way was good way for any state to go. Some men, from the highest humanitarian motives, became communists or fellow-travelers during the Depression, but I felt that I had seen at first-hand what communism really meant, in terms of terror and brutality, and so it was in the Russia I saw*” (DAVIS, 1957, p.159). Novamente lembro aqui que pessoas influentes na política da Casa Branca para a América Latina, como Robert Alexander, haviam se seduzido pelo socialismo nos anos 30.

a ideia de que democracia e comunismo não são necessariamente excludentes e que pode haver, sim, comunismo com democracia; é só uma questão de escolha.

A viagem de Stevenson não é uma viagem oficial, como já foi dito, pois ele negou esta oferta. Ao contrário, é uma viagem em que ele, como advogado, representará os interesses da *Author's League of America* para discutir assuntos de direitos autorais de escritores americanos por livros vendidos na União Soviética – o governo soviético não reconhecia os direitos autorais. E não só isso: na passagem por Londres, Stevenson representou ainda interesses de clientes interessados em negócios na África, além de participar de uma reunião da *Encyclopaedia Britannica*, da qual Stevenson era membro do conselho. Aliás, em sua viagem à União Soviética, além de seus dois filhos, Stevenson levou também William Benton, o ex-senador democrata e diretor da *Britannica*.

Na realidade aqui se encontra uma questão interessantíssima neste tipo de diplomacia feita por Stevenson – a dificuldade que se tem em separar o público do privado. Quando se lê a entrada de 16 de julho de 1958 em seu diário, por exemplo, pode-se ver que ele tem um encontro com o ministro das relações exteriores, Gromyko, e nesta reunião trata de assuntos que são exclusivamente assuntos de Estado, ainda que ele não esteja na capacidade de representar os Estados Unidos formalmente em nenhuma discussão. Entretanto, é nesta ocasião que ele observará as primeiras reações ao vivo da intervenção militar dos americanos no Líbano. A operação “Blue Bat”, que consistia na intervenção militar no Líbano, havia sido iniciada um dia antes, no dia 15 de julho. Stevenson anotou assim em seu diário:

Liguei para o escritório de Gromyko no dia 11. Tinha vindo da Dacha uns 40 km. Uma reunião muito cordial – perguntou pelos meninos – conhece minha carreira. Eu queria falar seriamente? O que eu achei do Líbano, etc.? Falou uma hora; dois estenos registraram cada palavra. Argumentos de sempre. Agressão: sem interferência externa, cf. Relatório da UM; Apenas pretexto. Hussein está decidido. "Consti[tuição]. Iraque-jordania pedaço de papel. Quem julga a legitimidade do governo do Líbano. Que pediu nossa ajuda para proteger sua integridade. Rememorou-o da revol. De outubro [na Rússia]. Somente pessoas podem decidir legitimidade. Hitler usou a ameaça do pretexto. Pessoalmente amigável, mas muito tenso e chateado. "Não é a forma de ganhar amigos entre os árabes". Disse Gromyko para não subestimar a união etc.

Voltar para a Embaixada para reportar. Thompson prepara o telegrama para o Dept. [Estado]. Então para [N.A] Mikhailov, ministro da cultura, T [Thompson] acha muito hostil. Apresentado o livro de Grenville Clarks e pedido de publicação russa em primeiro lugar. Em seguida, caso os Autores da *League* – perguntando se ele não acredita em igualdade de tratamento para os autores etc. etc. Amolecido com algum humor amigável. Disse que examinaria meu memorando cuidadosamente e daria um retorno quando eu voltasse novamente. Mudou o assunto para a divisão de troca de filmes – considerada desrespeitosa pelos R[ussos]. Filmes, perguntou minha influência. Prometido relatório completo sobre a educação soviética. Filmes. Foi embora de bom humor. Nenhuma palavra do Líbano. Voltar à embaixada para aprovar

o telegrama sobre a visita de Gromyko e a entrevista do caso dos autores, instruções sobre viagem, correspondência, etc. Nova Ligação para F.O [Foreign Office]. Entregue declaração formal – propaganda mais reservas soviéticas rt. [à direita] para tomar medidas nec [essárias]. Proteger a independência dos países contra a agressão americana. Não está alarmado ainda. T [Thompson] acredita que pode demorar muito tempo para sair do O.M [Oriente Médio] resultado de muitos erros, além de nacionalismo natural, religiões, ambições e complexidades que agem principalmente contra o Ocidente. Para a noite do teatro de fantoches (Ruth [Field] se juntou a nós ontem à noite de Londres) é um dos melhores entretenimentos que eu já vi<sup>110</sup>. (JOHNSON, 1977g, p. 236).

Essa longa entrada do diário do dia 16 resume bem, ao meu ver, as dificuldades em se traçar uma linha entre os assuntos públicos e os privados neste caso. O dia começa com a discussão de um assunto “quente” do Oriente Médio com o ministro das relações exteriores soviético, logo depois Stevenson volta à embaixada para reportar ao Departamento de Estado. Em seguida há o encontro com o ministro da cultura, agora para tratar de um assunto “particular”, nesse caso mais de um, porque se trata não somente da questão dos direitos autorais que interessa à *American League*, mas também de filmes educacionais, o que interessa à *Britannica*. Depois de tratados estes interesses particulares, novamente ele retorna para a embaixada, agora para aprovar o relatório que será enviado para o Departamento de Estado. À noite, visita o teatro de marionetes.

A viagem gera ainda uma série de artigos que são lançados posteriormente em um livro intitulado *Friends and Enemies what I learned in Russia*. Este livro será o documento principal para se entender como Stevenson vê a União Soviética. Uma das primeiras questões que Stevenson aborda ainda na introdução do livro, mesmo que de maneira indireta, é a ideia de que seu colega de Princeton, George Kennan, está errado e de que não há sinais de que a

---

<sup>110</sup> *Called at Gromyko's office at 11. Had come in from Dacha 40 km. Very cordial reunion – asked for boys – followed my career. Did I want to talk seriously? What did I think of Lebanon etc? Talked one hour; two stenos recorded every word. Familiar line. Aggression: no outside interference, cf. UM report; only pretext. Hussein empty headed.' Const[itution]. Of Iraq-jordan scrap of paper. Who judges legitimacy of Lebanon govt. That asked our aid to protect its integrity. Reminded him of October revol. [in Russia]. Only people can decide legitimacy. Hitler used pretext menace. Personally friendly but very tense & upset. 'Not way to win friends among arabs.' Told Gromyko not to underestimate unity Am people behind Pres! Etc.*

*Back to Embassy to report. Thompson to prepare cable to [State] Dept. Then to [N.A] Mikhailov, minister of culture, T[hompson] finds very hostile. Presented Grenville Clarks book & request for Russian publication first. Then Authors League case – asking if he did not believe in equal treatment for authors etc.etc. Softened up with some friendly humor. Said he would examine my memo carefully & talk when I returned again. Changed the subject to movie exchange breakdown – considered disrespectful of R[ussian]. Movies, asked my influence. Promised full report on Soviet ed[ucational]. Movies. Parted in good spirits. No word of Lebanon.*

*Back to Embassy to approve cable re Gromyko visit, memo re author's case interview, briefing on trip, mail, etc. Amb. Called to F.O [foreign office] again. Handed formal statement – propaganda plus Soviet reserves rt. [right] to take steps nec[essary]. To protect Independence of countries against American aggression. Not alarmed yet. T[hompson] believes may be a long time getting out of M.E [Middle East] result of many mistakes, plus natural nationalism, religions, ambitions & complexities mostly acting against West. To puppet theatre evening (Ruth[Field] rejoined us late last night from London) and about the best entertainment I ever saw!”*

política de contenção<sup>111</sup> esteja funcionando. Para ele, os soviéticos pareceram ser leais e orgulhosos da sociedade que estavam construindo, não conseguindo assim enxergar qualquer sinal de que a política de induzir os soviéticos ao colapso com a contenção do comunismo seria eficaz<sup>112</sup>. Aqui é útil lembrar que este era o mesmo posicionamento adotado por MacLeish, em seu artigo de 1949.

Percebe-se, portanto, já na introdução, uma mudança bastante significativa entre a União Soviética que Stevenson, aos 26 anos, enxergou e esta que, aos 58, vê agora. É claro que tais mudanças aconteceram não só em Stevenson, mas na própria União Soviética. Contudo, o importante aqui é perceber que Stevenson não vê problema em reconsiderar sua opinião de 32 anos atrás. Stevenson quer olhar para a frente. Não obstante, isso não significa que ele não enxerga na União Soviética um perigo. Não quer dizer que ele não veja os russos como competidores. Entretanto, para ele, a grande ameaça que vinha da União Soviética não era militar. Para ele, a grande ameaça era econômica, e esta ameaça econômica desdobrava-se em perigo cultural e social. Primeiro Stevenson reconhece que, obviamente, a questão militar ainda está presente, percebe em Khrushchev um pragmático que tenta garantir o poder militar e consequentemente sua segurança. Como os recursos soviéticos são praticamente ilimitados para fazer isto, Stevenson não enxerga aí um bom caminho para as potências ocidentais<sup>113</sup>.

---

<sup>111</sup> A política de contenção era a ideia de que, ao invés do confronto direto com os soviéticos, o mais sensato era fortalecer as instituições ocidentais e deixar que a União Soviética, isolada, lidasse com as suas idiossincrasias. O pressuposto era de que o comunismo entraria em colapso por suas próprias falhas e incompatibilidades. Um dos responsáveis por essa ideia foi o diplomata George Kennan, que em 1946 mandou um telegrama de 5.500 palavras da embaixada americana em Moscou para o Departamento de Estado. O longo telegrama é visto como um dos documentos que fundamentam esta política de contenção. Posteriormente, em 1947, Kennan, escrevendo sob anonimato e assinando como “X”, escreve um artigo para a revista **Foreign Affairs** intitulado "*The Sources of Soviet Conduct*", em que organiza de maneira mais clara suas ideias. De acordo com John Gaddis, Kennan teve o *insight* sobre a política de contenção em uma viagem de avião entre Novosibirski e Moscou. O avião tinha de fazer constantes paradas para reabastecimento, e em uma dessas paradas de reabastecimento, Kennan tirou da mochila um Tolstói e começou a ler. Uma senhora que estava ao lado dele e que, nas palavras de Gaddis, Kennan chamou de pré-alfabetizada, pediu que ele lesse em voz alta. O russo de Kennan, por melhor que fosse, era um russo que lembrava o que era falado no século XIX, e isso de alguma forma parece ter encantado a senhora. Como era um dia quente, eles sentaram-se embaixo da asa do avião, e depois de um tempo Kennan se assustou a perceber que todos os passageiros estavam em volta dele, ouvindo Tolstói. Quando Kennan viu aquela cena, ficou muito emocionado, e pensou que se os russos se aglutinavam assim ao redor de um homem que lia literatura russa do século XIX para eles, era porque aquele povo tinha raízes profundas demais, e não havia o que os comunistas pudessem fazer para extirpar aquelas raízes. Kennan confirmou naquele momento uma de suas desconfianças: o comunismo não combinava muito com a sociedade russa. GADDIS, John Lewis. "George Kennan and American Grand Strategy during the Cold War", palestra proferida na *The Naval War College*, em 3 de outubro de 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TsRV5Tz5Rmc&t=2494s>, minutos 40' a 47'.

<sup>112</sup> *The journey confirmed my impression that no relaxation in the communist offensive is imminent and that there are no visible signs of internal weakness or upheaval in the Soviet Union. On the contrary, the achievements are profoundly impressive; the vast Russian land is beginning to yield up wealth; and most Soviets citizens are proud and loyal, like most citizens everywhere. Nor could I detect that our negative policy toward the Soviet Union was likely to induce the Soviet collapse which has been periodically foretold from official Washington in recent years, or even contain the expansion of Soviet influence* (STEVENSON, 1959, p. XII).

<sup>113</sup> *Dominated by the pragmatic Communism of Nikita Khrushchev's school of thought, the Soviet Union is seeking to insure its military power and security – and is doing it; it is seeking to develop its limitless resources – and it*

Contudo, logo no parágrafo seguinte ele expõe que, apesar disso, a grande força soviética é a economia e que os americanos deveriam levar a ameaça soviética no campo econômico a sério<sup>114</sup>.

Na sequência, ele argumenta que reconhecer essa ameaça é uma das coisas mais difíceis para o público americano; caso houvesse maior conhecimento mútuo, ambos os lados poderiam perceber que não há tantos motivos para que se odeiem<sup>115</sup>.

Todavia, Stevenson reconhece que os americanos precisam entender melhor o mundo, lançando mão de suas viagens anteriores pelo extremo oriente, Oriente Médio e África. Ele aborda a questão da pobreza e de como a crescente desigualdade entre os países é um problema tão grande quanto a crescente desigualdade dentro da sociedade americana, e mais, como uma nação pobre que se fez rica por si só, dentro do século XX, a União Soviética tem um apelo para as nações mais pobres que os americanos não têm. Tais nações, complementa Stevenson, ou suspeitam do mundo ocidental ou se sentem descontentes pelas negociações militares e pela moral hipócrita dos americanos<sup>116</sup>.

Por fim, Stevenson lança o ponto central do seu argumento, o de que, se os americanos fossem menos ensimesmados e prestassem mais atenção no que está acontecendo, perceberiam que há uma grande ofensiva russa no campo econômico e, como exemplo, cita a América do Sul. Como disse anteriormente, entender a experiência de Stevenson na União Soviética é primordial para se entender a forma como ele se aproximará da América do Sul e o que chamará mais a atenção dele. Por exemplo, quando se observa de perto suas palavras nesse prefácio, consegue-se mais facilmente entender o porquê da anotação em seu diário, já citada, sobre a razão de o Brasil pedir empréstimo aos Estados Unidos se a União Soviética oferecia juros

---

*is doing it; it is seeking to spread influence far and wide in a world where chaos and misery abound, where new nations are best with economic difficulties, and where Western democracy is in many places, alas, now on the retreat. And it is doing that too* (STEVENSON, 1959, p.XV).

<sup>114</sup> *The Russians' primary weapon is economic power. They say so themselves. And we should take them seriously. Congress generously supports our defense effort, but every year we have to fight the battle of trade and aid, as if the Russian economic offensive was something temporary and less dangerous or permanent than the military threat, Nor has the Western Alliance faced the realities of the greatest threat of all and concerted its enormous economic power in a coherent counteroffensive* (STEVENSON, 1959, p. XVI).

<sup>115</sup> *Evidently the reality of our peril is the most difficult thing for us to accept. Just as I wish Mr. Khrushchev and thousands of Russians of all stations could come here and see what a peaceful, contented, free country is really like, so I wish countless Americans could go where I've gone around the world, see what I've seen, hear what I've heard* (STEVENSON, 1959, p. XVI).

<sup>116</sup> *They would see and hear, among other unpleasant things, that the rich nations are getting richer while the poor are getting poorer. This is a disaster for us, the rich, which the Russians are making the most of on a world scale. As a poor nation that has pulled itself up by its own bootstraps, as it were, Russia has a great attraction to other poor nations who are natively suspicious of the West, or have been disaffected by our military bargaining and self-righteous moralizing* (STEVENSON, 1959, p. XVI).

mais baixos<sup>117</sup>. Stevenson escreve, no prefácio de *Friends and Enemies*, que os americanos descobririam, se prestassem mais atenção ao mundo, que os russos têm táticas econômicas agressivas para se aproximar de mercados estrangeiros, que usam o seu petróleo como forma de aproximação desses mercados, como, por exemplo, com o café e a lã da América do Sul, que emprestam dinheiro a taxas de juros baixas, constroem complexos industriais com engenheiros e técnicos que falam a língua local e vivem como vivem os locais<sup>118</sup>.

Caminhando para a conclusão de sua introdução, Stevenson lança perguntas e faz algumas afirmações bastante controversas, quando se pensa no sistema político americano e na sacralidade que muitas vezes é outorgada a documentos como a constituição. Ele diz que uma pergunta essencial é saber se a democracia americana consegue mobilizar, com a mesma eficiência que o comunismo russo, as forças produtivas da nação sem colocar em xeque as liberdades e valores que são a própria base dessa democracia. Em tempos de guerra, parece que sim, responde ele, pelo menos é o que a experiência da Primeira e da Segunda Guerras parecem mostrar; entretanto, para essa nova Guerra Fria, nesses novos termos, ele ainda não tem certeza.

Stevenson afirma que, na situação em que o mundo se encontra naquele momento, parece que o governo raramente consegue agir de forma pronta e decidida. Muito frequentemente não consegue sequer agir, porque a lógica da política doméstica não está subordinada às necessidades de uma política externa decisiva (STEVENSON, 1959, p. XIX). Talvez por isso mesmo Stevenson esteja tentando adotar uma medida única, de política externa e interna, em que parece que a política interna deve estar subordinada aos valores de uma política externa efetiva. Stevenson afirma ainda que, quando os pais fundadores arquitetaram a constituição americana, o fizeram com o pressuposto de que os Estados Unidos não se imiscuissem nas questões internacionais (1959, p. XIX); no entanto, agora, o que existe é um mundo completamente diferente, em que os Estados Unidos são chamados a agir em todas as partes do globo. Para este novo mundo, a máquina americana é velha e inadequada. Qualquer iniciativa de política externa pode morrer no congresso frente a um pequeno grupo minimamente organizado. As agências americanas encontram-se impossibilitadas de agirem

---

<sup>117</sup> “*Is Brazil going to borrow \$100 million from USSR at two percent or U.S at five percent?*” AES Papers MC#124 Caixa 446 Folder 8.

<sup>118</sup> “*They would also discover the Russians conduct their economic offensive in these decisive population areas with many techniques: they sell Russian products at cut prices to get foreign exchange and capture markets; they barter oil and machinery, for example, for South American coffee and wool; they buy commodities other countries desperately want to sell; they loan money at low interest rates, build industrial plants, and provide technicians who speak the language and live humbly like the local people*” (STEVENSON, 1959, p.XVII).

de maneira efetiva com políticas planejadas e de longo prazo enquanto importações, exportações e investimentos estrangeiros estiverem submetidos aos caprichos e interesses de todo grupo doméstico de pressão (STEVENSON, 1959, p. XIX).

Concluindo, ele argumenta ainda que, sim, a competição russa, por tudo que ele apresentou, é bem mais dura do que os americanos imaginam, mas também os americanos podem, sim, ganhar esta batalha. Para ele, é mais uma chance de se demonstrar que as instituições democráticas conseguem atingir os objetivos pretendidos pelos métodos *corretos* e de que os americanos têm a vantagem de viver sob o sistema político e econômico escolhido pela maioria. Quando as pessoas perceberem que é esse sistema que está em xeque, elas farão o que for preciso para que ele continue. A introdução do livro produto da viagem, portanto, já nos abre uma bela janela para a forma como esta experiência ajudou Stevenson a pensar o perigo vermelho.

O primeiro de seus artigos é um breve relato sobre seu encontro com Khrushchev<sup>119</sup>. No segundo artigo, ele aponta como a Polônia e a Tchecoslováquia são diferentes da Rússia, e vê principalmente na Polônia, com seu catolicismo e senso de humor, o exemplo de um país da cortina de ferro que é regido por uma minoria de verdadeiros comunistas e que goza de uma relativa liberdade de expressão. No terceiro capítulo, Stevenson analisa a China, para terminar de mostrar um ponto que é exposto ainda no segundo artigo: não se pode enxergar o bloco comunista como um todo homogêneo. Ora, essa é a mesma ideia que Stevenson trará para sua viagem à América Latina – há de se perceber as diferenças e nuances de cada país e não se pode, não se deve tentar entendê-los como um grande bloco homogêneo. A mensagem que era transmitida para Stevenson, na embaixada em Buenos Aires, a 15 de março de 1960, na realidade já havia sido incorporada por ele desde pelo menos sua viagem à União Soviética<sup>120</sup>.

---

<sup>119</sup> A conversa com Khrushchev foi muito mais intensa do que Stevenson pôde descrever em seus artigos. O teor completo da conversa foi entregue em uma transcrição oficial confidencial para o Departamento de Estado. Stevenson falou que um dos empecilhos para um melhor comércio entre os dois países era a falta de liberdade na União Soviética. Khrushchev se disse surpreso em saber que as empresas americanas se importavam tanto com as questões ideológicas, ao que Stevenson interrompeu e disse que não eram bem ideológicas, mas humanitárias. Khrushchev então disse: “*the trouble with Americans is that they poke their noses where they shouldn't Why on Earth should they send troops to Guatemala or to Lebanon, or why should the British troops be sent to Jordan, or why should the Americans send troops to Cuba to support such well known democrats as [President Fulgencio] Batista who beheads those who oppose him. Who asked the Americans to perform the function of a gendarme to Lebanon* (JOHNSON, 1977c, p.262).

<sup>120</sup> É importante salientar que, na verdade, essa percepção de Stevenson não se trata de uma novidade. Muitos atores envolvidos com a América Latina já tinham o cuidado de entender a região com suas peculiaridades. Benedetta Calandra traz um relatório de 1958 da fundação FORD em que o relator chama atenção exatamente para o fato de que se deve entender a América Latina em sua multiplicidade e diversidade. (Callandra, Benedetta, *De la Selva Brasileña a La Capital de Las Ciencias Sociales: Proyectos Modernizadores de La Fundación Ford En América Latina, 1927-1965*. Historia y Política, núm. 34, Madrid, julio-diciembre (2015), p. 53-80).

No quarto capítulo, Stevenson mais uma vez aborda um ponto em que voltará nas anotações de seu diário de viagem à América Latina: o uso do comércio, por parte dos soviéticos, como forma de penetração no hemisfério ocidental. Stevenson escreve: “O petróleo russo chegou a invadir o Hemisfério Ocidental – em troca de lã argentina, café brasileiro e coca chilena – e a preços de taxa fixa<sup>121</sup> (1959, p. 31). No quinto capítulo, Stevenson fala dos russos. O título é “*The Russians like us*” e o argumento central é a ideia de que a animosidade entre russos e americanos é uma animosidade de governos, pois o povo russo é pacífico e olha para os Estados Unidos com admiração. Para Stevenson, se os russos são assim apesar de toda a propaganda negativa feita pelo governo russo, certamente a situação seria ainda melhor se eles tivessem acesso a meios de comunicação mais abertos (1959, p. 48).

Os capítulos VI e VII, *Russia's Industrial Revolution* e *The way people live*, servem para corroborar a tese principal de Stevenson, abordada já na introdução, de que essa Guerra Fria é uma guerra que será menos militar e mais econômica, desdobrando-se em social e cultural. O capítulo VI serve para expor a nova pujança da economia russa. O VII sustenta que há uma mudança no tipo de economia comunista, que agora presta mais atenção ao consumidor. De acordo com ele, esta atenção ao consumidor se deve em parte a uma razão de política externa. Khrushchev quer convencer as pessoas de países em desenvolvimento que o “*soviet way*” é um atalho não só para o fortalecimento do poder nacional, mas também para que se tenha uma vida com abundância material<sup>122</sup>.

É claro que ele nota também que os soviéticos estão longe de ter o padrão norte-americano de consumo. As roupas são caras e simples, também são os imóveis do cidadão comum. Na frente de um hotel em que ele se hospedou, um grupo de jovens se aglomerou para ver o *Buick* 1956 da embaixada, que esperava Stevenson estacionado. Stevenson aproveitou a aglomeração para conversar com os jovens russos, que perguntavam como era a educação na América e quantas horas se tinha de trabalhar para comprar um carro daquele. Depois de uma breve conversa, Stevenson se despediu com uma de suas piadas. Ia conhecer a Sibéria e acrescentou aos estudantes: “e espero retornar!”. A piada deixa escapar que Stevenson, ainda

---

<sup>121</sup> *Russian oil has even invaded Western Hemisphere – in exchange for Argentine wool, Brazilian coffee and Chilean copper – and at cur rate prices.*

<sup>122</sup> O texto original diz: “*Another reason for concern for the consumer pertains to foreign policy: The all-out production “war” that Khrushchev has declared against us is a contest in the field of living standards as well as basic industry. He wants to persuade the peoples of the newly developing countries – and not simply by paper propaganda – that the soviet way really is a short cut not just to national power but to material abundance*” (STEVENSON, 1959, p. 59-60).

que confiante nos novos rumos tomados por Khrushchev, entendia que, no que tange à liberdade política, ainda havia um grande caminho a ser percorrido.

O capítulo VIII é exatamente sobre essa viagem à Sibéria. Stevenson nota que a agricultura é o grande fracasso do sistema soviético até ali, e que Khrushchev quer fazer da Sibéria um celeiro para a U.R.S.S. O nono capítulo trata da educação. Depois de descrever o sistema educacional russo, partindo dos centros que ele visitou e das conversas que teve com o ministro da educação, Evgeni Afanassenko, duas coisas chamaram a atenção de Stevenson ao fazer uma comparação com os Estados Unidos: pelo lado positivo para os russos, a inserção que as mulheres têm no meio acadêmico e profissional, muito maior do que a existente nos Estados Unidos, e, pelo lado positivo para os americanos, o fato de que a educação russa é rígida, não encoraja o pensamento crítico ou criativo e não educa o indivíduo para fazer escolhas. Em outras palavras, é um ensino técnico de excelência, mas que não serviria para o tipo de sociedade em que os americanos vivem (STEVENSON, 1959, p. 90-91).

Nas suas conclusões sobre a viagem à União Soviética, Stevenson volta novamente à ideia de que os americanos estão mal informados sobre a União Soviética, de que o sistema soviético é estável e não está à beira de um colapso. Ele conclui que os soviéticos são só o segundo maior problema para os americanos, uma vez que o maior problema para os americanos a partir dali deveria ser os chineses, que crescem com uma velocidade assustadora e tem um potencial muito maior do que o soviético em mão de obra e recursos naturais<sup>123</sup>. Stevenson diz que os americanos não estavam preparados para a Sputnik ou para o desafio econômico imposto pelos soviéticos, mas que ele espera que isto mude, porque a ilusão da superioridade americana em todos os setores junto com a negação de algumas realidades não muito agradáveis fazem uma base ruim para a política externa americana (JOHNSON, 1977c, p. 274).

Stevenson diz ter voltado convencido da União Soviética de que a batalha do futuro é econômica e política, e que o campo em que esta batalha será travada será na África e na Ásia. A América Latina ainda não é mencionada (STEVENSON, 1959, p. 96). A Revolução Cubana trará a América Latina para junto da Ásia e África neste grupo. Na União Soviética, Stevenson tem a confirmação de que a Guerra Fria deve ser lutada em outros *fronts* que não o militar. Entende que uma falsa unidade, como o “mundo comunista” ou a “América Latina”, serve mais para dificultar do que para facilitar o entendimento do outro. Percebe que o comunismo não

---

<sup>123</sup> Stevenson não esteve na China. Ele esteve na fronteira entre a União Soviética e a China, na cidade de Almaty, e ficou impressionado com os relatos que ouviu sobre os chineses lá e em outras partes da União Soviética.

precisa ser um inimigo. Logo depois desta viagem, ele parte para o seu primeiro *tour* latino-americano.

Como se verá nos próximos capítulos, que tratarão mais especificamente das duas viagens de Stevenson, posições como esta, escritas em seu diário, serão também expressas em encontros oficiais, como um encontro que Stevenson teve com o chanceler Afonso Arinos.

Até aqui tentei traçar um panorama de quem é este Adlai Stevenson que vem pela primeira vez à América Latina, em 1960. Influenciado e influenciando pessoas como Macleish, Benton e Arthur Schlesinger, assistindo às vezes silenciosamente, às vezes não, à ascensão de outro tipo de liberal como Kennedy e Johnson dentro do Partido Democrata. Liberal forjado nos esforços da II Guerra e do *New Deal*, crente na ideia de que os novos desafios que se apresentam são, sobretudo, morais e de que os Estados Unidos, para vencê-los, precisa melhor coadunar suas políticas interna e externa. Este Stevenson acredita que a democracia na América Latina não pode prescindir do caminho educacional, mas suas ligações com corporações como a *Britannica* nos fazem suspeitosos das intenções de algumas de suas ideias. Por fim, é um homem de seu tempo, influenciado, sim, pela lógica bipolar da Guerra Fria; contudo, uma aproximação real, com a visita à União Soviética e a conversa com Khrushchev, fazem dele alguém que tenta entender outros aspectos de seu inimigo ao invés de simplesmente demonizá-lo.

## 2.6 Conclusão

Quando se pensa em parte do seu núcleo de amigos, pessoas como Archibald MacLeish e William Benton e a batalha que travaram com o *OSS* para que, mesmo em um contexto de guerra, os Estados Unidos não cedessem à tentação de fazer uma batalha de desinformação, parece-me que questões atuais e importantes acabam por emergir, principalmente em um mundo político em que as *Fake News* dominam o cenário e que a propaganda se tornou mais importante do que a ideia no discurso político. Em um ideal de política que talvez estivesse já ultrapassado naquele momento, existia entre eles um código de honra que deveria ser seguido e que dizia respeito a pensar no bem público de forma quase que romântica ou, como foi colocado em relação a Stevenson, quixotesca.

Se isso tinha as vantagens óbvias de conferir ao ambiente político uma certa nobreza e o sentimento de busca por um ideal público maior, por outro lado, era excludente e paternalista com aqueles que eram considerados ainda não preparados para governar. Esse mesmo tipo de pensamento, que era aplicado à política interna, era também aplicado à política externa, e

passagens como a de Foster Dulles sobre o nacionalismo latino-americano exposto no capítulo quatro, bem como o de Stevenson comentando a descolonização da África no capítulo três evidenciam essa postura no campo da política externa.

Um ponto importante que se conclui de tudo isso é que a teoria da modernização não se cria em um vácuo; a bem da verdade, ela é bem aceita naquele momento exatamente porque espelha certos valores e ideias de pessoas como Stevenson e deste ambiente no qual ele, e boa parte da elite política americana de ambos os partidos, transitavam. Analisando os valores da teoria de um ponto de vista micro, isto é, no pensamento de Stevenson, pode-se perceber que não é forçoso para ele pensar em uma escala civilizatória, na superioridade da cultura anglo-saxã e dos ideais americanos, bem como na reconstrução de nações à imagem e semelhança dos Estados Unidos. Na realidade, ele aprendeu a apreciar tais ideias desde muito cedo. E não só ele, como uma parcela considerável da elite política americana naquele momento. Entretanto, essa forte identificação, que foi responsável em parte para que a teoria da modernização tivesse sucesso nos Estados Unidos, foi uma das causas de seu fracasso na América Latina. Kennan acreditava que a política de contenção bastava para vencer o comunismo soviético porque, de acordo com ele, a teoria marxista tinha pouca relação com a sociedade russa (GADDIS, 2014). Pois bem, em um paralelo semelhante, pode-se dizer que a teoria da modernização poderia ser muito próspera nos Estados Unidos, como ainda é, haja vista o ressurgimento do desenvolvimento como arma da política externa americana pós-11 de setembro (EKBLAD, 2010, p.264). Contudo, sua falha em lugares como a América Latina podia ser prevista desde seu início, exatamente pelos mesmos motivos – ela pouco tinha a ver com a representação de mundo e com a realidade de vida das pessoas destes lugares.

## CAPÍTULO 3 – A MICRO-HISTÓRIA DE UMA IDEIA: A TEORIA DA MODERNIZAÇÃO E STEVENSON

### 3.1 Introdução

Em 14 de setembro de 1955, Stevenson escrevia a Robert J. Alexander dizendo não saber se a América Latina era ou não importante para o público americano (e conseqüentemente para as eleições de 1956 que se avizinhavam)<sup>124</sup>. Em 1960, Kennedy perguntava para Nixon, ao vivo na televisão, no último debate presidencial, se

algum americano pode estar satisfeito com o que está acontecendo hoje na América Latina, quando um candidato à presidência do Brasil sente a necessidade de ligar para Havana e não para Washington durante a campanha, para conseguir o apoio dos simpatizantes de Castro no Brasil. Os Estados Unidos ignoraram a América Latina<sup>125</sup>.

Alguma coisa tinha acontecido nesses cinco anos e havia levado a América Latina, e neste caso específico o Brasil, para o debate político americano em horário nobre. O que havia acontecido? A Revolução Cubana.

O feito dos comandados de Fidel e Guevara na *Sierra Maestra*, expurgando da presidência Fulgêncio Batista e tudo aquilo que ele representava em termos de forma de poder e política, tiveram um impacto gigantesco em toda a dinâmica da Guerra Fria, especialmente na América Latina. Se, por um lado, inspirou jovens e velhos revolucionários a acreditarem que poderiam também desafiar ditadores e mudar o mundo, por outro insuflou naqueles que temiam o alastramento do comunismo pelo mundo a certeza de que a América Latina não estava imune ou fora da Guerra Fria em seus mais diversos contextos políticos, econômicos ou culturais<sup>126</sup>. A Revolução Cubana desafiou Washington mostrando que o hemisfério não era

---

<sup>124</sup> Carta de Adlai Stevenson para Robert J. Alexander, 14 de setembro de 1955. *AES papers* (MC#124) caixa 2, folder 11.

<sup>125</sup> “*Our d-security depends upon Latin America. Can any American looking at the situation in Latin America feel contented with what's happening today, when a candidate for the presidency of Brazil feels it necessary to call - not on Washington during the campaign - but on Castro in Havana, in order to pick up the support of the Castro supporters in Brazil?*” Debate presidencial em New York, 21 de outubro de 1960, disponível online em <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=29403>, acessado em 20 de julho de 2017. Kennedy provavelmente se referia às ligações entre Quadros e Castro. Mas é verdade também que Kennedy buscava mirar no voto dos latinos subindo o tom da conversa sobre Cuba e parecendo ser mais firme do que a administração Eisenhower havia sido sobre o assunto (SEWELL, 2016, p. 142).

<sup>126</sup> São várias as formas de se perceber a influência da Revolução Cubana na maneira com que o governo americano começa a tratar a questão da América Latina no contexto da Guerra Fria. Albert Hirschman fala, por exemplo, de estudos da *Economic Commission for Latin America and the Caribbean* - ECLAC, enfatizando que a América Latina precisaria de algo em torno de um bilhão de dólares, por pelo menos 10 anos, na forma de ajuda

exatamente um quintal controlado como pensavam muitos. Mas ela desafiou também alguns planos ditados por Moscou para a expansão da revolução socialista (WESTAD, 2015, p. 158), na medida em que o foquismo<sup>127</sup> tentava exportar a Revolução para todo o resto do hemisfério.

Assim, o aumento do interesse dos Estados Unidos por seus vizinhos do continente americano durante os anos 50 está diretamente ligado à crescente preocupação que havia em relação à difusão das ideias socialistas na parte latina do hemisfério ocidental. Contudo, se é bem verdade que a força motriz inicial desta relação dos americanos do Norte com os americanos do Sul ainda era transatlântica – a URSS e sua doutrina marxista – é de se notar que recentes estudos nos fazem ver que, à medida que se avança nos anos 50, a Guerra Fria vai mesmo ganhando uma dinâmica própria por todo o Terceiro Mundo, não sendo diferente na América Latina<sup>128</sup>, fazendo assim que seja imprescindível que se entendam as peculiaridades

---

financeira mediada pelo Banco Mundial e de como o governo americano desprezou a proposta. Após a Revolução Cubana, a administração de John Kennedy lança a Aliança para o Progresso, prometendo um total de 10 bilhões de dólares em 10 anos. Hirschman escreve: “*this is the precise figure that was picked eight years (and one revolution) later as the goal for the annual United States contributions for the Alliance for Progress*” (Hirschman, 1971, p. 284). Para saber mais sobre a influência da Revolução Cubana no acirramento da Guerra Fria na América Latina, ver Jonathan C. Brown, **Cuba’s Revolutionary World**, Cambridge: Harvard University Press, 2017; Alexander Fursenko e Timothy Naftali, **One Hell of a Gamble**, Londres: John Murray, 1997; Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, **The World Was Going Our Way**, New York: Basic Books, 1995; Renata Keller, **Mexico’s Cold War, Cuba, the United States, and the Legacy of the Mexican revolution**, Cambridge: the University of Cambridge Press, 2015; sobre os desdobramentos políticos de maneira mais específica, ver Tanya Harmer, **Allende’s Chile and the Inter-American Cold War**, Chapel Hill: the University of North Carolina Press, 2011; sobre os efeitos no campo econômico, ver Bevan Sewell, **The US and Latin America, Eisenhower, Kennedy and Economic Diplomacy in the Cold War**, Londres: I.B. Tauris & Co., 2016; sobre as influências no campo cultural, ver Patrick Iber, **Neither Peace nor Freedom, the Cultural Cold War in Latin America**, Cambridge: Harvard University Press, 2015. Uma outra explicação também é dada através daquilo que seria um “erro de cálculo” das autoridades americanas durante a Guerra Fria, conferindo a áreas periféricas, como a Ásia e a América, um caráter central na luta de detenção contra o comunismo, ver McMahan, Robert J., “How The Periphery became the center. The Cold War, the Third World, and the Transformation in US Strategic Thinking” *In*: SEWELL, Bevan e RYAN, Maria. **Foreign Policy at the Periphery**. Lexington: University of Kentucky Press, 2017.

<sup>127</sup> O foquismo é a ideia de Che Guevara, teorizada por Régis Debray, de criar focos de revolução, fazendo assim com que ela se espalhasse pela América Latina. Cuba foi um importante centro de tentativa de difusão da Revolução Socialista, muitas vezes à revelia do que Moscou pensava.

<sup>128</sup> Sobre a Guerra Fria por uma perspectiva menos eurocêntrica, o principal estudo recente é de Odd Arne Westad: **The Global Cold War, Third World Interventions and the Making of Our Times**; entretanto sua abordagem no que diz respeito à América Latina é bastante limitada. Para abordagens mais consistentes sobre a América Latina, ver Patrick Iber, **Neither Peace Nor Freedom, The Cultural Cold War in Latin America**; Renata Keller, **Mexico’s Cold War, Cuba, The United States, and the Legacy of the Mexican Revolution**; Christopher Darnton, **Rivary and Alliance Politics in Cold War Latin America**; Tanya Harmer, **Allende’s Chile and the Inter-American Cold War**; Greg Gandin, **The Last Colonial Massacre, Latin America in the Cold War** e Jonathan Brown, **Cuba’s Revolutionary World**. Ainda assim, é perceptível que abordagens que tratem do Brasil de maneira mais específica são escassas. Tanya Harmer tem um artigo sobre a cooperação entre o governo militar brasileiro e outros governos do Cone Sul: “Brazil’s Cold War in the Southern Cone, 1970-1975”, que se desenvolveu em um livro publicado em 2011: **Allende’s Chile and the Inter-American Cold War**, Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011; entretanto ela ainda é um caso raro de abordagem da Guerra Fria com uma perspectiva mais regional. Como a própria Tanya Harmer ressalta em seu artigo, em grande parte porque os arquivos brasileiros secretos e ultrassecretos ainda se encontram inacessíveis. No capítulo sobre o Brasil, em **Cuba’s Revolutionary World**, Jonathan Brown comete pequenos deslizes que ressaltam como a América

e dinâmicas internas de cada país e suas articulações com as superpotências. O protagonismo de países como México e das repúblicas do centro e do sul da América é mais forte do que estudos centrados apenas nas duas superpotências podem fazer imaginar.

Uma das principais teses pensadas pelos americanos para estabelecer a melhor forma de “ajudar” os países da América Latina a se constituírem como nações desenvolvidas e evitarem a ameaça comunista foi a teoria da modernização. Ao invés da Revolução Marxista, a Revolução Moderna. Esse era o caminho.

Na última década, estudos de bastante relevância trataram deste tema sob vários prismas<sup>129</sup>. Assim, o leitor poderia justamente indagar-se a respeito do que há de diferente no que proponho sobre o estudo da teoria da modernização aqui. Há duas coisas diferentes: o método, que exponho neste capítulo, e um pressuposto, que apresento no seguinte.

Neste capítulo, evidencia-se o método, que na realidade já está sendo apresentado desde a introdução deste trabalho: o estudo da teoria da modernização a partir de um microcosmo – a vida de Adlai Stevenson. Isto é novo. Geralmente a teoria da modernização é estudada a partir das políticas que por ela foram engendradas ou a partir das instituições acadêmicas – e os respectivos acadêmicos – que pensaram tal teoria.

Minha argumentação vai no sentido de que, a partir do estudo desta mesma teoria por outros meios, pode-se enxergar, com mais detalhes, como sua capilaridade é formada. A pergunta central que movimenta este capítulo é: qual o grau de importância que se pode conferir ao fato de que um indivíduo, Adlai Stevenson, se torne um defensor da teoria da modernização? Minha conclusão foi que, neste caso, pode-se dizer que isso teve um alto grau de importância. É certo que ideias que são absorvidas por políticos são apenas uma forma de se estabelecer uma ponte entre a academia e o mundo político. Há outras. Muitas vezes os próprios acadêmicos se tornam políticos, como aconteceu com Rostow, McBundy George e dezenas de outros intelectuais, quase todos ligados a Harvard, durante o governo Kennedy, ou como

---

portuguesa pode ser um calo no sapato dos latino-americanistas. Ele fala, por exemplo, de um golpe militar que levou Vargas à renúncia e depois ao suicídio em 1954.

<sup>129</sup> Nas palavras de Ekblad: “*Vigorous new scholarship has demonstrated how modernization served as a powerful lens, justification, and weapon for the United States in a vast Cold War*” (EKBLAD, 2010, p.2). Entre os trabalhos mais importantes, ver: Latham, Michael E. **Modernization as Ideology, American Science and “Nation Building in the Kennedy Era”**, Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000; do mesmo autor, há ainda: **The Right Kind of Revolution, Modernization, Development, and U.S Foreign Policy from Cold War to the Present**, Ithaca: Cornell University Press, 2011; Gilman, Nils, **Mandarins of the future: modernization theory in Cold War America**, Baltimore: the John Hopkins University Press, 2003, Ekblad, David, **The Great American Mission, modernization & the Construction of an American World Order**, Princeton: Princeton University Press, 2010; Sewell, Bevan, **The US and Latin America, Eisenhower, Kennedy and Economic Diplomacy in the Cold War**, London: I.B.Tauris, 2016, (especialmente o capítulo 6, “The failure of modernisation”); Iber, Patrick, **Neither Peace nor Freedom, The Cultural Cold War in Latin America**, Cambridge: Harvard University Press, 2015 (especialmente o capítulo 6, “Modernizing Cultural Freedom”).

aconteceu com Henry Kissinger no governo Nixon, Zbigniew Brzezinski na administração Carter, Condoleeza Rice no governo de George W. Bush e Samantha Powers no governo Obama. Entretanto, o que o estudo sobre a relação Stevenson/Rostow mostra é que, neste caso, o acadêmico já tinha suas ideias proclamadas por meio do político, facilitando assim sua inserção no mundo político de Washington. Não quero com isto dizer que essa foi “a” forma pela qual a teoria da modernização entrou para o mundo político, mas que é “uma” das formas dessa entrada. Muito se fala da relação de Rostow com Kennedy, mas se é verdade que o professor do MIT foi convidado pela primeira vez para um café da manhã político na casa de Georgetown do potencial candidato democrata em uma manhã de 1958<sup>130</sup>, é verdade também que ele já tinha contatos com Stevenson, líder do Partido Democrata, desde 1954. Tentarei evidenciar como, por meio de Stevenson, a teoria da modernização entra em contato com a liderança do Partido Democrata, para depois tornar-se peça essencial para as políticas do partido no que concerne à política externa.

Uma outra pergunta que alimenta o capítulo é: por que a teoria da modernização ganhou força nesse momento? Bewell argumenta que tal política consegue ganhar os corações e as mentes de políticos americanos porque a teoria da modernização fornecia uma alternativa tecnocrata ao socialismo e estava à mão da administração democrata. Ainda que concorde que isso é parte da resposta, penso que este método que proponho permite ver mais de perto os detalhes, dada a pequena escala, além de trazer uma resposta com mais nuances. Neste capítulo, procuro mostrar também essas nuances. Um ponto importante é ir além de evidenciar que a teoria da modernização era a alternativa disponível. Penso que a questão que importa é outra: por que essa era a alternativa disponível, isto é, por que essa teoria, formulada nesses moldes, se apresenta neste momento histórico? A resposta, penso eu, está no fato de que essa teoria refletia valores do pensamento liberal americano sobre o mundo em desenvolvimento naquele instante. Não só isto, como também esta teoria fez possível a união de liberais do *New Deal* com os novos liberais do pós-guerra. Era o cimento ideal para unir Stevensons e Kennedys, gregos e romanos. Pretendo, portanto, investigar como essa teoria agiu no plano do indivíduo e entender de que forma um político como Stevenson absorveu a ideia de modernização e advogou por ela. Não só isso, mas como ele se articulava com outros indivíduos, os membros da elite política latino-americana, em prol desta ideia de modernização.

---

<sup>130</sup> **The Economist**, “Walt Rostow, an adviser in the Vietnam war, died on February 13th, aged 86”. 20 de fevereiro de 2003. Disponível em <http://www.economist.com/node/1591985>. Acessado em 03/01/2018.

### 3.2 A tese

É bem verdade que foi apenas quando o presidente Kennedy e seus *New Frontiers* assumiram o poder no inverno de 1961 que se pode dizer, sem receios de exacerbação, que a teoria da modernização começaria a moldar, de forma significativa, os rumos da política externa americana (LATHAM, 2011). Ainda assim, isto não é pouco. Entretanto, tal influência não surge abruptamente em janeiro de 1961. Ela se vai construindo lentamente entre os anos 50 e 60. De acordo com Nils Gilman, “*modernization theory dominated American Social scientific thought regarding economic, political, and social change in postcolonial world. Rooted in the contrast between ‘traditional’ and ‘modern’ societies, modernization theory posited the existence of a common and essential pattern to ‘development’*” (GILMAN, 2003, p. 3). Eklebad é ainda mais criterioso e enxerga já nos Estados pós-depressão o início das formulações da teoria da modernização. O *New Deal* já teria aplicado uma série de preceitos dessa teoria em órgãos como o TVA (2010).

De qualquer forma, foi mesmo durante o governo Kennedy que intelectuais, que por anos pesquisavam temas como “modernidade”, “desenvolvimento” e “crescimento”, encontraram em “*Harvard on the Potomac*” a oportunidade ideal de colocar suas ideias em prática de forma definitiva. A transformação almejada do mundo em desenvolvimento (também conhecido àquele tempo como o Terceiro Mundo), aquela que purgaria todos os males inerentes a este mundo atrasado, dar-se-ia a partir da emulação de um modelo a ser seguido: o americano. Quando todos os países atrasados tivessem conseguido, através do movimento de mimese da sociedade americana, alcançar a sociedade de consumo de massa, o ápice do desenvolvimento cultural, o mundo encontraria, finalmente, o seu tão sonhado “fim da história”<sup>131</sup>. De acordo com Leebaert, os jovens tecnocratas da administração Kennedy, alcunhados por alguns como “os cavaleiros de Camelot”, caíram no erro fatal de acreditarem em sua própria propaganda, até que todo o governo sucumbisse em uma espécie de soberba ideológica<sup>132</sup>.

---

<sup>131</sup> Sobre seu celebrado artigo posteriormente transformado em livro, Fukuyama disse, em uma palestra proferida em Melbourne, Austrália, em 8 de agosto de 2002: “*The end of history hypothesis was about the process of modernization... My hypothesis was that there was such a thing as a single coherent modernization process, but that it led not to socialism or to a variety of culturally determined locations, but rather to a liberal democracy market oriented economics as the only viable choice*” (GILMAN, 2003, p. 311).

<sup>132</sup> “*Made the fatal mistake of believing their own propaganda until the whole government succumbed to an ideological hubris*”. Leebaert APUD McDougall, Walter A. **The Tragedy of U.S. Foreign Policy**, New Haven: Yale University Press, 2017.

Os teóricos da modernização argumentavam que os Estados Unidos haviam experimentado a primeira grande “Revolução Moderna” e que agora, municiados principalmente dos programas de ajuda externa e de teorias socioeconômicas *avant-garde*, poderiam dedicar-se ao projeto de construir nações no Terceiro Mundo. Os programas deveriam ser voltados para áreas como educação, agricultura e transportes (CRAIG & LOGEVALL, 2009, p. 225).

A teoria da modernização foi pensada por vários cientistas sociais a partir do entreguerras até encontrar seu apogeu na administração Kennedy e seu ocaso no desastre vietnamita durante o governo Johnson. Os três principais *loci* institucionais em que esta teoria foi pensada durante este período foram o *Department of Social Relations* (DSR), de Harvard, o *Committee of Comparative Politics* (CCP), ligado ao *Social Science Research Council* (SSRC), que apesar de constituir um painel independente, estava largamente amparado por *scholars* de Princeton e Yale, e o *Center for International Studies*, do MIT<sup>133</sup>. Ou seja, é basicamente uma invenção das prestigiadas *Ivy League* americanas<sup>134</sup>.

O DSR de Harvard fora organizado por Talcott Parsons para ser um centro interdisciplinar de pesquisa social voltada para pensar teorias socioeconômicas que pudessem explicar e intervir nos novos tempos. Pelo DSR passaram nomes como o próprio Parsons, David McClelland, Alex Inkeles, Edward Shils, Francis Sutton, Marion Levy e Clifford Geertz.

O CCP adotava uma versão política das ideias de Parson baseada no trabalho de Edward Shils. Nomes como Gabriel Almond e Lucian Pye, um professor de Yale e outro de Princeton, eram os principais organizadores do projeto, que reunia quase todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se dedicavam a alguma vertente da teoria da modernização.

O CIS do MIT era capitaneado por Walt Rostow e Max Millikan. Ambos se conheceram em Yale ainda nos tempos de graduação em economia. Rostow entrou na universidade com 16 anos e decidiu que o seu propósito de vida seria formular uma tese capaz de contrariar e se

---

<sup>133</sup> Esta parte está calcada largamente no aprofundado estudo de Nils Gilman sobre a Teoria da Modernização: *Mandarins of the Future: modernization theory in Cold War America*, Baltimore: John Hopkins University Press, 2007.

<sup>134</sup> Nicole Sackley traz à tona também aquilo que ela chama de “visões alternativas da teoria da modernização durante a Guerra Fria”, a partir do pensamento de Robert Redfield, um tipo de modernização que “*emphasized intellectual conversation across borders, the interrelation of theory and fieldwork, and dialectical relations of tradition and modernity. In tracing the Redfield project and its legacies, this essay aims to broaden intellectual historians’ sense of the complexity, variation, and transnational currents within postwar American discourse about modernity and tradition*” (SACKLEY, 2012, p. 565).

sobrepôr ao marxismo<sup>135</sup>. Bons tempos em que os calouros tinham ambição<sup>136</sup>. Embora não se possa dizer categoricamente que tenha atingido seu objetivo, o seu mais aclamado trabalho – *The Stages of Economic Growth: A non-Communist Manifesto* – foi central para o papel da teoria da modernização no governo Kennedy. Chamado de “*a key text for modernization theory*” (WESTAD, 2015), “*Starting point for understanding modernization thinking*” (EKLEBAD, 2010) e o ponto referencial para que o governo americano começasse a moldar “*developing states through the early stages of nationhood*” (CRAIG & LOGEVALL, 2009), *Stages of Economic Growth* se tornou uma espécie de referência para o tipo de política de modernização que seria implementado pela administração Kennedy e Rostow, para o bem e para o mal, a face mais conhecida da teoria da modernização, uma espécie de Rasputin Americano (MILNE, 2008). A teoria da modernização, tal qual lapidada por Rostow, é a base teórica referencial de programas como a Aliança para o Progresso, que foi o braço político visível da teoria da modernização na América Latina (ISH-SHALOM, 2004). Mas como uma teoria assim sai de círculos acadêmicos e vira política de Estado?

### 3.3 A tese e o político – Stevenson e a modernização

Nem todas as relações têm a sorte de ter uma certidão de nascimento que permita saber exatamente em que momento aquela relação começou. No caso da relação entre o duas vezes candidato à presidência dos Estados Unidos e maior figura do Partido Democrata nos anos 50 e o professor do MIT, responsável por desenvolver uma “saída” para o problema que o socialismo colocava para os americanos, há uma certidão. Trata-se da primeira carta que Rostow envia para Stevenson, datada do dia 22 de março de 1954. Stevenson era, naquele momento, o candidato derrotado das eleições de 1952, que havia tentado ganhar a presidência com uma campanha que propunha “*talk sense to the American People*”.

Os discursos de Stevenson, contudo, eram considerados difíceis. Por conta da sua intelectualidade, e do formato de sua cabeça, deram-lhe o apelido de “*egghead*”<sup>137</sup>, termo que

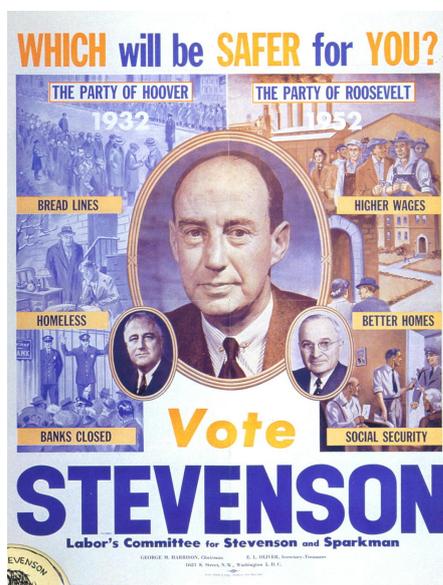
---

<sup>135</sup> Em uma carta de Rostow para Stevenson o professor do MIT escreve: “*as an eighteen-year-old Yale undergraduate, much disliking the pretentious nineteenth century Germans, I promised to produce an alternative to Marxism as a theory of modern history; and I have made use of my sabbatical to make my bid. It’s been fun*”. Carta de Walt W. Rostow para Adlai Stevenson, 10 de dezembro de 1958. Adlai Stevenson Papers, Caixa 69.

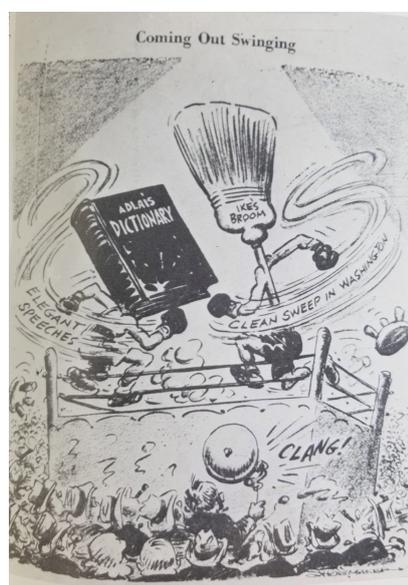
<sup>136</sup> Se bem que não se tratava apenas de uma ambição de calouro, aos 83 anos, em uma entrevista a Nils Gilman, Rostow ainda dizia que tinha sim encontrado a teoria contrária do marxismo (conversa com o autor).

<sup>137</sup> O próprio Stevenson brincou muitas vezes sobre o seu “apelido”, por exemplo, quando falou na Universidade de Wisconsin em Madison (08 de outubro de 1952), Stevenson disse: “*I rarely miss the opportunity of visiting a university. Perhaps I discovered, at long last, the reason for this mysterious attraction a few days ago when I*

passou a significar “intelectual” ou alguém que tivesse obtido uma formação universitária. Por mais que em seus pôsteres a campanha se desse de forma bem simples, associando o democrata Stevenson ao *New Deal* de Roosevelt e o Republicano Eisenhower à crise de 1929 de Hoover, como mostra a figura 1, os discursos de Stevenson eram eloquentes, com citações que iam de Homero a Richelieu, o que acabava por afastá-lo do eleitorado médio, como mostra a figura 2.



(Figura 1)



(Figura 2)

Stevenson, como se sabe, perdeu as eleições, mas ganhou o coração da intelectualidade americana. O escritor americano e Nobel de literatura, John Steinbeck, escreveu para ele logo que o resultado da derrota se tornou oficial: “espero que você tenha descanso sem tristeza. A tristeza é para nós, que perdemos a chance de grandeza quando a grandeza é necessária<sup>138</sup>” (JOHNSON, 1974). Stevenson fez um *tour* pela África e Ásia em 1953, foi recebido pela rainha da Inglaterra e pelo imperador do Japão e tornou-se uma figura ainda mais influente depois das eleições. Refletindo sobre sua popularidade, principalmente fora dos Estados Unidos, Stevenson comentou com seu habitual humor autodepreciativo em uma palestra na Universidade de Harvard: “talvez eles não saibam que eu perdi a eleição” (STEVENSON, 1962).

---

*overheard some of my staff talking about "egg-heads". They were quoting some newspaper columnist who said that only "egg-heads" could understand my speeches. For a few minutes, I took this egg-head talk personally in injured silence. But I couldn't stand it and summoned up the courage to ask them what egg-head was. The answer, I discovered, is that an egg-head is anyone who has gone to college! So at least today I have a lot of company.”* (JOHNSON *et al.*, 1979, p.140-141).

<sup>138</sup> “*I hope you will have rest without sadness, the sadness is for us, who have lost our chance for greatness when greatness is needed.*”

Ao retornar aos Estados Unidos de sua volta pelo mundo, Stevenson foi recebido de braços abertos pela intelectualidade que havia aprendido a admirá-lo. O reitor de Harvard, Ed Mason, convidou-o para proferir as *Godkin Lectures*, que foram ministradas em três dias em 17, 18 e 19 de março de 1954. Este conjunto de palestras é uma evidência da atração que Stevenson exercia sobre os acadêmicos, e vice-versa<sup>139</sup>. Bartlow Martin escreve:

The lectures would have been a triumph if they had done nothing more than demonstrate Stevenson's pulling power among university faculty and students – one young lady arrived with sleeping bag on the steps of Memorial Hall more than twenty-four hours before the first lecture to spend the night and assure herself a place at the head of the line.(...) Some 1,400 people got into Sanders Theater, where Stevenson spoke, and about as many more listened over loudspeakers in two other halls. Nobody knows how many gave up and went home (MARTIN, 1977, p.113).

O reitor Ed Mason ofereceu uma recepção a Stevenson antes da primeira palestra, em que a nata da intelectualidade de Cambridge, lar de duas das mais importantes universidades americanas – Harvard e MIT – pôde ver de perto o famoso político que havia representado os “egghead”. Entre os vários presentes, o professor de economia e membro do *Center for International Studies*, Walt Whitman Rostow. Cinco dias depois de ter conhecido Stevenson na casa de Ed Mason e três dias depois do fim das palestras de Stevenson em Cambridge, eis a certidão de nascimento da relação de ambos, uma carta escrita por Rostow a Stevenson, em 22 de março de 1954:

Caro Sr. Stevenson, nos encontramos na casa de Ed Mason<sup>140</sup> na última sexta à noite. Acho difícil que esses artigos possam entretê-lo. Eles foram terminados em agosto de 1952 e são pré-morte de Stalin. Suas ideias ainda se aplicam. A analogia com Lincoln (p. 87-89, capítulo 3) tem nos confortado a todos e pode interessá-lo. Foi um grande prazer conhecê-lo. Cordialmente, W.W. Rostow.<sup>141</sup>

Rostow já era ligado ao CIS e obviamente sabia do interesse de Stevenson em política externa. Não só isso: teve a oportunidade de ouvir as palestras de Stevenson e provavelmente entendeu que ali poderia haver um interlocutor valioso no mundo político. Rostow despede-se dizendo que foi um prazer conhecer Stevenson, o que sugere que não havia relação entre ambos antes disso. Mas o que teria animado Rostow a escrever a Stevenson e a mandar para o

---

<sup>139</sup> Sobre a atração de Stevenson com o mundo acadêmico, Rostow escreve: “*The attraction of Adlai Stevenson to intellectuals was, in part, his image as being somehow above politics (...)*” (ROSTOW, 1972, p. 490).

<sup>140</sup> Edward Sagendorph Mason era reitor de Harvard à época e havia servido também no *Office of Strategic Services* durante a Guerra. Stevenson estava em Cambridge a seu convite para proferir uma série de três palestras.

<sup>141</sup> “*Dear Mr. Stevenson: We met at Ed Mason's house last Friday night. I thought it barely possible that these policy essays might amuse you. They were finished in August 1952 and are pre-Stalin's death. They hold as much as they ever did. The Lincoln analogy (pp. 87-89 of Chapter Three) has comforted us all and might interest you*”. AES Papers, MC# 124 Caixa 69, Folder 10, Rostow, W.W., 1954-1958.

democrata uma cópia de seus ensaios? Bem, os ensaios enviados a Stevenson foram publicados posteriormente em um livro chamado “*The Dynamics of Soviet Society*”, o qual argumentava basicamente que o que movia os líderes soviéticos, de Lênin até Stalin, era única e exclusivamente a vontade de poder. Assim, todas as ações soviéticas visavam o aumento do poder dos socialistas. Na introdução do livro, Rostow explica um dos objetivos da obra: “*The present analysis is also meant to assist the makers of American policy. Any act of policy must be based on some implicit or explicit generalization, or net judgment, concerning the forces at work in the area to which it is addressed* (Rostow, 1953, p. 4). Assim, parece lógico que Rostow tenha enviado a Stevenson uma cópia do livro, ou do que viria a ser o livro: se a obra era destinada a ajudar a influenciar na feitura da política americana, Stevenson era, do lado democrata, a pessoa mais qualificada para ter contato com aquelas ideias. E isso não é tudo: nos três dias em que Stevenson esteve em Cambridge, suas palestras também giraram em torno da ideia de como a ameaça soviética era o grande problema a atormentar a vida americana naquele momento. Assim, Rostow deve ter identificado nas palestras um apreço pelo tema central de seu livro.

No dia 17, quando o título de seu discurso foi “*Ordeal of the Mid-Century*”, Rostow ouviu Stevenson dizer: “Todos os dias, políticos, e há muitos deles, juram eterna devoção aos fins da paz e da segurança. (...) e todo dia estadistas, e há poucos deles, devem lutar com os escassos meios para tentar alcançar estes fins”. Ele segue dizendo que os propósitos da nação são sempre maiores do que os meios que ela possui e que o papel da política externa é “encontrar um equilíbrio entre meios e fins, isso é o coração da política externa”<sup>142</sup>. A grande provação que a nação americana tem de passar é a de se elevar ao momento, que não tolera mais omissão ou isolamento, e liderar as nações do mundo na luta contra o marxismo. Stevenson diz que “Os aliados olham para nós em busca de ajuda, entendimento e liderança sóbria na construção das estruturas de defesa, ordem econômica e bem-estar”<sup>143</sup>. Estas palavras devem ter encontrado ressonância profunda em Rostow, afinal, não era mesmo isso a que se propunha a teoria da modernização?

No dia 18, o título da palestra foi “*Perpetual Peril*”. E qual era o perigo perpétuo ao qual os Estados Unidos estavam agora submetidos? Stevenson argumentou que, com a descolonização, milhares de pessoas no Terceiro Mundo tinham suas esperanças aumentadas:

---

<sup>142</sup> “Every day, for example, politicians, of which are plenty, swear eternal devotion to the ends of peace and security. (...) And every day Statesmen, which are a few must struggle with limited means to achieve these unlimited ends, both in fact and understanding” (STEVENSON, 1962, p. 2).

<sup>143</sup> “The allied world looks to us for aid, understanding and sober leadership in building the structure of defense, economic order and well-being” (STEVENSON, 1962, p. 29).

já tinham liberdade, agora queriam mais. O mesmo valia para a América Latina, que já era livre, mas que ainda não havia atingido um desenvolvimento satisfatório. Assim, nessas áreas subdesenvolvidas, “eles são na maioria analfabetos, não leem jornais, não ouvem rádios, mas as notícias correm, e eles também querem se industrializar”. O grande perigo era que, se os Estados Unidos não fossem a força motriz por trás dessa industrialização, a União Soviética o seria. Rostow deve ter pensado consigo mesmo que ele bem conhecia uma saída para esse problema.

Esse ponto é fundamental para entender a forma como Stevenson enxergava a questão da Guerra Fria no Terceiro Mundo. Para ele, a “revolução das esperanças aumentadas” era real, um perigo perpétuo, e cabia aos Estados Unidos elevarem essas sociedades e suas instituições ao nível de expectativas que fora criado. Tal ideia retornará em outros discursos de Stevenson, bem como será evidenciada também em documentos oficiais da administração Kennedy e do governo brasileiro, como se verá à frente. A teoria da modernização, tal qual proposta por Rostow, será a forma encontrada para construir uma sociedade que atenda às esperanças criadas.

Finalmente, no dia 19, no melhor estilo Kipling, Stevenson fala sobre “*America’s Burden*” e qual seria este fardo americano. Bem, depois de ter tido pausas para uma Revolução, sua modernização e duas Guerras Mundiais, mais uma vez a Rússia se colocava na condição de poder se expandir. Essa expansão, contudo, não é tão somente militar, mas é também uma expansão de ideias; logo, essa será uma luta ideológica, adverte Stevenson, e o fardo americano é exatamente o de liderar o mundo ocidental nessa luta. Rostow deve ter sorrido. A mensagem de Stevenson, ressonando tantas questões já identificadas pela teoria da modernização, deve ter soado como música aos ouvidos de Walt Whitman. Três dias depois, ele escrevia a Stevenson.

Ao que tudo indica, a aproximação de Rostow rendeu frutos. A partir desse momento, há o início da correspondência entre o político e o acadêmico. No ano de 1956, Rostow tenta se aproximar de Stevenson no papel de *ghost writer* para seus discursos de campanha, mas essa aproximação não deu muito certo (MILNE, 2008). Stevenson já tinha uma equipe formada desde 1952 e, além disso, ele mesmo gostava de escrever a maioria de seus discursos. Contudo, mesmo após a segunda derrota eleitoral, a correspondência entre ambos continuou. Em 1957, agora duas vezes derrotado por Eisenhower, Stevenson tinha tudo para ser uma figura obliterada da política americana. Contudo, embora novos valores do partido democrata comesçassem a dominar a cena, como o jovem senador por Boston, John F. Kennedy, Stevenson ainda era o maior símbolo do partido. Não só isso: um fato ocorrido na União Soviética mostra

que, mesmo no contexto de um governo republicano que o havia derrotado duas vezes, Stevenson era importante na construção da política externa americana. Que fato foi este?

Em outubro de 1957, os russos lançam o *Sputnik*, o que abalou a ilusão de uma onipotência americana. Nas palavras de Cuordileone, “*the Soviet launching of Sputnik served as a sobering sign that the enemy possessed a superior hardness of purpose while Americans lazed their way through the decade, growing ever more sated and complacent*” (CUORDILEONE, 2000). Um documento elaborado pelo Conselho de Segurança Nacional também ressaltava o fato de os *Sputniks* serem usados, na América Latina, como propaganda para mostrar o maior dinamismo e progresso científico do mundo socialista quando comparado ao mundo capitalista<sup>144</sup>. *Sputnik* alertou toda a sociedade americana. O governador de Michigan, G. Mennen Williams, chegou a fazer um poema que expressava bem o sentimento de um “Pearl Harbor” científico que tinha atingido os americanos. Seu poema dizia:

*Oh Little Sputnik, flying high  
With made-in Moscow beep  
You tell the world it's a Commie sky  
and Uncle Sam's asleep.* (ANDREW & MITROKHIN, 2005, p. 6)

Uma pesquisa do Instituto Gallup, de abril de 1958, após o impacto do lançamento da *Sputnik*, perguntou para cidadãos de vários países: “quem está na frente na Guerra Fria, a Rússia ou o Ocidente?”. 48% responderam Rússia, 22%, o “Ocidente” e 30% não opinaram<sup>145</sup>. Pela primeira vez na Guerra Fria, os americanos tinham a impressão de estarem atrás dos russos, o que levou o governo Eisenhower a rever suas estratégias.

A 30 de outubro, o secretário de estado Foster Dulles se encontra com Stevenson e faz a ele uma proposta: em dezembro, haveria um encontro da OTAN. MacMillan e Eisenhower haviam resolvido transformar o encontro em uma reunião de cúpula dos países aliados, para a discussão dos novos fatos relacionados ao lançamento da *Sputnik*. Dulles queria que Stevenson fosse designado Assistente Especial para o Presidente e ajudasse a desenvolver as linhas mestras da política a ser levada para esse encontro. Ele deveria fazer parte da comitiva que iria para Paris. Stevenson pediu um tempo para pensar na proposta. Depois de alguns dias, Stevenson comunicou a Dulles que entendia não ser apropriado para ele pensar políticas que

---

<sup>144</sup> NSC 5613/1, September 25, 1956 “*Report From the Operations Coordinating Board to the National Security Council, Washington. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State.*” *American Republics*. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Volume V. iBooks.

<sup>145</sup> *The Gallup Poll, Public Opinion, 1935-1971*. VOL III.

depois poderiam ser aproveitadas ou não pelo presidente, ou seja, sobre as quais ele não teria poder nenhum de escolha. Além disso, ir ao encontro sem, de fato, ter poder de decisão parecia algo um tanto quanto sem sentido. Outro fator que pesou para Stevenson também, embora ele não tenha dito a Dulles, é que havia a possibilidade de Eisenhower, por motivos de saúde, não comparecer à reunião e de a comitiva americana ser liderada pelo vice-presidente Nixon, alguém que Stevenson desprezava profundamente e a quem ele certamente não gostaria de estar subordinado. Stevenson propôs, então, uma alternativa. Ao invés de ir a Paris, ele poderia rever as políticas que o presidente formulasse e usar o seu prestígio internacional para fazer a ponte com outros líderes mundiais. Tudo de dentro do terceiro andar do Departamento de Estado (JOHNSON, 1977, p. 97-108). Dulles aceitou a sugestão de Stevenson.

Stevenson começou a trabalhar na revisão das políticas de Eisenhower, contudo o lançamento de *Sputnik II*, carregando a bordo a cadela Laika, intensificou ainda mais o debate sobre a deficiência tecnológica e educacional dos Estados Unidos frente aos russos. Ao chegar a Washington, em 17 de novembro, para trabalhar de maneira mais próxima a Dulles (uma sala no Departamento de Estado foi separada para Stevenson e um pequeno *staff* foi colocado à sua disposição), Stevenson deu uma breve declaração sobre o que *Sputnik II* representava:

Sputnik nos despertou. Eu estou feliz que o tenha feito. (...) Mas a medida do problema não é só militar. Um perigo tão grande quanto o domínio de mísseis de longo alcance pelos soviéticos é um avanço econômico comunista nas áreas subdesenvolvidas. Se um crescimento econômico sustentável sob auspícios democráticos falhar, as pessoas vão se voltar para o exemplo russo. Eu acredito que devemos mobilizar os recursos produtivos de todos nós para demonstrar que métodos democráticos podem ser mais eficientes, bem como mais humanos, na modernização econômica.<sup>146</sup>

Novamente os termos de Stevenson pareciam coadunar-se perfeitamente com aqueles preceitos pregados por Rostow. Na verdade, os dois corresponderam-se intensamente nesse momento. Em suas cartas, o professor do MIT enviava suas sugestões sobre o que ele achava que deveria ser defendido pelos americanos na reunião com a OTAN. Em uma carta a 2 de dezembro, ele diz que talvez seja interessante os americanos mostrarem que os russos já estão se equiparando aos americanos em volumes de empréstimos, mas de qualquer forma isso nem é o mais importante porque “a questão não está, contudo, nos números, mas no fato de que os

---

<sup>146</sup> *Sputnik has awakened us. I am glad it has. (...) But the measure of the emergency is not merely military. A danger quite as great as Soviet domination by long range missiles is a Communist economic breakthrough in the under-developed areas. If sustained economic growth under democratic auspices fails, people will turn to the Russian example. I believe we must mobilize the productive resources of all of us to demonstrate that voluntary democratic methods can be more efficient as well as more humane in economic modernization* (JOHNSON, 1977, p. 108-109).

soviéticos, estendendo-se em várias direções, conseguiram tirar uma lasca no ponto forte americano. Nós deveríamos estar envergonhados”<sup>147</sup>.

A questão fulcral para Rostow, e também para Stevenson, são os programas de ajuda americana, especialmente de ajuda técnica, que haviam sido incrementados a partir do programa “*Point Four*” do governo Truman<sup>148</sup>, e nos moldes do que havia sido feito durante o *New Deal* com o *Tennessee Valley Authority* (TVA) sobre a direção de David Lilenthal<sup>149</sup>. Contudo, nos primeiros anos de Eisenhower, sob a égide “*Trade and not Aid*”, tais programas haviam sido deixados de lado (EKBLADH, 2010). Com o lançamento dos *Sputnik*, Stevenson e Rostow entendiam que havia o ambiente ideal para voltar a esses programas e entendiam que os países da OTAN deveriam participar disto, fortalecendo os programas de empréstimos e cooperação técnica necessários para a modernização das nações subdesenvolvidas, afinal, essas nações agora estavam mais suscetíveis a fazer uma modernização via soviética, uma vez que os soviéticos se mostravam mais “modernos” do que os próprios americanos. Eram os louros que eles colhiam por terem lançado uma cadela ao espaço. Se os americanos não intensificassem seus programas de cooperação e ajuda, fatalmente veriam os russos fazê-lo e, assim, os Estados Unidos perderiam terreno e liderança moral no contexto da Guerra Fria.

Em uma carta a Rostow, datada de 23 de dezembro de 1957, Stevenson escreve: “Caro Walt, Foster Dulles me ligou esta manhã e, entre outras coisas, disse que o único país que falou em desenvolvimento econômico em Paris foram os Estados Unidos (...)”<sup>150</sup>. Ele continua dizendo: “eu tenho a impressão que temos muito trabalho a fazer com os nossos aliados se formos ter progresso rumo a uma ação coordenada, veja lá pensar em expansão”<sup>151</sup>.

---

<sup>147</sup> *The real point lies, however, not in the figures but in the fact that the Soviets, straining in many directions, have even been able to make a dent in the area of American main strength. We ought to be ashamed of ourselves.* AES Papers, MC# 124 Caixa 69, Folder 10, Rostow, W.W., 1954-1958.

<sup>148</sup> Havia muitas diferenças, já nesse período, sobre como as várias nações latino-americanas entendiam que essa ajuda norte-americana deveria acontecer. Em um artigo antigo, mas ainda relevante, Stephen Rabe mostra como todas essas diferenças afloraram na conferência de Chapultepec, em 1945: os cubanos queriam um planejamento estatal, os brasileiros queriam que os mais ricos injetassem recursos aos mais pobres, os chilenos falando de uma industrialização hemisférica e os americanos defendendo o abandono de políticas nacionalistas (RABE, 1976).

<sup>149</sup> O TVA era uma espécie de menina dos olhos dos democratas americanos. Um programa lançado no contexto do *New Deal* tinha como objetivo fomentar, via investimento governamental, a pobre zona do vale do rio Tennessee, que compreendia alguns dos estados mais pobres dos Estados Unidos, como Alabama, Tennessee e Kentucky. Os teóricos da modernização também se espelhavam muito no TVA, porque, para eles, esses estados americanos tinham um nível de pobreza comparável aos do Terceiro Mundo, e se o TVA havia conseguido aumentar significativamente o desenvolvimento econômico desta região, certamente conseguiria também aumentar o nível econômico das nações em desenvolvimento na Ásia, na África e na América Latina.

<sup>150</sup> *Dear Walt (...) Foster Dulles called me this morning, and among other things said that the only NATO country that talked about economic development at all at Paris was the United States.* AES Papers, MC# 124 Caixa 69, Folder 10, Rostow, W.W., 1954-1958.

<sup>151</sup> *I got the impression that we have a lot of work to do with our allies if there is going to be any progress toward coordination, let alone enlargement.* AES Papers, MC# 124 Caixa 69, Folder 10, Rostow, W.W., 1954-1958.

Aqui se pode ver a circulação de informação entre Dulles, Stevenson e Rostow. Essa carta revela como Stevenson, influenciado pelas ideias de Rostow, leva essas ideias até o âmbito oficial do governo americano. Novamente, não há como dizer que foram as sugestões de Stevenson que fizeram com que Dulles fosse por esse ou aquele caminho, mas o fato de Dulles ter se comunicado com Stevenson especificamente sobre essa questão faz ver que, ainda que Dulles também já pensasse dessa forma, a opinião de Stevenson pode, no mínimo, ter reforçado suas convicções. Sendo Stevenson quem era, pode-se inferir, a partir do trecho, que suas ideias podem, em alguma medida, ter tido influência mesmo em um governo republicano<sup>152</sup>. O fato é que, na declaração final do encontro de Paris, há 36 pontos dos quais os últimos seis estão separados sob o título “cooperação econômica” e versam sobre formas de cooperação entre os membros da OTAN para catalisar o crescimento econômico em várias áreas. O documento fala também do compromisso em “*accelerating the economic advancement of the less developed areas of the free world*”<sup>153</sup>.

Em um artigo no *New York Tribune*, o jornalista Earl Mazo não entende como o presidente Eisenhower e seu secretário de Estado podem ter trazido à ribalta novamente o líder democrata. “*Eyes on Adlai*” é o título da matéria. Segundo o autor, na semana anterior ao chamado de Adlai, não houve menção ao seu nome. Ele era uma estrela apagada. Na semana em que se soube da sua missão em Washington, houve 10 editoriais sobre ele, 8 dos quais eram desfavoráveis ao “*egghead*” de Illinois. Na segunda semana de trabalhos de Stevenson em Washington, eram 190. Destes, 101 comentavam positivamente o trabalho de Adlai, 17 negativamente e o resto parecia ser imparcial. Todos, contudo, citavam o nome de Stevenson. E várias vezes. E sem errar a grafia. Ele estava de volta<sup>154</sup>.

Se o ano de 1957 terminou deixando evidente a ligação de Stevenson com a teoria da modernização por meio de Walt Whitman Rostow, o ano de 1958 traria ainda mais evidências dessas ligações modernizantes. É o momento em que Stevenson entra em contato com o *magnus opus* de Rostow, antes mesmo de sua publicação em março de 1960. Stevenson ganha do amigo Rostow um “rascunho” que foi distribuído a todos que participaram de uma série de

---

<sup>152</sup> O jornalista Don Irwin comenta um pouco desta influência no encontro da OTAN e um artigo de 15/12/1957 no *New York Herald Tribune*: Irwin, D. (1957, Dec 15). “NATO summit talks face economic problems”. **New York Herald Tribune** (1926-1962), extraído de: <https://search-proquest.com.ezproxy.princeton.edu/docview/1324074174?accountid=13314>.

<sup>153</sup> Final Communiqué – 1957 Nato Meeting. Disponível em: <https://www.nato.int/docu/comm/49-95/c571219a.htm>.

<sup>154</sup> Mazo, E. (1957, Dec 20). “Eyes on Adlai”. **New York Herald Tribune** (1926-1962). Extraído de: <https://search-proquest-com.ezproxy.princeton.edu/docview/1326286722?accountid=13314>.

aulas (*lectures*) que Rostow deu sobre o livro em Cambridge no ano de 1958<sup>155</sup>. O impacto do livro sobre Stevenson parece ter sido bastante grande, porque, a partir de agora, Stevenson começaria, ele mesmo, a difundir essas ideias através de alguns de seus artigos. Adlai era um escritor requisitado por revistas do mundo todo, e seus artigos eram traduzidos para várias línguas. Em 1959 ele escreve um texto para a *Foreign Affairs*, que foi publicado em vários países, inclusive no Brasil.

No Brasil, o texto, que tinha o título original “*Putting First Things First*”, foi publicado pela *Revista Brasileira de Política Internacional*, em junho de 1960 (portanto, logo depois da primeira visita de Stevenson), com o título “*Os Estados Unidos no Cenário Mundial*”. Logo no início do texto, Stevenson fala que um dos principais problemas que os Estados Unidos enfrentam é que “ainda não ficou provado que democracia e seus processos de persuasão podem igualar-se em eficiência ao planejamento centralizado e as ditaduras”<sup>156</sup> (STEVENSON, 1960, p. 9). Ele está preocupado com o desafio que os Estados Unidos têm de enfrentar, porque ao mesmo tempo em que parece mais difícil para as democracias se igualarem na eficiência demonstrada pelas economias de planejamento centralizado,

o exemplo soviético de modernização e fortalecimento rápido exerce forte atração sobre os países atrasados. (...) Os planejadores soviéticos esperam que, tal como aconteceu na China, os regimes não comunistas da Ásia, do Oriente Médio, da África e de partes da América Latina, não serão capazes de solucionar os problemas da modernização e do desenvolvimento econômico e se verão forçados a adotar a alternativa comunista. (...) O objetivo não é apenas de vencer uma **guerra** fria, mas de **persuadir** um mundo frio (STEVENSON, 1960, pp. 9-10, grifo do autor).

Bem, a esta altura o leitor começa a se perguntar qual será a alternativa que Stevenson proporá para persuadir um “mundo frio” a seguir o caminho que ele entende como correto. Imagino que a resposta não se mostrará uma completa surpresa:

A renda anual *per capita* nos Estados Unidos é de 2.000 dólares, contra menos de 100 dólares para um terço da população mundial. O pior aspecto, porém, desta disparidade, é que as nações ricas estão se tornando mais ricas e as pobres mais pobres. Felizmente, aqui e entre nossos amigos, chegou-se afinal a compreender de forma cada vez mais clara de que essas são as áreas decisivas e que temos de **auxiliar os povos subdesenvolvidos a atingirem um nível de crescimento capaz de sustentar-se a si mesmo**” (STEVENSON, 1960, p. 11-12, grifo meu).

---

<sup>155</sup> AES Papers, MC# 124 Caixa 69, Folder 10, Rostow, W.W., 1954-1958. Na verdade, o livro de Rostow origina-se destas palestras proferidas em Cambridge, em 1958.

<sup>156</sup> Usarei aqui a versão brasileira do artigo, tal qual publicado na RBPI, a partir da cópia que Stevenson guardou em seus documentos pessoais. “Os Estados Unidos no Cenário Mundial” In: **Revista Brasileira de Política Internacional**, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, Ano III, VOL 10.

Nas partes destacadas por mim, pode-se ver diretamente a influência de Rostow no texto de Stevenson. O auxílio a países subdesenvolvidos, até que atinjam um nível de crescimento em que se autossustentem, pode ser traduzido, em termos Rostowinianos em ajudar tais países até que passem da fase de *take-off* para a fase de voo.

O texto de Stevenson segue neste tom, afirmando que a ajuda econômica à Índia é essencial para que a Ásia não ceda à sedução do comunismo e de que a *modernização* – este é o termo preciso que ele utiliza – precisa chegar logo à América Latina. Ele escreve sobre a “necessidade de uma modernização mais rápida e de uma cooperação mais estreita com a América Latina” (STEVENSON, 1960, p. 13). Aqui se vê, de forma concisa, todas as premissas imaginadas por Rostow: uma modernização que poderia acontecer via ajuda (cooperação) concedida pelos Estados Unidos. Imagino que, agora, até mesmo o mais cético dos leitores há de concordar que Stevenson, de fato, tem uma influência bastante forte da teoria da modernização em seu pensamento. Contudo, caso ainda haja alguma ínfima dúvida, é interessante notar que, a 13 de novembro de 1959, Stevenson mandou por correio 4 cópias do artigo marcadas como “1ª versão” para Walter Rostow, com a seguinte mensagem:

Caro Walt – Aqui está a primeira penosa versão do artigo para a *Foreign Affairs*. Eu não reli, e tenho de viajar a negócios novamente. Se você puder ler e puder me passar seus comentários e correções pelo telefone (a cobrar!) na próxima quarta-feira à tarde eu seria muito grato. Eu tenho de ir a NY ao meio-dia na quinta-feira e prometi esta coisa horrenda a Ham Strong para sexta-feira pela manhã. Suas notas foram muito úteis – como você verá!<sup>157</sup>

Bem, não há o registro da conversa telefônica entre Stevenson e Rostow, porém, ainda assim, penso ser agora bastante clara a influência de Rostow no artigo de Stevenson e na forma como ele pensa a política externa americana para o Terceiro Mundo. Parece-me, desta forma, que ficará mais fácil entender as palavras e ações de Stevenson com relação à América Latina sob tais circunstâncias. Essa relação de Stevenson é interessante não apenas para constatar a influência do pensamento de Rostow em Stevenson, mas também para notar essa ligação entre o político e o intelectual e entender como algumas premissas de Rostow se fazem conhecer em plano governamental ainda durante o governo de Eisenhower. É importante também notar que Stevenson não é um simples receptor das ideias de Rostow. Stevenson absorve ideias de

---

<sup>157</sup> O original: “Dear Walt – Here is a first painful draft of the article for *Foreign Affairs*. I have not read it over and am obliged to go away on business again. If you could read it over and am obliged to go away on business again. If you could read it and let me have your comments & corrections by telephone (collect!) come Wednesday afternoon I would be most grateful. I have to go to N.Y at noon on Thu[r]sday and have promised this wretched thing to Ham Armstrong Friday morning. Your notes were most helpful – as you will see! (JOHNSON, 1977, p. 371).

Rostow, mas não só dele. A economista inglesa Barbara Ward, editora da *The Economist* e também muito ligada às questões dos países do Terceiro Mundo, é outra que recebe cópias do artigo e que ajuda Stevenson a escrevê-lo<sup>158</sup>. Muito do que Stevenson defende no artigo, e que é também defendido por Rostow, já está no Stevenson forjado nos serviços de informação da II Guerra Mundial. Na verdade, como notam vários autores, a teoria da modernização é o coroamento do pensamento liberal americano, é a ideologia que naturalmente segue a tradição do liberalismo do *New Deal*<sup>159</sup>. Como disse anteriormente, as próprias *lectures* proferidas em Harvard, quando Rostow é apresentado a Stevenson, já mostram uma aproximação do pensamento de ambos. Assim, Stevenson apenas reconhece isso, ou melhor, se reconhece nisso. E o que eu quero dizer com isso?

### 3.4 Modernização e Liberalismo

Liberais como Stevenson, McLeish, Benton, Schlesinger serão muito influenciados pelo liberalismo americano nascido do *New Deal*. Desse liberalismo dos anos 30, os liberais americanos, quase sempre aglutinados no Partido Democrata, vão herdar a crença no poder transformador do Estado. Entretanto, como ressalta Gerstle, esse liberalismo do *New Deal* ainda tem pouco interesse na mudança do sujeito. Nas palavras do autor, “*they reserved their passion for economic reform; their moral compass pointed to such words and phrases as ‘security’, ‘opportunity’, and ‘industrial democracy’*” (GERSTLE, 1994). É nos anos 60 que esse liberalismo vai incorporar ao seu discurso temas como a igualdade racial e a desigualdade social, como já se pôde constatar, inclusive, por meio das palavras de Stevenson. Aqui procuro evidenciar a segunda questão colocada no início deste capítulo: a de que a teoria da modernização deve seu sucesso não só por ser uma alternativa disponível, mas também porque refletia valores do pensamento liberal americano sobre o mundo em desenvolvimento. Ou seja,

---

<sup>158</sup> Stevenson envia uma extensa carta a ela em 30 de setembro de 1959, enviando um rascunho do artigo e pedindo ajuda para escrever algumas partes dele (JOHNSON *et. al.*, 1979, p. 364-365).

<sup>159</sup> Gilman escreve que “*Americans liberals in the late 1960s believed that these achievements had become a permanent state of affairs in the United States. For modernization theorists, moreover, these achievements would be transposed into a model for the future of the postcolonial world. American liberals of the mid-1960’s surveyed the world with cautious optimism*” (GILMAN, 2007, p. 242). Eckbladah diz: “*Within the New Deal itself a hybrid domestic and international reform ideas to meet a global crisis – development advocates found the model they sought.(...) The TVA (Tennessee Valley Authority) stood as proof that large-scale multipurpose development, invested in state planning and dependent technology that was international in its origins, could be blended with liberal political ideas claiming a singular American origin.(...) Their formulations served to set this liberal model of development apart from strikingly similar communist and fascist development ideas*”. A tese de Eckhardt, na verdade, é de que, já a partir dos anos 30, a “*vital new formulation crystallized*” nos Estados Unidos possibilitou a ascensão de políticas de desenvolvimento e modernização já antes da II Guerra Mundial (ECKHARDT, 2010, p. 3-10).

a questão não é bem saber por que ela foi escolhida, mas como ela acabou por ser a alternativa que melhor espelhava ideias importantes para esses políticos.

Para que se entenda melhor essa questão, é importante, contudo, debruçar-se com mais zelo sobre a trajetória do liberalismo americano, até porque, hoje no Brasil, diversos setores da sociedade o tomam como exemplo, sem entender antes, contudo, sua jornada histórica. Por exemplo, no século XIX, o liberalismo americano pregava o fim das amarras mercantis e dos resquícios de laços feudais (HARTZ, 1955)<sup>160</sup>. Quando, porém, o liberalismo do século XX falhou em suas promessas, analisa Gerstle, o que se viu foi o livre comércio se tornar monopólio e a abolição da escravidão se transformar em uma espécie de sistema de castas. Foi então nesse momento que parte dos liberais se voltou para a ideia da necessidade de um mediador, o Estado, para resolver ou, pelo menos, mitigar tais questões. Claro que uma parte ainda ficou fiel à ideia liberal do século XIX, mas esses, de acordo com Gerstle, já fazem parte da história do movimento conservador americano, e não do liberalismo (GERSTLE, 1994)<sup>161</sup>. O autor diz ainda que, a partir de 1920 e 1930, a participação de intelectuais no movimento liberal deve ser vista com maior interesse, uma vez que eles são os responsáveis pela nova fé liberal em ver a ciência como uma ferramenta de reforma e na capacidade de um Estado atuante em educar e libertar. Entre esses liberais-intelectuais, o autor cita Franz Boas, Ruth Benedict e Adolph Berle (GERSTLE, 1994, p. 1048), que será também peça fundamental na

---

<sup>160</sup> Embora mesmo a questão do fim dos laços feudais seja contestável, como Hartz argumenta, Tocqueville diz que a grande vantagem dos americanos é que não tiveram de enfrentar uma revolução democrática, como explica Hartz. Tocqueville fala do ponto de vista de um francês do século XIX para quem a grande Revolução foi a de 1789 e com as esperanças de iluminismo despedaçadas (HARTZ, 1955).

<sup>161</sup> Essa afirmação de Gerstle talvez ajude a entender melhor outra, de Hartz, com a qual Schlesinger concorda, de que a tradição política americana é baseada em um consenso liberal. Assim, nos Estados Unidos, mesmo os conservadores seriam liberais, como se pode ver pela afirmação de Gerstle, liberais do século XIX. Schlesinger prossegue em sua análise indagando-se sobre qual seria, portanto, a diferença crucial entre os ditos liberais e os conservadores nos Estados Unidos. Para ele, essa diferença não está no papel do Estado, nem na questão do nível de liberdade do indivíduo, tampouco no valor e papel da propriedade privada. Para sustentar seus argumentos, Schlesinger cita vários políticos americanos de ambos os espectros defendendo diferentes pontos em relação a todos esses tópicos. Por fim, ele pega uma definição emprestada de Emerson, para quem conservadores e liberais seriam “duas metades de um todo impossível” e chega à definição em que liberais são aqueles que estão com os olhos no futuro, portanto, promovendo mudanças e conservadores como sendo aqueles com os olhos para o passado, tentando evitar essas mesmas mudanças (uma definição um pouco maniqueísta, mas que tem seu apelo nos dias atuais quando o movimento conservador nos Estados Unidos ganha as eleições na esteira de um presidente que tem como *slogan* de campanha um mote da corrida presidencial de 1940). O liberalismo americano se diferenciaria de seus pares europeus, de acordo com Schlesinger, exatamente porque sendo o motor por mudanças seu maior alvo, ele estaria mais voltado para os fins – podendo usar às vezes diferentes meios como maior ou menor controle do Estado, por exemplo, do que nos meios ou do que em uma doutrina. Os liberais americanos do início do século, e Schlesinger cita os dois Roosevelt e Wilson, têm menos coesão ideológica e mais coesão política. Quando uma tentativa de coesão ideológica começa a surgir nos anos 20, com Dewey e com Veblen, defendendo um Estado centralizador mais organizado, vem o *New Deal*, com atuação estatal sim, mas de forma muito menos centralizada e mais caótica do que estes teóricos gostariam que fosse, enterrando, desta forma, para o liberalismo americano qualquer esperança de um Estado racional aos moldes de um Gosplan (SCHLESINGER, 2008).

implementação da Aliança para o Progresso, uma vez que ele era o chefe da força-tarefa interdepartamental para a América Latina do governo Kennedy.

O liberalismo americano dos anos 60 terá em suas filas herdeiros do liberalismo do *New Deal*, como Stevenson<sup>162</sup>, e outros que protagonizarão aquilo que Mackenzie e Weisbrot chamaram de “*The liberal hour*” (MACKENZIE & WEISBROT, 2008), o novo liberalismo dos anos 60, entendendo que o Estado pode ser dínamo não só de mudanças econômicas, como havia sido nos anos do *New Deal*, mas também de mudanças sociais<sup>163</sup>, como faria nos anos da *Great Society*<sup>164</sup>. Explicando a passagem do liberalismo do *New Deal* para o novo liberalismo do pós-guerra, Brinkley diz que:

The New Deal had already eliminated the most dangerous features of the capitalist system; by committing themselves to the belief that economic growth was the surest route to social progress; and by defining a role for that state that would, they believed, permit it to compensate for capitalism inevitable flaws and omissions without interfering with its internal workings. Thus, reconciled to the structure of their economy, liberals of the postwar world could move forward into new crusades – fighting for civil rights, eliminating poverty, saving the environment, protecting consumers, opposing communism, reshaping the world – crusades that would produce their own achievements and their own frustrations, and that would one day lead another, still unfinished, ideological transformation (BRINKLEY, 1989, p. 112).

Esse pensamento de um liberalismo que acredita também em etapas<sup>165</sup> ajuda, inclusive, a entender porque, muitas vezes, esse liberalismo vai se juntar com aquilo que, na América

---

<sup>162</sup> Sobre Stevenson e seu liberalismo, Schlesinger colocou desta forma em uma carta de 19 de maio de 1971, a Rodney M. Sievers, à época, um jovem estudante de doutorado que escreveu a ele com algumas questões sobre Stevenson: “*Stevenson was, I think, conservative by instincts and rather liberal by intelligence and conscience. The 50s were not propitious time for the declaration of new and original ideal in social policy; but it must be remembered that Stevenson was the first politician to raise the issue, as he did in the 1956 campaign, of the “quality of life” in America. He was neither so liberal nor so free in his thought about social questions as, say, the Kennedys (...)*” (SCHLESINGER & SCHLESINGER, 2013, p. 406).

<sup>163</sup> Matusow mostra como autores como Schlesinger e Galbraith têm, por caminhos diferentes, uma mesma ideia: a de que nos anos 60 o liberalismo americano passa para um novo estágio. Schlesinger, por exemplo, chama atenção para a necessidade de um “*qualitative liberalism*” já que o *New Deal* já havia cuidado do “*quantitative liberalism*”. Já Kenneth Galbraith, com o lançamento de seu “*The Affluent Society*”, em 1957, fala da necessidade da diminuição de produção de bens de consumo privado – uma vez que a sociedade americana já estava saturada deles e do investimento maior em pesquisa, escolas, hospitais, praças (...) (MATUSOW, 1984).

<sup>164</sup> É preciso também entender a força que o Partido Democrata tinha no sul, para entender porque essas mudanças sociais, que no caso americano implicavam principalmente no fim do regime segregatório dos negros no sul, eram tratadas com cautela por líderes como Stevenson e até mesmo Kennedy. Em 1960, dos 138 representantes que os estados do sul tinham na câmara, 128 eram democratas. Dos 24 representantes do Texas, terra de Lyndon Johnson, que acabara por ser o presidente responsável pela *Great Society*, 23 eram democratas (MACKENZIE & WEISBROT, 2008, p. 38). Mexer nesses assuntos significava, na cabeça de muitos políticos democratas, perder o “*Democratic South*”.

<sup>165</sup> É preciso, contudo, mostrar que havia críticas a esse pensamento. Nas palavras de Albert Hirschman, havia uma “*will to believe (...)* that foreign aid is the ‘*mining component*’ the ‘*cataclyst*’ whose addition will surely bring the alchemy of the development process to it’s climatic reaction” (HIRSCHMAN, 1971, p. 83). Hirschman, que não era um liberal americano, mas um social-democrata alemão morando em Princeton, defendia algo diferente à época, um desenvolvimento “desequilibrado” de acordo com cada caso; afinal, não havia sido assim na Europa e nos Estados Unidos? Não havia a Alemanha se desenvolvido sem uma acumulação primitiva de capitais, a Itália

Latina, era considerado como fatias mais conservadoras da sociedade. Por exemplo, um dos maiores interlocutores de Stevenson no Brasil era Carlos Lacerda, que pode não personificar o liberal dos anos 60, preocupado em transformações sociais, mas personifica bem o liberal americano do século XIX, aquele que, de acordo com Gerstle e Schlesinger, vai gerar o conservadorismo estadunidense. Assim como na economia, na lógica americana, nosso liberalismo latino-americano encontrava-se ainda em um estado anterior. Talvez fosse questão de desenvolvê-lo.

Tomei Stevenson como um exemplo, mas há outros. Um outro bom exemplo é Lyndon Johnson. Durante o segundo governo Eisenhower, os democratas controlavam o senado e Johnson era o poderoso líder da maioria naquele momento. Uma questão importante que dependia do senado era a do dinheiro direcionado à ajuda externa. O governo Eisenhower, na visão democrata, dedicava pouco dinheiro a isso e de forma equivocada. Mas esse era um assunto difícil de ser abordado pelos democratas, mesmo tendo maioria, e Johnson, que conhecia bem o funcionamento do congresso, sabia disso. Em 1959, o Instituto Gallup fez uma pesquisa perguntado onde os americanos achavam que o governo deveria cortar mais gastos. A resposta número 1, com 17%, foi “*foreign aid*”, seguida em segundo lugar, com 13%, de salários e despesas governamentais; ou seja, a questão do “*foreign aid*” era realmente importante<sup>166</sup>. Entretanto, no âmbito do pensamento de Rostow e da teoria da modernização, a ajuda externa era essencial, como já foi visto. Pode-se perceber isso em outro documento, uma carta escrita em 03 de abril de 1957, por Arthur Schlesinger Jr. ao senador Lyndon Johnson. Ele se refere a uma conversa que tiveram anteriormente e coloca que a questão do orçamento será de vital importância para os democratas. Não só isto, mas ele cita ainda Rostow e Milkan. Ele escreve:

Eu entendo que, no humor político atual, a parte mais vulnerável do orçamento é a ajuda externa. Eu fiquei feliz em ouvir você dizer o que disse, no sábado, sobre a ajuda externa, porque entendo que isto realmente será um grande teste de nossa

---

sem o protestantismo, porque na América Latina todos os países deveriam alcançar antes de mais nada as condições ideais? Em uma crítica a um artigo de Galbraith na *Foreign Affairs*, Hirschman defende que, se fôssemos esperar pelo desenvolvimento das condições ideais (ou estágios), nenhum país teria se desenvolvido. Entretanto, as ideias de Hirschman tiveram uma menor penetração neste momento. A teoria de Rostow, e seus estágios econômicos, parecia conseguir, de uma só tacada, unir os velhos e os novos liberais.

<sup>166</sup> Pesquisa Gallup, Abril, 2-7, 1959 Survey#612K Questão 25b “*Do you think there is anything for which the Government should be spending less money than is at present?*”

Foreign aid.....	17%
Government expenses, salaries.....	13%
Defense.....	09%
Farm subsidies.....	04%
All other things.....	09%
All other things.....	48%

responsabilidade enquanto partido. Pessoalmente entendo que o atual programa de ajuda externa pode e deve ser atacado, e que os Democratas deviam exigir um novo programa de ajuda externa. Mas um programa correto, ao meu ver, irá focar essencialmente em problemas de crescimento econômico e envolverá uma mudança de fundos em algumas áreas da ajuda militar para a ajuda econômica. Eu entendo que um programa assim seja talvez menos palatável até mesmo do que o atual para alguns de nossos senadores democratas. Mas eu acho que nosso interesse nacional chama para nosso movimento nesta direção, e que um caso persuasivo pode ser feito para um novo programa de ajuda nessa linha. Dois professores do MIT, economistas, Walt Rostow e Max Milikan, têm pensado bastante sobre esta questão. Ambos são homens razoáveis com uma longa experiência de governo. Como Galbraith e Harris, eles estão cientes dos problemas políticos envolvidos em qualquer programa assim. Eu penso que, se você e outros senadores democratas estão planejando qualquer tipo de luta por ajuda externa, o conselho deles seria bastante útil. Walt Rostow me disse que ele ficaria feliz em ir a Washington e encontrá-lo (SCHLESINGER & SCHLESINGER, 2013, p. 142).

Essa carta de Schlesinger a Johnson é um outro elemento que permite que se enxergue o poder das redes sociais de amizade para a difusão de ideias políticas. Arthur Schlesinger Jr. era do círculo mais íntimo de Stevenson, e Rostow havia se tornado um nome importante para alguns democratas no que dizia respeito ao tratamento da ajuda externa, de como os recursos deveriam ser alocados e o porquê de serem alocados daquela forma. A mudança na forma como o governo Eisenhower abordava a questão da ajuda externa para como o governo Kennedy, calcado nas ideias de Rostow, atuará pode ser mais bem percebida nas palavras do próprio Rostow: *“The initial stance of the Eisenhower administration toward the developing world had been shaped by military and budgetary tactics rather than theory or history”*. Em seguida, complementa mais à frente: *“The primary communist threat in the developing world after 1953 was not one of overwhelming ground force attack but rather of ideological and economic attraction, of subversion (...)”* (ROSTOW, 1972, p.87).

Havia na América Latina uma percepção real de que a ajuda americana era voltada, basicamente, para armar o continente e, assim, ser uma ponta de lança na luta contra o comunismo. A ideia de que a ajuda americana viria com o intuito de ajudar a elevar o nível de vida das populações locais era muito pouco aceita. Um grupo em particular que preocupava os americanos eram os estudantes latino-americanos. Já em 1948, por exemplo, a CIA menciona uma infiltração comunista na província de La Plata, liderada por Elmiro Correa, que estaria a *“recrutar novos membros entre os estudantes latino-americanos”*<sup>167</sup>. Preparando-se para a viagem de Milton Eisenhower (irmão do presidente) pela América Latina, a CIA informa que há algum perigo de agitação para o irmão do presidente norte-americano entre os estudantes

---

<sup>167</sup> “Underground Communist Ring Active Among Latin American Students”. Arquivo Geral Da CIA, CIA-RDP82-00457R001900200006-7.

panamenhos<sup>168</sup>. Em outro relatório, eles são descritos como um “grupo chave” a partir do qual o comunismo poderia se alastrar<sup>169</sup>.

A 31 de julho de 1962, o presidente Kennedy recebe o embaixador Roberto Campos e um grupo de estudantes brasileiros. Quando perguntado sobre o que faria caso o governo brasileiro decidisse socializar os meios de produção, Kennedy tergiversa sobre a liberdade dos povos em escolher seus caminhos e diz que os Estados Unidos respeitam essa liberdade. Em seguida, fala do caminho escolhido pelos americanos para sua modernização e crescimento e diz: “você podem escolher esse caminho ou podem escolher outro. Nós aceitaríamos, desde que fosse uma livre escolha. O que nós somos contra é a tirania<sup>170</sup>”. Esta preocupação com os estudantes, evidenciada na recepção de Kennedy ao grupo, é bem exemplificada também na primeira viagem de Stevenson. Ele e Benton dedicam muito tempo para falar com estudantes e fazem muitas anotações sobre o comportamento e funcionamento das universidades na América Latina.

Entendo que, nesse caso, a preocupação especial com o grupo de estudantes é um outro exemplo de como em casos assim a linha entre a viagem com interesses privados e os interesses de Estado se confundem um pouco. Benton era um alto executivo da *Britannica* e Stevenson era membro do Conselho da *Britannica*. A empresa tinha interesses especiais em universidades e estudantes. Assim, tratava-se de interesse de negócios também. Mas isso não é tudo. Coaduna-se ainda com uma das formas com a qual Stevenson acredita que esta “luta” entre o capitalismo e o comunismo pode ser ganha: por meio da cultura e da influência nas elites pensantes. Tal interesse acaba por fornecer uma visão importante para ajudar a compor o quebra-cabeças social latino-americano, na medida em que mostra um pouco mais do pensamento e comportamento desses estudantes por meio da documentação gerada a partir de Stevenson e Benton. O próprio Benton havia sido avisado por um funcionário do consulado americano em São Paulo, Mr. Burton, que os políticos no Brasil agiam sob a pressão de vários grupos, o mais forte deles era, como no resto da América Latina, o dos estudantes<sup>171</sup>.

Quando estavam no Chile, por exemplo, Benton e Stevenson foram a um programa de rádio e disseram aos ouvintes que escrevessem cartas para o político americano com suas

---

<sup>168</sup> “Latin America – Dr. Eisenhower’s Trip. Arquivo Geral da CIA, CIA-RDP79R00890A001000010007-8.

<sup>169</sup> “Communist Penetration of Latin America”. Arquivo Geral da Cia, CIA-RDP79R00890A001100120009-3.

<sup>170</sup> “You may decide that or you may decide on another course of action. We would accept that as long as it represented a free choice. What we are against is tyranny.” *The Public Papers of The Presidents of The United States*. John F. Kennedy: 1962: containing the public messages, speeches, and statements of the president, January 20 to December 31, 1962. p. 585.

<sup>171</sup> “Meeting with the Consul General and his staff - São Paulo – Governor Stevenson and Party, 03/22/1960”. AES Papers, Caixa 452, Folder 2, Série 9: travel materials. Benton, William – Notes. Vol. III – 1960. SML.

opiniões sobre o que havia sido discutido no programa – a relação entre os Estados Unidos e a América Latina. Benton mandou todas as cartas recebidas para John Howe, da Enciclopédia *Britannica*, com instruções de que todas fossem respondidas em nome do governador e que fosse enviado para cada estudante um “*yearbook*” da *Britannica*. Em uma das cartas, alguém que assina como Augustín Arriagada diz:

Sobre o que IKE disse, o total de ajuda à América Latina alcança os 11.000 milhões de dólares em 14 anos, o que é bastante. Mas uma proporção considerável disto foi gasta em ARMAMENTOS para cumprir as obrigações impostas pelo tratado de defesa continental (...) HOJE EM DIA A POBREZA É A DOENÇA MAIS INFECTUOSA(...).<sup>172</sup>

Verificando o diagnóstico proposto pelo estudante chileno, parecem as palavras de Rostow ditas de outra forma. A carta tem 3 páginas e versa longamente sobre ações americanas que despertam o antiamericanismo na América Latina. Alguns estudantes falavam que deveria haver maior intercâmbio entre as universidades americanas e as chilenas, outras escreviam dizendo que queriam apenas a enciclopédia, mas muitos colocavam suas ideias de maneira mais contundente, como Luis Alberto Crenovich, estudante da Escola de Engenharia da Universidade do Chile. Ele diz:

O Departamento americano para a América Latina, baseado em estatísticas, sabe que os países da América Latina ainda estão na órbita americana. Mas por quanto tempo? Isto é algo que a estatística não pode mostrar.

A enorme e grande ajuda dos Estados Unidos para a América Latina não pode ser ignorada. Mas ao invés disto, os países da América Latina não apreciam a sua ajuda. Latino-americanos são arrogantes e orgulhosos, e eles tentam ignorar a assistência que não vem do coração, ou de irmão para irmão. Os Estados Unidos precisam entender que a classe trabalhadora não inclina sua cabeça para o dinheiro. Uma prova disto é a forma como os latino-americanos apelidaram os Estados Unidos, “o país do dólar”, eles dizem, reconhecendo o declínio do indivíduo que com dinheiro obtém e corrompe tudo...

É fácil observar que uma grande quantidade de dinheiro sai dos Estados Unidos, por meios diferentes como empréstimos governamentais, armamentos, comissões, etc. e não chegam à classe trabalhadora (GRIFO NO ORIGINAL)<sup>173</sup>.

---

<sup>172</sup> AES Papers (MC#124) Caixa 446, Folder 7. Series 9, *Travel Materials. General Correspondences* (Students). 1960.

<sup>173</sup> *The U.S Department for Latin America, based on statistics, knows that Latin American countries are still in its orbit. But how long will these countries remain in it? This is something that statistics cannot show. The enormous and great aid of the United States to Latin America cannot be ignored. In spite of this, the Latin American countries do not appreciate this help. Latin American are proud and arrogant, and they try to ignore the assistance that does not come with feelings of the heart, or from brother to brother. The United States may keep in mind that working classes do not incline their heads for Money. A proof of this is the despective way the Latin American countries nick-name the United States. They say the “country of the Dollar, recognizing the decline of the individuals that with money obtain and corrupt everything...*

*It is easy to observe that a great deal of the money that goes out of the United States and by different ways like government loans, armaments, commissions, etc. does not arrive to the working classes.* AES Papers (MC#124) Caixa 446, Folder 7. Series 9, *Travel Materials. General Correspondences* (Students). 1960.

Neste trecho, também se observa um certo ressentimento com relação ao tipo de ajuda que os Estados Unidos ofereciam à América Latina. O estudante manipula um dos grandes medos da política externa americana para a América Latina, a de que outros países, além de Cuba, saíssem de sua órbita para cair na órbita soviética. Isso não era nenhuma novidade. Os governos dos países latino-americanos faziam o mesmo. Mas uma parte do relato chamou a atenção do ex-senador Benton. A parte final, sublinhada por mim, está destacada também com lápis preto no documento original. Benton leu e destacou essas ideias e chamou a atenção dele o argumento de que a ajuda americana não chegava ao povo latino-americano.

Stevenson guardou também um recorte da revista “*The Commonwealth*”, de 8 de abril de 1960, em que foi publicada uma carta aberta da Federação de Estudantes Chilenos ao presidente Eisenhower. Os editores apresentam a carta como uma das respostas mais significativas da visita que o presidente Eisenhower acabara de fazer à América Latina e ao Chile. Fala do criticismo duro das políticas americanas contido na carta e ressalta o caráter “não-comunista” dos estudantes, o que torna o conteúdo da carta ainda mais perturbador. Nesta carta percebemos que há muito do teor existente nas outras, as avulsas, colecionadas por Benton e Stevenson. A carta começa saudando o presidente Eisenhower e com os estudantes evidenciando o caráter democrático da eleição de seus líderes e de que são, na maioria, “cristãos” e “*freethinkers*”, talvez para afastar qualquer dúvida de alguma filiação comunista por parte da entidade. A seguir eles enumeram uma série de pactos (Rio, Bogotá, Declaração de Caracas), que fazem parte do que eles chamam de “sistema interamericano”, que, para eles, só serve para a defesa do mais forte (Estados Unidos).

Dizem ainda que os países produtores primários são explorados pelos países desenvolvidos, que não pagam o preço justo pelos produtos primários e que é uma exploração que substitui aquela que era feita há quarenta anos pelos europeus. Em um dos pontos críticos da carta, chamam atenção para o fato da América Latina ser um continente assolado pela fome e pelo analfabetismo, e que muitos latino-americanos começam a procurar no comunismo os bens básicos da civilização e da moralidade: letramento, casa e pão. Chegando ao fim da carta, os estudantes dizem que seria um erro lastimável para Eisenhower intervir em Cuba. Entendem que o que acontece ali não é claramente um caso de Revolução Comunista e que parece que a única razão para os Estados Unidos atacarem a reforma agrária cubana – reforma esta bem mais moderada do que a liderada por MaCarthur no Japão e do que outras apoiadas pelos

---

americanos em várias partes do mundo, é que, em Cuba, a terra pertence a 7 empresas americanas. Logo, concluem, parece aos latino-americanos que o verdadeiro mal aí é o capital privado americano.

Nota-se novamente nesta carta que havia alguma consonância entre o pensamento dos estudantes e aquele desenvolvido por Rostow. A política americana até aqui era equivocada e a ajuda financeira deveria ser direcionada para outras áreas que possibilitassem um aumento da qualidade de vida dos latinos. É novamente o mesmo espírito contido na carta de Schlesinger Jr. para o senador Lyndon Johnson. E não eram só os estudantes que tinham essa mesma sensação, alguns chefes de Estado também. Contudo, se a opinião dos estudantes importava na medida em que eles representavam o futuro da influência norte-americana no hemisfério, a opinião dos chefes de Estados tinha um peso bem maior porque tratavam dessa relação do presente do ponto de vista de quem já detinha o poder. Em um discurso do grupo de estudo da Operação Pan-Americana no palácio do Itamaraty, o presidente Kubitschek disse:

Vamos iniciar uma batalha conjunta para solucionar neste hemisfério o grave problema da estagnação, que é o reino da miséria. Já sabemos que só há uma luta válida, a de **acelerar o desenvolvimento a fim de pôr paradeiro ao atraso que nos degrada**. Que sabem o que fazer com a liberdade das populações das zonas subdesenvolvidas onde reina o total desconforto, a doença, a carência de quaisquer recursos? A consciência de que existem populações às quais não aproveitam sequer serem livres é o fundamento moral da Operação Pan-Americana, vale dizer, a sua substância. Não nos debruçamos nós, homens de Estado da América Latina, sobre um mundo de estagnação e de miséria, levados somente por comovido constrangimento. A Operação Pan-Americana é também um problema político. Quem não compreendeu que esta é a sua nota justa, nada compreendeu ainda. (PINTO, 2010, p. 41, grifo meu).

Novamente aqui se vê a reiteração da ideia de acelerar o processo de desenvolvimento como forma de dirimir as questões socioeconômicas que assolam a América Latina. Mensagem passada pelo governo Kubitschek e reiterada pelo governo Quadros quando da segunda viagem de Stevenson à América Latina, desta vez já como embaixador americano na ONU. O ministro Afonso Arinos em seu discurso destacou:

Convencido, como o presidente Kennedy e como Vossa Excelência, de que a liberdade da América está ligada à estabilidade democrática na América e de que esta estabilidade democrática é inseparável da prosperidade econômica e da dignidade humana, o presidente Quadros luta porfiadamente para utilizar todos os instrumentos de nossa efetiva soberania (...) Operação Pan-Americana, Aliança para o Progresso são designações sucessivas para um mesmo esforço de libertação da América, esforço que não pertence a ninguém, que não cabe em estreitas vaidades ou risíveis gloriolas, daqueles que não percebem que a perenidade do poder democrático é feita da transitoriedade dos seus ocupantes, esforço que só espera da experiência, da imaginação e da sensibilidade dos atuais governantes americanos, em face do sinistro

desafio dos que nos querem impor a alternativa: miséria ou escravização (FRANCO, 2007, p. 91).

Os exemplos são vários. A questão aqui é notar, portanto, que o diagnóstico de Rostow e de Schlesinger não está muito fora daquilo que pensavam estudantes e chefes de estado na América Latina. O próprio Stevenson consegue perceber isso e anota em seu diário, a 18 de fevereiro de 1960, depois de uma longa conversa com o presidente José Figueras da Costa Rica:

O que toda a América do Sul quer é oportunidade para se desenvolverem. Então deve haver limite de investimento estrangeiro para não desencorajar o crescimento da riqueza local – de outra forma ciúmes, tensão e agitação sobre economia e imperialismo. Querem investimento de algo além de dinheiro; que desenvolva o país e as pessoas que participarem. **“A América Latina não foi civilizada pelo New Deal. E os negociantes americanos pensam na pequena hierarquia econômica latino-americana como o equivalente do ambiente americano de negócios.”**<sup>174</sup> (grifo meu)

Era preciso uma mudança no tipo de ajuda econômica fornecida pelos americanos. Esta ajuda teria de ir no sentido de fomentar o crescimento econômico, o que traria o alívio de condições sociais precárias que existiam por todo o continente e que constituíam um terreno fértil para o alastramento das ideias socialistas, que pareciam ser um caminho viável para a obtenção de justiça social. Como reportado pelo ministro Arinos, a Aliança para o Progreso, assim como a Operação Pan-Americana antes dela, pareciam ir exatamente nesta direção. Uma pergunta que fica, então, é: por que falharam? A resposta é difícil e acredito composta por algumas variáveis, umas já exploradas por outros estudos sobre o tema, outras não.

De princípio, é preciso limitar, entendo, em que âmbito ela falhou. A teoria da modernização foi um quadro teórico, política de governo e ideologia (LATHAM, 2011). Acredito que a falha acontece apenas na dimensão “política governamental”. Para se ter uma ideia melhor do que é essa dimensão, a Aliança para o Progresso está inserida nesse contexto de política governamental. Entretanto, apesar dessa falha no campo prático, entendo que a teoria da modernização continua viva e atuante enquanto quadro teórico e ideologia, como tentarei argumentar no capítulo final desta tese. Ainda assim, enquanto política governamental, as causas para sua falha também podem ser multifacetadas. Mas gostaria de refletir sobre o

---

<sup>174</sup> *What all S A wants is opportunity to develop themselves. So must limit investment from outside so as not to discourage growth of local wealth – otherwise jealousy, tension & agitation about econ. Imperialism. Want investment of something more than Money; that develops country & people who come participate. “Latin Am has not been civilized by the New Deal. And Am[erican] businessmen think of the small L. A. economic hierarchy as the equivalent of the Am. Business community* (JOHNSON, 1977, p. 410).

porquê de seu sucesso enquanto modelo teórico, antes de tratar das razões de sua falha. Qual a razão de ter sido essa teoria, e não tantas outras que circulavam pelo meio político-acadêmico americano, a escolhida?

Uma das características que ajudaram com que essa teoria fosse compartilhada por liberais como Stevenson e outros mais jovens foi o fato de ela já espelhar, conforme mostrado, elementos que eram caros aos liberais americanos: desenvolvimento econômico por meio de ação estatal para estancar o perigo vermelho. Contudo, há outros ingredientes presentes na teoria da modernização e que subjazem a grande parte do pensamento americano em relação à América Latina que dizem respeito a uma certa ação paternalista ancorada em um sentimento de superioridade.

Em uma tese original e controversa, Schoultz (2003) identifica no racismo o elemento que, do ponto de vista dos Estados Unidos, unia todos os países abaixo do Rio Grande. De acordo com o autor, quer seja no diário de um jovem John Quincy Adams, que, aos 12 anos, visita a Espanha e já escreve que os espanhóis (e o autor entende que por extensão a América por eles colonizada) são “*Lazy, dirty, nasty and in short I can compare them to nothing but a parcel of hogs*” (SCHOULTZ, 2003, p. 35), quer seja a ojeriza a uma intervenção europeia bem expressa na Doutrina Monroe (1823), na veemência da defesa de seus interesses econômicos, podemos perceber esse pressuposto de superioridade e um certo paternalismo, para dizer o mínimo.

Assim, uma teoria que ajudaria os Terceiro-Mundistas a finalmente se desenvolverem e começarem a atingir os píncaros civilizatórios em que os Estados Unidos já se encontravam, era perfeitamente aceitável dentro da lógica sob a qual esses homens pensavam. Mesmo políticos como Stevenson, considerado à época um liberal avançado, podia mostrar crença na superioridade do homem branco e de sua civilização em certos momentos. Por exemplo, em 1955, Stevenson inicia um *tour* pela Ásia e África, e, em 27 de junho, um diplomata inglês manda um relatório para o *Foreign Office* sobre suas conversas com o líder do Partido Democrata. Ele diz:

Stevenson disse que enquanto ele é a favor de um governo multirracial, ele entende que não é bom para os africanos neste momento apressarem-se para ocupar posições de responsabilidade enquanto eles ainda não estão prontos. Eles iriam não só ficar desacreditados como fariam mal ao país. A África Central era um país promissor, mas muita paciência era necessária de todos os lados antes que um estado multirracial fosse alcançado (...). Um dos grandes desafios nestes países seria fazer com que líderes feudais como o Asanthi se conformasse com ideias modernas (...). Eu não digo, então, que este relatório tem muito valor, a não ser de demonstrar, mais uma vez, o interesse do senhor Stevenson por assuntos internacionais, e seu simpático

entendimento da posição Britânica na África e sua admiração pelos métodos britânicos.<sup>175</sup>

Enxerga-se neste Stevenson de 1955, falando sobre a questão dos africanos, a mesma linha de pensamento evidenciada no capítulo anterior quando ele comentava os direitos civis nos Estados Unidos. E aqui também notamos essa visão paternalista de que os africanos não estavam ainda prontos, mas estariam algum dia, e que teriam apenas de superar suas brigas feudais e introjetar valores modernos. Aqui há mais uma coincidência de valores entre Stevenson e alguns pressupostos da teoria da modernização. Quando entrar em contato com ela, isso apenas irá reforçar valores que ele já nutre. Ficará, portanto, mais fácil, aderir a esse pensamento. E esses valores estão presentes tanto nos liberais *New Dealers* como nos novos liberais do pós-guerra. A teoria da modernização consegue unir os dois grupos na medida em que pretende alavancar o crescimento econômico, via investimento estatal (*New Deal*), o que será a condição para que haja a revolução social, dentro do capitalismo, sem que haja a necessidade de se recorrer ao socialismo para que tais mudanças ocorram<sup>176</sup>.

Desta forma, ela parecia mesmo um plano perfeito, a ajuda financeira americana, aplicada com racionalidade pelos governos locais, levaria as nações da América Latina, Ásia e África a moverem-se verticalmente na cadeia dos estágios do crescimento (e, por que não dizer, dos estágios civilizatórios) até alcançarem o estágio ideal, aquele em que a sociedade norte-americana se encontrava.

Um outro exemplo desta forma de pensamento em Stevenson pode ser encontrado na relação entre Stevenson e o presidente da Guatemala, Miguel Ydigoras Fuentes. Em seu diário sobre o encontro dos dois, William Benton escreveu: “*Presidente Ydigoras impressionou o governador Stevenson e a mim com sua candura, sua competência e sua aparente capacidade para liderança*”<sup>177</sup>. E de fato, o que salta das páginas do diário de Stevenson sobre o encontro são palavras que vão ao encontro do que foi dito por Benton:

---

<sup>175</sup> “Stevenson said that while he was in favour of multiracial government he could see that it was of no service to the Africans to rush them into positions of responsibility before they were ready they would not only discredit themselves but do damage to the country. Central Africa was a very promising country but great patience was needed by everyone before multi-racial state could be achieved (...) One of the great difficulties in these countries would be to get feudal rulers like the Asantehene to conform to modern ideas (...) I do not claim then, that this report is of much value, except that it demonstrate again Mr. Stevenson’s interest in world affairs and his sympathetic understanding of the British position in Africa, and admiration for the British method” National Archives, FO371/113462.

<sup>176</sup> É sempre importante lembrar que o título completo do livro de Rostow é *The Stages of economic Growth, a Non-communist Manifesto*, o que deixa claro que toda essa teoria tem um objetivo bem claro: barrar o avanço comunista.

<sup>177</sup> “President Ydigoras impressed Governor Stevenson and me with his candour, his competence, and his seeming capacity for leadership” (JOHNSON, 1977, p. 409).

...Visita ao presidente [Miguel] YDIGORAS FUENTES que foi eleito após o distúrbio causado pelo assassinato do [presidente] Castillo Armas. Gentil, quieto, homenzinho engraçado que, disse-me durante o almoço – o presidente da assembleia – dividiu o país entre os desapontados e os surpresos. Depois de séculos de ditaduras e governos fortes desde a Capitania Geral Espanhola, a maioria das pessoas esperava e muitos queriam que ele fosse um ditador também. Ao invés disto, ele introduziu instituições democráticas – e afora uma imprensa realmente livre, prova isto atacando a ele e a sua família; um judiciário independente não manda ninguém para a cadeia; e todos que não estão no governo ou não estão na lista de pagamento conspiram para derrubar o governo.

Problemas Financeiros – preço do café baixo – quer vender mais açúcar para o U.S. se a economia piorar – tumultos e confusões.... Presente de livros sobre a Guatemala e os Maias. **Homem encantador, raro exemplo de genuína grandeza, mas provavelmente não truculento ou implacável o suficiente para essas democracias infantis.** (grifo meu)<sup>178</sup>

Bem, esse relato também deixa transparecer um certo desprezo que Stevenson tem pelas “democracias infantis” latinas, que já estão acostumadas à força e à brutalidade desde a colonização espanhola – e aqui parece que Stevenson não difere muito de Quincy Adams. Não somente isto, mas uma outra característica: uma das vertentes da teoria da modernização acredita que, em determinados contextos, o exército (e sua força) é o melhor instrumento de modernização que se tem disponível. Assim, ao contrário do que pode parecer a alguns, o apoio americano às ditaduras militares na América Latina não estará em desacordo com os preceitos da teoria da modernização. Regimes democráticos poderiam e deveriam ser desestabilizados caso houvesse o risco de que tais regimes pudessem escolher uma modernização via União Soviética. A modernização deveria vir por meio do cachorro Pluto, jamais por meio da cadela Laika. John Prados, um *expert* em operações de inteligência, diz:

Na visão de um mundo dividido em dois campos da Guerra Fria não havia, aparentemente, lugar para o nacionalismo. Não só os Estados Unidos prontamente atuaram contra países como Irã e Guatemala, mas as ações aconteceram independentemente dos esforços dessas nações em manter boas relações com os Estados Unidos<sup>179</sup>.

---

<sup>178</sup> “...Visit to President [Miguel] YDIGORAS FUENTES who was elected in an upset after assassination of [President] Castillo Armas. Gentle, quiet, humorous little man who – the president of the Assembly – told me at a lunch “had divided the country – between the disappointed and the surprised” – After centuries of dictatorship & strong govt. since Spanish Captain General most people expected and many wanted him to be a dictator too. Instead he has introduced democratic institutions - and now a really free press proves it by attacking him & his family; a free judiciary sends no one to jail; and everyone who is not in the gov't & on the payroll conspires to overthrow the gov't! Financial trouble – coffee price low – wants to sell more sugar to U.S if economy bad – unrest & trouble.... Gift books re Guatemalan & Mayans. Delightful man with rare touch of genuine greatness but probably not forceful or ruthless enough for these infant democracies.” (JOHNSON, 1977, p. 410)

<sup>179</sup> In the Cold war vision of two-camp world, there was apparently no place for indigenous nationalism. Not only did the United States readily act against countries like Iran and Guatemala, but the actions were initiated regardless of the nations' efforts to maintain freindly relations with the United States (CARPENTER & INNOCENT, 2015, p. 23).

Ora, o golpe contra Árbenz na Guatemala é a primeira grande ação de desestabilização de um regime democrático pela CIA durante a Guerra Fria na América Latina e é no mínimo irônico que Stevenson esteja falando da grandeza de Ydigoras e da incapacidade do povo guatemalteco em nutrir e manter regimes democráticos. O próprio Ydigoras era um colaborador da CIA<sup>180</sup> e do governo Eisenhower<sup>181</sup>. Ademais, os elogios a Ydigoras só deixam transparecer um certo preconceito com os latino-americanos, haja vista que Ydigoras é um “raro exemplo de genuína grandeza” na parte sul do mundo, fadada desde sua colonização, ou talvez até mesmo antes disso, ao fracasso.

Ver esse pensamento em Stevenson é importante, porque ele não é, como já foi mostrado no capítulo 2, um sujeito fundamentalmente intolerante ou racista. Não se trata disso, mas sim de um certo pensamento de presumida inadequação de alguns povos a instituições democráticas e civilizadas. Tal inadequação pode, na cabeça de liberais como Stevenson, ser contornada se as políticas certas forem aplicadas. E é claro que os Estados Unidos sabem quais são essas políticas e têm o dever moral de implementá-las também na América Latina<sup>182</sup>.

---

<sup>180</sup> Ver (FOIA) /ESDN (CREST): 0000914994, disponível em: [https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC\\_0000914994.pdf](https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC_0000914994.pdf).

<sup>181</sup> Em 25 de janeiro de 1958, Foster Dulles escreve uma carta a Ydigoras para agradecer um cartão de aniversário escrito de punho pelo próprio Ydigoras e para dizer que foi uma honra recebe-lo: “*prior to the assumption of your new responsibilities.*” Ydigoras Fuentes, Miguel; 1958; John Foster Dulles Papers, Caixa 137, Reel 54; *Public Policy Papers, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library.*

<sup>182</sup> Os exemplos a esse tipo de pensamento podem ser encontrados em outros documentos. Um exemplo conspícuo é o de Teodoro Moscoso. Moscoso, de origem porto-riquenha, havia sido embaixador americano na Venezuela em 1961. Ele foi sequestrado na Venezuela em junho de 1961, um mês depois de ter sido indicado pelo governo Kennedy como embaixador. Entre 1962 e 1964, ele foi coordenador da Aliança para o Progresso e diretor assistente para a América Latina da *Agency for International Development*. Em uma audiência no congresso sobre o *Foreign Assistance Act* de 1962, ele foi perguntado sobre o porquê da América Latina não conseguir progredir, apesar de ter sido colonizada antes mesmo da América do Norte. O congressista diz não estar muito otimista com o plano de se desenvolver a América Latina, e se eles não se desenvolveram sozinhos, porque os americanos ainda teriam de gastar bilhões e bilhões de dólares para tentar levar um progresso que parece difícil na região. A resposta de Moscoso foi: “*Mr. Congressman, there is something that has been called the ‘black legend of Spain.’ It should be called the ‘black legend of Iberia.’ The legend goes as follows: Whereas the United States was colonized by people who were fleeing Europe primarily because of religious intolerance and came to live and to make a country, to build a nation; in the case of Latin America they came as conquerors to exploit and to return. As a matter of fact, the Spaniard up until just a few years ago who returned wealthy from Latin America had a name for himself. He was called Indiano. The Indiano was a wealthy man who did not have to work again. Why? Because he had exploited the poor Indians or poor whites and went back to his country to enjoy leisurely life. I believe, Mr. Congressman, you will find that very old tradition, 500 years of that tradition is at the root of some of the troubles we have today. They went to conquer and exploit and not to build a nation. Now they are finding out they have to build a nation and catch up.*” A resposta do congressista foi: “*I would have wished that all the committee would have been here.*”

### 3.5 Conclusão

A forma como Stevenson entra em contato com as ideias de Rostow, como essas ideias já são de certa forma formulações de valores e crenças defendidos por ele e como, por meio de Stevenson, as ideias de Rostow ganham uma projeção mundial, sendo inclusive difundidas em publicações brasileiras, são um ótimo exemplo de como a teoria da modernização, tal qual pensada por Rostow, ganha corpo político e se difunde. Volto a dizer que não quero afirmar com isto que esta é a única forma ou mesmo que Stevenson tenha sido a ponte que levou a teoria da modernização do meio acadêmico para o meio político. No entanto, ele certamente foi uma ponte, um vetor que, dada a riqueza de suas relações e de sua rede social, pode-se dizer que se tratava, sim, de uma ponte importante.

Tentei mostrar ainda que essa teoria foi utilizada naquele momento não somente porque “estava à mão”. Ela estava à mão e também refletia valores importantes que acabavam por unir liberais da velha e da nova ordem, aqueles que pensavam em desenvolvimento econômico e aqueles que entendiam ser a hora de ganhos sociais e ainda refletia outros valores, menos evidentes, mas também presentes no mundo das ideias da política externa americana: a crença na sua superioridade e algum paternalismo, principalmente quando lidando com nações do Terceiro Mundo. No próximo capítulo, analisarei o ponto que julgo ser o principal para compreender a razão da teoria da modernização não ter sido bem-sucedida na América Latina: a modernidade.

Outro ponto que me parece pertinente é o de que as ideias, quando levadas por determinadas personagens que, por conta de sua atuação política ou por sua autoridade moral, têm influência considerável sobre um grupo e podem ter uma penetração bastante forte. Essa é a maior contribuição que Stevenson deu à teoria da modernização ao meu ver. Ele emprestou seu prestígio, escreveu artigos e proferiu palestras que ajudaram a difundir a ideia de que a modernização de nações subdesenvolvidas, por meio da ajuda externa americana, era algo bom e necessário para enfrentar os soviéticos no contexto da Guerra Fria. O artigo que Stevenson escreveu para a *Foreign Affairs*, com a ajuda de Barbara Ward e Walt Rostow, reverberou em toda a América Latina, tendo sido publicado também no Brasil pela *Revista Brasileira de Política Internacional*. A teoria pôde ter a aceitação rápida que teve nos Estados Unidos porque, como já mencionei, espelhava certos valores e ideias de uma fatia do liberalismo americano e também porque ela surge em um momento de transição entre antigos *new dealers* e os novos liberais. Quando exportada, seus pressupostos, expostos por pessoas como Stevenson, acabavam por acalantar, ao menos na retórica teórica, as elites locais também. A

teoria da modernização, com suas propostas de reconstrução por meio do estado, de fomentação de valores morais e de fortalecimento de instituições, parecia feita sob medida para aquele novo momento.

## CAPÍTULO 4 – ENTRE OS RAPAZES DE CHICAGO E OS IRMÃOS MARX: A QUASE MODERNIDADE LATINO-AMERICANA E SEUS DESENCANTOS

*“Poco después, cuando el carpintero le tomaba las medidas para el ataúd, vieron a través de la ventana que estaba cayendo una llovizna de minúsculas flores amarillas. Cayeron toda la noche sobre el pueblo en una tormenta silenciosa, y cubrieron los techos y atascaron las puertas, y sofocaron a los animales que durmieron a la intemperie. Tantas flores cayeron del cielo, que las calles amanecieron tapizadas de una colcha compacta, y tuvieron que despejarlas con palas y rastrillos para que pudiera pasar el entierro.”*

Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão

### 4.1 Introdução

O escritor peruano e Nobel de literatura Mario Vargas Llosa anotou um final possível para a história do livro “A Guerra do Fim do Mundo” em um de seus cadernos de estudos para a obra. O livro é baseado na história da Guerra de Canudos (1896-1897) e no livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Na anotação do possível final (Llosa estava em dúvida se este deveria ser ou não o final), que se encontra hoje na coleção de Vargas Llosa na Universidade de Princeton, o peruano Nobel de literatura escreve:

Os Cães de Canudos. Lenda Fantástica ou Feito Real: depois da guerra, os cães de Canudos, acostumados a comer carne humana (havia comido cerca de 20.000 cadáveres), se converteram em feras carnívoras, atacavam as pessoas vivas para comê-las.<sup>183</sup>

A ideia de Llosa era acabar o livro com os cães de Canudos, bestializados pela guerra, devorando pessoas, dado o seu recente costume com o gosto da carne humana. Llosa desistiu da ideia. Esse não ficou sendo o final. O porquê de ter desistido dele não está em suas anotações. A saga de Canudos conecta-se ao que quero discutir neste capítulo na medida em que também conta uma história de modernização. Nas palavras de Walnice Galvão, “Canudos saiu de um mundo que não o pressupunha”<sup>184</sup>. Não era para a atrasada Canudos existir no moderno e positivista Brasil republicano. Não era para o místico Antônio Conselheiro existir em um país dominado pela técnica. Os cães de Canudos eram uma lenda fantástica. Talvez a própria Canudos e seu pregador também pudessem ser apenas isto – uma lenda fantástica. Mas

---

<sup>183</sup> Mario Vargas Llosa Papers. Series 2: Works; 1958-1990; *Manuscripts Division, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library*. Caixa 13, Folder 18.

<sup>184</sup> Galvão, Walnice Nogueira. "O Epos Da Modernização". *Luso-Brazilian Review* 31, n° 1 (1994): 1-15. <http://www.jstor.org/stable/3513924>.

não são. Eles são um pequeno (grande) exemplo de um pressuposto importante para entendermos a história da teoria da modernização na América Latina: a modernização não é apenas uma “missão estadunidense”, mas também uma vontade antiga da elite política latino-americana. Para uma análise mais profunda dessa teoria na América Latina, é preciso perceber que a modernização (ou o desejo de) não começa com a Aliança para o Progresso ou com os *Peace Corps*.

A ideia de modernidade na América Latina não é nova e já foi muito debatida por historiadores da cultura e das ideias, contudo parece-me que não há uma articulação desse debate com os historiadores que tratam da política e da economia, que olham para a teoria da modernização no contexto da Guerra Fria. A concatenação entre o político-cultural e o socioeconômico é essencial para um entendimento mais refinado das questões e dos desafios que se apresentam quando se vai debruçar sobre o estudo da teoria da modernização. No caso latino-americano, em que o aspecto cultural tem um grande peso, penso ser essa articulação imprescindível. Tentarei fazê-la neste capítulo. No capítulo 6 tentarei mostrar como esse ruído foi crucial para a falência da Aliança para o Progresso.

Entretanto, há mais elementos nesta narrativa. Essa elite latino-americana, que pretende a modernização no início do século XX, que se rende ao discurso desenvolvimentista na metade dele, é também arcaica. Como explica Canclini (2008) em sua forma de entender o conceito de hibridização, trata-se de uma elite híbrida<sup>185</sup>. Tento assim mostrar que esse processo, na América Latina, tem de ser estudado por meio dessa constante dialética entre o que os norte-americanos entendiam por modernização e a forma como queriam implantá-la e como os latino-americanos e seus vários grupos sociais e políticos a entendiam e como queriam que ela acontecesse. Isto é, da mesma forma que Greg Grandin (2004) chama atenção para a necessidade de se historicizar a Guerra Fria, há também de se historicizar o projeto de modernização na América Latina, que não começa com o projeto americano.

Por mais que seja fundamental entender esse ruído no âmbito das relações Estados Unidos-América Latina, não há como perder de vista o fato de que, no contexto da Guerra Fria, havia um outro horizonte dialógico que movia as engrenagens do sistema: os americanos agiam

---

<sup>185</sup> O “hibridismo cultural” tornou-se, nas palavras de Marwan Kraydi “*a master trope*”. Ainda assim, faço uso aqui deste “clichê” porque entendo que o conceito, tal qual incorporado por Canclini – que entende por hibridização “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” –, é perfeito para descrever o processo das elites modernizadas latino-americanas. Canclini fala, no aspecto cultural, de uma elite que busca conferir à sua cultura um perfil moderno, ao mesmo tempo em que suas estruturas políticas são arcaicas e tradicionais. Por isso vive-se um “modernismo sem modernização” e, somente a partir das independências das repúblicas latino-americanas, houve ondas de processos de modernização, que ainda assim aconteciam de forma conflitiva, uma modernização contraditória e desafinada.

levando sempre em consideração os soviéticos, e vice-versa. Assim, parecia claro que os soviéticos também podiam fornecer um caminho à modernização, como já havia ficado provado no caso do satélite *Sputnik*, que, em tradução livre, significa “companheiro de viagem”. Não podia ser mais perfeito o nome do satélite que foi responsável por aumentar o temor que os americanos tinham na capacidade de sedução do projeto modernizador soviético, pois era exatamente isso que os Estados Unidos temiam: que países latino-americanos se tornassem companheiros de viagem dos soviéticos na rota rumo à modernização<sup>186</sup>. Isso não poderia acontecer. O caso cubano era o limite; a linha traçada na areia da praia. Não haveria outra Cuba.

O interesse russo pela América Latina não era exatamente novo, uma vez que já existia pelo menos desde antes das lutas de independência das colônias espanhola e portuguesa na América<sup>187</sup>. Entretanto, é notável que, no contexto do início da Guerra Fria, do final dos anos 50 e início dos anos 60, também aumenta o interesse dos soviéticos pela região<sup>188</sup>. Afinal, eles também tinham uma modernidade que podia interessar à América Latina. Lorenzo Gómez Escalonilla argumenta que se, por um lado, a modernidade apresentada pelos Estados Unidos era pautada na primícia do indivíduo e sobre a estabilidade de uma sociedade de classe média, pelo lado soviético, essa modernidade estava assentada na redistribuição e na justiça social, que seriam implementadas pela liderança do proletariado (GÓMEZ-ESCALONILLA, 2015).

Um bom exemplo disso é a missão enviada pelos soviéticos para à América ibérica em 1961; na verdade, poucos dias depois da volta de Stevenson aos Estados Unidos depois de ter sido enviado por Kennedy para melhorar a imagem norte-americana ao sul do Rio Grande<sup>189</sup>.

No rastro da passagem de Stevenson, os soviéticos mandam uma comissão para fazer um *tour* pela América Latina. A missão soviética chama a atenção do serviço secreto americano, como não poderia deixar de ser. Em um memorando de 21 de agosto de 1961, intitulado “*Soviet bloc interest in Brazil Northeast*”, a CIA esmiúça os detalhes da visita dos

---

<sup>186</sup> Ver GILMAN, Nils, op. cit.

<sup>187</sup> Sobre as relações Rússia-América Latina no século XIX, ver Russel H. Bartley. **Imperial Russia and the Struggle for Latin American Independence, 1808-1828**, Texas: University of Texas, 1978.

<sup>188</sup> Sobre as relações entre a União Soviética e a América Latina, ver Stephen Clissold, **Soviet Relations With Latin America a documentary survey**, London: Oxford University Press, 1970; Eusebio Mujal-León, **The USSR and Latin America a developing Relationship**, Boston: Unwin Hyman, 1989; Ilya Prizel, **Latin America Through Soviet Eyes –The evolution of Soviet perceptions during Brezhnev 1964-1982**, New York: Cambridge University Press, 1990; Nicola Miller, **Soviet Relations with Latin America 1957-1987**, New York: Cambridge University Press, 1989.

<sup>189</sup> Em 1961, Kennedy manda Stevenson para uma visita a 10 países da América Latina para tentar desfazer o mal-estar pela fracassada tentativa de invasão à Baía dos Porcos e, ao mesmo tempo, sondar os ânimos para a conferência de *Punta del Este*, essencial para o início da Aliança para o Progresso.

técnicos da cortina de ferro ao Brasil<sup>190</sup>. No Brasil, cartas de intenções e apreços foram trocadas entre governo soviético e o presidente Jânio Quadros. Tanto a carta do governo soviético, quanto a carta de Quadros foram publicadas no jornal *Pravda*, em 26 de agosto de 1961 (CLISSOLD, 1970, p.188-190).

Em tempos pré-conexões instantâneas, o que os leitores moscovitas não desconfiavam, ao ler as cartas no jornal enquanto saboreavam suas deliciosas *vatrushkas*, era que Jânio Quadros já não mais podia ser chamado presidente desde as 3 horas da tarde do dia anterior (horário de Brasília), quando sua carta de renúncia havia sido lida para a surpresa de 32 deputados presentes à sessão. Assim, tudo já havia mudado. A realidade da América Latina, por vezes, era fantástica, ou talvez – antecipando um conceito que só seria cunhado por Bauman décadas depois – já era demasiadamente líquida e assim permanecia, mesmo no frio ambiente daquela guerra. Talvez seja precisamente esse elemento um tanto quanto fantástico que tivesse levado alguns teóricos da modernização a acreditar que a América Latina estava ainda em um estágio inferior de modernização e a defender a ideia de que o crescimento econômico poderia retirar a América Latina do estágio de sociedade-encantamento para o estágio de sociedade-técnica.

Tais peculiaridades do volátil sistema político brasileiro e, por que não dizer, latino-americano, parecem tornar necessária uma historicização do termo “modernização” quando se pensa nele aplicado para a América Latina. Se Kennedy e os “*new frontiers*” queriam fazer história na América Latina colocando em prática as ideias da teoria da modernização, era preciso que soubessem que não fariam história sob as circunstâncias exclusivas de suas próprias escolhas. O velho Marx podia ser mais perigoso do que pensavam. É importante salientar que se minha intenção fosse apenas fazer um trabalho sobre a teoria da modernização, esse esforço de salientar as “circunstâncias” existentes na América Latina talvez não fosse necessário, haja vista que a “teoria da modernização” nesses termos já pressupõe um tipo de modernização (aquele que leva à sociedade de consumo de massas, tal qual a americana). Entretanto, como nesta pesquisa procuro entender a articulação entre a teoria e seu braço prático na América Latina – a Aliança para o Progresso –, braço prático este que existiu no mundo real, gerou políticas públicas e teve a intervenção e a interpretação de políticos e tecnocratas latino-americanos, é razoável pensar que é preciso problematizar o termo

---

<sup>190</sup>Disponível em: <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP79S00427A000500040035-3.pdf>  
Para maiores informações sobre o início do reatamento diplomático entre Brasil e URSS no governo Quadros, bem como detalhamento das missões citadas, ver: CARONE, Edgard. **A República Liberal II Evolução Política (1945-1960)**. São Paulo: Difel, 1985.

modernização/desenvolvimento para a América Latina. É preciso, enfim, historicizar o termo porque nem sempre, como procurarei mostrar, figuras como Kubitscheck e Rostow entendiam a mesma coisa por modernização e desenvolvimento.

## 4.2 Modernidades

A ideia de modernidade é ampla e abriga muitas possibilidades. Peter Osborne fala dos três sentidos maiores pelos quais se pode entender o tema: a categoria histórica de periodização, um projeto incompleto e uma forma de experiência (OSBORNE, 1992). Não me interessa aqui falar da modernidade como periodização histórica, mas daquela que é uma forma de experiência inacabada, que ocorrerá nos dois hemisférios do novo continente. “Nossos problemas são o nosso negócio inacabado”, disse Carlos Fuentes (2001, p. 316).

Se o leitor precisar de definições mais rigorosas (o que é sempre difícil de se fazer com um objeto que “desmancha tudo que é sólido” – mais uma vez Marx a dificultar as coisas), Habermas entende a modernidade como o processo pelo qual as coisas se institucionalizam: o capitalismo, a economia, o mundo ocidental. As formas de ação e interação sociais se racionalizam, os laços tradicionais, outrora pautados pelo natural e pelo religioso, diluem-se (HABERMAS, 1989). Aqui, quero chamar a atenção para essa associação que Habermas faz entre modernidade e racionalização, racionalização esta que se aplicará aos campos econômico (capitalismo), cultural (religião) e todos os outros campos possíveis da sociedade humana. Nessa definição de Habermas, o moderno é, por exemplo, racionalizar a maneira pela qual entendemos a geografia terrestre e entender que, ao se navegar para o Oeste, atingir-se-á o Leste, porque a Terra é redonda e não plana equilibrada em uma casca de tartaruga com dois grandes dragões esperando suas vítimas de bocas abertas, como acreditavam alguns na Idade Média e voltaram a acreditar outros hoje em dia.

Gladys Lizama Silva (2001) diz que, se por um lado, o cimento da modernidade é a liberdade, potencializada na ideia do indivíduo sem amarras ao tradicional, ao religioso, ao natural, por outro lado, a modernidade responde a uma lógica tecnológica que invade todos os lugares, inclusive nos países menos desenvolvidos, com uma ideia de que o homem, dispendo da tecnologia, pode substituir a natureza. Tal entendimento de liberdade nos ajuda muito a entender a relação que as sociedades latino-americanas tiveram e têm, por exemplo, com suas sociedades indígenas. Levar-lhes a tecnologia é, no entendimento de muitos, levar-lhes a

liberdade, mas aí está uma liberdade que mata<sup>191</sup>: idiossincrasias da modernidade. Essa liberdade, potencializadora de possibilidades e ao mesmo tempo destruidora de antigos laços é responsável por aquilo que Berman identificou como paradoxo e tragédia da modernidade (BERMAN, 1988). Assim, se, por um lado, o ser humano se torna mais livre na modernidade, porque não fica preso às amarras sobrenaturais, como, por exemplo, os Astecas obrigados a sacrificarem humanos para que as colheitas fossem boas ou o Flâmine Dial romano não poder montar a cavalo, por outro, nos prende ao deixar-nos reféns e dependentes da tecnologia. Quando a lógica tecnológica invade todos os lugares da vida moderna, temos nossa liberdade, que era restringida pela tradição, agora restringida pela própria tecnologia. Basta lembrarmos da dependência que alguns têm hoje em dia de seus celulares para entender isso. Mas há outras implicações um pouco mais drásticas dessa restrição de liberdade.

Dessa definição, dessa vontade, desse projeto inacabado, dessa fonte, nascem vários rios que vão em muitas direções. Sua aplicação no domínio corpóreo do sujeito levará Foucault a começar a investigar o biopoder, que será aprofundado por Agamber e seu *Homem Sacer*, figura do direito romano paradoxal por ser sagrada em sua desgraça. Na sociologia, Boris Fausto explica como, para Norbert Elias, o próprio nazifascismo é a parte mais visível desse paradoxo moderno evidenciado por Berman (FAUSTO, 1998). Em uma linha parecida, Bauman, que divide a modernidade entre modernidade sólida e modernidade líquida, sustenta que o holocausto é uma consequência lógica desta técnica-burocrática moderna (BAUMAN, 1998). Na economia, também, a ideia de modernidade rendeu várias teorias – uma das quais me parece ser de profunda relevância para o entendimento das relações entre a parte norte e a parte sul do hemisfério ocidental: a teoria da modernização<sup>192</sup>.

A teoria da modernização<sup>193</sup> é entendida por Latham (2000) como uma potente ideologia da Guerra Fria. Ao tratar a teoria da modernização como ideologia, ele entende a

---

<sup>191</sup> Ver os relatórios sobre suicídio entre populações indígenas no Brasil, por exemplo. “Taxa de suicídio entre indígenas é três vezes maior que a média nacional.” In: *Jornal O Globo*, 21/09/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/taxa-de-suicidio-entre-indigenas-tres-vezes-maior-que-media-nacional-21850401#ixzz55fSL2r00>. Acessado em 15/12/2018. Ou ainda “Mortalidade infantil e suicídios indígenas crescem, aponta relatório”, In: *Jornal Folha de São Paulo*, 05/10/2017 disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1924621-mortalidade-infantil-e-suicidios-indigenas-crescem-aponta-pesquisa.shtml>, acessado em 15/12/2017.

<sup>192</sup> Nills Gilman sustenta que os teóricos da modernização se enxergavam como “modernistas”, o que torna assim interessante esta conexão entre modernismo/modernização. De acordo com o autor, “*for modernization theorists, in contrast to strict development theorists, modernity was not just about a way of organizing economy production, but also about society and polity, cultural norms and forms. As Frank Ninkovich has observed, the modernization theorists ‘were just as much participants in the conceptual revolution of modernity as were avant-garde artists, litterateurs, and musicians. They understood that modernity implied a revolutionary break with traditional social and cultural forms.’ In this sense, the modernization theorists were modernists*””. (GILMAN, 2007).

<sup>193</sup> Basicamente a ideia da teoria da modernização era a de que a industrialização e o crescimento econômico levariam naturalmente a um aumento do bem-estar social dos países mais pobres, afastando assim perigos maiores

modernização como algo além da mera formulação social de um enunciado. Para ele, ela passa a ser para seus adeptos/seguidores/defensores uma estrutura conceitual sob a qual se articula um arsenal comum de premissas sobre a sociedade americana e sua capacidade de transformar um mundo visto como portador de deficiências, tanto culturais quanto materiais. Para o autor, no contexto da Guerra Fria, tal entendimento da teoria da modernização ajuda a entender o papel das ciências sociais no exercício do poder americano. E extrapolando tal reflexão, digo que, sem dúvidas, esse caso é exemplar ao permitir ver o papel das ciências sociais na estrutura de qualquer poder. Tal teoria parte da crença de que os Estados Unidos poderiam acelerar o curso histórico do mundo pós-colonial (LATHAM, 2003, 2011), lembrando sempre que, se para Marx, no fim do curso histórico, está a sociedade sem classes, para os teóricos da modernização, no fim deste mesmo curso histórico, está a sociedade feliz de consumo.

Nesse sentido, é engraçado perceber que essa teoria era dotada de um certo teleologismo inerente também ao marxismo<sup>194</sup>: a ideia de se estar do lado certo da história. No caso da teoria da modernização, tratava-se apenas de “acelerar” o processo. Para outros, a teoria da modernização serviu como aporte para a tentativa de estabelecimento de uma hegemonia americana global. A modernização teria servido como uma poderosa lente de justificativa, e o desenvolvimento como uma importante arma americana no contexto da Guerra Fria (EKBLAD, 2010). Meu ponto é exatamente o de complementar tais definições, que entendo serem falhas ao relegar a países da Ásia e da América Latina uma posição passiva quando da análise das falhas desse projeto modernizador americano. Pretendo mostrar que, pelo menos para o caso latino-americano, o desenvolvimento e a modernização eram também como armas desses países para se posicionarem ante os dois gigantes do mundo polarizado da Guerra Fria.

No capítulo anterior, tentei mostrar como Stevenson tinha familiaridade e era um adepto das ideias da teoria da modernização. Nesse processo pretendi também mostrar como as ideias,

---

de revolução. Rostow foi um dos maiores expoentes da teoria, com sua obra **The Stages of Economic Growth: A Non-Communist Manifesto**. Para saber mais sobre a importância da teoria de Rostow no contexto da Guerra Fria, ver Luigi M Solivetti, “W.W. Rostow and His Contribution to Development Studies: A Note” *In: The Journal of Development Studies*, 41:4, 719-724, DOI: 10.1080/00220380500092903 (2005). Ainda sobre a teoria da modernização, já fiz uma breve explicação do tema no capítulo anterior, mas ainda se pode ter uma leitura partindo de outras abordagens nos seguintes autores: Robert Marsh ressalta a linhagem cognitiva e teórica da teoria da modernização ligando-a aos clássicos da sociologia, Robert Marsh, “Modernization theory then and Now”, *In: Comparative Sociology* 13 (2014) 261–283, Janeen Klinger tenta perceber nas abordagens de reconstrução de países como Afeganistão e Iraque por parte dos Estados Unidos, ecos hoje desta teoria da modernização: Janeen Klinger, “A Sympathetic Appraisal of Cold War Modernization Theory”. *In: The International History Review*, 39:4, 691-712, DOI: 10.1080/07075332.2016.1236742, 2017.

<sup>194</sup> Na verdade, Rostow, um dos principais teóricos da teoria da modernização, tinha como objetivo intelectual formular uma teoria econômica capaz de rebater o marxismo: “Admitted to Yale at sixteen, he decided as a freshman that his life purpose was to construct a theory of economics and history capable of countering Marx’s”.

ou teorias, ou ideologias, atuam neste nível micro da sociedade, não seus impactos em instituições e políticas, mas seu impacto em indivíduos.

Neste capítulo, o objetivo é tentar evidenciar que a ideia de modernização, o projeto modernizador, já tinha uma longa história na América Latina, por isso, como disse ao final do capítulo anterior, paradoxalmente a modernidade acaba por se tornar o grande problema da teoria da modernização. Não só isto, mas já havia na América Latina teorias que pensavam o desenvolvimento a partir da periferia, como é o caso da teoria da dependência, por exemplo. Desta forma, penso ser razoável tratar como hipótese que, ao entrar em contato com as ideias da teoria da modernização pensada nas universidades norte-americanas, políticos e outros atores sociais na América Latina a enxergassem por meio das várias experiências e ideias que tinham de modernização, e que tentar entender como a teoria da modernização atuou e foi recebida no continente sem se dar conta disto é seguir fazendo um estudo eurocêntrico da Guerra Fria. Bem, e que experiências modernizadoras (ou, talvez melhor, modernizantes) latino-americanas são essas?

### 4.3 A América Latina e sua modernidade fantástica

#### 4.3.1 Introdução

Começo esta sessão com dois fragmentos. Dois exemplos que são pródigos em mostrar um pouco desse tipo de modernidade fantástica que pretendo explicar.

**Fragmento 1:** John Womack Jr. escreve, no início de seu livro sobre a Revolução Zapatista “*Zapata y la revolución mexicana*”, uma frase emblemática: “*Este es un libro sobre unos campesinos que no querían cambiar y que, por eso mismo, hicieron una revolución*”<sup>195</sup>. Como Álvaro Matute nota em artigo do qual a passagem foi tirada, é de se estranhar uma revolução que acontece para que as coisas continuem as mesmas.

**Fragmento 2:** O presidente Juscelino Kubitschek sobrevoa o cerrado do estado de Goiás, no local onde pretende, em 4 anos, construir uma cidade inteira. Leva consigo um grupo que o acompanha na viagem para o terreno da futura capital. Mostra para o grupo, com seu entusiasmo habitual, as árvores retorcidas do planalto central e diz: “Olha ali, ali a gente vai

---

<sup>195</sup> Citado em MATUTE, Álvaro. “La modernidad como mito”. In: **Modernidad y modernización en América Latina México y Chile, siglos XVIII al XX**, Gladys Lizama Silva (org.). Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2001.

construir uma ponte; bem ali naquela área!”. Um rapaz franzino que acompanhava o *entourage* olha para a vegetação retorcida e, com algum receio de estar contrariando o Presidente da República, diz: “Mas presidente, vai construir ponte ali? Ali só tem mato, nem tem água!”. Ao que o presidente responde: “Ora, então a gente coloca água, constrói um lago!” (TAVARES, 2004).

Para o leitor norte-americano, as duas passagens podem soar estranhas. Atrevo-me a dizer que, para o latino-americano, nem tanto. A modernidade técnica norte-americana teve dificuldades em entender a modernidade da América Latina, aquilo que chamarei aqui de modernidade fantástica<sup>196</sup>. Uma das características do que ficou conhecido na literatura como realismo fantástico foi a presença de elementos que, para o leitor, parecem fora do lugar, parecem mágicos ou fantásticos, mas que para aqueles inseridos na narrativa apresentam-se como parte da “normalidade”<sup>197</sup>. Parece-me que a modernidade que os teóricos da modernização encontram na América apresenta-se, para eles, repleta de elementos “fora da normalidade” e, por isso, estou chamando-a de fantástica – a modernidade latino-americana. Para os latino-americanos, muito disso que era considerado “fora do normal” era perfeitamente coerente com a narrativa. A literatura que analisa a falha e os percalços da teoria da modernização na América Latina tende a ignorar essa realidade, que, ao meu ver, é parte essencial para que se entendam os arranjos e desarranjos dessa ideologia da modernização na América Latina.

Tentarei mostrar como isso se evidencia primeiro nas artes e depois na política. Meu argumento aqui é que qualquer tentativa de explicação da aplicação do sucesso ou do fracasso da teoria da modernização na América Latina que não leve em consideração essa longa e tensa história que há no hemisfério, continua a ser eurocentrada ou “norte-americana-centrada”, não importando que se tenha verificado arquivos nos mais variados cantos do planeta. A multiplicidade de arquivos é, sem dúvidas, de extrema importância para que se possa fazer uma

---

<sup>196</sup> Note que já há aqui, portanto, uma tensão entre a própria definição de modernidade tal qual apresentada por Habermas e aquilo que estou identificando como modernidade latino-americana. A modernidade para Habermas implica racionalização e técnica, acredito que esta modernidade latino-americana prescinde desses elementos. Esta modernidade fantástica latino-americana é moderna porque por está conectada com a ideia de modernidade ocidental tal qual acontecia na Europa e nos Estados Unidos e é fantástica quando tenta fincar um pé em sua identidade, causando a tensão que o ensaísta mexicano Jorge Alberto Manrique identificou como dilema de Janus dos intelectuais latino-americanos em seu ensaio “Identidad ou Modernidad?” (MANRIQUE, 2012).

<sup>197</sup> Estou tratando aqui como sinônimos realismo fantástico e mágico, embora haja, para a literatura, diferenças. Para saber melhor sobre essas diferenças, RAMÍREZ-PIMIENTA, “Escapando a la realidad: Hacia un deslinde de lo fantástico” In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Año 31, No. 62 (2005), pp. 163-180 Published by: Centro de Estudios Literarios "Antonio Cornejo Polar" – CELACP. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25070300>. Acessado em: 15/09/2017.

história cada vez mais descentralizada, mas isto por si só não basta. Principalmente no caso latino-americano, esse entendimento da modernidade cultural se faz necessária. Carlos Fuentes (2001) argumenta que a cultura latino-americana conseguiu atingir um nível de “continuidade” que não se evidencia em suas instituições políticas e sociais, e que este é o grande desafio da América Latina. Uma pergunta que ele faz, creio eu, está exatamente no cerne deste capítulo. Ele se indaga:

Era fatal que a América Latina ficasse capturada entre os Rapazes de Chicago e os Irmãos Marx? Ou seja, entre o capitalismo selvagem, irrestrito, e um socialismo ineficaz, centralizador e burocrático? Por acaso não possuímos a tradição, a informação e as capacidades intelectuais e de organização para criar nossos próprios modelos de desenvolvimento, efetivamente compatível com o que temos sido, com o que somos e queremos ser? (FUENTES, 2001, p. 328).

Entendo que, entre meados dos anos 50 e início dos anos 60, a pergunta acima – “temos capacidade de criar nossos próprios modelos de desenvolvimento?” – podia ser respondida de várias formas por diferentes grupos. Mas, para além das possíveis respostas, o que importa é o que o questionamento de Fuentes revela: havia um projeto modernizador americano (Rapazes de Chicago), havia um projeto modernizador soviético (irmãos Marx), havia vários projetos latino-americanos. Não os levar em consideração ao analisar os caminhos da teoria da modernização no continente é concordar, implicitamente, que a história da Guerra Fria é tão somente a história da batalha entre duas nações e suas ideias, o que já se sabe, está longe de ser um bom retrato do real.

#### 4.3.2 A busca humana por um significado e o silêncio irracional do mundo

É no “Mito de Sísifo” que Camus diz que “o absurdo surge da confrontação entre a busca humana por um significado e o silêncio irracional do mundo” (CAMUS, 2005, p.41). A modernidade na América Latina carrega essa eterna tensão entre a busca racional por uma explicação de sentido e o silêncio como resposta (SCHELING, 2000). Como já tratado anteriormente, falo aqui de América Latina por falta de melhor termo, mas analisarei mais de perto o caso brasileiro, recorrendo apenas incidentalmente a outros casos latino-americanos para mostrar que a modernidade no continente tem uma longa história que está intimamente ligada com a questão da identidade e, conseqüentemente, com o nacional. Há uma tensão permanente na construção do moderno na América Latina. Um dos elementos causadores de tal tensão é exatamente a ideia de nacional e nacionalismo. E esse é um dos pontos de atrito

também entre o tipo de modernidade que os teóricos da teoria da modernização tinham em mente e o tipo de modernidade que estava em marcha em lugares como o Brasil.

Essa tensão que permeia a relação norte-americana com a modernidade latino-americana foi evidenciada em diversos momentos e em diversos campos. Antes de deter-me no campo político-econômico, quero analisar um pouco tal tensão no campo cultural. Na arte, o crítico mexicano Jorge Alberto Manrique (1974) falou do “dilema de Janus” enfrentado pelos artistas das décadas de 20 e 30. Tal dilema é expresso em movimentos, como o *Manifiesto del sindicato de Artistas Revolucionários*, no México, a Semana de Arte Moderna de São Paulo e o Manifesto Regionalista, de Gilberto Freyre. Em todos os casos, o que ele identifica como dilema de Janus é uma face que procura o moderno, identificado, naquele momento, com o europeu, e a outra, que busca o interior, o interno, em busca da identidade nacional (MANRIQUE, 1974). A questão é que essa identidade nem sempre está pautada na “racionalidade” ou na “técnica”, fazendo assim que essa modernidade seja – usando o termo cancliano – híbrida. Ruben George Oliven (2000) vai um passo além e procura entender como essa face, virada para a identidade nacional, se articula com a face que busca o “moderno”. Com relação ao caso brasileiro, ele nos leva a inferir que essa tensão acaba por funcionar de maneira dialética. Um exemplo de tal dialética é a geração da 2ª fase do movimento de 1922, que chega à conclusão de que a única forma de ser realmente universal era antes ser nacional. Mas não só isso. Essa mesma dualidade é levada a um nível mais interno quando Gilberto Freyre defende uma lógica similar ao sustentar que a única forma de ser realmente nacional é ser regional (OLIVEN, 2000, p. 59).

Em uma conclusão derivada das duas constatações, a da 2ª geração de 1922, que diz ser o nacional o universal, e a de Freyre, que encontra no regional o nacional, temos que o regional seria o nacional que seria o universal e o universal seria o moderno (regional = nacional = universal = moderno). Para que o que acabou de ser observado no campo teórico fique um pouco mais claro, quero analisar um exemplo prático de tal lógica.

Sevcenko (2000) fala do caso de amor do poeta francês Paul Claudel e do compositor Darius Milhaud com a cidade do Rio de Janeiro. Contudo, o amor não foi com a modernizada Avenida Central do prefeito Pereira Passos, modernizada no sentido de “tornar-se mais europeu” do termo, e sim com o ritmo e a métrica dos músicos poetas das favelas<sup>198</sup>. A história

---

<sup>198</sup> Da mesma forma, Beatriz Sarlo nos informa como os americanos Katherine Dreier e Marcel Duchamp acharam Buenos Aires extremamente monótona, com sua cópia de Paris (ou do Brooklyn, aos olhos de Katherine): “*endless vistas of streets. Sometimes with good pavement, sometimes with bad, but just streets, streets, streets*” (SARLO, 2000, p. 109).

começa assim com esses dois franceses que eram apaixonados pela música feita nas favelas. Até aqui nada muito diferente do que se conhece hoje. Mas a história ainda segue.

Milhaud, conta ainda Sevcenko, fez contato com inúmeros músicos brasileiros e do Brasil foi para Nova Iorque, onde, a partir do aprendizado com músicos negros americanos de jazz, resultou a formação de uma sinfonia intitulada “*The Ox on the Roof*”, que era, na verdade, a tradução do maxixe “o boi no telhado”, de Zé Boiadeiro, popular à época nos subúrbios cariocas, por sua alusão a um marido traído. O sucesso da sinfonia foi tamanho que levou à formação de um circo-ballet de mesmo nome. Com Jean Cocteau, Milhaud abriu um *Night Club* em Montparnasse, em que todas essas influências eram vistas e que se tornou um *point* da intelectualidade moderna francesa (SEVCENKO, 2000, p. 89-90).

Um maxixe apreendido nas favelas do Rio, improvisado a partir das negras notas do jazz nova-iorquino que se estabelece como circo-ballet em Montparnasse, onde é consumido pela intelectualidade francesa como algo extremamente moderno: nesse caso, pelo menos, parece que de fato o regional era o universal e moderno. Mas é claro que, para parte da elite brasileira, o moderno mesmo era o passeio pela renovada Avenida Central, com suas obras completas em 1904, arquitetura *art-nouveau* e grande *boulevard* em que senhores elegantes passavam com seus chapéus franceses e ternos ingleses e saudando-se com um simpático “*Vive la France*” (SEVCENKO, 2000, p. 89).

Outro autor que refletiu à exaustão sobre a modernidade nos trópicos foi Renato Ortiz (2000). Ele mostra como o binômio identidade/modernização está intimamente ligado com a história do pensamento latino-americano. “Identidade, nação, popular são termos que vamos encontrar por todo o pensamento latino-americano”, diz ele, “a eles acrescidos os conceitos de atraso, desenvolvimento, modernidade e modernização” (ORTIZ, 2000, p. 128). Não só isso; ele trará outros exemplos da tensão causada pelo binômio identidade/modernização, como, por exemplo, um trecho de Olavo Bilac, incomodado com a chocante discrepância entre o renovado centro do Rio, com seu asfalto brilhante, seus prédios de fachadas magníficas e os romeiros que participavam da procissão à Nossa Senhora da Penha. O autor viu na cena uma “ressureição da barbárie”, um “anacronismo monstruoso” (ORTIZ, 2000, p. 128).

Mas é claro que o poeta parnasiano não seria o único a se chocar com essa dicotomia entre a cidade moderna, as ruas modernas, o país moderno e sua gente barroca, atrasada, medieval. O exemplo mais conhecido de choque frente a tal dicotomia é o de Euclides da Cunha e seu relato de Canudos. Para Roberto Echevarría, Os Sertões fornecem um rico panorama para que se identifiquem os conflitos internos do modernismo brasileiro e as resistências a ele (ECHEVARRÍA, 1990). Mas não é só a prosa de Euclides da Cunha que evidencia essas

tensões; a história narrada por ele também. Sevcenko mostra como a história de Canudos é a tentativa de um Estado modernizado – iniciado com a república – em domar seus recônditos ainda retrógrados, influenciados por misticismo medieval português (SEVCENKO, 2000, p. 84).

É esta a história que Euclides da Cunha pretende contar, mas, de repente, ele se vê diante de um exército ineficiente e de jagunços dispostos a dar a vida para continuar a viver o sonho milenarista de justiça fraternal na terra. Mas o sertão em que eles vivem é o atraso e agora o Brasil moderno é o urbano. A tradução para o inglês do romance de Euclides da Cunha veio, em 1944, pelo intelectual de esquerda, Samuel Putnam, e seu título em inglês é “*Rebellion in the Backlands*”<sup>199</sup>. Na resenha da nova tradução da Penguin, de 2010, que saiu com o título de “*Backlands*”, David William Foster escreve:

*And if Cunha's text portrays the young journalist's troubled feelings of what he is reporting, Cunha himself in his latter life came close to actually renouncing Os sertões for the brutality it recorded, a brutality that flowed from the civilizing, official sanctioned forces of the modern state”* (2010, p. 211).

É certo que, à primeira vista, parece paradoxal que esse estado moderno civilizacional sancione a barbárie também, não obstante, se o leitor tiver em mente as análises de Bauman e Elias<sup>200</sup> sobre a modernidade e de como ela engendra não só cidades sanitarizadas ou tecnologia acessível, mas também as câmaras de gás e o nazismo, entenderá que na verdade não é tão paradoxal assim e que, obviamente, a modernização não é portadora apenas de boas notícias, e aqueles que foram forçados a “modernizar-se” em diferentes momentos históricos podem ter uma certa desconfiança do termo. É de se supor assim que, nas adjacências do rio Vaza-barris, onde um dia existiu Canudos, as pessoas sejam um pouco mais reticentes a discursos moderno-civilizacionais. E essa experiência é um exemplo de tantas outras acontecidas em toda a América Latina. É exatamente porque sabem disso que os índios mexicanos, citados no primeiro fragmento no início deste capítulo, estão “fazendo uma revolução para que nada mude”<sup>201</sup>.

---

<sup>199</sup>*Backland* é também o termo usado por Rostow no original quando ele se remete às regiões atrasadas que precisam ser modernizadas. Ao discutir o tema de modernização no Terceiro Mundo, Stephen Marglin chama atenção para o fato de que muitas práticas consideradas para aquele que não está inserido em determinada cultura como irracionais ou incoerentes muitas vezes têm uma lógica e eficácia interna que o crítico desconhece. “*The obscurantism lies not in seeking to understand this logic and efficacy but in denying the very possibility that it is the outsiders prejudice which leads to labels such as 'backward'*”. (MARGLIN, 1990, p.15).

<sup>200</sup> Refiro-me aqui a **The Germans. Power Struggle and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Centuries**, de Norbert Elias, e a **Modernidade e Holocausto**, de Zygmunt Bauman.

<sup>201</sup> Um exemplo que vem da literatura e que é citado por Greg Grandin é o de “Cem Anos de Solidão” e a metáfora de Macondo, que é destruída pela modernidade. O autor fala da chegada do trem em Macondo: “Mas quando se

No Brasil, a ideia de República também está atrelada a esta modernização<sup>202</sup>. Os rebeldes de Canudos são monarquistas e este é justamente um ponto fulcral para a truculência do novo regime. A república positivista, com sua ordem e progresso, vai modernizar o país. Mas aqui também há uma contradição, porque esse projeto modernizador está nas mãos dos cafeicultores paulistas, logo não é uma modernização industrial, como acontece na Europa, é uma modernização calcada em valores agrários, que se torna moderna apenas nas técnicas<sup>203</sup>. Analisando a Revolta da Armada, Gilberto Freyre diz:

O que se fez com a marinha desde os primeiros dias da civilização da República de 89 foi o que se fez com o Exército, com o Rio de Janeiro, com os portos com as indústrias: cuidou-se da modernização das coisas e das técnicas sem se cuidar ao mesmo tempo da adaptação dos homens ou das pessoas a novas situações criadas pela ampliação ou pela modernização tecnológica da vida brasileira (FREYRE, 2003, p. 1019).

Os grandes passos de modernização econômica – entendida como a diversificação e industrialização da economia – acontecem durante a Ditadura Vargas, o governo Kubitschek e durante a ditadura militar. Assim, como já argumentou Ianni (1979), a modernização brasileira acontece pela via autoritária, via de regra, sendo o período Kubitschek a grande exceção à regra. Vargas dá início ao processo de industrialização, que tem São Paulo, com seu capital acumulado pelos anos de pujança do café e de controle do Estado como grande centro. Ao mesmo tempo, um processo de modernização social vai acontecendo, o carnaval e a capoeira são higienizados e o samba é domado (ORTIZ, 2000, p. 131).

Entretanto, tal processo é profundamente desigual, ou, para usar um termo de Hirschman, “desbalanceado”, e enquanto São Paulo vai se tornando uma das maiores cidades do mundo, o sertão “*Backlands*” continua a lidar com os mesmos problemas. Esse sertão nordestino atrasado, posteriormente, será foco de preocupação para os Estados Unidos e para a teoria da modernização, como mostrarei mais à frente. Um exemplo que mostra o atraso desse

---

recuperaram do espanto dos assovios e bufos, todos os habitantes correram para a rua e viram Aureliano Triste acenando, com a mão, da locomotiva, e viram assombrados o trem enfeitado de flores que, já da primeira vez, chegava com oito meses de atraso. O inocente trem amarelo que tantas incertezas e evidências, e tantos deleites e desventuras, e tantas mudanças, calamidades e saudades haveria de trazer para Macondo”. Entre as calamidades que a modernidade trará a Macondo, está o famoso massacre da empresa bananeira (GRANDIN, 2004).

<sup>202</sup> O clássico de José Maria Bello, por exemplo, “O Brasil Republicano” é curiosamente traduzido pela *Stanford University Press* em 1966 para o inglês como “*A History of Modern Brazil – 1889-1964*”.

<sup>203</sup> A história política brasileira é pródiga em tais contradições, que podem ser resumidas na fala do ex-presidente João Batista Figueiredo, que sobre a abertura política afirma em entrevista, em outubro de 15/10/1978: “É para abrir mesmo. E quem quiser que não abra, eu prendo. Arrebento. Não tenha dúvidas”. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/frases/e-para-abrir-mesmo-quem-quiser-que-nao-abra-eu-prendo-arrebento-nao-tenha-duvidas-9047371>

sertão quando comparado à metrópole paulista é trazido pelo missionário batista E. H. Crouch, enviado pela *International Mission Board*, ligada à Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Ele escreve do pequeno município de Corrente, no sul do estado do Piauí, a 18 de setembro de 1936, que um avião sobrevoou uma cidade distante uns 80 quilômetros no ano anterior, mas o barulho se pôde ouvir em Corrente, e foi suficiente para que uma mulher morresse do coração e para que dezenas corressesem para a igreja católica para suplicar a seus “ídolos”, uma vez que acreditavam estar vivenciando o fim do mundo<sup>204</sup>. Na mesma linha, em que se observa o quão diverso era esse país que queria se modernizar, Rachel de Queiroz fala de uma foto. Ao ver uma foto na revista “O Cruzeiro”, em que um índio Xavante apontava um arco e flecha para um avião que sobrevoava a aldeia, Rachel de Queiroz escreve:

Uma das mais fortes emoções que o papel impresso já me proporcionou, devo-a ao cidadão do mundo Jean Manzon. Era uma fotografia, e representava um guerreiro Xavante de arco esticado, a seta apontada para o céu, pontaria alçada contra o avião cuja sombra negra lhe apareceria ao lado. Além de toda a força plástica de quadro tão belo, havia ainda um elemento dramático, eterno, naquele flagrante. Era o próprio coração bárbaro do Brasil, enfrentando o mundo, o choque inicial do homem primitivo contra os engenhos mais modernos da civilização – era assombroso constatar que o selvagem não apavorava, que sozinho e nu no meio da selva enfrentava a espantosa ave de ferro carregada sabe Deus de que mistério e de que inimigos. Essa fotografia foi feita em plena guerra, quando os tanques e os aviões de nazistas punham de joelhos a Europa inteira. Fazia bem, dava vontade de chorar, ver a cólera e a bravura no próprio instante em que metade do mundo acordava e, vencida, enchia a gente de vergonha de pertencer à raça humana também (QUEIROZ, 1956).

Novamente há aqui o confronto com a tensão da modernidade em sua vertente latino-americana. O coração bárbaro do Brasil, o índio nu, enquanto na Europa, a técnica e racionalização encontravam-se com a vontade de matar, gerando as malhas ferroviárias de Eichman, as câmaras de gás, os bombardeios de Dresden, Hiroshima e Nagasaki.

Esse Brasil bárbaro chamou a atenção do governo americano. Preocupava-se sobretudo com o Nordeste, que na leitura de Washington era um *hotbed* para movimentos de cunho socialista. Assim, já nos primeiros dias de seu governo, Kennedy enviou um emissário de

---

<sup>204</sup> Carta de E.H Crouch para a Junta de Missões Batistas do Sul dos Estados Unidos. *Southern Baptist Historical Library and Archives*, caixa 85.

confiança, Arthur Schlesinger Jr., ao Brasil. Ele vem em 1961 acompanhado por George MacGovern, o responsável pelo programa *Food for Peace*. Foram enviados por Kennedy para já fazer uma prospecção do que era preciso fazer na Aliança para o Progresso. Depois de encontros em Brasília com Quadros, dirigindo através das “*impersonal and sinister streets of Brasília, that terrifying preview of a collectivist future*”, eles rumaram a Recife, onde foram recepcionados por Celso Furtado. Sobre o nordeste brasileiro, Schlesinger escreveu:

I had never seen such an area of despair – one bleak, stagnat village after another, dark mud huts, children with spindle legs and swollen bellies, practically no old people (Furtado noted that life expectancy, for those who survived their first year, was twenty nine years) (SCHLESINGER, 1965, p.178-179).

Para o historiador americano, a modernização brasileira era um futuro terrível, o atraso nordestino um presente desolador. Entre esse futuro terrível e esse presente desolador, estava o Brasil. Para onde rumaria? Stevenson, mesmo encantado com Brasília, anotou em seu diário as impressões que deixam transparecer a modernidade e o “coração bárbaro” do país. Escreve ele: “estaria o Brasil melhor se este mesmo dinheiro – ninguém sabe ao certo quanto – tivesse sido utilizado em educação? Homem atingido com uma flecha a 15 milhas de Brasília há um mês” (MARTIN, 1977, p. 490). Sevcenko percebe no conto “A Terceira Margem do Rio”, escrito em 1960, uma metáfora para um país que passa por um momento emblemático, em que a nova capital simboliza a materialidade da modernização (SEVCENKO, 2000, p. 101). O conto fala de um pai que fixou seu barco no meio do rio e ali permaneceu inerte, para espanto de todos. Da mesma forma que o narrador/protagonista titubeia sobre tomar o lugar do pai neste “não lugar” que é a terceira margem, o barco no meio do rio, o país precisa decidir se abraça sua terceira margem. Brasília é a cidade sonho, utópica, ao mesmo tempo moderna e carregada do misticismo, da visão de Dom Bosco, ela encapsula esta modernização e modernidade latino-americana, que Sevcenko vê como uma terceira margem e que Marshal Berman<sup>205</sup> e Benjamim

---

<sup>205</sup> Brasília é um pequeno traço de evidência de um outro fato muitas vezes ignorado por aqueles que tratam da teoria da modernização: já havia, na América Latina, uma(s) modernidade(s). Marshall Berman escreve sobre seu primeiro encontro com Brasília, em 1987, e a experiência dele, mesmo quase trinta anos depois da viagem de Stevenson, ainda deixa transparecer a estranheza do saxão com essa modernidade latina fantástica. Ele diz: “*I experienced the clash of modernisms very dramatically, and indeed participated it, when I visited Brasília.*” Ele continua falando de sua estranhezas aos imensos espaços vazios “*one’s overall feeling... is of immense empty spaces in which the individual feels lost, alone as a man on the moon*”. Para Berman, a modernidade trata sobretudo de comunicação, e para ele não pode haver comunicação em uma cidade com tantos espaços vazios, com a ausência de espaços públicos em que as pessoas possam se reunir para discutir a democracia (como se o exercício das modernas democracias ocidentais fosse em algum lugar desta forma). Berman compara várias vezes a cidade ao palácio de Cristal de Notas do Subsolo de Dostoiévsky: “*Like the Crystal Palace, as it is imagined in Notes from the Underground, Costa and Niemeyer’s Brasilia left its citizens – and those of the country as a whole – “with nothing else to do”* (BERMAN, 1988). Talvez aí esteja o cerne do estranhamento cultural. A régua para a modernidade na América Latina teria de ser outra. Talvez a solidão dos espaços devesse ser comparada não ao Palácio de Cristal de Dostoiévsky, mas à casa vazia de Úrsula Buendía em Cem Anos de Solidão.

Moser<sup>206</sup> detestam, que Schlesinger teme. Essa modernidade que, nos anos 60, será ainda pela vitalidade do cinema novo, que já não é mais a cópia de um cinema americano, mas uma linguagem própria, alegórica, por vezes surreal, de um lugar onde a realidade por muitas vezes se apresenta também desta forma fantástica e que questionará aquilo que Ismail Xavier chamou de “Modernização Conservadora” brasileira (XAVIER, 2013). Modernização expressa na sofisticação jazzística da Bossa Nova emprestada do samba; Bossa Nova que vai fascinar Stevenson pelas mãos de Bonfá<sup>207</sup>. Bossa Nova que vai ser a cara do Brasil moderno pelo mundo. “A gente precisava inventar o Brasil”<sup>208</sup>, dizia Tom Jobim, pai da Garota de Ipanema, ressaltando o velho dilema já expresso aqui da modernidade *versus* identidade. A música moderna precisava inventar o Brasil no final dos anos 50. A Garota de Ipanema, aliás, além de ajudar a inventar o país, ajudou também a exportá-lo, como visto no conto de 1982 do escritor japonês Haruki Murakami, “*The Girl From Ipanema 1963/1982*”. Ali o consagrado autor japonês conta a história de um homem que, ao ouvir a música de Tom e Vinícius, é transportado para um lugar (talvez um sonho?) no futuro, em 1982, em que ele encontra a garota mais linda, mais cheia de graça, toma cerveja com ela e se surpreende que ela não está mais velha, ou mais gorda. A garota responde ao narrador que não envelhece porque ela é uma garota “metafísica”. Juntando esse conto do japonês Murakami com o outro, do mineiro Rosa, diria que ela é a garota metafísica inatingível, como a terceira margem, ela é Brasília; tal qual sentida por Marshall, todos parecem estar nesse outro lugar não real. Parecem sentir a modernidade latino-americana como esse outro lugar, não real, utópico, distópico.

Não sei se, de fato, se pode dizer que a “Terceira Margem do Rio” seja uma alegoria para a situação do país nos anos 60. Talvez eu o veja mais como uma utopia, no sentido clássico de não lugar. O pai em sua canoa está lá, o filho pode vê-lo, pode alimentá-lo, pensa nele com frequência. Entretanto, quando chega o momento de tomar seu lugar, seu – *topos* – ele não consegue, ele não pode. O mesmo tipo de sentimento que existe no conto “a garota de

---

<sup>206</sup> O ensaísta americano Benjamim Moser escreve “mais do que em qualquer outro lugar, sente-se em Brasília uma traição de todas as esperanças da era pós-colonial. É em si um gigante Cemitério da Esperança” (MOSER, 2016, p. 53).

<sup>207</sup> O jornal Última Hora, em 02/06/61, dizia que Adlai Stevenson tinha se impressionado com duas coisas no Brasil: as mulheres e o guitarrista Luís Bonfá, que fez uma apresentação para o embaixador americano nas Nações Unidas no Instituto Brasil-Estados Unidos. O texto informa que Stevenson fez questão de ver as mãos de Bonfá, para se convencer de que eram reais. Bonfá fez uma carreira de muito sucesso nos Estados Unidos depois disso. Gravou diversos discos nos EUA que não foram lançados no Brasil. Gravou com gente como Frank Sinatra, Sarah Vaughan, George Benson, Tony Bennett. “*Almost In Love*”, composição de Bonfá, foi a única música brasileira gravada por Elvis Presley. Não acredito que o fato de Bonfá ter se apresentado para Stevenson tenha impulsionado sua carreira internacional. Na verdade, ele já tinha tocado nos Estados Unidos com Carmem Miranda.

<sup>208</sup> Entrevista de Tom Jobim a Jô Soares, em 22/10/1993. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AxdmriJ-5D4>.

Ipanema”, de Murakami. A garota conversa com ele, eles tomam cerveja juntos, mas ela não envelhece porque é metafísica; quando ele toca a sola de seu pé, percebe não conseguir de fato tocá-la, porque são solas metafísicas. Talvez também assim pareça essa modernidade brasileira para os estrangeiros. Marshall diz ter se sentido “*as a conduit for widespread indignation toward a city that, as so many Brazilians told me, had no place for them*” (MARSHAL, 1988, p. 08). Assim parece-me que é essa modernidade latino-americana tal qual pretendem os americanos encarregados de implantar a teoria da modernização nos trópicos: visível, dialogável, mas uma terceira margem do rio, uma sola metafísica, uma cidade sem lugar para aqueles que eles a querem construir, uma modernidade intangível e ao mesmo tempo presente, materializável, materializada na cidade-síntese, Brasília, que tanto impressionou Stevenson. “Nossos problemas são nosso negócio inacabado”, disse Carlos Fuentes (2001, p. 316). Pois bem, aí está a questão: havia aqui, sim, uma modernidade; uma modernidade que se mostrava nas artes, na pujança de São Paulo e Buenos Aires, mas que se revelava inacabada no grande número de analfabetos, nas cidades em sua maioria (ainda hoje) sem o básico saneamento. Mas uma modernidade inacabada é diferente de uma modernidade inexistente. E isso é importante.

#### **4.4 Conclusão**

É com toda essa memória histórica de modernidade que o latino-americano se encontra com a teoria da modernização em meados dos anos 50. Então, por mais que isso não seja explicitado, há, por um lado, uma certa desconfiança da modernidade inacabada, da modernização da república cafeeira, que aboliu escravidão, mas não privilégios e discriminações, das modernizações higiênicas que abriam *boulevards* e desabrigavam gentes, onde os cortiços não podiam mais existir à vista de todos, mas existiam ali, em cima das favelas, formadas pelos soldados modernos que foram lutar contra os bárbaros sertanejos e viram-se, eles mesmos, embrutecidos pela modernidade. Modernidade essa que os forçava a baixar calças e levantar saias para uma vacinação imposta pelo governo da República moderna. Canclini chamará essa modernidade de híbrida, um tipo de modernização que acontece na América Latina, uma modernização nascida, como já disse, da tensão entre o moderno e o nacional. Mas o que era o nacional, no campo político? No próximo capítulo tentarei ver essa questão mais de perto.

## CAPÍTULO 5 – NACIONALISMOS E DESENVOLVIMENTOS

### 5.1 Introdução

O *tour* de 1960 de Stevenson pela América Latina, aquele que ele faz ainda como um “cidadão privado”, é registrado em seu diário, pela primeira vez, no dia 9 de fevereiro de 1960. A entrada desse dia já faz ver um Stevenson “impressionado com o crescimento e a modernização<sup>209</sup>”. No dia seguinte, ele também se mostra animado com o fato do México não estar, diferentemente do Brasil, enfrentando constantes crises. Anota ainda que como o peão tem mais mobilidade social do que os servos, logo esses peões farão a migração do campo para a cidade, onde engrossarão a massa de classe média, tornando-se assim novos consumidores para a indústria. Enfim, o receituário completo de modernização parece mesmo estar em marcha no México. Aliás, ao elocubrar sobre a indústria local, Stevenson anota que há um debate sobre o nível de investimento externo que a indústria mexicana poderia ou deveria ter. Se o presidente Mateos é contra o controle de investimentos, políticos como Lázaro Cárdenas são contra o aumento de investimento externo, logo a favor de algum controle. Cárdenas havia sido presidente do México (1934-1940), criador da PEMEX e altamente identificado com os nacionalistas. Stevenson observa: “os nacionalistas aqui não são mais fracos do que em outros lugares”. É a primeira menção de Stevenson ao nacionalismo nessa viagem. Não será a última<sup>210</sup>. Depois de sua conversa com o ministro das finanças do México, Ortiz Mena, ele anota: “tendências nacionalistas apenas no petróleo”. Já em Bogotá, a 23 de fevereiro, ele se encontra com líderes trabalhistas e escreve: “as propostas das organizações trabalhistas da América Latina vindas de Cuba apelam para o nacionalismo e podem ser um primeiro passo perigoso rumo a uma organização trabalhista dirigida por comunistas na América Latina”. O

---

<sup>209</sup> “*Already impressed with growth and modernization.*” Diário de Viagem de Adlai Stevenson. Caixa 446 Folder 8, Series 9 Travel Materials, Latin America-General Notes: 1960.

<sup>210</sup> “*Mexico not in constant crisis, as in Brazil. (...) Land reform not very successful for production, but program still active; large distribution under Mateos. Peon has greater mobility than serf, moves to city and p into middle class, thus become consumers to support industrial growth. (...) In manufacturing and services companies also more Mexican participation. U.S has three-quarters of the 1.2 of foreign investment. Foreign participation still less than ten percent of overall investment. Nationalist no weaker here than elsewhere – sometime pinch competition – not unknown in tariffs at home. President against control investments. Wants voluntary relinquishment of foreign control. Cardenas against increasing foreign investment. Socializing tendency derives in part from Marxist influence in School of Economics University. Balanced budget in '59 expect '60. Financial policy cautious. Private investment three or four times government's, but later important. For rapid industrialization need foreign exchange – can increase (1) exports (2) tourism and (3) foreign investment. In U.S we look at latin America as one unit; many countries and \$10 billion.*” Diário de Viagem de Adlai Stevenson. Caixa 446 Folder 8, Series 9 Travel Materials, Latin America-General Notes: 1960

nacionalismo latino-americano parecia mesmo estar na cabeça de Stevenson e, em sua cabeça, era algo perigoso. Já no Brasil ele escreveu que o Partido Comunista, ilegal desde 1947, é perigoso como a exploração do nacionalismo. Mas será que esse temor do nacionalismo latino-americano evidenciado em seu diário de viagem é representativo do que pensava o governo americano? Ou é apenas uma opinião de Stevenson? Quando se analisam alguns documentos, percebe-se que o receio do nacionalismo não era uma característica restrita a Stevenson.

## 5.2 Nacionalismos e desenvolvimento

O Departamento de Estado norte-americano é uma fonte de siglas inesgotável. Os NSSM são mais uma delas – *National Security Studies Memorandum*. Trata-se, como o nome já indica, de memorandos que ordenam a execução de estudos em determinadas áreas consideradas importantes para a segurança nacional. O NSSM 173, de 7 de março de 1974, é assinado pelo secretário de Estado Henry Kissinger e tem como assunto “*U.S policy towards Latin America*” e, na primeira linha, já deixa claro qual é o objetivo do estudo: “*The President has directed a review of United States policies and programs in Latin America*”<sup>211</sup>. Em resposta ao pedido de estudo, foi elaborado um relatório que chegou à mesa de Kissinger com uma capa de memorando, de 29 de maio, assinado pelo embaixador americano no Brasil, John Hugh Crimmins. Junto ao estudo estava também uma cópia do NSSM 173.

O estudo começava com uma “avaliação dos últimos quatro anos” e dizia que havia sido previsto, em 1969, que as forças do nacionalismo acabariam por colocar em perigo os esforços dos Estados Unidos na América Latina, e os Estados Unidos precisavam achar a melhor forma de lidar com este nacionalismo. “Se temperarmos nossas reações ao nacionalismo com uma ampla visão de todos os interesses dos EUA em cada situação”, o estudo dizia, “teremos uma melhor chance de preservar um ambiente favorável a todos os nossos interesses”<sup>212</sup>. É importante notar aqui que, nesse momento, o nacionalismo não vinha

---

<sup>211</sup> FRUS 1969-1976 Volume E-11, parte 1 documentos sobre México, América Central e Caribe 1973-1976. NSSM 173 por NSCII *Interdepartmental Group for Inter-American Affairs*.

<sup>212</sup> “An Assessment of the Past Four Years: *It had been foreseen in 1969 that the forces of nationalism and ferment at work in Latin America would in the coming years jeopardize our interests as well as diminish our influence there. We believed that we could best limit any damage by shifting from a paternalistic relationship to one in which the U.S. would be less directive. If we temper our reactions to nationalism with a broad view as to all the U.S. interests at play in each situation, we will have a better chance of preserving an environment favorable to all our interests. This may mean at times acting with greater tolerance and forbearance than the Latins are likely to display towards us. A willingness to accommodate can successfully cope with nationalism in Latin America, just as it has paid off in approaches to our adversaries on the world scene*”. FRUS 1969-1976 Volume E-11, parte 1 documentos sobre México, América Central e Caribe 1973-1976. Fonte: National Archives, RG 59, ARA Files, Lot 75D476, JBK Chron—August 1974.

de grupos comunistas que ameaçavam tomar o poder e tornar o Brasil um país aliado dos soviéticos. Longe disso. Nesse momento, o nacionalismo que irrita é o da ditadura militar de direita, que havia sido colocada no poder com o beneplácito americano.

Em um outro memorando, desta vez de uma reunião do Conselho de Segurança dos Estados Unidos, ocorrida a 19 de junho de 1958, portanto quase vinte anos antes desse primeiro, há o relato de uma conversa bastante reveladora entre o presidente Eisenhower, o vice-presidente Nixon, o secretário de Estado Foster Dulles e o diretor da CIA, Allen Dulles. Nesta reunião, um funcionário do Departamento de Estado, Karl Harr, informava ao Conselho sobre a situação na América Latina fazendo uso de mapas e gráficos. Na verdade, era a exposição de um relatório da OCB (*Operation Coordination Board*) sobre a América Latina. Trazendo dados de 1957, Karl Harr argumentava que, apesar dos imensos esforços feitos pelo bloco soviético, o comércio dos americanos com os latinos havia aumentado enquanto o comércio com a América Latina com a União Soviética havia diminuído. Neste ponto ele foi interrompido por Allen Dulles, diretor da CIA, que, de posse de dados mais recentes, já referentes ao ano de 1958, disse que essa tendência se reverteu e que os soviéticos haviam conseguido aumentar seu comércio com a América Latina. É neste ponto que o presidente Eisenhower faz um aparte inesperado que parece ir contra a ideia de que o nacionalismo latino-americano era um problema. O presidente interrompeu dizendo: “Muitas vezes ouvimos a generalização de que a única força no mundo moderno capaz de combater eficazmente o comunismo é o nacionalismo”. Todos permaneceram calados enquanto o presidente continuava: “por que, então, não vamos a nossos vizinhos latino-americanos e pregamos o ultranacionalismo, insistindo que os objetivos de seu nacionalismo só podem ser realizados em conjunto com a gente”. A ideia de Eisenhower deve ter deixado muitos na reunião bastante confusos, afinal o próprio presidente havia sido eleito muito por conta de uma guerra vencida contra o ultranacionalismo europeu. Eisenhower continuou sua explanação dizendo: “Afinal, queremos que essas repúblicas latino-americanas sejam nossas parceiras soberanas. Em certo sentido, somos ultranacionalistas, então por que não pregar a mesma doutrina aos nossos vizinhos?”. O presidente tinha razão em um ponto: os americanos eram nacionalistas, mas viam com desconfiança o nacionalismo alheio. O seu nacionalismo era chamado de patriotismo, o nacionalismo de outros era perigoso e poderia ser uma etapa para o socialismo. O presidente, por fim, concluiu sua intervenção dizendo: “em suma, devemos explorar os sentimentos ultranacionais nas repúblicas vizinhas ao tom do *slogan* de que se você não pode vencê-los,

---

junte-se a eles”. É possível que Karl Harr e ambos os Dulles tenham se entreolhado confusos. Afinal, poucos dias antes, em 21 de maio de 1958, o mesmo *Operation Coordination Board* havia elaborado um memorando destacando que o ultranacionalismo era um perigo na América Latina, principalmente no Brasil e na Argentina<sup>213</sup>. O pensamento do presidente tinha uma lógica, mas era de uma simplicidade que não cabia na política externa.

Harr argumentou com o presidente que o grande problema não era o nacionalismo em si, mas o uso feito do nacionalismo por “expoentes irracionais”. O presidente não se deu por satisfeito e repetiu seus argumentos, então o General Robert Cutler, que havia sido o primeiro a ser nomeado por Eisenhower para o Conselho de Segurança, advertiu que pregar o ultranacionalismo em determinadas regiões da América Latina – como no Panamá – poderia ser bastante perigoso para os interesses norte-americanos. John Foster Dulles interrompeu a conversa e, de forma bem franca, se manifestou: “devemos reconhecer que, em grande parte do mundo e certamente na América Latina, houve nos últimos anos um tremendo aumento na direção do governo popular por povos que praticamente não têm capacidade de autogoverno e, de fato, são como crianças lidando com este problema”. Essas palavras de Dulles ecoavam aquelas ditas por Stevenson a um oficial britânico enquanto fazia o seu *tour* na Ásia, quando ele também usou a metáfora das nações infantis para defender uma descolonização menos acelerada<sup>214</sup>. Dulles disse ainda que havia conversado sobre isto com o primeiro ministro inglês Maurice Harold Macmillan, chamando a atenção do inglês para o fato de que os pais fundadores dos Estados Unidos, sabendo da incapacidade que o povo teria para se autogovernar em uma democracia direta, criaram o sistema de Colégio Eleitoral para proteger a República da estultice popular (foi por conta do Colégio Eleitoral que George W. Bush e Donald Trump foram eleitos; ambos perderam no voto popular, mas a República foi salva, na concepção de Dulles, pelo Colégio Eleitoral). Dulles terminou sua fala dizendo: “diferentemente de nós, muitos estados da América Latina estão avançando para o autogoverno irresponsável diretamente de um *status* semi-colonial. Isso apresenta aos comunistas uma situação ideal para explorar”. Ou seja, parece que a vontade de Eisenhower de insuflar os nacionalismos latino-americanos não foi bem aceita<sup>215</sup>. Afinal de contas, o nacionalismo era para nações mais

---

<sup>213</sup> *Report From the Operations Coordinating Board to the National Security Council. REPORT ON LATIN AMERICA* (NSC 5613/1, September 25, 1956). FRUS 1958-1960, *American Republics*, Volume V.

<sup>214</sup> Vale mencionar, a título das comparações feitas por Dulles e Stevenson, o que afirma Ashis Nandy, que o colonialismo buscava sua justificativa na imagem dos colonizados como crianças. Se eram crianças, era certo ter alguém para governá-los (NANDY, 1983).

<sup>215</sup> A respeito da forma como o nacionalismo era encarado pelos americanos em um período um pouco anterior a este que me refiro, Pedro Tota escreve sobre os assessores de Nelson Rockefeller, que era no final do governo Roosevelt o responsável pela política americana na América Latina. “Mesmo os mais hábeis assessores de Nelson

experientes, ainda assim, com reservas. Não era o caso dos latino-americanos<sup>216</sup>. Aqui, diferentemente do que acontecia no primeiro caso, o medo real era de que o nacionalismo fosse aproveitado pelos grupos de esquerda e constituíssem um primeiro elemento para a transformação de nações aliadas – ou pelo menos neutras, em nações sob a influência do regime soviético.

O que os documentos mostram é que, já no final dos anos cinquenta e até meados dos anos setenta, a questão do nacionalismo latino-americano era um problema debatido pelos

---

não conseguiam, com sua cultura calvinista-capitalista, distinguir comunismo de nacionalismo, no contexto latino-americano do pós-guerra. Não conseguiam e não queriam.” (TOTA, 2000, p.185).

<sup>216</sup> Segue o original do NSC 563/1: *U.S. Policy Toward Latin America: Mr. Karl Harr briefed the Council on the highlights of the OCB Report on Latin America making use of maps and overlays. Among the points stressed by Mr. Harr was the fact that U.S. trade with Latin America increased in 1957 while that of the Soviet Union in Latin America declined somewhat in volume despite the intensive efforts of the Soviet Union in the contrary direction. Mr. Allen Dulles interrupted to point out that a different trend was already detectable in 1958. Soviet trade with the Latin American countries was increasing, particularly in wool and petroleum. (A copy of Mr. Harr's briefing note is filed in the Minutes of the Meeting<sup>2</sup> and another is attached to this The President said he had a point which he wished to emphasize. We have all often heard the generalization that the only force in the modern world capable of effectively combating communism is nationalism. Why then don't we go to our Latin American neighbors and preach ultra-nationalism to them, insisting that the goals of their nationalism can only be realized in conjunction with us. After all, we do want these Latin American republics to be sovereign associates of ourselves. In a sense we are ultra-nationalists so why not preach the same doctrine to our neighbors? Under this umbrella we could attempt to deal with the concrete economic problems faced by Latin America, either by ameliorating these problems or at least by fuzzing up our own connection with these problems. In short we ought to exploit the ultra-national feelings in the neighboring republics along the line of the slogan that if you can't beat them, join them. Mr. Harr pointed out that ultra-nationalism in the Latin American countries was not in and by itself a stumbling block for the United States. The trouble was the use made of the force of nationalism by its irrational exponents. The President repeated his arguments, while General Cutler warned that we would have to be careful in preaching ultra-nationalism in certain Latin American republics such as Panama. Secretary Dulles pointed out that we treat our Latin American neighbors scrupulously as political equals but there was no hiding the fact of the economic dependence of these nations upon the United States. It is on this fact that the Soviets capitalize and thus confront us with serious problems. The President agreed but again argued that we must try the formula of ultra-nationalism. We must exploit the power of this force in Latin America rather than trying to fight it. Secretary Dulles said he had one more word to speak on the aspects of our Latin American policy. In its forthcoming review the Planning Board should look at the problem of Latin America from something more than merely an intellectual analysis as to how to deal most effectively with the concrete problems which existed in our relations with Latin America. The most significant fact that we must recognize was the fact that throughout much of the world and certainly in Latin America there had been in recent years a tremendous surge in the direction of popular government by peoples who have practically no capacity for self-government and indeed are like children in facing this problem. He reminded the Council that he had told Prime Minister Macmillan on his recent visit to Washington<sup>5</sup> that when our own republic had been founded, our Founding Fathers realized that it would take some considerable time before the new United States could safely practice government by direct democracy. For this reason our Presidents were elected, not by direct suffrage, but through the device of the Electoral College. Unlike ourselves, many of the Latin American states are leaping ahead to irresponsible self-government directly out of a semi-colonial status. This presents the Communists with an ideal situation to exploit.” Memorando da Discussão no 369º encontro do National Security Council, Washington, 19 de Junho de 1958. FRUS, 1958–1960, American republics volume V. Fonte: Eisenhower Library, Whitman File, NSC Records. Top Secret; Eyes Only. Preparado por S. Everett Gleason em 20 de junho.*

oficiais responsáveis pela política externa americana. Entretanto, é importante notar que as circunstâncias diferiam drasticamente. Nos anos 70, o nacionalismo feria interesses americanos, mas não corria o risco de se tornar um passo para o comunismo, haja vista que era um nacionalismo praticado pelo governo militar ditatorial que havia se instalado exatamente para que o país não desviasse de forma alguma para a esquerda. Neste contexto os Estados Unidos teriam de tratar os nacionalistas com alguma temperança. Já em 1958, há um perigo real, na cabeça dos oficiais americanos, de que nacionalismos descambem para regimes socialistas.

No *The New York Times* de 16 de outubro de 1959, o jornalista Tad Szulc reportou que o embaixador americano John Cabot pediu aos nacionalistas brasileiros que “parem e reflitam se o rompimento da longa parceria entre os dois países seria realmente benéfico para eles”. O repórter fala do crescente nacionalismo brasileiro, que meses antes foi responsável pela nacionalização de uma usina elétrica americana e relata que estudantes americanos de intercâmbio na Universidade da Bahia sofreram hostilidades unicamente por serem americanos. A reportagem termina com um aviso do embaixador de que “o Brasil só poderia adotar uma nova orientação política colocando em risco a sua segurança e a dos Estados Unidos”<sup>217</sup>. Outro exemplo que se insere neste mesmo contexto do último exemplo é o fornecido por um memorando de 1963.

Em 17 de setembro de 1963, o “Presidente do Conselho de Planejamento de Políticas e Conselheiro do Departamento de Estado” enviou um memorando ao Secretário de Estado, Dean Rusk. Vale a pena salientar que o dono do pomposo título “Presidente do Conselho de Planejamento de Políticas e Conselheiro do Departamento de Estado” é Whalt Whitman Rostow, o mesmo Rostow professor do MIT e um dos principais teóricos da teoria da modernização, tal qual foi aplicada pelos Estados Unidos. O assunto do memorando era bastante abrangente “*State of the World*” ou “O estado do mundo”. O título, colocado dessa forma, é até de certa maneira melancólico e é mesmo com um tom de certa melancolia que o memorando começa: “Em uma das reuniões da manhã, acredito que, em 4 de setembro, você observou que poderia ter um psiquiatra ali na mesa para ajudá-lo a lidar com o mundo...”. Rostow dizia que o Conselho de Planejamento de Políticas, apesar de não ser um órgão de psiquiatria, tentava tratar, naquele memorando, de uma forma mais sistemática, dos principais problemas que afligiam a política externa americana naquele momento. Rostow passa a elencar

---

<sup>217</sup> Szulc, Tad, ‘US envoy warns Brazil about Rift’ *New York Times*, 16 de outubro de 1959. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1959/10/16/91423583.html?pageNumber=8>, acessado em 02/02/2018.

então cinco pontos que, de acordo com ele, convergiram para levar o mundo ao estado em que se encontrava. Os cinco aspectos eram: uma dispersão do poder de Moscou e Washington, a resolução das crises de Berlim e Cuba, o engajamento em conversas em tom amigável, ainda que superficiais, com a União Soviética, um medo menor do comunismo no cenário mundial e o rompimento sino-soviético. “A segunda imagem é que, talvez, a Guerra Fria está a caminho do fim; que a preocupação dos EUA com o resto do mundo está em declínio; e que as restrições, as disciplinas e as intrusões no nacionalismo convencional estão sendo (e podem de forma segura) retiradas ou diminuídas”<sup>218</sup>. Esse documento é importante porque deixa entrever como a resolução da Crise dos Mísseis deixa a Casa Branca mais confiante, principalmente com relação ao seu domínio na América Latina, o que faz com que ele sugira que as “restrições, disciplinas e intrusões” no nacionalismo poderiam ser retiradas ou diminuídas. Logo, é certo que essas restrições existiam. Assim, podemos, sim, inferir que as preocupações mostradas por Stevenson em seu diário são representativas de um pensamento político americano e não meras opiniões de um turista privilegiado.

Dessa forma, chega-se a um ponto de fricção. Se, por um lado, a modernidade latino-americana é fundamentada basicamente na identidade e no nacionalismo, por outro, a modernização, tal qual vista pelos norte-americanos, enxerga nesse nacionalismo e nessa busca por identidade uma ameaça, mesmo quando acontece na forma de um governo aliado. Mesmo quando esse nacionalismo é fruto de um governo militar aliado aos Estados Unidos, há de se prestar atenção nele, porque trata-se de uma ameaça. Essa ameaça é uma modernização – ou um desenvolvimentismo – que tente se calcar em capitais nacionais somente, ou majoritariamente, que insuffle discursos anti-imperialistas ou antiamericanistas. É certo, como explicita o então embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, que os americanos querem que o Brasil se modernize. Para ele, existem alguns “mitos” sobre a forma como os norte-americanos enxergam e pensam o Brasil. Um desses “mitos” é sobre os “esforços americanos para retardar a industrialização latino-americana para mantermos nossos mercados exportadores”, diz Gordon, “na verdade, nós abraçamos entusiasticamente a modernização industrial do Brasil e da América Latina. Este é um dos objetivos da Aliança para o Progresso” (GORDON, 1963, p. 27). De fato. Mas como os diários de Stevenson e as atas do Conselho de

---

<sup>218</sup> “State of the World. *At a morning meeting, I believe on September 4, you observed that you could well use a psychiatrist around the table in dealing with the world. This is an interim effort by the Planning Council to make some shape of the phenomena which stirred your remark. A more systematic and precise review of the state of the world and its policy implications will be developed in S/P during the autumn (...)* The second image is that, perhaps, the cold war is on the way to its end; that U.S. concern with the rest of the world is declining; and that the restraints, disciplines, and intrusions on conventional nationalism are being (and can safely be) withdrawn or diminished.” Kennedy Library, National Security Files, Subjects Series, Policy Planning 7/63- 9/63.

Segurança nos deixam inferir, tal modernização industrial será mais bem-vinda se for feita de modo a permitir que o capital americano atue livremente na América Latina. O próprio Lincoln Gordon explica o porquê “as duas chaves de desenvolvimento são o investimento e os conhecimentos e técnicas aperfeiçoadas”, afirma ele em um livro que foi lançado em inglês, em 1962, com um sugestivo título que nos diz muito sobre a volta dos democratas ao poder: “*A New Deal For Latin America: The Aliance for Progress*”<sup>219</sup>. Mas depois de falar que as chaves do desenvolvimento são duas, investimento e conhecimento, ele completa: “o investimento, por sua vez, exige economia, quer voluntária ou forçada, interna e externa. É neste ponto que divergem os possíveis caminhos para o investimento. Há o caminho das instituições livres, para o qual aponta a Aliança para o Progresso. E há o caminho soviético” (GORDON, 1962, p.11).

Já mencionei que a modernização soviética era o grande medo que impelia os americanos a moverem-se no tabuleiro de xadrez em que a América Latina havia se tornado desde a Revolução Cubana. O *Sputnik* havia mostrado ao mundo a capacidade técnica e de inovação dos soviéticos. Neste quesito ao menos, parecia que americanos e soviéticos estavam lado a lado até aqui. O que ia diferenciar o caminho seguido por cada nação estava exatamente no investimento, destaca Gordon. O nacionalismo e sua vertente extremada, o ultranacionalismo, que quatro anos antes havia sido defendido por Eisenhower em reunião do Conselho de Segurança como antídoto ao comunismo, como já se viu, eram vistos como um passo largo rumo à modernização de tipo soviética, e assim deveriam ser evitados. Mas afinal o que era o nacional que tanto era temido pelos americanos?

O problema era exatamente este: não havia apenas um nacionalismo. Se havia o nacionalismo que os americanos temiam, aquele que levava ao socialismo, havia também outros nacionalismos, que podiam ser grandes aliados do projeto americano de repelir o socialismo no continente. Já mencionei aqui o nacionalismo autoritário da ditadura militar, mas havia ainda outros. A construção de Brasília e os debates em torno dela são uma fonte útil para se entender esses vários nacionalismos existentes naquele momento. Vânia Maria Losada Moreira (1998) mostra como esta metassíntese é também um microcosmo para se entender a construção da nacionalidade brasileira nos anos 50. Esse desenvolvimento do qual Brasília é um exemplo, que é nacional sem prescindir de capital estrangeiro, parece ter causado uma tensão entre americanos e brasileiros que se mostra evidente, por exemplo, em algumas das anotações feitas por Stevenson em sua viagem em 1960. A primeira viagem de Stevenson é

---

<sup>219</sup> No Brasil optou-se pelo trocadilho “A Aliança pelo Progresso” provavelmente porque aqui o *New Deal* não tem o peso histórico que tem para os leitores americanos.

uma pequena amostra desta tensão em funcionamento. Por exemplo, é notável o entusiasmo de Stevenson com a modernidade de algumas partes do Brasil e de Brasília. Pode-se ver isto ao se constatar o otimismo retratado por ele em artigos que ele escreveu para revistas semanais e também em seu diário. Ao se ler o artigo publicado na revista *Look*, tem-se a impressão de que Stevenson foi contagiado pelo espírito bossa nova que tomava conta da nação na Era JK. O Brasil era promissor aos olhos de Stevenson – pelo menos é o que parece ao se consultar outros documentos além do artigo publicado. Em 22 de março de 1960, ele escreve anotações em seu diário, às duas e meia da manhã, depois de ter passado o dia inteiro em São Paulo. Foi um dia que começou com uma explicação no consulado sobre o desenvolvimento industrial do estado; em seguida, houve uma conferência da câmara de comércio com o governador do estado, em que recebeu das mãos do prefeito as chaves da cidade, e terminou com um jantar com o casal Price. Margaret Price havia sido membro do comitê democrata de Michigan na campanha de 1952; ele era o diretor da Mercedes Benz do Brasil. As palavras de Stevenson em seu diário depois deste dia foram: “Toda essa conversa sobre desenvolvimento industrial – e como eles estão orgulhosos! E por que não? Essa é a área mais moderna e de maior sucesso em toda a América Latina...” (JOHNSON *et al.*, 1979b, p. 436). A 29 de março, ele estava na nova capital federal, a cidade construída no meio do planalto central com os traços simples de Lúcio Costa e os prédios futuristas de Oscar Niemeyer. A fama de Brasília como “*a Modern Boom Town*” já percorria os Estados Unidos, ou, como dizia o artigo de Dorothy Maccardle, no *Washington Post*: “*Brasília is the most magical word in Brazil today. More than that, is a world that have been heard all over the word*”<sup>220</sup>.

Brasília, a palavra mais mágica do mundo. Stevenson se impressionou com a cidade. Quando o colunista e ícone liberal, Walter Lippmann, veio ao Brasil, mandou uma carta a Stevenson perguntando com quem ele deveria se encontrar no Brasil. Stevenson passou uma lista de pessoas interessantes que ele achava que Lippmann<sup>221</sup> deveria encontrar e, no final da carta, Stevenson escreve: “*PS: By all means, go to Brazilia!*”<sup>222</sup>. Outro sinal de seu apreço pela cidade foi a entrada em seu diário no dia em que conheceu a cidade. A 29 de março, Stevenson escreve sobre Brasília: “Nada aqui 4 anos atrás!... Que maravilhas o gênio humano e o

---

<sup>220</sup> Dorothy McCardle, “Brasilia Is Modern 'Boom Town'” *The Washington Post and Times Herald* (1954-1959); Feb 1, 1959; ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post.

<sup>221</sup> O Itamaraty também via com bons olhos a viagem de Lippman, tendo inclusive se prontificado a pagar as despesas do jornalista no Brasil. “Visita do Senhor Water Lippman ao Brasil, 12 de abril de 1960.” Arquivo do Itamaraty, Telegramas recebidos expedidos, embaixada em Washington, 1960, caixa 421.

<sup>222</sup> AES papers (MC#124) caixa 51, folder 01.

propósito dos líderes conseguiram operar nos confins do Brasil. E se esta é a cidade do futuro – eu gosto dele” (JOHNSON *et al.*, 1979b, p. 436).

Mas como mencionei, Stevenson é um pequeno exemplo desta tensão entre o apreço e, ao mesmo tempo, o desprezo pela forma como a modernização acontecia no Brasil. O desprezo existe em grande parte porque o modelo de modernização que gerou Brasília e as áreas surpreendentes de São Paulo, na visão de Stevenson e de outras personalidades importantes da engrenagem político-econômica, não seguia os preceitos corretos, calcados no ortodoxismo econômico receitado por órgãos como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Portanto, o ponto crucial para eles não é tão somente saber se esta modernização se dará com capital privado ou estatal. O ponto fulcral é saber se esta modernização segue uma receita de políticas econômicas que eles julgam racionais e responsáveis.

Um documento que ajudará a entender isto é um bloco de anotações que Stevenson carregava consigo o tempo inteiro. Não se trata de seu diário, mas um bloco de folhas amarelas pautadas em que pensamentos são anotados de forma mais livre, sem a preocupação de gerarem um texto coeso. Stevenson usava estes blocos de anotações em várias ocasiões diferentes, e os usou na sua viagem ao Brasil também. Consultando este bloco da viagem ao Brasil, há algumas anotações que penso serem úteis para se montar este quebra-cabeça e as sutilezas das questões do tipo de modernização que preocupavam os americanos.

Stevenson escreve a lápis uma série de informações sobre a situação do crédito no Brasil. Em seguida, anota: “*most impressive country in world, most disappointing. Eugene Black*”. Black foi diretor do Banco Mundial entre 1949 e 1963, logo, ele era o diretor do Banco neste momento crucial da economia brasileira. O governo Kubitschek teve uma relação bastante complicada com os credores externos, chegando a romper com o FMI em 1960. Talvez essa relação complicada do país com o capital frustrasse Black, e certamente frustrou Stevenson também. Nas anotações de Stevenson, o que ele escreve é:

Na Ásia, necessita-se desesperadamente de capital para aumentar os padrões de vida – diferente na América do Sul. No Brasil não se pode comprar títulos da dívida. Todos os títulos vendendo a uma base de 10%. Não há crédito! Não se pode vender títulos da dívida<sup>223</sup>. ‘País mais impressionante do mundo, o mais desapontador’. Black. Na última década houve 5 ou 6 crises financeiras. Vieram a Washington para choramingar ‘nós não ajudamos a eles’ (ilegível) é comunista. Washington cede. Os Estados Unidos concedem. (Ilegível) Exim-Bank emprestou um bilhão. Cada vez eles prometem fazer certas coisas, se dermos dinheiro para que seja possível. Mas eles

---

<sup>223</sup> Aqui Stevenson deve estar fazendo referência ao fato de que em 1960 ainda vigorava a Lei de Usura, que limitava a taxa de juros nominais a 12% enquanto a inflação era superior a 20%, o que fazia com que, na prática, os títulos do governo rendessem taxas de juros nominais negativas. Ver GIAMBIAGI, Fábio, VILLELA, André, CASTRO, Lavinia e HERMANN, Jennifer. **Economia Brasileira Contemporânea**. Elsevier: São Paulo, 2005.

não fazem as coisas. Em 59 cruzeiro no seu ponto mais baixo, inflação no seu pior, desta vez Washington disse ‘não!’ Faça as pazes com o Fundo Monetário. Crise passou graças ao mercado favorável ao café<sup>224</sup>. Kubitschek é uma engrenagem ruim da administração, não tem intenção em fazer o necessário. Disse o Fundo Monetário para ir para o inferno. Sem (ilegível) passos no ano passado. Kubitschek é (levado?) pelo (ilegível) velho Vargas. Quadros seria melhor<sup>225</sup>.

Por estas notas de Stevenson, a grande frustração não é, como se observa, com a modernização do Brasil. Afinal, como já evidenciei em outras partes desta tese, ao contrário disto, Stevenson se impressionou com Brasília e com a modernização em São Paulo, por exemplo. O que o deixa desapontado – e ao que parece também deixava o presidente do Banco Mundial, Eugene Black – é o fato de o Brasil, mais especificamente, nos últimos anos, o presidente Kubitschek, conseguir empréstimos com a promessa de que seguiria o receituário de Washington e do Banco Mundial, mas não fazê-lo.

Essa mesma visão pode ser encontrada nas anotações de Arthur Schlesinger Jr. sobre sua viagem ao Brasil como assessor especial do presidente Kennedy. Schlesinger escreve: “*Under Juscelino Kubitschek, the retiring president, the sheer momentum of growth had charged the nation with a certain economic dynamism. That growth could hardly have been more vagrant, disorderly and undisciplined; a Brazilian economist described Kubitschek to us as ‘the playboy of economic development’*”. Entretanto, Schlesinger vê que tal desenvolvimento, ainda que tenha sido feito de forma desorganizada e pouco importando-se com a ortodoxia econômica: “*somehow seemed better than the stagnation of Argentina; but one wondered whether a middle course might not be possible*” (SCHLESINGER, 1965, p.178).

A questão é que desenvolvimento e desenvolvimentismo evocavam vários significados na América Latina. Só no Brasil, para esta fase, Ricardo Bielowsky enxerga cinco correntes diferentes de desenvolvimentismo:

O que foi o processo desenvolvimentista brasileiro original, de 1930 a 1964, para o qual tanto contribuiu Celso Furtado? Foi aquele em que a industrialização integral deu as condições necessárias para a superação da pobreza, impossível de ser alcançada por meio do mercado. O Estado planejou o processo, e esse planejamento definiu a expansão desejada dos setores econômicos e os instrumentos dessa promoção. O Estado, nesse caso, coordenou a execução de políticas econômicas, captou os recursos, fez investimentos diretos como agente produtivo naqueles setores

---

<sup>224</sup> Stevenson escreve isto em fevereiro de 1960 e os números de exportação de café de 1959, quando comparados aos números de 1958, realmente haviam sido excelentes. Embora o preço da saca tenha caído (de 43,89 para 36,65), a produção aumentou (de 31,7 para 44,1 milhões de sacas), gerando um impacto considerável no percentual do PIB advindo da venda do café, de 1,9% para 2,5%. Fonte: GIAMBIAGI, Fábio, VILLELA, André, CASTRO, Lavinia e HERMANN, Jennifer. Op. cit.

<sup>225</sup> Anotações de Viagem AES papers, caixa 446, folder 8, série 9: Travel Materials. Latin America-General-Notes: 1960. Como há partes para mim ilegíveis no documento, optei por fazer a reprodução desta nota, no final do trabalho, apêndice A.

em que a iniciativa privada se recusava a entrar, por não representar atratividade. Em torno dessa conceituação, posso dizer que não é incorreto identificar cinco correntes de pensamento do primeiro ciclo desenvolvimentista brasileiro. À direita, o neoliberal, de Eugênio Gudín, ministro da Fazenda entre setembro de 1954 e abril de 1955, durante o governo de Café Filho; à esquerda, pela corrente socialista, do historiador, geógrafo e escritor marxista Caio Prado Júnior. Entre os dois extremos, destaco três correntes desenvolvimentistas assumindo a hegemonia no pensamento econômico brasileiro: o desenvolvimentismo do setor privado, do industrialista Roberto Cochrane Simonsen; o desenvolvimentismo do setor público não nacionalista, de Roberto Campos, e o desenvolvimentismo público nacionalista de Celso Furtado (BIELOSCHWSKY, 2011, p.16).

A questão para os americanos era saber qual desses modelos seguia as regras impostas por Washington em suas políticas econômicas. Entretanto, isto traz um problema, pois não seguir o receituário norte-americano é frequentemente igualado a “nacionalismo”. Assim, ficava difícil dissociar o que era uma escolha econômica do que era uma política eminentemente nacionalista<sup>226</sup>. Do ponto de vista do capital investido, por exemplo, o governo Kubitschek era pouco nacionalista. Para que se tenha uma melhor noção disso, é importante fazer uma breve digressão na história econômica do período.

Já em 1953, ainda no governo Vargas, Oswaldo Aranha assume o ministério da fazenda com a tarefa de substituir Horácio Láfer, que não havia obtido sucesso na tarefa de estabilizar a economia brasileira. Entretanto, o “plano Aranha”, ainda que fosse ancorado em políticas econômicas mais ortodoxas, não conseguiu ser bem-sucedido, até porque nos Estados Unidos também a política mudava de rumo. Saía Truman que, em seu “*Point Four Program*”, defendia uma assistência financeira e técnica às nações subdesenvolvidas e entrava o republicano Eisenhower, que tendo vencido Stevenson por uma margem esmagadora de votos, defendia uma política econômica mais voltada para o capital privado. Cabia a países como Brasil criar o ambiente de negócios favorável para seu desenvolvimento (SKIDMORE, 1988). Assim, naquele momento, de fato a questão principal para os Estados Unidos era que ou o projeto desenvolvimentista latino-americano era financiado por capital próprio ou por capital privado norte-americano. O que Eisenhower queria evitar a qualquer custo neste primeiro momento era o investimento de dinheiro dos contribuintes americanos no desenvolvimento desses países.

---

<sup>226</sup> É importante perceber, contudo, que havia no contexto americano, quem enxergasse o receituário de Washington para a América Latina de forma diferente. Arthur Schlesinger Jr. escreve: “*If the criteria of the International Monetary Fund had governed the United States in the nineteenth century, our own economic development would have taken a good deal longer. In preaching fiscal orthodoxy to developing nations, we were somewhat in the position of the prostitute who, having retired on her earnings, believes that public virtue requires the closing down of the red-light district.*” (SCHLESINGER, 1965, p.175).

Em um discurso feito ao Congresso em 1954, Eisenhower delineou a posição de sua administração sobre a questão da sua política externa no que dizia respeito à economia. Ela estava organizada em torno da ideia de que a ajuda externa deveria ser restringida, o investimento deveria ser encorajado e o comércio era algo desejado (BEWALL, 2010). Neste momento também, o Conselho de Segurança Nacional já começa a chamar a atenção para o perigo do nacionalismo latino-americano. O documento do Conselho de Segurança Nacional de número 5432/1, de 3 de setembro de 1954 (NSC 4532/1), reflete sobre “os objetivos e cursos de ação com respeito à América Latina”. Neste documento, em suas “considerações gerais”, novamente o perigo de um certo tipo de nacionalismo é abordado, bem como as melhores formas de combatê-lo:

Há uma tendência na América Latina em relação a regimes nacionalistas mantidos em grande parte por apelo às massas da população. Ao mesmo tempo, há uma crescente demanda popular por uma melhoria imediata no baixo padrão de vida do povo, com o resultado de que a maioria dos governos latino-americanos sofrem intensas pressões políticas domésticas para aumentar a produção e diversificar sua economia.

Uma abordagem realista e construtiva dessa necessidade, que reconheça a importância de melhorar as condições para a população em geral, é essencial para prevenir que a região escape em direção a regimes radicais e nacionalistas. O crescimento do nacionalismo é facilitado pelo preconceito antiamericano histórico e explorado pelos comunistas. A América Latina precisa da assistência dos Estados Unidos para a solução desses problemas e ficará cada vez mais sujeita à intervenção e subversão comunista, a menos que tal assistência seja realizada. Percebendo a crescente importância de ajudar a América Latina a reverter as tendências que oferecem oportunidades para a penetração comunista, os EUA devem dar maior ênfase do que tem dado até agora aos seus programas latino-americanos, a fim de salvaguardar e fortalecer a segurança do Hemisfério. O objetivo limitado deste trabalho é definir nossos objetivos e cursos de ação sobre estes e outros importantes problemas comuns à área<sup>227</sup>.

O documento deixa transparecer uma preocupação com o comunismo e também com o crescimento do nacionalismo calcado no discurso antiamericano. Assim, o nacionalismo aqui

---

<sup>227</sup> *There is a trend in Latin America toward nationalistic regimes maintained in large part by appeals to the masses of the population. Concurrently, there is an increasing popular demand for immediate improvement in the low living standards of the masses, with the result that most Latin American governments are under intense domestic political pressures to increase production and to diversify their economics. A realistic and constructive approach to this need which recognizes the importance of bettering conditions for the general population, is essential to arrest the drift in the area toward radical and nationalistic regimes. The growth of nationalism is facilitated by historic anti-U.S. prejudices and exploited by Communists. Latin America needs U.S. assistance for the solution of these problems and will become increasingly subject to Communist intervention and subversion unless such assistance is forthcoming. Realizing the increasing importance of helping Latin America to reverse those trends which offer opportunities for Communist penetration, the U.S. should give greater emphasis than heretofore to its Latin American programs in order to safeguard and strengthen the security of the Hemisphere. The limited purpose of this paper is to define our objectives and courses of action concerning these and other important problems common to the area. (FRUS, 1952–1954, The American Republics, Volume IV/S–NSC files, lot 63 D 351, NSC 5432 series).*

é identificado com o antiamericanismo. Como antídoto, há uma série de medidas, das quais eu quero destacar as constantes da parte 9a, 9b e 9c do documento:

9a. Adotar políticas comerciais estáveis e de longo prazo em relação aos países latino-americanos, incluindo a redução seletiva gradual das barreiras e tarifas dos EUA no comércio.

9b. Através dos empréstimos do Banco Export-Import, assegurar que cada um desses empréstimos seja (1) no interesse dos Estados Unidos e do país mutuário, (2) dentro da capacidade do mutuário para reembolsar, e (3) dentro da capacidade de empréstimos do Banco e de seu estatuto, esteja preparado para garantir o financiamento de todos os projetos de desenvolvimento econômico viáveis, **para os quais o financiamento do capital privado ou do BIRD não esteja disponível.** (grifo meu).

9c. Somente se a ação sob a e b acima durante um período de tempo demonstrarem que são inócuas e, apenas com a aprovação presidencial em cada caso, financiar através de empréstimos de assistência ao desenvolvimento o início ou aceleração de projetos ou atividades que são do interesse dos Estados Unidos e que, na ausência de tal assistência adicional, não seriam empreendidos ou, se empreendidos, não seriam transferidos à taxa exigida pelos objetivos da política externa norte-americana<sup>228</sup>.

Fica clara neste documento a intenção de tentar canalizar a ajuda financeira através do investimento privado americano em primeiro lugar. O financiamento por meio do Banco Mundial só deveria acontecer se o capital privado não estivesse disponível para tal financiamento. Tais medidas são formas de combater o antiamericanismo que, como já se viu, era confundido com o nacionalismo nocivo aos Estados Unidos. Assim, um programa de ajuda se fazia necessário, mas ajuda estribada preferencialmente em capital privado. Essas intenções também ficaram claras ao governo brasileiro quando, em 31 de julho de 1953, o governo americano encerrou os trabalhos da comissão mista Brasil-Estados Unidos. Criada no contexto do “*Point Four Program*”, de Truman nos Estados Unidos e durante o governo Dutra no Brasil, a comissão, que operava no âmbito do ministério da fazenda, visava o financiamento para projetos de reaparelhamento da infraestrutura brasileira. Ao encerrar programas, assim o novo direcionamento político americano, que dificultava o financiamento que não era privado, conseguiu o efeito contrário do que era seu objetivo; fortaleceu os grupos nacionalistas que

---

<sup>228</sup> 9a. *Adopt stable, long term trading policies with respect to Latin American countries, including gradual selective reduction of U.S. barriers and tariffs on trade.* 9b. *Through Export-Import Bank loans, provided each such loan is (1) in the interests of both the United States and the borrowing country, [Page 84](2) within the borrower's capacity to repay, and (3) within the Bank's lending capacity and charter powers, be prepared to assure such financing of all sound economic development projects, for which private capital or IBRD financing is not available.* 9c. *Only if action under a and b above over a period of time demonstrates that these courses of action are inadequate, and then only with Presidential approval in each case, finance through development assistance loans the initiation or acceleration of projects or activities which are in the basic U.S. interest and which, in the absence of such additional assistance, would not be undertaken or, if undertaken, would not be carried forward at the rate required by U.S. foreign policy objectives.* (FRUS, 1952–1954, The American Republics, Volume IVS/S–NSC files, lot 63 D 351, NSC 5432 series).

argumentavam que os Estados Unidos jamais cooperariam com a industrialização do Brasil, como estava provado, e que, se o Brasil pensava mesmo em industrializar-se, deveria fazê-lo com capital nacional (SKIDMORE, 1988, p.152-153).

Com o suicídio de Vargas, a situação financeira agravou-se ainda mais. O ministro da fazenda de Café Filho, Eugênio Gudin, era um adepto das políticas ortodoxas e de medidas antinflacionárias<sup>229</sup>, o que agradava aos americanos. Em um telegrama de 12 de setembro de 1954, o embaixador americano James Kemper escreve ao Departamento de Estado que a situação econômica no Brasil é crítica, porque “a política desastrosa de apoio ao preço do café e outros erros do governo anterior tornaram-se claros para a nova administração apenas nos últimos dias”. Ele continua informando os números de déficit do Brasil e recomendando que o governo americano conceda o empréstimo que será pedido pelo ministro Gudin em uma viagem próxima a Washington. Sobre Gudin, ele diz: “Estou impressionado com a habilidade e sinceridade de Gudin. Ele afirma a vontade de continuar no cargo até o final da administração atual e diz ter o apoio presidencial completo para combater a inflação e instituir políticas fiscais sólidas. O presidente me confirmou pessoalmente e declarou que continuará o atual gabinete independentemente das eleições de outubro”. O embaixador termina com a análise de que o apoio ao governo de Café Filho é importante porque ele entende ser esta uma oportunidade de consolidação no poder de um governo pró-americano. “Sinto que com uma análise cuidadosa, a crise atual pode revelar a oportunidade de alcançar uma inversão das políticas de insensatez fiscal do programa de petróleo e a consolidação no poder de um governo pró-EUA”<sup>230</sup>. Veja os problemas para os quais o embaixador chama a atenção: insensatez fiscal e política do petróleo (nacionalismo). Os mesmos problemas que serão destacados nas anotações de Stevenson. Logo depois da posse de Café Filho, Gudin foi ao encontro do FMI em Washington, o que acirrou as críticas dos grupos nacionalistas que enxergavam no comportamento do

---

<sup>229</sup> Gudin era um fervoroso adepto do não intervencionismo. Em um painel da ECLA, ele escreve: “*What governments of these countries can do for their economic development is not programming: it is simply not to disturb or prevent it by indulging such evils as political warfare, demagoguery, inflation, hostility... to foreign capital, unbalanced or excessive protection can be avoided, then economic development is almost automatic; if they cannot, then economic development is doomed*” In: Hirschman, Albert, **A Bias for Hope**. New Haven, Yale University Press, 1971.

<sup>230</sup> “*disastrous coffee price support policy and other mistakes of previous government became clear to now administration only last few days*” (...) *Am impressed Gudin’s ability and sincerity. He asserts willingness continue office until end of present administration and claims full Presidential support combat inflation and institute sound fiscal policies. President personally confirmed this to me and stated will continue present Cabinet regardless outcome October elections. (...) I feel careful analysis present crisis may reveal opportunity achieve reversal long period fiscal folly, institution sound petroleum program and consolidation in power of solidly pro-US Government.*” (Telegrama do embaixador Kemper ao departamento de Estado, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1954, 22h. FRUS, 1952–1954, The American Republics, Volume IV398.13/9–1254:Telegram.

ministro da fazenda a posição de um pedinte e que a política ortodoxa pretendida por Gudin representaria na prática a estagnação econômica (SKIDMORE, 1988, p.199).

Gudin não durou muito no cargo (sete meses), o que foi natural no país em tempos de crise econômica para o ministro da fazenda. A saída de Gudin preocupava os americanos, que enxergavam nisto a possibilidade de que voltassem “os mesmos tipos de maquinações que atormentaram o Brasil sob a antiga administração”<sup>231</sup>. A situação continuou a ser preocupante, mas uma nova instrução da autoridade financeira (ainda não existia o Banco Central) facilitava a entrada de investimento externo no país. A instrução 113 da, ou SUMOC 113, como ficou conhecida, seria bastante importante para ajudar no financiamento do ousado plano de metas do candidato vencedor das eleições de 1955 – Juscelino Kubitschek. A SUMOC 113 permitia a importação, sem cobertura cambial de equipamentos, como investimento direto estrangeiro. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, para poder financiar o seu plano de metas, que previa um acelerado crescimento, o que requeria um pesado investimento, o governo federal ampliou a SUMOC 113 (CAPUTO & MELO, 2009). Esta é a razão pela qual afirmei anteriormente que, do ponto de vista do capital investido, o governo Kubitschek era pouco nacionalista.

A vitória de Kubitschek preocupava os americanos. Uma Estimativa Nacional de Inteligência<sup>232</sup> (NIEs), de 15 de março de 1955, colocava Kubitschek como o mais forte candidato da esquerda trabalhista no Brasil, herdeiro direto das políticas varguistas (fruto da aliança PSD+PTB). A eleição de alguém como Kubitschek, dizia o relatório, levaria o Brasil a um nível de tensão equivalente ao existente quando do suicídio de Vargas, e os militares teriam de escolher entre anuir com um governo assim ou tomar alguma providência. A única chance de um candidato com o perfil conservador-moderado ganhar as eleições, continua o documento, é se o bloco da esquerda trabalhista rachar. Não importa quem vencer as eleições, o relatório argumenta, há poucas chances de o vencedor conseguir corrigir os rumos e superar as dificuldades econômicas que são profundas e perigosas<sup>233</sup>. Sem o empréstimo de dólares, os

---

<sup>231</sup> Telegrama do embaixador no Brasil ao departamento de Estado. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1955. 19h. FRUS 1955–1957, AMERICAN REPUBLICS: CENTRAL AND SOUTH AMERICA, VOLUME VII.

<sup>232</sup> As estimativas nacionais de inteligência eram relatos interdepartamentais de alto nível que avaliavam os problemas da política externa. Os NIEs eram elaborados por oficiais das agências representadas no Comitê Consultivo de Inteligência (IAC), discutidos e revisados por grupos de trabalho interdepartamentais coordenados pelo Escritório de Estimativas Nacionais da CIA, aprovado pelo IAC. O Departamento de Estado fornecia todas as seções políticas e econômicas de NIEs.

<sup>233</sup> Ainda assim, em um discurso na Associação Comercial de Santos, intitulado “sobre café, relações internacionais, investimentos estrangeiros e outras questões de desenvolvimento nacional”, a 28 de janeiro de 1957, Kubitschek fala da relação Brasil-Estados Unidos, ressalta o acordo de teleguiados como exemplo da cooperação Brasil-Estados Unidos e diz: “O ano passado entraram para o Brasil mais do que em qualquer ocasião, em financiamentos, cerca de 355 milhões de dólares, quantia ainda não superada em época alguma. Além disso,

analistas preveem que será ainda mais provável que o eleito assumira políticas públicas que sejam politicamente perigosas. Nesta situação haveria uma grande pressão para que o eleito procurasse uma saída “nacionalista” para os problemas do Brasil. O relatório segue afirmando que o Brasil é o país mais importante da América Latina, com grande influência na OEA e na ONU, além de estar em uma posição geográfica estratégica no território. O desenvolvimento está localizado em algumas áreas, como São Paulo, e nas partes mais distantes do país ainda há um grande atraso econômico e social<sup>234</sup>. O documento tem ao todo 57 pontos que cobrem a situação política, econômica e social do país. E como se viu, entende que o perigo nacionalista é uma ameaça real no Brasil. Mais do que simplesmente identificado com o antiamericanismo, o nacionalismo agora se torna um caminho para o socialismo. Isto, é claro, do ponto de vista americano. Do ponto de vista brasileiro, o nacionalismo era uma larga bandeira, que abrigava várias tendências. E todas elas tinham seu modelo de desenvolvimento, que tinham em comum a ênfase na industrialização do Brasil, mas que divergiam na forma como essa industrialização deveria ser financiada.

Em torno da metassíntese do governo Kubitschek, a construção da nova capital, eram promovidos os mais intensos debates, que deixavam transparecer essa miríade de tendências nacionalistas e desenvolvimentistas existentes na política nacional dos anos 50 e 60. Vânia Moreira (1998) captou este debate em sua obra. Ela nos informa que, entre esta miríade de tendências nacionalistas,

o consenso e a unificação, entretanto, jamais foram alcançados. O nacionalismo permaneceu como ideário de comunistas, socialistas, anticomunistas, pessedistas, udenistas e petebistas. (...) Brasília foi interpretada como meta indispensável à organização de uma economia emancipada de interesses ‘colonizadores’ e ‘imperialistas’ (MOREIRA, 1998, p.134).

Na mesma linha, Carlos Guilherme Mota argumenta sobre o panorama cultural e político dos anos 50 e 60:

---

os investimentos realizados no Brasil por capitais norte-americanos sobem a 232 milhões de dólares, que, somados com os financiamentos, vão a quase 600 milhões de dólares, entrados no Brasil no ano passado. Seria inútil negar a evidência — os norte-americanos são os nossos melhores clientes, e este porto de Santos envia mar afora para os portos dos Estados Unidos da América produtos que se transformam em divisas indispensáveis à nossa existência de país cheio de necessidades para seu desenvolvimento. Às afinidades numerosas que nos ligam aos Estados Unidos da América, à consonância dos mesmos princípios e a essa idêntica necessidade de liberdade para viver e respirar que é o clima espiritual e moral do nosso continente, não podemos esquecer de unir o complemento material, as ligações de compra e venda, e muitas outras” (PINTO, 2010, p.19). Entretanto, Kubitschek adverte que a relação tem muito espaço para melhora.

<sup>234</sup> FRUS Department of State, 1955–1957, American Republics and South America, Volume VII, 307. National Intelligence Estimate, INR–NIE Files, NIE 93-55. 15 de março de 1955.

observadas em conjunto as duas décadas, dir-se-ia que a primeira é de consolidação de um sistema ideológico (com suas múltiplas vertentes, por vezes, diretamente, interligadas: neocapitalista, liberal, nacionalista, sindicalista, desenvolvimentista, marxista); ao passo que a segunda década, vista globalmente, aparece antes como de desintegração deste sistema (MOTA, 2008, p.195).

Por vezes mesmo, dentro de um instituto como o ISEB, que abrigava os intelectuais que procuravam superar o subdesenvolvimento cultural e político através de uma consciência nacional que previa o capitalismo (MOTA, 2008), havia discussões sobre de que forma este avanço capitalista deveria ocorrer, se por meios estritamente democráticos ou se esse avanço poderia prescindir da democracia (MOREIRA, 2003, p.155-94). Ou seja, dentro de um único “*think tank*”, como se diria hoje, havia nacionalistas democráticos e os autoritários.

Tal panorama, que é rico em possibilidades, é também, de forma compreensível, difícil de ser entendido pelo olhar distante do estrangeiro. Não deveria ser fácil para alguém como Stevenson tentar entender o governo JK, que se caracterizava por uma internacionalização da economia brasileira, mas ao mesmo tempo procurava fomentar, no âmbito cultural, a “fabricação de um ideário nacional” (ORTIZ, 2009, p. 47), ideário esse que Brasília sabia tão bem representar. Ainda hoje esta mescla confunde aqueles que se debruçam sobre o estudo do período. Por exemplo, Bevan Sewell afirma que o Brasil, a partir de 1956, ou seja, desde o início do governo JK, buscou um “*increasingly independent developmental path*” (SEWELL, 2010, p. 1449), mas será que se pode mesmo chamar este modelo desenvolvimentista de JK de mais independente, quando se percebe, por exemplo, um aumento da dependência do capital estrangeiro? Novamente, tomando Brasília como exemplo, para o principal expoente do ISEB, Corbisier, sim, tratava-se de um modelo independente e Brasília era a prova disto, haja vista que nascia de necessidades endógenas, necessidades nacionais, como a da união das várias regiões do Brasil. Se o Rio de Janeiro litorâneo era o retrato da sociedade colonial, voltada para a Europa, Brasília era o contrário, a expressão da sociedade nacional, voltada para as necessidades de seu mercado interno (CORBISIER, 1960). Ou seja, esse modelo de desenvolvimento era independente porque nascia de uma vontade própria, autóctone, e não de um projeto externo. Entretanto os nacionalistas econômicos, agrupados em torno da *Revista Brasiliense* e que contava com nomes como Caio Prado Jr., Rui Guerra e Florestan Fernandes, talvez discordassem de Bevan e Corbisier, porque viam no financiamento externo de obras como Brasília o exemplo de um “entreguismo” que não podia acontecer. Se é bem verdade que os nacionalistas econômicos não eram unânimes sobre a mudança da capital, eles eram unânimes em defender que somente o capital nacional deveria ser empregado nas obras da nova

capital (MOREIRA, 2008). Como pode ser “cada vez mais independente” um modelo que aumentou a entrada anual de capital estrangeiro, “de US\$ 65 milhões no período 1950-55 para US\$ 148 milhões no período 1956-61” e que também no quesito empréstimos e financiamentos viu um “aumento sistemático a cada ano (com exceção de 1960), passando de US\$ 231 milhões em 1956 para US\$ 529 milhões em 1961” (MOREIRA, 2014, p. 30)<sup>235</sup>?

Assim, naquele momento, entender o nacionalismo era extremamente difícil, dada a equivocidade do termo. É neste contexto que Stevenson faz sua primeira visita ao Brasil. Ele se desaponta com a precariedade econômica que, a seu ver, é fruto da falta de aptidão de Juscelino. “Quadros seria melhor”. Encanta-se com a modernidade de Brasília e com o desenvolvimento de São Paulo.

### 5.3 Conclusão

A melhor forma que os americanos tinham para entender um termo que os confundia demais – o nacionalismo – era perceber que não importava se o nacionalismo era enxergado pela lente perenialista ou pela lente modernista<sup>236</sup>: ele era sempre ambíguo e podia significar muitas coisas. Se, por um lado, as cidades coloniais espanholas foram consideradas pioneiras de um nacionalismo moderno para Benedict Anderson (2011), em seu “Comunidades Imaginadas”, por outro, esse nacionalismo da elite criolla não pode ser confundido com o nacionalismo das massas indígenas nos Andes e no México, das massas negras no Brasil e no Caribe, ou com um nacionalismo tal qual entendido por uma ala do ISEB.

Não só isso. Mesmo o mitificado “nacionalismo indígena”, que tenta perceber um passado étnico incaico ou asteca por exemplo, é forçoso e falso, unificando povos inimigos como Incas e Ayamarás em torno de uma memória incaica mitificada. Os Incas, povo bélico e expansionista, conquistou e subjugou os Ayamarás, que por eles eram considerados um povo inferior; os Ayamarás, por sua vez, como mostra Wachtel em extensa pesquisa, consideravam os Urús sujos e inferiores (WACHTEL, 1990). Timothy Snyder (Kindle Edition) ao mencionar os processos europeu e americano da formação das nações diz que:

---

<sup>235</sup> Rafael Ioris mostra como até mesmo o governo Vargas era mais nacionalista na retórica do que no uso prático do financiamento externo (IORIS, 2016).

<sup>236</sup> Os perenialistas entendem que o nacionalismo é o resultado da imersão histórica de comunidades étnicas e os modernistas entendem que o nacionalismo é o resultado da atuação da burocracia do estado-nação moderno (MILLER, 1999, p. 32).

In the American capitalist version of this story, nature brought the market, which brought democracy, which brought happiness. In the European version, history brought the nation, which learned from war that peace was good, and hence chose integration and prosperity (SNYDER, Kindle Edition, p. 9).

Parafrazeando-o, diria que na versão latino-americana, os conquistadores trouxeram a coroa e a cruz, elas ajudaram a formar uma elite, que engendrou o Estado, o qual, por sua vez, inventou a nação. E a nação inventada pode ser tudo: a seleção de futebol, a miss injustiçada, a novela exportada e, como em uma definição tautológica, o que pode ser tudo acaba por ser nada. Assim, o nacionalismo latino-americano também era muitas coisas e era nada. A leitura do nacionalismo como sendo algo perigoso e gerador em potencial de uma revolução marxista é só mais um dos erros de tradução de uma teoria pensada no coração do liberalismo americano, mas sem muitas referências reais na vida política latino-americana.

E, assim, volto a Tocqueville. As revoltas acontecem não necessariamente quando há uma degradação progressiva das condições materiais, mas sim quando, em uma linha de melhora das condições de vida, essa progressão ocorre de forma mais lenta do que o desejado. A revolução das esperanças crescentes foi mitigada pelo crescimento econômico, que levou a uma melhoria das condições materiais de vida. Mas isso não significa que houve desenvolvimento, no sentido em que Celso Furtado pensou o termo. Thomas Piketty observa que, em um dos períodos considerados mágicos para o crescimento brasileiro, de 2001 a 2015, a desigualdade não diminuiu no país<sup>237</sup>. Muitos saíram da miséria, é verdade, e puderam adquirir televisores de tela plana e telefones celulares. Entretanto, continuam a assistir suas televisões em barracos de favelas sem saneamento básico e com péssimo nível de acesso à educação e saúde. O Brasil cresceu. Mas não se desenvolveu. A revolução das esperanças crescentes não aconteceu, porém todo o debate em torno dela, em torno da teoria da modernização, do desenvolvimento brasileiro e de nossos nacionalismos é importante ainda hoje, pois ajuda a entender melhor o que se é, o que se quer e aonde se quer chegar. Existe aqui uma modernidade fantástica. Há de se entendê-la para que se consiga chegar onde se quer. Não se quer só crescimento. É preciso desenvolvimento.

---

<sup>237</sup>“Desigualdade no Brasil não caiu, aponta estudo”. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1916858-desigualdade-no-brasil-nao-caiu-desde-2001-aponta-estudo.shtml>.

## **CAPÍTULO 6 – MODERNIZADORES DE UMA ALIANÇA PERDIDA**

*Às repúblicas coirmãs ao sul de nossa fronteira, fazemos uma promessa solene: transformar as boas palavras em boas ações, em uma nova aliança para o progresso, a fim de ajudar homens e governos livres a se livrar das amarras da pobreza. Mas essa revolução pacífica da esperança não cair presa de potências hostis. Saibam nossos vizinhos que nos uniremos a eles para nos opor à agressão e à subversão em cada canto das Américas. E saibam todas as demais potências que este hemisfério pretende continuar senhor de sua própria casa.  
(John F. Kennedy, discurso de posse, 20/01, 1961)<sup>238</sup>.*

### **6.1 Introdução**

Já em 19 de outubro de 1960 – cerca de cinco meses antes do lançamento da Aliança para o Progresso, o jornal pernambucano “O Diário de Pernambuco” menciona que o candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, advertia que os “Estados Unidos sofrerão derrotas desastrosas e trágicas na América Latina”. Esta frase, colocada como manchete em letras garrafais e negritas, ajudava a perceber o clima da campanha americana. Pautado na ideia de que Eisenhower tinha “perdido” Cuba para os comunistas, Kennedy alertava para o perigo de que outras nações latino-americanas fossem também dominadas pelo perigo vermelho caso algo não fosse feito. A tese, que ficou posteriormente conhecida como “*one minute to midnight*”<sup>239</sup> não era apenas um exercício retórico de Kennedy para angariar votos – ele realmente acreditava que o perigo de um alastramento do comunismo na América Latina era real. Como antídoto, continua a reportagem, Kennedy diz que “nossa nova política deve consistir em uma aliança para o progresso. Deve ser uma aliança de nações com um interesse comum na liberdade e no progresso econômico, uma aliança que desenvolva um grande esforço comum para fomentar os recursos do hemisfério inteiro”<sup>240</sup>.

Neste capítulo, mostrarei os caminhos que levaram até a Aliança para o Progresso e tentarei mostrar o papel de Stevenson nesses caminhos. Em seguida analisarei as causas mais levantadas para o fracasso da Aliança pela historiografia. Por fim, vou sugerir uma nova forma

---

<sup>238</sup>Disponível em: <https://www.jfklibrary.org/JFK/Historic-Speeches/Multilingual-Inaugural-Address/Multilingual-Inaugural-Address-in-Brazilian-Portuguese.aspx>

<sup>239</sup> O termo “*one minute to midnight*” está relacionado originalmente com o “*doomsday clock*”, o relógio do fim do mundo, que existe desde 1947 e é mantido por cientistas da Universidade de Chicago. Entretanto, o termo também é usado para a tese de que a América Latina estava na iminência de ser tomada por uma onda de revoluções como a cubana desde que a *League of Women Voters* publicou um estudo em 1963 com o título “*it’s one minute to midnight in Latin America*” e que foi amplamente difundido nos Estados Unidos (WIARDA, 1987, p.139).

<sup>240</sup> “Estados Unidos sofrerão derrotas desastrosas e trágicas na América Latina”. **O Diário de Pernambuco**, 19 de outubro de 1960.

de se olhar para essas causas. A hipótese que levanto é a de que a Aliança já nasce com um “vício de origem”, causado pelo estranhamento cultural entre Estados Unidos e América Latina e por uma leitura errada da sociedade civil por parte dos norte-americanos, que leva a que algumas ideias e conceitos fossem vistos de formas bastante diferentes por políticos latino-americanos e norte-americanos.

## 6.2 Antes da Aliança

Na campanha de 1960 do candidato John F. Kennedy, Richard Goodwin era o responsável pelos assuntos para a América Latina. Graduado em Harvard, Goodwin teve, em certo momento da eleição, de conseguir um nome para as propostas políticas de Kennedy para a América Latina<sup>241</sup>. Ele queria um nome tão bom quanto “*Política da Boa Vizinhança*” havia sido para Roosevelt. Quando estavam visitando o estado do Arizona, Goodwin viu, dentro do ônibus de campanha, uma revista que alguém havia deixado ali. A revista era publicada pela *Alianza Hispano-Americana* e chamava-se simplesmente “*Alianza*”. Goodwin sugeriu o nome “Aliança” para Kennedy, que gostou, mas achou que faltava ainda algo. Era aliança para o quê? Indagou Kennedy. Goodwin telefonou então para seu amigo Karl Meyer, que escrevia editoriais para o *Washington Post* sobre a América Latina, em busca de sugestões e ideias. Meyer, por sua vez, telefonou para Ernesto Betancourt, cubano radicado nos Estados Unidos. Betancourt sugeriu dois nomes: “*Alianza para el progreso*” e “*Alianza para el desarrollo*”. Quando Meyer repetiu as opções para Goodwin, ele riu da segunda alternativa: Kennedy jamais conseguiria pronunciar a palavra “*desarrollo*” em um discurso. E pelo menos uma vez, em algum discurso, ele teria de pronunciar o nome do programa em espanhol. Não funcionaria. Assim nasceu o nome “Aliança para o Progresso”, conjunto de políticas e medidas dos Estados Unidos que visavam, em última instância, fortalecer a presença norte-americana na América Latina e bloquear o avanço comunista por meio da modernização dessa região (GOODWIN, Kindle Edition).

A Aliança nasce, assim, ainda na campanha do senador Kennedy, e por isso mesmo ela pôde já reverberar no Brasil, como se viu no exemplo do Diário de Pernambuco, antes mesmo da apertada vitória do candidato democrata sobre seu rival e vice-presidente de Eisenhower, Richard Nixon. Depois da Segunda Guerra Mundial e da bem-sucedida política de boa

---

<sup>241</sup> Goodwin menciona em seu livro que o interesse do senador Kennedy pela América Latina vinha há pelo menos 10 anos, depois de uma viagem que Kennedy havia feito pela região (GOODWIN, Kindle Edition).

vizinhança de Roosevelt, os latino-americanos ressentiam-se do descaso americano enquanto assistiam à recuperação da Europa.

Em um memorando para Goodwin, Lincoln Gordon, que era membro da força-tarefa que foi encarregada de desenvolver um plano de ação para a América Latina no período de transição dos governos, fala desse desejo de um plano Marshall para a América Latina e explica porque essa comparação é, em sua maneira de entender, errônea. Ele escreve:

The concept of a long-term development program for Latin America inevitably brings to mind the post-war European Recovery Program. Many people, indeed, have spoken of the need for a “Latin American Marshall Plan”. In most respects, this is a misleading analogy. The problems of overcoming an ancient heritage of poverty, widespread illiteracy, and grave social, economic and geographical imbalances in the development process are fundamentally different from those of engendering economic recovery in industrially advanced nations temporarily crippled by war. In Latin America, much greater emphasis must be placed on the necessarily slow processes of institutional reform. The effort will take much longer. The volume of annual outside assistance measured in financial terms will be smaller and technical cooperation in various fields will play a greater role.<sup>242</sup>

Stevenson parece defender uma ideia semelhante no artigo que publica na revista “Look” ao retornar de sua primeira viagem pela América Latina. Ele diz que a América Latina não necessita de um “*Marshall Plan*”, mas de um “*Marshaling plan*”. O jogo de palavras entre o sobrenome do Secretário George Marshall e o verbo “*to marshal*”, que significa ordenar, guiar, iniciar, colocado no gerúndio, remete à ideia de Gordon de que o processo na América Latina será mais lento porque envolve também uma reforma institucional. Stevenson diz em seu artigo que os Estados Unidos precisam ajudar a ordenar os recursos disponíveis no hemisfério para que haja um ataque sistemático tanto à estagnação econômica quanto aos flagelos do analfabetismo, da pobreza e da fome (STEVENSON, 1960).

Os brasileiros estavam especialmente incomodados com o fato de que ex-aliados, como o Brasil, recebiam menos ajuda do que ex-inimigos, como a Alemanha e o Japão. Com a revolução cubana, o governo Eisenhower começou a olhar diferente para a região, mudando sua forma de lidar com a ajuda externa à América Latina, em um movimento que chegou inclusive a ser visto por alguns como uma “Aliança para o Progresso precoce”

Thomas Allcock, por exemplo, entende que a segunda metade do último governo Eisenhower já indica uma “Aliança para o Progresso” precoce, haja vista as mudanças já ocorridas a partir dos sustos com a visita de Nixon à América Latina e a tomada de Cuba por

---

<sup>242</sup> *Draft Memorandum from the Consultant to the Task Force on Latin America (Gordon) to the President's Assistant Special Counsel (Goodwin)*. *Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics: Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII*. iBooks. pp. 145-146.

Fidel e seus seguidores. Assim, o governo Kennedy não marcaria, como defendem muitos, um ponto de inflexão nas políticas para a América Latina (ALLCOCK, 2014). Bevan Sewell tem um pensamento similar, chamando os últimos anos de Eisenhower como um período de “*early modernisation theory*” e trazendo para este lapso de tempo as origens da Aliança para o Progresso. Ele afirma: “*Assessing Eisenhower’s development policy towards Brazil within context of reperiodising the era of Modernisation, then, resituates his administration’s policies in a more proactive context also widens the debate over the origins of the Alliance for Several scholars have cited policy changes late in Eisenhower’s term as being initial steps on the road towards the Alliance(...)*” (SEWELL, 2010, p. 1454).<sup>243</sup>.

Contudo, se hoje alguns olham para trás e percebem no governo Eisenhower o início das políticas de Kennedy, é preciso salientar que, em seu tempo, por mais que alguns jornalistas e políticos republicanos fizessem o mesmo, tanto o governo de Juscelino Kubitschek quanto o governo Kennedy não tinham esta percepção. O governo brasileiro escreve à sua embaixada em Washington, a 19 de julho de 1960, a respeito do auxílio americano promovido por Eisenhower:

Embora as declarações do Presidente Eisenhower sobre a assistência à América Latina pareçam indicar certo progresso em relação à atitude até hoje tomada por esse país, ainda não podemos vê-las senão com cautela. O apego à tese de que o capital privado deve ser o principal fator de desenvolvimento da América Latina e a preocupação de esclarecer que Washington não tem em mente nada que se aproxime de um Plano Marshall para o continente parece indicar que o plano desse país ficará muito aquém do que pleiteamos ao lançar a Operação Pan-Americana. Nossa posição no particular continua a ser, em linhas gerais, aquela definida nas instruções para a Delegação à subcomissão dos Nove, particularmente no que se refere à necessidade de conjugar o planejamento econômico com a garantia de financiamento dos programas elaborados.<sup>244</sup>

Logo, como meu objetivo é exatamente entender como a Aliança para o Progresso funciona na sua articulação com o mundo real em que ela aconteceu – e não teoricamente na cabeça de quem a pensou –, assumirei a ideia de que as políticas implementadas por Eisenhower, ao fim de seu governo, não podem ser entendidas como uma Aliança para o Progresso precoce, porque ainda que já sinalizassem uma diferença na forma como a ajuda externa seria abordada pelo governo americano dali por diante, não conseguiu envolver os

---

<sup>243</sup> O jornal *The New York Times*, de 13 de março, em seu editorial, seguia uma linha parecida e afirmou: “*It is often forgotten, by the way, that while President Kennedy gave the program [Alliance for Progress] its name, the concepts were enunciated—and the \$500,000,000 committed—by the Eisenhower Administration in 1960*”.

<sup>244</sup> “Auxílio americano à América Latina”. Arquivo do Itamaraty, Telegramas recebidos expedidos, Embaixada em Washington, 1960, caixa 421.

países receptores, isto é, os países latino-americanos, da forma como a Aliança os envolveu, pelo menos em seu início. A ideia de Aliança para o Progresso carregava muito mais do que a ajuda econômica, ela também implicava uma noção de (re)construção de sociedade<sup>245</sup>, era repleta de um idealismo que, por fim, mostrou-se nulo, é verdade, mas fazia parte daquilo que era percebido como a Aliança para o Progresso.

Nesse sentido, a Operação Pan-Americana era mais percebida como uma pré-aliança do que as medidas do Eisenhower eram. No entanto, é óbvio que há nesta consideração, sobretudo de parte dos Democratas, uma grande dose de partidarismo. Eles obviamente não gostavam de ouvir que suas políticas, que deveriam marcar um ponto de inflexão na relação EUA-América Latina, eram uma continuação das políticas do presidente republicano. Em um memorando ao presidente, Goodwin rebate o editorial do NYT dizendo que afirmações como aquelas deixam furiosos políticos como o ex-presidente Kubitschek do Brasil e termina dizendo que “se a Aliança para o Progresso tem um precursor, este precursor é a Operação Pan-Americana brasileira e não as políticas da administração anterior”<sup>246</sup>.

Também o chanceler brasileiro Afonso Arinos deixou claro que via a Aliança para o Progresso como uma continuação da Operação Pan-Americana. No jantar que foi dedicado a Adlai Stevenson, no Palácio do Itamaraty, em 10 de junho de 1961 (2ª visita de Stevenson), o ministro Arinos, em seu discurso, afirma que “bem avisado foi o presidente Kennedy ao entregar a Vossa Excelência a delicada incumbência de levantar um panorama do estado de espírito dos governantes continentais, em face dos problemas que a todos nos preocupam”. E completou dizendo que “Operação Pan-Americana, Aliança para o Progresso são designações sucessivas para um mesmo esforço de libertação da América, esforço que não pertence a ninguém, que não cabe em estreitas vaidades ou risíveis glórias...” (FRANCO, 2007, p.91-93). Então, se a operação Pan-Americana é designação anterior para um mesmo esforço de salvar a América, como esse esforço deveria ser feito<sup>247</sup>?

As ideias principais da Operação Pan-Americana foram elencadas na carta de Kubitschek para Eisenhower, de 28 de maio de 1958. Ali, Kubitschek colocava o desenvolvimento como uma peça fundamental para a luta contra o comunismo na América

---

<sup>245</sup> Conforme explicado anteriormente.

<sup>246</sup> *if the Alliance for Progress had a predecessor it was Brazil's Operation Pan-America and not the policies of previous administrations* “Memorandum from the Deputy Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Goodwin) to President Kennedy.” Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. **American Republics: Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks.

Latina. Tal ponto significou, de acordo com Lessa, um momento de inflexão na política externa brasileira ao introduzir a tese de que:

existe relação necessária entre os níveis de desenvolvimento econômico e as condições de estabilidade sistêmica, seja na América Latina ou em qualquer outra região do mundo. Afinal, o único modo de conter a penetração do comunismo (ou como se afirmava à época, de afastar o risco de contágio das ideologias estranhas à América Latina) seria justamente afastar as suas populações da miséria, promovendo-se o desenvolvimento econômico (LESSA, 2008, p.5).

Ou seja, o que a Operação Pan-Americana e a Aliança para o Progresso têm em comum é uma lógica subjacente que afirma que há de existir desenvolvimento econômico para que haja estabilidade social, e que estabilidade social é a melhor forma de evitar o alastramento do comunismo no hemisfério.

Talvez a resposta mais significativa à carta de Kubitschek tenha vindo do Secretário de Estado Foster Dulles, escrita no dia 07 de agosto, no trajeto entre Brasília e Washington, depois de uma visita que o Secretário fez à capital brasileira, a pedido do presidente Eisenhower, como forma de demonstrar apreço pela iniciativa de Kubitschek. A carta foi entregue ao presidente brasileiro pelo embaixador americano no Brasil, Ellis O. Briggs, a 12 de agosto. Nela, Dulles argumentava que o conceito de “subdesenvolvimento” deveria ser aplicado a todos os países (em sua carta a Eisenhower, Kubitschek falava da necessidade dos desenvolvidos ajudarem os subdesenvolvidos), haja vista que todas as nações têm coisas a serem desenvolvidas, e pobres daquelas que pensam estarem já prontas. Complementa afirmando que, exatamente naquele momento, o presidente Eisenhower estava a batalhar com o congresso americano para conseguir liberar as verbas tão necessárias para o desenvolvimento das áreas mais subdesenvolvidas dos Estados Unidos<sup>248</sup>; ou seja, em outras palavras, Dulles dizia que a administração Eisenhower admirava muito a iniciativa, mas trataria mesmo de cuidar de suas questões internas e não embarcaria de fato em uma empreitada que envolvesse largas somas de dinheiro do contribuinte americano para desenvolver países que muitos sequer saberiam apontar em um mapa.

Dessa forma, é natural que as autoridades brasileiras vissem na Aliança para o Progresso algo diferente do que tinham experimentado durante o governo Eisenhower. Não só isso, mas tenham identificado na proposição inicial de Kennedy ecos daquilo que havia sido proposto pelo presidente Kubitschek três anos antes. Na verdade, o próprio Kennedy fez

---

<sup>248</sup> “Carta do secretário de Estado Dulles para o Presidente Kubitschek” FRUS, 1958–1960, American Republics, Volume V.

questão de expor isto em seu discurso de lançamento da Aliança, a 13 de março, quando disse: “Se quisermos enfrentar um problema tão assustador nas suas dimensões, nossa abordagem deve ser igualmente corajosa – uma abordagem consistente com o conceito majestoso da Operação Pan-Americana”. Afirmarções assim tinham a finalidade de tentar evitar que os latino-americanos enxergassem a Aliança como mais uma iniciativa imperialista dos ianques e a vissem como uma parceria, cuja ideia inicial era, inclusive, latino-americana (TAFFET, Kindle Edition, p. 57). Afinal, o antiamericanismo ainda era um problema com o qual os Estados Unidos tinham de lidar<sup>249</sup>.

Com a malfadada visita do vice-presidente americano Nixon à América Latina, em 1958, ficou claro para os Estados Unidos que os bons vizinhos olhavam para o norte com rancor e desprezo, que o antiamericanismo havia se espalhado e que algo precisava ser feito. Eisenhower enviou seu irmão à América Latina e ele confirmou o quadro de estranhamento que havia entre as Américas ao norte e ao sul do Rio Grande. O presidente Kubitschek aproveitou o momento para sugerir uma nova forma de cooperação entre os países do hemisfério, mas a Operação Pan-Americana, ainda que tenha sido vista com bons olhos pelo governo americano de início, careceu de substância e planejamento. O que Kennedy propunha agora era uma retomada das ideias da Operação Pan-Americana, mas em termos americanos, profundamente alicerçada nas ideias de ajuda externa defendidas por Rostow e Milkan em seu célebre estudo de 1957. Rostow, agora um Assessor Especial do Presidente, estava em posição de materializar as ideias da teoria da modernização. Ainda por ocasião da primeira visita de Stevenson ao Brasil, pôde-se perceber, em um discurso de 29 de março de 1960, os ecos de todas essas variáveis acima mencionadas. Stevenson afirma:

Os Estados Unidos são tremendamente interessados no desenvolvimento do Brasil, em seu crescimento industrial. Volta Redonda, sua grande usina de aço no Vale do Paraíba, foi erigida como parte de um programa de cooperação entre nossos países durante a guerra. A Petrobrás agora emprega cerca de 200 técnicos americanos. Nós todos esperamos que mais petróleo seja descoberto no futuro próximo (...). A Operação Pan-Americana é uma das ideias que mais me tem interessado nesta viagem. É ao mesmo tempo um ponto de vista e um plano. Entendo que o ponto de vista e ele tem meu total apoio. O plano precisa ser desenvolvido. Nós, norte-americanos práticos, gostaríamos de ver propostas e estudos concretos feitos para a Operação Pan-Americana. Hoje, meu país está convencido de que o continente

---

<sup>249</sup> Sobre o anti-americanismo na América Latina ver: Hal Brands, **Latin America's Cold War**. Kindle Edition; Alan McPherson, **Yankee No! Anti-Americanism in US – Latin American Relations**. Cambridge: Harvard University Press, 2006 e Alan McPherson (Ed.), **Anti-Americanism in Latin America and the Caribbean**. New York: Berghan Books, 2006.

precisa ser desenvolvido como um todo. Faremos o que pudermos e vocês, Sonhadores Dinâmicos, podem cristalizar o plano para todo o hemisfério.<sup>250</sup>

Nesse discurso de Stevenson, um dia depois de voltar de sua visita à Brasília, pode-se ver a principal crítica dos americanos à Operação Pan-Americana (o fato de ser um vago conjunto de ideias), a valorização da relação estabelecida pela política de boa vizinhança e a vontade americana de investir em um plano de crescimento para o hemisfério, através da parceria entre os “práticos norte-americanos” e os “Sonhadores Dinâmicos”. Já de volta nos Estados Unidos, Stevenson publicou o artigo na revista *“Look”*, em 22 de novembro de 1960<sup>251</sup>. Nesse artigo, ele reforçava a visão que Kennedy havia exposto no mês anterior e que tinha virado manchete no Diário de Pernambuco – algo precisa ser feito rapidamente na América Latina. Stevenson começa dizendo que o presidente Eisenhower esteve na América Latina um pouco antes dele. Embora ambos tenham visitado a região em um curto espaço de tempo, eles voltaram com sentimentos diferentes. Eisenhower voltou otimista, Stevenson, profundamente preocupado<sup>252</sup>. “José Figueres, ex-presidente da Costa Rica”, escreveu Stevenson, “disse-me que agora as chances são 50/50 de se salvar a América do Sul”. O político americano ataca ainda o “súbito” esforço de Eisenhower ao propor um Plano Marshall de quinhentos milhões de dólares para salvar a América, quando o presidente Kubitschek tem clamado desde 1958 pela Operação Pan-Americana sem sucesso. “Se não fosse por Fidel e Nikita S. Khrushchev”, continua Stevenson, “Washington ainda estaria surda”<sup>253</sup>. Segundo Stevenson, o novo plano de ajuda é um passo na direção correta, ainda que muito tarde e muito curto. Ele diz que a única forma de imunizar a América Latina do vírus cubano é por meio do aumento da saúde social, política e econômica da região.

É importante notar que Stevenson entende assim que só o crescimento econômico não servirá como forma de impedir o avanço do socialismo, mas junto há de existir um incremento

---

<sup>250</sup> *The United States is tremendously interested in development of Brazil, in its industrial growth. Volta Redonda your great steel plant in the Paraíba Valley was erected as a part of the program of cooperation between our countries during the war. Petrobras now employs 200 American technicians. We all hope more oil will be found in the near future. (...) Operation Pan Americana is one of the ideas which has interested me most on this trip. It is both a ponto of view and a plan. I understand the former and it has my whole hearted support. The latter needs to be developed. We practical North Americans want to see concrete proposals and studies made for Operation Pan Americana. Today, my country in convinced that the continent must be developed as a whole. We will do what we can and you as Dynamic Dreamers, can crystallize the plan for the entire hemisphere.* “Statements”: AES. Papers. Caixa 171, Folder 1. Série 2: speeches. 7 March 1960 – 12 April 1960. SE.

<sup>251</sup> “Our Plight in Latin America”, *Look*, 22 de novembro de 1960.

<sup>252</sup> Eisenhower visitou o Brasil, a Argentina, o Chile e o Uruguai entre 24 de fevereiro e 3 de março. Stevenson visitou 12 países latino-americanos entre os dias 10 de fevereiro e 22 de março.

<sup>253</sup> Aqui fica clara uma certa demagogia de Stevenson em um período eleitoral acirrado. Em suas notas privadas, como mostrei no capítulo anterior, ele havia expressado exatamente seu desprezo pela tibieza fiscal de Kubitschek e preocupação com as inúmeras ajudas de Washington a Brasília.

social e, sobretudo, político. Essa é exatamente a ideia de modernização: uma transformação completa da sociedade, e não apenas um crescimento econômico. Mais à frente voltarei neste ponto porque ele diz respeito a uma diferença crucial na forma como os modernizadores pensaram, em um primeiro momento, a Aliança para o Progresso e a forma como ela foi sendo implementada.

O artigo continua com Stevenson explicando ao leitor americano que a região também é foco de riqueza, e o exemplo da pujança de São Paulo é citado por ele. Continuando com as críticas à atual política americana em relação à América Latina, Stevenson afirma que os latinos brincam que já houve uma época da boa vizinhança e que agora havia algo parecido: os latinos são os bons e os americanos, a vizinhança. A administração de Eisenhower, continua Stevenson, preocupou-se em fazer uma América Latina segura para os negócios americanos, não para a democracia. “Esta administração aceitou e até ajudou ditadores, chegando a comparar, em Buenos Aires, Perón a Abraham Lincoln”. Stevenson acredita que há uma revolução social ocorrendo na América Latina e que o governo americano deve prestar atenção a essa revolução. No final de seu artigo, Stevenson é bastante contundente:

Se a influência comunista está crescendo, não é apenas por causa da propaganda sobre "imperialismo econômico" e "opressão capitalista". Está crescendo porque oferece objetivos econômicos e sociais, e apesar de não satisfazer os ideais políticos dos latino-americanos. Acredito que devemos apelar para as mentes e corações dos latino-americanos com a ideia de que esses mesmos objetivos econômicos e sociais possam ser alcançados dentro de um sistema democrático livre – por meio de ação conjunta, deles e nossa, para mobilizar plenamente a iniciativa privada.

Mas primeiro, a lacuna nas comunicações entre nossos continentes deve ser fechada. Temos muito pouca informação um sobre o outro, e muita desinformação. Durante um mês, nas minhas viagens, nunca vi um jornalista americano. Em nenhum momento encontrei uma biografia de Lincoln em volume único em espanhol. No entanto, os russos e chineses estão inundando todos os países com livros e até enviam suas revistas por correio aéreo. Tem havido muita polidez de governo para governo. É hora de líderes empresariais, acadêmicos, artistas e políticos terem mais contato. Precisamos multiplicar essas trocas e aproximar-nos tanto das pessoas quanto dos governos, pois nós, nos Estados Unidos, temos tanto a aprender quanto a ensinar.

Talvez a mudança mais importante que temos de fazer seja a atitude do nosso governo em relação ao comércio com os latino-americanos. Eles querem ser – e eles devem ser – tratados como parceiros na "Comunidade Americana", não como dependentes. As nações da América Latina têm orgulho de sua história e cultura, de seus grandes recursos e de sua vitalidade. Eles são membros importantes da comunidade mundial e têm sido nossos amigos rápidos em tempos difíceis. Eles devem ser consultados sobre as questões que os afetam. Como líder do hemisfério, os Estados Unidos deveriam expressar os ideais comuns de todas as Américas – lutando juntos por uma causa comum. As nações latino-americanas não têm sempre sentido, ultimamente, que a causa é comum.

Em um jantar na Casa Rosada, em Buenos Aires, um brinde eloquente terminou com palavras que não vou esquecer: ‘o equilíbrio entre o Oriente e o Ocidente é precário. A América Latina e a África podem ser o fiel da balança.’<sup>254</sup>

No final do artigo de Stevenson, há um aspecto importante para o qual ele chama a atenção: o abismo cultural que havia entre os Estados Unidos e a América Latina. Esse fato é importante e Stevenson vai repetir essa ideia em seu relatório a Kennedy, em um discurso fechado no *National Press Club*<sup>255</sup>, de Washington, e vai voltar a tocar na tecla da necessidade de um maior intercâmbio acadêmico, bem como cultural, em uma carta a Schlesinger. Tal abismo cultural, essa dificuldade de conhecimento que existia entre norte e sul-americanos, é um dos pontos que enxergo como problemático para a implantação da Aliança. Mais à frente elaborarei mais essa ideia, mas é preciso chamar a atenção para o fato de que o próprio Stevenson parece perceber isso.

Com as eleições vencidas, Kennedy começa a montar seu gabinete e Stevenson, que era cotado para ser o Secretário de Estado, acabou sendo o embaixador na ONU. Assim, Stevenson, agora membro do governo e com um papel importante na formulação da política externa a partir da representação nas Nações Unidas, fará parte do grupo que vai tentar implementar as ideias de modernização na América Latina. Kennedy logo manda formar uma força-tarefa para avaliar o que pode ser feito e como dever ser feito. Goodwin coordenou a “Força-Tarefa sobre os Problemas Imediatos da América Latina”. Ela era presidida pelo ex-subsecretário de Estado, Adolf Berle, e composta por Goodwin, Arturo Morales-Carrion, Teodoro Moscoso, pelo economista e latino-americanista Lincoln Gordon, de Harvard, pelo

---

<sup>254</sup> *If Communist influence is growing, it is not just because of propaganda about "economic imperialism" and "capitalist oppression." It is growing because it does offer economic and social objectives and in spite of the fact that it does not satisfy the political ideals of Latin Americans. I believe we must appeal to the minds and hearts of Latin Americans with the idea that these same economic and social objectives can be reached within a free democratic system - by concerted action, theirs and ours, to fully mobilize private initiative. But first, the gap in communications between our continents must be closed. We have too little information about each other, and too much misinformation. For a month during my travels, I never saw an American newspaperman. At no point could find a single-volume biography of Lincoln in Spanish. Yet the Russians and Chinese are flooding all the countries with books and even send their magazines by airmail. There has been too much government-to-government politeness. It is time for business and labor leaders, scholars, artists and politicians to have more contact. We must multiply such exchanges and draw closer as people as well as governments, for we in the United States have as much to learn as well as teach. Perhaps the most important change we have to make is in the attitude of our Government toward Latin neighbors. They want to be - and they should be - treated as partners in the "American Commonwealth," not as dependents. The nations of Latin America have a proud history and culture, great resources and vitality. They are important members of the world community and have been our fast friends in time of trouble. They should be consulted on the issues that affect them as well as us. As leader of the hemisphere, the United States should voice the common ideals of all Americas - fighting together for a common cause. Latin American nations have not Always felt, of late, that the cause is common. At a dinner in the Casa Rosada in Buenos Aires, an eloquent toast ended with words I won't forget: "the balance between East and West is precarious. Latin America and Africa can tip the scales" (STEVENSON, 1961).*

<sup>255</sup> Mais à frente falarei mais detalhadamente sobre o relatório e o discurso no *Press Club*.

cientista político Robert Alexander (aquele mesmo que se correspondia com Stevenson desde 1955) e pelo historiador Arthur P. Whittaker. A força-tarefa foi encarregada de avaliar as relações EUA-América Latina e priorizar as tarefas da nova administração na região. O relatório foi apresentado ao Presidente em 4 de janeiro de 1961<sup>256</sup>.

Kennedy volta a falar de uma Aliança para o Progresso entre os Estados Unidos e seus vizinhos latino-americanos em seu discurso de posse em 20 de janeiro. Também em seu primeiro “discurso sobre o Estado da União”, em 30 de janeiro, o presidente Kennedy reafirmou seu compromisso com a Aliança para o Progresso. Ele instou o Congresso a dar prosseguimento na apropriação feita ainda no governo Eisenhower de US\$ 500 milhões e expressou sua intenção de nomear uma força-tarefa interdepartamental para a América Latina, fortalecer a autoridade da Organização dos Estados Americanos, abolir o analfabetismo no hemisfério e enviar uma missão do *Food for Peace* para a América Latina<sup>257</sup>.

O relatório apresentado pela Força-Tarefa, a 4 de janeiro de 1961, tocava em vários pontos que seriam retomados pela Aliança para o Progresso. Sob o subtítulo de “Doutrina e Princípio”, a força-tarefa deixa bem claro qual o principal objetivo americano na América Latina: “Estamos de acordo que a grande única tarefa da diplomacia americana na América Latina é separar a inevitável e necessária transformação social latino-americana de uma conexão com a política de poder comunista estrangeiro e impedir sua captura por esta política”<sup>258</sup>. O relatório conclui afirmando que, na análise dos integrantes da força-tarefa, a ameaça comunista naquele momento era maior do que a ameaça nazifascista enfrentada por Roosevelt. Isto é, de fato, os americanos precisariam de um substituto à altura para a Política da Boa Vizinhança.

A 13 de março então, Kennedy lê o discurso que dá início à Aliança. O discurso foi escrito por Goodwin, mas teve a colaboração de outros membros da Casa Branca ligados diretamente a Kennedy. Schlesinger, por exemplo, escreve um memorando para Goodwin a 10 de março, ou seja, três dias antes do discurso de lançamento da Aliança, com algumas “dicas” que ele achava importantes, mas que Goodwin poderia “jogar na lata de lixo” se entendesse que elas não casassem com a linha geral do discurso. Schlesinger explica a Goodwin que o

---

<sup>256</sup> Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.**” iBooks.

<sup>257</sup> Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks.

<sup>258</sup> *We are agreed that the greatest single task of American diplomacy in Latin America is to divorce the inevitable and necessary Latin American social transformation from connection with and prevent its capture by overseas Communist Power politics.* Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. pp.133.

discurso não deveria dar a impressão de que se tratava apenas de uma questão de dinheiro: “latinos se ressentem da ideia de que dinheiro resolve tudo”. O presidente também deveria explicar, na concepção de Schlesinger, que não era intenção dos Estados Unidos refazer as sociedades do hemisfério à imagem e semelhança da sociedade americana, e, para conseguir explicar isto em seu discurso, era certo que o presidente teria de entrar em assuntos mais “etéreos”, o que aborreceria um pouco o presidente, mas deixaria a audiência ao sul da fronteira, que adora “inquisições meta-históricas”, excitadíssima<sup>259</sup>.

Logo depois do discurso, o presidente determinou que a USIA (*United States Information Agency*) e a CIA organizassem um programa para sondar como sua mensagem havia sido recebida nos países latino-americanos. Não só isso, mas o programa deveria também ajudar a difundir a ideia da Aliança para o Progresso, que “deverá ser tão conhecida quanto a Doutrina Monroe e a Política de Boa Vizinhança”<sup>260</sup>.

Entretanto a tarefa da USIA e da CIA de angariar simpatia para a Aliança não seria fácil neste início. Logo em seu primeiro mês de vida, a Aliança entre Estados Unidos e latino-americanos enfrentou um grande desafio. Em abril, Kennedy autorizou o plano de invasão de Cuba, o qual estava em andamento desde a administração anterior. A tentativa de invasão não contribuiu em nada para desconstruir a imagem imperialista dos Estados Unidos. Já havia marcada uma reunião do Conselho Econômico e Social Inter-Americano da OEA, em Punta del Este, e esta reunião serviria também para que fossem lançadas as bases da Aliança por meio de um documento assinado por todos. Contudo, agora, muitos estavam desconfiados das intenções dos norte-americanos e o presidente Kennedy incumbiu Stevenson de voltar à América Latina para averiguar os ânimos dos vizinhos do sul. É desta forma que, pouco mais de um ano depois de ter feito um giro pela parte sul do hemisfério, Adlai Stevenson volta à América Latina, mas dessa vez não em caráter privado, mas em missão oficial como

---

<sup>259</sup> *While the body of the speech must obviously deal with programs and purposes in the economic field, it is extremely important, in my judgment, that the speech not leave the broad impression that we regard economics as the be-all and end-all of existence. The Latinos want economic aid all right; but they resent the idea that money solves everything or that the major problems of life can be comprehended in material terms. So I hope to do this, it will be necessary to go in for a certain amount of highflown corn. This will, I am sure, leave the President cold, but it will thrill the audience south of the border, where metahistorical disquisitions are inordinately admired.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to the President's Assistant Special Counsel (Goodwin)”. 8 de março de 1961. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics: **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII**. iBooks. pp.152-153. A interpretação que Noam Chomsky fez dessa passagem foi: “fale de coisas mais elevadas, do espírito e da cultura e enquanto isto nós nos ocupamos das coisas mais sérias”. CHOMSKY, Noam, “The Passion For Markets” *In: Z Magazine*, maio de 1997. Disponível em [https://chomsky.info/199705\\_/](https://chomsky.info/199705_/).

<sup>260</sup> “Memorandum by the Acting Executive Secretary of the National Security Council (Smith)”. Washington, 20 de Março de 1961. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics: **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII**. iBooks. pp. 186-198.

embaixador dos Estados Unidos na ONU e enviado do presidente Kennedy à região para consultas com os líderes latino-americanos.

### 6.3 A Missão Stevenson

A missão de Adlai Stevenson na América Latina, na qualidade de representante dos Estados Unidos na ONU, acontece entre 4 e 22 de junho de 1961, e, como já mencionei, era uma forma de avaliar o estrago da tentativa de invasão de Cuba e também de verificar os ânimos com relação à reunião de Punta del Este. O evento da tentativa de invasão da Baía dos Porcos havia levado Stevenson a pensar em renunciar ao posto de embaixador, uma vez que ficou claro que o seu governo não o informou completamente da situação e fez Stevenson defender uma posição que, posteriormente, mostrar-se-ia inteiramente falsa<sup>261</sup>. Contudo, ficou de certa maneira óbvio para todos que, de fato, Stevenson não sabia que a invasão era um plano de seu

---

<sup>261</sup> Ainda em novembro de 1960, o recém-eleito presidente John Kennedy foi informado pelo chefe da CIA, Allen Dulles, do treinamento de exilados cubanos na Guatemala para uma operação de invasão da Baía dos Porcos, em Cuba. Já empossado, Kennedy fez uma série de reuniões com integrantes da CIA para discutir a situação, mas Stevenson nunca esteve presente. Na noite do dia 14 de outubro, navios partiram da Nicarágua com os exilados; na madrugada do dia seguinte partiram os aviões. Os aviões não eram pilotados por desertores da Força Aérea Cubana e nem decolaram de Cuba, mas essa foi a história inventada pela CIA para cobrir o envolvimento americano na operação. Enquanto isso, Stevenson estava na ONU, ainda sem saber da realidade da operação e se preparando para reuniões do Conselho de Segurança. De acordo com Schlesinger, Kennedy instruiu para que Stevenson fosse plenamente informado da situação, nada além da verdade deveria ser dito nos debates na ONU que se seguiriam, ainda que não fosse a verdade por completo. Ainda de acordo com Schlesinger, Kennedy teria dito a ele no dia 7 de abril que a integridade e a credibilidade de Stevenson eram um grande ativo de seu governo na ONU e que ele não queria colocar isto em risco. No dia seguinte, Schlesinger e Tracy Barnes, da CIA, informaram Stevenson e seu assistente, Plimpton, mas, de acordo com Schlesinger, o *briefing* que eles forneceram foi um pouco vago e pode ter deixado em Stevenson a impressão de que nenhum ataque ia acontecer até o final das reuniões da ONU (SCHLESINGER, 1965). Depois do ataque aéreo do dia 15, o embaixador de Cuba nas Nações Unidas, Raul Roa, pediu uma reunião do Conselho de Segurança. Stevenson defendeu a tese na ONU de que os aviões eram aviões cubanos de desertores da Força Aérea Cubana e mostrou como evidência foto dos aviões, que na realidade eram aviões americanos pintados com as cores dos aviões da Força Cubana. Entretanto o nariz dos aviões cubanos era diferente e logo a farsa montada pela CIA foi desmascarada com as próprias fotos fornecidas pelo governo americano por meio de Stevenson. Logo após o incidente, Jane Dick, que era uma amiga desde a primeira campanha de Illinois e que tinha sido colocada no posto de Representante Americana no Conselho Econômico e Social da ONU pelo presidente Kennedy a pedido de Stevenson, o encontrou no elevador. Ela disse ter se chocado com a aparência de Stevenson, que estava devastado. “Ele olhou para mim, mas parecia não estar me vendo”. Jane Dick acompanhou Stevenson até a residência do embaixador e perguntou a ele o que estava acontecendo. Ele perguntou se ela tinha ouvido seu discurso, e ele completou: “eu não disse toda a verdade, eu não sabia toda a verdade. Eu discurssei nas Nações Unidas de boa-fé. Agora minha credibilidade foi comprometida e, desta forma, me torno inútil. Ainda assim, como vou renunciar em um momento desses e deixar tudo ainda mais difícil para o presidente?” (DICK, 1966, pp.268-288). O editor dos 8 volumes dos “*The Papers of Adlai E. Stevenson*”, Walter Johnson, entrevistou ex-embaixadores e *staffs* da ONU na Nova Zelândia, Índia, Japão, Dinamarca, Suécia e Finlândia. Ele chegou à conclusão de que o respeito por Stevenson na ONU era tamanho que os diplomatas canalizaram seu ressentimento a Washington e não a Stevenson. Muitos deles disseram que puderam se colocar no lugar de Stevenson (JOHNSON, 1979, p.54-55). Várias pessoas que estiveram envolvidas com Stevenson durante a crise afirmam que ele realmente não sabia dos detalhes da operação (PFEIFFER, 1983).

governo, o que se, por um lado, significou uma desmoralização que quase o levou a ser a primeira baixa do alto escalão de Kennedy, por outro, o deixou em uma situação mais simpática frente aos diplomatas latino-americanos. Para os latino-americanos, Stevenson era a pessoa de mais prestígio da nova administração, depois do próprio Kennedy (LEVINSON & ONÍS, 1970, p.61), que de qualquer forma estava com seu prestígio um pouco abalado depois do fiasco da Baía dos Porcos.

A reunião do Conselho Econômico e Social da OEA englobaria todos os países membros da organização – e a participação de Cuba colocava a delegação americana em uma posição difícil, uma vez que, teoricamente, Cuba poderia também pedir recursos da Aliança<sup>262</sup>. Talvez por isso mesmo Adolf Berle, que era o chefe da força-tarefa, tenha elencado, em um memorando ao presidente Kennedy, como o primeiro ponto da política americana no hemisfério o “isolamento de Cuba”, que agora deveria ser considerado um país membro do bloco soviético. Outro cuidado citado por Berle é que a política de ajuda deveria ser vista “caso a caso” para que “no geral, ajudemos aos nossos amigos”. No mesmo memorando, ele sugere que, com relação à Aliança para o Progresso, Montevidéu seja considerada como lugar para o primeiro encontro, já que o Uruguai havia demonstrado interesse em sediar o encontro dessa fase inicial. Ainda com relação às prioridades que os Estados Unidos deveriam ter no encontro no Uruguai, Berle diz que a “ênfase deve ser dada nestes três pontos: a) educação; b) medidas sociais; c) desenvolvimento econômico, nessa ordem<sup>263</sup>. E aqui já há um problema que tentarei evidenciar mais à frente: essa não era bem a ordem que os líderes latino-americanos tinham em mente.

Kennedy disse a Stevenson, em uma conversa que teve também a presença do Secretário de Estado e do Secretário de Estado Assistente, que a missão não era, contudo, para

---

<sup>262</sup> Sobre Punta del Este e a participação cubana, Rostow escreve: “*Che Guevara undoubtedly enjoyed his role at Punta del Este in August. He could credit Castro with generating the Alliance for Progress (half-truth) and explain why it was bound to fail and give way to the model of the communist revolution in Cuba. Kennedy was deeply concerned with the possibilities of Cuba showcase. He did not see how, with some \$300 million in net annual Soviet aid, Cuba could fail to become a showcase of economic and social progress. He once said to me: ‘khruschev only has 7 million Cubans; I’ve got to be concerned with the future of 200 million Latin Americans. He’s bound to do better’*” (ROSTOW, 1972, p.217-218). Esta passagem ajuda a perceber que, por mais que o governo americano falasse oficialmente da Aliança como uma parceria, que ficou entronizada com o termo “*self-help*”, que significava dizer que, sem a auto-ajuda dos países participantes, os Estados Unidos nada poderiam fazer, na realidade prevalecia uma visão paternalista de que os Estados Unidos eram os responsáveis pela América Latina. Sobre o estranhamento das delegações americana e cubana, ver TAFFET, Jeffrey. **Foreign Aid as Foreign Policy: The Alliance for Progress in Latin America**, de acordo com o jornalista Flávio Tavares e outras fontes, a única conversa da delegação cubana com Che Guevara aconteceu entre 2 e 6 da manhã por intermédio da delegação brasileira (TAVARES, 2004). Jeffrey Taffet confirma esta versão (Kindle Edition).

<sup>263</sup> “Memorandum from the Chairman of the Task Force on Latin America (Berle) to President Kennedy.” Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. **American Republics: Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII**. iBooks. p.199-206.

que os Estados Unidos se desculpassem pelo episódio de Cuba; os objetivos anunciados da missão seriam “para consultar nossos vizinhos sul-americanos sobre a política e as propostas apresentadas no discurso do Presidente aos Embaixadores da América Latina na Casa Branca, no *Alianza para Progreso* e também o discurso do Presidente Kennedy ao Conselho da Organização dos Estados Americanos na União Pan-Americana em 14 de abril”. Entretanto, entre os 3 objetivos básicos da missão, havia um, o último, que era bastante amplo. Os objetivos eram: a) deitar as bases para a reunião do Conselho Inter-americano no Uruguai; b) discutir como fortalecer a cooperação econômica, política e social no hemisfério e c) discutir uma ampla gama de assuntos que possam ser de interesse do embaixador Stevenson. Bem, é claro que, no caso desse último ponto, inevitavelmente o assunto Cuba surgiria. A instrução de Kennedy para Stevenson sobre o que responder quando fosse perguntado a respeito da presença ou não do presidente americano na reunião no Uruguai era dizer que o presidente ainda não havia decidido. Kennedy disse a Stevenson que, se fosse, só iria no final da reunião, ainda assim sem aviso prévio. Isso era uma tentativa de evitar um possível encontro e confronto com Castro, o que, na avaliação do governo americano, seria de benefício apenas para o cubano<sup>264</sup>.

Pela estrutura do relatório que Stevenson entregou a Kennedy quando retornou, observa-se que, na realidade, os objetivos da viagem não eram exatamente os que estavam descritos no memorando da conversa entre ambos. O relatório de Stevenson a Kennedy está dividido em 5 partes: 1) introdução; 2) apreciação política; 3) influência comunista de Castro; 4) reparações para a conferência econômica da Aliança para o Progresso e 5) ação política coletiva contra agressões indiretas e a penetração comunista baseada em Cuba<sup>265</sup>. Ou seja, de fato, o assunto era Cuba<sup>266</sup>.

A 30 de maio de 1961, Stevenson escreve para sua amiga Barbara Jackson. Nessa carta, ele explica que está indo no domingo para a América Latina. O objetivo é “*groundwork*” para a conferência da Aliança para o Progresso em Montevideu (a conferência era, na realidade, em Punta del Este). Ele segue dizendo que “o caso Castro” certamente surgirá, mas a ênfase será no futuro, não no passado. “Eu estou bem mais à vontade agora que temos nossa abordagem

---

<sup>264</sup> “Memorandum of Conversation”. Washington, May 24, 1961. Kennedy Library, National Security Files, Stevenson Trip to Latin America.

<sup>265</sup> Até abril de 2018, na base *online* do governo americano “The Office of the Historian”, toda a parte II e III do relatório – *Political Appreciation e Communist-Castro Influence* não está disponível *online* e foi suprimida do volume X do FRUS 1961-1963. O relatório com as partes II e III, que passarei a discutir mais adiante, está em *Adlai E. Stevenson Papers*, editado por Walter Johnson, Volume VIII.

<sup>266</sup> Em sua minuta sobre a conversa com Stevenson, o ministro Afonso Arinos também deixa transparecer isto, quando diz que o que pareceu o recado final de Stevenson era para que países como Brasil e Argentina organizassem a auto-defesa do hemisfério contra a penetração das ideias comunistas. “Entrevista Ministro Arinos e Embaixador Stevenson”. Viagens e Vistas Personalidades EE/UU/UNIVERSO. 430.1 (22) (42). Arquivo de MRE.

filosófica bem definida<sup>267</sup>". A abordagem filosófica a que Stevenson se refere é a abordagem do programa para a América Latina, a Aliança para o Progresso, que tem como princípio filosófico as ideias de modernização tais quais postas por Rostow. Stevenson estaria acompanhado, como explica na carta, pelo ex-embaixador americano no Brasil, Ellis Briggs, aquele mesmo que entregou a carta de Dulles sobre a Operação Pan-Americana para o presidente Kubitschek, e pelo professor de Harvard, Lincoln Gordon, que viria a ser o embaixador de Kennedy e posteriormente do Johnson no Brasil, e que também havia sido membro da força-tarefa sobre a América Latina.

Um dia depois da carta a *lady* Barbara, a 31 de maio, Stevenson enviou carta para Arthur Schlesinger, e novamente aqui ele volta à questão do antiamericanismo entre estudantes e a falta de contato cultural entre os Estados Unidos e a América Latina:

Caro Arthur: O que eu estava tentando dizer era que tenho a impressão de que os latinos, pelo menos alguns, se ressentem de nossa falta de interesse em sua fermentação cultural e intelectual. Acredito que isso tenha sido confirmado por algumas das experiências de Jim Perkins<sup>268</sup> nas universidades. Certamente algo pode ser feito para iniciar o processo de diminuir o humor anti-ianque dos estudantes e das universidades. Enquanto a administração dos Estados Unidos obviamente representava o anti-intelectual, não havia muita esperança. Mas será que *Harvard-on-the-Potomac* não pode tentar mudar a opinião das universidades como uma revolução significativa – em termos dos líderes de amanhã? Você não pode defender ou projetar a "sociedade aberta" – que nós queremos que seja um tema importante – desde que os principais porta-vozes do país sejam marxistas da Câmara de Comércio – você sabe, "a iniciativa privada é a raiz da liberdade", o que sempre me pareceu um certo determinismo econômico exagerado. A América tem uma liderança mais sofisticada agora, e talvez uma necessidade crucial na América Latina seja começar a mudar a imagem dos ianques com relação a isto. Atenciosamente, socorro! Socorro!<sup>269</sup>

Essa carta ajuda a perceber alguns aspectos interessantes. Primeiro, o fato de que a América Latina realmente era algo que preocupava a administração Kennedy naquele

---

<sup>267</sup> Carta de Stevenson para *lady* Barbara, 31 de maio de 1961. "*I am off on Sunday for Latin America – for ten capitals and three weeks remorseless talk and travel. We have things pretty well turned around now so that the objective of ground work for the "Alliance for the Progress" conference in Montevideo in July, and economic and social cooperation with the political reprisals against Castro muted. Inevitably, there will be political talk about parallel action to follow the economic conference, but the emphasis will be on the future, not the past*" (JOHNSON *et al.*, 1979, p.70)

<sup>268</sup> James A. Perkins era vice-presidente da Carnie Corporation e havia sido reitor da Universidade de Cornell.

<sup>269</sup> *Dear Arthur: What I was trying to say was that I have the impression that some Latins, at least, resent our lack of interest in their cultural and intellectual ferment. I believe this has been confirmed by some of Jim Perkins experiences in the Universities. surely something can be done to begin the process of lessening the anti-Yankee mood of students and faculties. So long as the United States Administration obviously represented the anti-intellectual, this area was barren. But Can't Harvard-on-the-Potomac look on changing University opinion as a most significant revolution - in term of tomorrow's leaders? You can't defend or project the "open society" - which we want to make a major theme - so long as the country's chief spokesmen are Chamber of Commerce Marxists - you know, "private enterprise is the root of freedom," which has always seemed to me a piece of brassy economic determinism. America has more sophisticated leadership now, and perhaps a crucial need in Latin America is to begin to change Yankee image in this respect. Sincerely yours, Help! Help!* (JOHNSON, 1979, p.71)

momento. A campanha do presidente não havia apenas lançado mão de um medo exagerado para ganhar as eleições. A ideia de “*one minute to midnight*” era forte, e era em si uma força que impulsionava várias das políticas direcionadas à América Latina. Como se verá, uma vez que essa força diminua, também diminuirá o ímpeto e o afeto da administração pelo tema.

Segundo, é interessante ver que nessa carta privada, o tom de Stevenson muda bastante em relação ao seu artigo da “*Look*”, publicado após o retorno da sua primeira viagem. Muito embora, tanto no artigo quanto na carta, Stevenson trate do tema do distanciamento da cultura americana com a cultura latino-americana, no artigo da “*Look*”, Stevenson aborda o tema a partir de um ponto colaborativo com frases como “temos muito a aprender e a ensinar”, e na carta a Schlesinger me parece existir um tom mais paternalista, muito parecido com aquele que existe no memorando de Schlesinger a Goodwin sobre o discurso de lançamento da Aliança para o Progresso. Stevenson diz que os latinos parecem se ressentir da falta de interesse dos americanos por seu fermento cultural e intelectual e que algo deve ser feito para dirimir sentimentos antiamericanos, ou seja, a impressão é de que não precisa existir um interesse genuíno, basta existir uma aparência de interesse, porque o que importa aqui não é “ensinar e aprender” com os latinos, mas simplesmente diminuir esse ressentimento que os latinos têm pela demonstrada falta de interesse americano.

Terceiro, há uma vontade de Stevenson em fazer um contraponto entre a abordagem da antiga administração e dessa administração. Tendo Stevenson sofrido os efeitos do anti-intelectualismo no cenário americano nas duas eleições<sup>270</sup>, ele se via agora na posição de entender o que este anti-intelectualismo causara nas relações entre Estados Unidos e América Latina. Segundo ele, uma relação pautada no determinismo econômico de quem acreditava que a economia seria a fonte de toda relação entre as regiões. Para ele, a nova administração tem a possibilidade de mudar isto, mas o que ele parece sugerir é menos um programa que permita um intercâmbio entre as regiões e mais um programa que permita que futuros líderes latinos sejam expostos à cultura e ao modo de vida americanos, o que, de acordo com ele, poderia gerar uma nova revolução na relação entre as regiões.

A 4 de junho de 1961, Stevenson parte então para sua missão na América Latina. Era a segunda vez que faria um giro pela região, mas dessa vez de forma oficial com a missão de sondar os ânimos para Punta del Este e de acalmar eventuais queixas que surgissem. Stevenson visitou a Venezuela, Argentina, Uruguai, Brasil, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. Perdendo as contas de quantos países tinha visitado, o embaixador Ellis O. Briggs

---

<sup>270</sup> Ver HOFSTADTER, Richard. **Anti-intellectualism in American Life**, New York: Alfred A. Kopf, 1970. Especialmente páginas 221-229.

escreveu para Walter Johnson: “Se existe um jeito pior de se conhecer um continente do que onze (foram dez) capitais em dezessete dias... esse jeito ainda não foi inventado<sup>271</sup>. Para saber desta viagem de Stevenson, passarei a analisar agora o relatório escrito por ele, acompanhado por suas anotações pessoais e, no caso brasileiro, pelas correspondências oficiais geradas pelo governo brasileiro a respeito da visita.

Na primeira parte do relatório de Stevenson, a introdução, ele basicamente explica os objetivos (reais) da missão de sua segunda visita à América do Sul: “durante o período de 4-22 de junho de 1961, eu visitei cada uma das dez capitais da América do Sul para consulta com os presidentes e lideranças governamentais sobre os planos para o avanço da “Aliança para o Progresso” e possíveis ações coletivas para a defesa do Hemisfério Ocidental contra a penetração e subversão, incluindo ação direta via Cuba”. Note que aqui a questão de Cuba aparece claramente como um dos objetivos da viagem. Ele continua então informando quem fez parte da sua comitiva: “Eu estive acompanhado do embaixador Ellis O. Briggs, do professor Lincoln Gordon e de *staff* do Departamento de Estado<sup>272</sup>”. Em sua agenda ele anotaria ainda que além destes citados havia “8 ou 10 correspondentes de jornais diversos<sup>273</sup>”.

Dito isso, ele inicia a segunda parte – “apreciação política.” A primeira parada foi em Caracas, onde Stevenson encontrou Teodoro Moscoso. De acordo com o diário de Stevenson, ele conversou com o *staff* da embaixada sobre uma possível ação na República Dominicana. Rafael Trujillo tinha sido assassinado quase um mês antes e o país começava o caos que culminaria com a invasão dos *Mariners*, ordenada por Johnson, e que tornaria a pequena República Dominicana a 4ª maior receptora de recursos da Aliança para o Progresso (TAFET, Kindle Edition).

Trujillo, que havia desenvolvido uma obsessão contra o presidente venezuelano Rómulo Betancourt, havia tentado assassiná-lo um ano antes em um atentado em Caracas. Stevenson, que encontrou o presidente venezuelano entre seis da tarde e dez e meia da noite no dia de sua chegada, anotou em seu diário que as mãos de Betancourt tinham “cicatrizes horríveis”, ainda fruto do atentado contra ele. “Muitas questões econômicas e políticas para

---

<sup>271</sup> “If there is a worse way to examine a continent than eleven [ten] capitals in seventeen days... it has to be invented” (JOHNSON, 1979, p.75).

<sup>272</sup> “*Report to The President on South American Mission, June 4-22, 1961. During the period June 4-22, 1961, I visited each of the ten capitals of South America to consult with the presidents and leading government officials on plans for advancing the “Alliance for Progress” and possibilities of collective actions to defend the Western Hemisphere against Communist penetration and subversion, including direct aggression through Cuba. I was accompanied by Ambassador Ellis O. Briggs, Professor Lincoln Gordon, and a supporting staff from the Department of State.*” (JOHNSON, 1979, p.75)

<sup>273</sup> Latin America General: 1961. Adlai E. Stevenson Papers, Caixa 452, Folder 10; Public Policy Papers, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library.

discutir”, anota Stevenson, “mas ele só quer falar sobre o assassinato de Trujillo e de uma ação na República Dominicana para livrar o país da ditadura”. Nas anotações de Stevenson sobre a conversa, há inúmeras referências sobre Cuba, feitas por Betancourt e também sobre a República Dominicana. Betancourt comenta que talvez a reunião no Uruguai deva ser adiada até que a lei sobre a ajuda externa passe no congresso americano. Stevenson anota que Betancourt tem boas relações com Quadros e Frondizi<sup>274</sup>.

No relatório que escreveu para o presidente Kennedy sobre a viagem, Stevenson anotou que o perigo de um golpe de direita ainda era grande na Venezuela, mas que cada vez mais parecia claro que era desejável que o presidente Betancourt terminasse seu mandato, porque a alternativa era caos político e estagnação econômica.

Passando à Argentina, Stevenson chama a atenção da situação ainda frágil do governo de Frondizi, que depende fortemente do exército. Não há referência em seu relatório do que se conversou com as autoridades argentinas, mas por meio do diário de Stevenson percebe-se que, mais uma vez, o assunto Cuba foi abordado. O governo argentino disse que a invasão de Cuba foi um passo em falso, que os Estados Unidos deveriam ter buscado o apoio da América Latina para lidar com Cuba e que a Aliança é agora um passo na direção correta. Os argentinos dizem que acreditam que JFK tem compreensão dos problemas do hemisfério. Por meio das informações do governo argentino anotadas no diário de Stevenson, percebemos também que o seu artigo na revista “*Look*” reverberou na América Latina. O ministro das relações exteriores o parabenizou pelo artigo, que, de acordo com as anotações de Stevenson, havia sido republicado nos *Cuadernos*<sup>275</sup>.

---

<sup>274</sup>Idem.

<sup>275</sup> *Cuadernos del congreso por la libertad de la Cultura*, simplesmente conhecido por Cuadernos, era uma revista financiada pelo braço latino-americano do *Congress for Cultural Freedom*, CCF, que era uma sociedade que lutava contra a disseminação do socialismo. Posteriormente descobriu-se que as atividades do CCF eram financiadas pela CIA, naquilo que ficou conhecido como a “Guerra Fria Cultural”. No Brasil os *Cuadernos* eram “Cadernos Brasileiros” e era editado por Afrânio Coutinho. Gilberto Freyre também foi um ativo membro do CCF Brasil. Quando o golpe de 1964 ocorreu, o CCF pediu, através de um de seus líderes para a América Latina, John Hunt, que os Cadernos tivessem um papel construtivo na construção do regime democrático e que o CCF era expressamente contra a perseguição de políticos liberais. Patrick Iber descreve assim o episódio: “*Hunt said that he welcomed the end of ‘political and economic chaos’ and the ‘threat to freedom’ represented by Goulart, but he wanted it made clear that the CCF should be opposed to persecution of liberals or the Left and specifically mentioned Furtado, who he had heard had been imprisoned. ‘Your record is such that no one can accuse you or the Congress of being pro-communist,’ he wrote Coutinho, ‘and, at the same time, this gives us a chance to show unmistakably our liberal standpoint. In short, being anti-Goulart is not a sufficient reason for excesses committed against democratic procedures, and I think we should be courageous enough to say so.’ Coutinho rejected Hunt’s facts and his reasoning. He believed that the military had the support of the Brazilian people and had put an end to Communist infiltration, thus normalizing the constitution. He insisted that leftists, including moderates, had been attempting to install a leftist totalitarian regime. He described a military that had just removed a government from power by force as belonging to the ‘democratic center.’ Furtado, he allowed, was not a Communist, but he had been allied with them; besides, Coutinho added, Furtado had not been arrested, he had only had his political rights suspended for ten years, being stripped of his right to vote or hold office. Coutinho wanted nothing to do*

O governo argentino sugeriu ainda que houvesse um encontro de presidentes, pelo menos de Frondizi, Alessandri, Quadros e Kennedy antes do encontro de Montevideu. É ainda interessante notar que Frondizi diz também a Stevenson que o presidente Jânio Quadros conversou com ele sobre manter uma postura de neutralidade com relação a Cuba. O governo argentino reclamou ainda de que as condições dadas ao Brasil no passado não foram iguais às condições dadas à Argentina e que a Bolívia era o lugar com maior possibilidade de que um “castroísmo” pudesse acontecer.

Já no Uruguai, sua terceira parada a 9 de junho, Stevenson comenta em seu relatório ao presidente que a situação é mais estável e que o principal foco da esquerda é entre estudantes e intelectuais. Há poucas anotações em seu diário sobre as conversas com o governo uruguaio e no mesmo dia Stevenson partiu para o Rio de Janeiro.

No Brasil as conversas foram mais difíceis. O comportamento errático de Quadros chama a atenção de Stevenson em seu diário: “ele fechou uma rádio por 3 dias”, observa Stevenson. Ao que tudo indica, ele também não confiou muito no que foi dito a ele pelo ministro Arinos. Ele anotou as palavras do ministro em seu diário: “não há propaganda comunista para Cuba no Brasil. Algum treinamento de guerrilhas comunistas na fronteira boliviana. Em Recife, não há razão para alarme. Simpatia comunista entre estudantes e trabalhadores rurais. Greves afetam pouco o país”<sup>276</sup>. Entretanto, as palavras anotadas do ministro contrastam com as que ele comunicou ao presidente Kennedy:

---

*with any campaign to restore Furtado's political rights or in any other way upset the military government”* (IBER, 2015, pp. 183-184). Para saber mais sobre o CCF e a Guerra Fria Cultural, ver SAUNDERS, Frances Stonor. **The Cultural Cold War: The CIA and The World of Arts And Letters**. New York: The New Press, 2013. Para saber mais sobre a Guerra Fria Cultural na América Latina, ver IBER, Patrick. **Neither Peace nor Freedom, The Cultural Cold War in Latin America**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

<sup>276</sup> Ver apêndice B. As informações anotadas por Stevenson em seu diário conferem com o relato da conversa feito pelo embaixador Arinos para Jânio Quadros. Arinos escreve: “Lincoln Gordon disse que há preocupação em muitos países do Caribe de que haja penetração de propaganda comunista e cubana nos países do Hemisfério. E perguntou se o Brasil tinha alguma informação. Declarei-lhe que há algum tempo foi interceptado o desembarque de copiosa propaganda impressa comunista vinda de Cuba qual foi confiscada. Não me parecia que a propaganda cubana fosse além dos círculos estudantis e operários comunizantes. Que existe menos importação de propaganda do que natural repercussão da revolução cubana. Que não nos parecia, por enquanto, importante a infiltração de propaganda através de Cuba e que eu havia advertido o Encarregado de Negócios de Cuba de que não toleraríamos propaganda subversiva. Disse-lhe eu, então, termos notícia de estarem sendo treinados na Bolívia, grupos de guerrilheiros, por pessoas não-bolivianas e com armas importadas. Havia conversado a respeito com o Embaixador da Bolívia, que confirmara o fato. E havia eu advertido as autoridades brasileiras, uma vez que tal treinamento se realiza em zona próxima à fronteira. Acrescentei que temos informação de que a União Soviética se preocupa muito com a Bolívia. Lincoln Gordon perguntou-me sobre os últimos acontecimentos no Recife e declarei-lhe estarem confinados aos meios estudantis e que o Presidente tinha agido com grande energia, ao contrário da sua anterior atitude benevolente para com os estudantes.” Arquivo do Itamaraty. “Entrevista Ministro Arinos e Embaixador Stevenson”. Viagens e Vistas Personalidades EE/UU/UNIVERSO. 430.1 (22) (42). Arquivo do MRE.

O presidente Quadros é menos popular do que no início de sua administração, por causa de suas medidas firmes de austeridade contra a inflação desenfreada e a desordem financeira, e também por causa de seus hábitos de governar isoladamente. A agitação comunista no nordeste brasileiro é cada vez mais vigorosa e perigosa. A atitude equivocada do presidente em relação a Cuba e os flertes diplomáticos com o bloco soviético surgem em parte do desejo de demonstrar a "maturidade" internacional e independência dos Estados Unidos, uma atitude reforçada por seu medo de alienar grupos domésticos que têm uma simpatia pela Revolução Cubana...<sup>277</sup>

A ideia de que havia uma revolução comunista prestes a eclodir no nordeste brasileiro está presente não só neste relatório de Stevenson como em um outro, anterior, escrito por Schlesinger. Chama a atenção que esta seja a informação que ele repasse em seu relatório, e não a informação obtida com a conversa com Arinos de que o nordeste brasileiro não representava um perigo de revolução comunista. Stevenson era muito próximo de Schlesinger e muito provavelmente leu o relatório produzido pelo historiador quando de sua viagem ao Nordeste, uma vez que ele mantinha uma cópia deste relatório em seus documentos pessoais<sup>278</sup>. Ainda neste capítulo farei uma análise mais detalhada deste memorando de Schlesinger, que deixa ver um dos erros de entendimento que os responsáveis pela Aliança para o Progresso tiveram para com o Brasil em particular e para com a América Latina como um todo.

Os relatos de Stevenson sobre Chile, Peru e Equador também mesclam um pouco de análise interna das condições do país com conversas sobre Cuba. É interessante perceber que a análise de Stevenson é basicamente política sempre, pouco voltada para os aspectos econômicos da Aliança, a não ser, é claro, para questões fiscais e de inflação. Sobre a Colômbia, ele afirma:

A liderança atual na Colômbia é a melhor do continente do nosso ponto de vista, mas a estabilidade do regime depende da descoberta de um candidato presidencial conservador para continuar em 1962-66, de acordo com o arranjo bipartidário nacional de 1958. (...) O programa doméstico do Presidente Lleras está precisamente de acordo com o Pacto de Bogotá e com o pensamento subjacente à Aliança para o Progresso<sup>279</sup>.

---

<sup>277</sup> *President Quadros is less popular than at the start of his administration, because of his firm austerity measures directed against rampant inflation and financial disorder, and also because of his habits of governing in isolation. Communist agitation in the Brazilian Northeast is increasingly vigorous and dangerous. The president's equivocal attitude on Cuba and diplomatic flirtations with the Soviet Bloc arise partly from a desire to demonstrate international "maturity" and independence of the United States, an attitude reinforced by his fear of alienating domestic groups who have an underlying sympathy for the Cuban Revolution...* (JOHNSON, 1979, p.78).

<sup>278</sup> Schlesinger, Arthur Jr.: 1961-1965. Adlai E. Stevenson Papers, Caixa 74, Folder 02; *Public Policy Papers, Department of Rare Books and Special Collections, Princeton University Library.*

<sup>279</sup> "Report to The President on South American Mission, June 4-22, 1961" (Johnson, 1979, p.77).

Uma análise dos anos fiscais de 1962 a 1969 mostra que a Colômbia, tendo recebido cerca de 761.9 milhões de dólares foi o segundo maior receptor de verbas da Aliança, só ficando atrás do Brasil. A ajuda dada à Colômbia, ao contrário do que aconteceu com os outros três maiores receptores, foi consistente e uniforme durante todo o período, isto é, não houve períodos de picos e outros de pouco auxílio (TAFFET, Kindle Edition, p.149-150). A Colômbia sofreu oito guerras civis no século XIX e, em meados do século XX, o conflito que ficou conhecido como “*la violência*” já havia dizimado cerca de 200 mil colombianos quando o general Gustavo Rojas Pinilla tomou o poder e instaurou uma ditadura militar. Frente ao fato de que agora os dois partidos estavam alijados do poder, liberais e conservadores uniram-se em uma coalisão para retomar o poder. Juntos na frente nacional, eles dividiriam o congresso e os cargos nos ministérios e se alternariam na presidência, em um esquema parecido com o que havia vigorado no Brasil no início da República até o golpe de Vargas. Lleras Camargo, um liberal, assume em 1958 e por isso Stevenson diz que o desafio agora é achar um conservador que prossiga com as reformas em 1962.

Stevenson afirma que Lleras Camargo já está promovendo reformas que se coadunam com o espírito da Aliança porque, de fato, como ressalta Taffet, Lleras Camargo já havia iniciado uma série de reformas que eram previstas pela Aliança. Taffet afirma:

Colombians pursued Alliance for Progress–style reforms even before there was an entity known as such. In 1958, President Lleras Camargo’s government established the Municipal Development Institute to build and maintain water and sewer facilities around the country, and in 1961 it created the Institute of Agricultural Reform to control land redistribution and improve production (Kindle Edition, p.152).

Na Seção III de seu relatório, Stevenson fala da influência do Comunismo Castrista na América Latina e sua conclusão é que a Revolução Cubana claramente aumentou o potencial de sedução do comunismo nessa parte do continente, haja vista que agora o comunismo pode assumir a forma de um movimento “local” e que os objetivos da Revolução Cubana, principalmente os sociais, têm a simpatia de muitos latino-americanos.

Novamente Stevenson volta à questão dos círculos intelectuais e culturais como forma de combater esta penetração de ideias comunistas na América Latina. O texto do relatório é o mesmo que ele usou na comunicação feita em Washington, como o leitor poderá observar:

É necessária uma ação mais intensiva para promover a causa democrática nos círculos intelectuais da América Latina. Ministros de vários países comentaram mais uma vez sobre a ausência de traduções baratas em espanhol e português dos clássicos dos Estados Unidos (entre os nomeados estavam Jefferson, Lincoln, Emerson, Walt Whitman) e de importantes obras contemporâneas de não-ficção, incluindo seus

próprios escritos e discursos, que apontam para o contraste com as edições altamente subsidiadas e amplamente distribuídas de Marx, Lênin, Mao Tse Tung e outros escritores comunistas.<sup>280</sup>

Aqui percebe-se uma linha de ação que se coaduna com aquela já defendida por Stevenson em outras ocasiões. Com efeito, em sua primeira viagem, há de se lembrar que ele ajudou a celebrar o lançamento da enciclopédia britânica em sua versão em português. Não só isso, como também encantou-se com o violão de Bonfá e foi um dos presentes ao show de Tom Jobim e João Gilberto, entre outros, no *Carnegie Hall* em Nova Iorque. A ideia da difusão cultural como forma de conhecimento e antídoto ao comunismo era cara a Stevenson, e vai ser uma das ideias adotadas pela Aliança. Difícil de medir em que proporção Stevenson é responsável por isso e, pessoalmente, não creio que esse seja o caso. Parece-me mais um exemplo em que os ideais de certa parte do pensamento liberal democrata, do qual Stevenson é um representante, têm grande força no pensamento da teoria da modernização e também nos ímpetus iniciais de sua materialização prática na América Latina, a Aliança para o Progresso.

A seção IV do relatório fala das “preparações para a Conferência Econômica e a Aliança para o Progresso” e Stevenson informa ao presidente que encontrou “unânime interesse” pelo discurso de 13 de março. Entretanto, já no 2º parágrafo, Stevenson escreve uma informação que penso ser chave para se entender o fracasso da Aliança: a ideia de que havia uma diferença de significados entre latino-americanos e norte-americanos sobre o que era “modernização” e como ela deveria ser implementada.

Stevenson escreve sobre as dificuldades em traçar objetivos e procedimentos da reunião em Punta del Este, e tais dificuldades em acertar os ponteiros para definir os objetivos e procedimentos da reunião só deixam transparecer a dificuldade maior, que é a de acertar objetivos e procedimentos sobre como obter a modernização ou o desenvolvimento. Stevenson escreve que “não há uma definição clara ou uniforme do que seria ‘sucesso’ [do encontro em Punta del Este]. Há uma grande variedade no conceito dos objetivos e procedimentos da reunião, e grande disparidade na intensidade e no caráter dos preparativos nacionais para o programa”<sup>281</sup>. Alguns pontos que serão muito enfatizados pelo governo americano como sendo basilares da Aliança, como a ideia de “*self-help*”, ou seja, de que os países latino-americanos

---

<sup>280</sup> *More intensive action is evidently needed to promote democratic cause in intellectual circles in Latin America. Ministers in several countries commented once again on the absence of cheap paperback translations into Spanish and Portuguese of the -United States classics (among those named were Jefferson, Lincoln, Emerson, Walt Whitman) and of important non-fiction contemporary works, including your own writings and speeches. They point to the contrast with highly subsidized and widely distributed editions of Marx, Lenin, Mao Tse Tung and other Communist writers.*” (JOHNSON, 1979, p.78-79).

<sup>281</sup> “Report to The President on South American Mission, June 4-22, 1961” (JOHNSON, 1979, p.77).

precisam fazer grande parte do esforço para que os programas sejam implementados e de mudanças estruturais em pontos tradicionalmente difíceis na América Latina, como a Reforma Agrária, já são abordados por Stevenson, o que mostra que ele realmente já tinha uma clareza teórica do projeto, como havia mencionado na carta a Barbara Johnson antes de sua partida. No relatório, Stevenson informa a Kennedy que há países mais e menos preparados para programas de longo prazo e ajuda técnica e cita Colômbia, Brasil, Chile e “talvez” Venezuela no grupo dos mais avançados. “No que diz respeito à ajuda financeira”, ele escreve, “as necessidades são grandes, o desejo de crescimento acelerado também, e a capacidade para usá-lo efetivamente está crescendo”, informa o embaixador americano na ONU em seu relatório.

Por fim, Stevenson fala na seção V sobre a ação coletiva contra as agressões indiretas e penetrações comunistas a partir de Cuba. Ele diz a Kennedy que, com exceção de Peru e Paraguai, que desejariam que a tentativa de invasão à Baía dos Porcos tivesse sido um sucesso, o envolvimento americano neste caso teve um efeito negativo na América Latina. Fala de uma sugestão do presidente colombiano, Lleras Camargo, em se fazer um encontro de ministros das relações exteriores como um órgão consultivo para analisar “agressões” comunistas e termina seu relatório afirmando que, em seu julgamento, o futuro das relações interamericanas é muito dependente de se conseguir atingir uma cooperação comunitária com a Argentina e com o Brasil e que, para que isso seja alcançado, ele é da opinião de que um encontro entre os três presidentes (Argentina, Brasil e Estados Unidos) deveria acontecer em breve.

O interessante é que esse relatório, apesar de confidencial, foi lido quase na íntegra, com algumas modificações para se adequarem à ocasião, um dia antes por Stevenson para um grupo seletivo no *National Press Club* em Washington<sup>282</sup>. Na tarde anterior, ele havia feito seu relatório na *House Committee on Foreign Affairs*.

Já em 24 de junho de 1961, ou seja, dois dias depois do retorno de Stevenson aos Estados Unidos, um assessor próximo ao presidente Arturo Frondizi, da Argentina, escreve uma carta a Stevenson e reitera a fé no embaixador como um “representante da tradição liberal americana no estilo de Franklin Roosevelt” e reafirma que a América Latina precisa de um plano pra desenvolvimento econômico e social, sem o qual ficará à mercê das ideias comunistas. Ao fim da carta, ele menciona novamente a necessidade do encontro dos

---

<sup>282</sup> “Remarks by the Honorable Adlai Stevenson, United States Ambassador to the United Nations, Before the National Press Club, Washington, D.C., Monday, June 26, 1961. General CIA Records: CIA-RDP80B01676R000800090019-7

presidentes da Argentina, do Brasil e do México (Stevenson não tinha citado o México em seu relatório) com o presidente Kennedy para discutir a Aliança. Em sua resposta, Stevenson afirma que, de fato, a viagem à América do Sul confirmou nele a sensação de que o “momento é grave e de perigo imediato” e reafirmou também sua crença no presidente argentino como um importante interlocutor para o sucesso da Aliança (JOHNSON, 1979, p. 88-89).

Esta viagem de Stevenson abre uma possibilidade de se ver também a efetividade da diplomacia por meio de uma figura influente. Stevenson não era qualquer embaixador, ele era uma personagem conhecida e a sua reputação na América Latina, como sua primeira viagem já deixara antever, ajudava nas conversas com seus interlocutores. É interessante perceber também que não houve muita diferença entre os níveis de interlocutores que Stevenson encontrou na primeira e na segunda viagens, isto é, mesmo quando não falava oficialmente em nome do governo americano, o que Stevenson tinha a dizer interessava aos governos locais e eles esperavam que o que era dito a ele tivesse algum alcance em seus objetivos de política externa com os Estados Unidos.

Stevenson sabia disso e sabia que estava em uma situação especialmente difícil por não ter uma posição de influência mais forte dentro do governo Kennedy. Em uma carta a Gerald Johnson<sup>283</sup>, ele escreve: “queria te contar da minha viagem à América do Sul”. E continua dizendo: “acho que conseguimos reverter algum pensamento negativo em positivo”. Então Stevenson deixa ver que ele mesmo tem dúvidas sobre a Aliança, sobre as verdadeiras intenções das políticas de Kennedy para a América-Latina: “mas vamos continuar? Ou foi só um investimento inócuo da minha boa reputação nessas partes? Eu quero pensar que nós estamos no ponto de novas abordagens nas nossas relações com a América Latina – de verdade”<sup>284</sup> (JOHNSON, 1979, p. 90).

Stevenson já havia sido enganado por seu governo uma vez no episódio da invasão da Baía dos Porcos, e a confiança entre ele e Kennedy era longe de ser total. Assim, mesmo sendo ponta de lança de uma política que ocupa grande parte da energia do governo neste início, Stevenson deixa transparecer suas dúvidas.

---

<sup>283</sup> Johnson foi um escritor e historiador americano, além de ter sido editor da *New Republic Magazine*, uma revista de influência democrata. Gerald Johnson era amigo de Stevenson e trabalhou com ele nas campanhas de 1952 e 1956 como um dos seus redatores de discursos.

<sup>284</sup> *I wish I could tell you about my journey to South America. It was as close to suicide as I have come, and as close to total success, too. I think we pulled some badly scorched chestnuts out of the fire and converted some thinking from negative to positive. But will we follow up? Or was it just a fruitless investment of my good repute in those parts? I want to think that we are on the point of new departures in our relations with Latin America – really.*

Essa carta foi enviada de Genebra, onde Stevenson estava para o encontro do Fórum Econômico e Social das Nações Unidas. Ali ele fez um discurso que estava bem afinado com o espírito da Aliança, e por que não dizer, do mundo como um todo, uma vez que as Nações Unidas tinham declarado aquela década como a década do desenvolvimento. O título do discurso de Stevenson foi “Uma vida melhor: desenvolvimento econômico”. De saída, Stevenson defende a ideia de que a economia deve servir à sociedade e no segundo parágrafo afirma que:

A fábrica mais eficiente não pode justificar as favelas de uma cidade. E o crescimento econômico é de pouca utilidade se serve apenas uma fração do povo. Deve servir a todos. O maior desafio do nosso século é a aspiração de povos em todo o mundo para compartilhar os abundantes frutos da ciência e da tecnologia modernas. O exemplo das nações desenvolvidas industrialmente mostra que os seres humanos podem levar vidas mais longas, saudáveis e ricas que a maioria da população mundial agora desfruta, e que cada geração pode ter a satisfação de deixar novas oportunidades para suas crianças.<sup>285</sup>

Os frutos da modernidade e da ciência são, assim, a aspiração de todos, de acordo com Stevenson, e as nações desenvolvidas são o exemplo de que vidas melhores são possíveis, ou seja, bem ao encontro do que pregava a teoria da modernização. Havia pouco que sociedades tradicionais pudessem oferecer, e não havia outro caminho a não ser aquele já trilhado pelas nações desenvolvidas, que, por já terem trilhado esse mesmo caminho século antes, poderiam guiar os povos em desenvolvimento até o ponto em que eles estivessem prontos para caminhar sozinhos. Os preceitos da teoria da modernização já estavam bem claros e colocados na teoria. Precisava-se agora materializá-los na prática. A conferência de Punta del Este foi um princípio.

#### **6.4 A Aliança**

A carta de Punta del Este tinha como subtítulo “estabelecimento da Aliança para o Progresso dentro da estrutura da Operação Pan-Americana” e estipulava como objetivo “desenvolver magno esforço cooperativo, capaz de acelerar o desenvolvimento econômico e social dos países latino-americanos participantes” (BRASIL, 1966, p. 1). É importante observar

---

<sup>285</sup>*The most efficient factory cannot justify a city's slums. And economic growth is of little avail if it serves only a fraction of the people. it must serve them all. The greatest challenge of our century is the aspiration of peoples all over the globe to share abundant fruits of modern science and technology. The example of the industrially developed nations shows that human beings can lead longer, healthier and richer lives than most of the world's population now enjoy, and that each generation can have the satisfaction of bequeathing new opportunities to it's children* (JOHNSON, 1979, p. 92).

que o objetivo é “acelerar” um processo, e não o mudar ou ampliar. Isso já parece problemático, porque como mostrarei, esse desenvolvimento pensado pelos latino-americanos não era exatamente o desenvolvimento que os norte-americanos tinham em mente. Para cumprir esse objetivo, o de “acelerar” o desenvolvimento, a carta se propôs a algumas metas, a saber: a) aumento *per capita* do índice de crescimento econômico; b) distribuição equitativa de renda nacional; c) estabilização de preços de produtos básicos; d) intensificação da industrialização; e) aumento da produtividade agrícola; f) incentivo aos programas de reforma agrária; g) eliminação do analfabetismo; h) redução da mortalidade infantil; i) construção de habitações dignas da condição humana; j) controle do comportamento cíclico da economia; l) integração econômica; m) controle de flutuações de preços e n) acesso aos mercados internacionais.

Pelas metas escolhidas como forma de acelerar o crescimento econômico e o bem-estar social dos povos latino-americanos, pode-se ver uma mescla de questões sociais com a macro e microeconomias. Não há, em nenhuma das metas estabelecidas, nada que faça alusão à mudança ou ao reforço das instituições políticas ou das políticas de governança. Entretanto, a aplicação prática da Aliança mostrará que esta será uma preocupação perene da Casa Branca e do Departamento de Estado. Pode-se perceber ainda pelas metas que, por qualquer medida que se use, a Aliança fracassou em seus objetivos expressos. E por que falhou?

Normalmente, quando se tenta explicar o porquê do fracasso da Aliança para o Progresso, recorre-se a diferentes razões. Michael Weis (1993) e Stephen Rabe (1999) argumentam que as desconfianças das ligações de Goulart com os comunistas, somadas à Política Externa independente, vão acender o sinal vermelho em Washington e que, portanto, o grande responsável pelo insucesso da Aliança é o anticomunismo ferrenho enraizado no Departamento de Estado, que perceberá em tudo uma conspiração soviética para tomar o poder na América Latina, inclusive no governo Goulart.

Outros pesquisadores do tema, como Ruth Leacock (1990), argumentam que o fator primordial para o colapso da Aliança será o *lobby* das empresas privadas americanas, que farão de tudo para alterar os alvos iniciais da Aliança, conseguindo, por fim, descaracterizar e enfraquecer o programa. Hal Brands (2010) observa que tanto João Goulart, quanto o governo americano são responsáveis em medidas iguais pelo colapso da Aliança no Brasil, o que acaba por se traduzir em um colapso da Aliança na América Latina. Felipe Loureiro (2014) sustenta, a partir da análise econômica entre 1961 e 1963, que as indicações “técnicas” relacionadas à economia foram usadas pelo governo americano para, deliberadamente, desestabilizar o governo Goulart e fortalecer seus oponentes. Assim, mais do que tudo, a falha da Aliança deve-se a uma questão política, advinda da antipatia a Goulart. Já Bevan Sewell (2016) defende que

há três problemas principais que levam ao colapso da Aliança: primeiro, a teoria da modernização não foi pensada com a América Latina como alvo; segundo, foi difícil para pessoas como Rostow, Schlesinger e Berle vencerem os problemas práticos – domésticos e externos – que se contrapunham ao caráter extremamente idealista da Aliança; e, por fim, tal como entende Ruth Leacock, as questões apresentadas a partir de 1962 fizeram com que o governo Kennedy tivesse uma abordagem mais parecida com o governo Eisenhower, isto é, mais estribado em capitais privados do que em capitais estatais.

Joseph Smith (2010) vê na resistência de setores conservadores das elites latino-americanas a principal causa para o fiasco do programa. Essas elites não queriam pagar mais em impostos para promover reformas agrárias, sociais e para remodelar seus sistemas políticos, deixando-os mais democráticos. De fato, não queriam. A questão é saber se era isso mesmo que queria a Aliança para o Progresso. Como Jeffery Taffet vai demonstrar, não existiu apenas uma Aliança, mas várias alianças dependendo do país em que ela é implementada. Analisando os quatro maiores receptores de verbas da Aliança para o Progresso – Brasil, Argentina, Colômbia e República Dominicana –, Taffet mostra como o comportamento americano variava. Entretanto, há de se observar também três outras variáveis, a Crise dos Mísseis de Cuba, a morte de Kennedy e as questões internas dos países da Aliança (TAFFET, *Kindle edition*).

Jerome Levinson, em seu clássico trabalho sobre a Aliança, “*The Alliance that lost its way*”, chama a atenção para o fato de que o desfecho da Crise dos Mísseis, favorável como foi para Kennedy, dá mais confiança para os Estados Unidos no hemisfério, enfraquecendo assim a tese de que, a qualquer momento, a América Latina poderia se tornar comunista, a ideia de “*one minute to midnight*” (LEVINSSON, 1970). Wiarda, que elenca dez fatores que julga preponderantes para a derrocada da Aliança, menciona a ideia de “*one minute to midnight*” como uma das leituras erradas feitas pelo governo americano (WIARDA, 1986). Com a Crise dos Mísseis, ficando claro que a América Latina estava “segura”, a estabilização passou a ser mais importante do que a construção de democracias liberais.

A morte de Kennedy também teve um impacto grande na ideia geral da Aliança. Isto não implica dizer que tudo teria sido diferente caso Kennedy tivesse terminado seu mandato ou ainda se reeleito em 1965, afinal, como já mencionei, a Crise dos Mísseis já começou a ensejar uma mudança de rota na forma como os Estados Unidos entendiam a Aliança. Mas certamente os tiros de Dallas aceleraram e aprofundaram o processo. Com Johnson no poder, houve também mudanças na direção da Aliança, e Thomas Mann, um funcionário do Departamento de Estado remanescente ainda da era Eisenhower e que já tinha papel importante

na Aliança durante o governo Kennedy, passa a ser, durante o governo Johnson, o principal nome do Departamento de Estado para a América Latina.

Há primeiramente uma questão interna. O tempo da Aliança coincidiu com profundas mudanças nas políticas internas dos países latino-americanos. A 13 de março de 1961, o presidente Kennedy lançou o programa da Casa Branca, a 25 de agosto de 1961, Quadros renunciou seu mandato e já lançou de súbito o maior país da América Latina, aquele que seria o maior receptor de verbas da Aliança e, portanto, um país fundamental para o funcionamento da mesma, em um “caos político” que resultou com o golpe de 1964. Nove meses depois da renúncia de Quadros, os militares argentinos depuseram o presidente do segundo maior receptor de verbas da Aliança: a 29 de março de 1962, Arturo Frondizi era preso na residência oficial e a Suprema Corte investia o presidente do senado, Jose Maria Guido, como presidente. Poucos meses depois, em 18 de julho de 1962, era a vez do presidente do Peru, Manuel Prado, ser acordado e deposto. A 13 de março de 1961, dos 20 países da América Latina apenas dois – Cuba e Paraguai – não eram democracias liberais. Ao fim dos primeiros oito anos da Aliança, dezesseis golpes militares haviam ocorrido.

Houve também questões internas do Departamento de Estado, órgão responsável por tocar a política externa americana. Ao que tudo indica, o Departamento estava rachado em relação às novas políticas de Kennedy para o hemisfério. Os mais antigos não acreditavam em uma nova abordagem e achavam que toda a ideia da Aliança era fadada ao fracasso. Ainda no início da Aliança, essas questões vêm à tona em um memorando de Schlesinger para Kennedy, de 27 de junho de 1961. Nesse memorando Schlesinger disse que foi procurado por Arturo Morales-Carrion, Subsecretário de Estado Adjunto para Assuntos Interamericanos. De acordo com Schlesinger, Morales é “um homem inteligente e equilibrado, que discutiu seu *bureau* com relutância, mas com a convicção de que ele devia à Casa Branca um relatório franco sobre a situação”. A situação que Morales passa a relatar a Schlesinger e que este relata ao presidente é caótica. Morales diz que há uma grande relutância dos antigos oficiais do serviço exterior em assuntos latino-americanos para com a equipe que chegou para implementar a Aliança para o Progresso. Afirma ainda que o plano do presidente para a América Latina será derrotado porque as pessoas encarregadas de implementar esse plano não têm comprometimento algum com ele. Para mudar a América Latina, assevera Morales: “você deve ter pessoas comprometidas a mudar. Entre este grupo não há alegria, não há propósito, não há vontade”. Ainda de acordo com ele, o grupo pouco conhece a nova realidade política latino-americana e pouco se interessa por ela:

Eles formam um nó sombrio de resistência a novas abordagens. Eles não têm consciência das forças que atuam na América Latina hoje. Eles não entendem que a nossa política pode ser bem-sucedida apenas com o apoio da esquerda democrática. Eles não têm simpatia pela esquerda democrática<sup>286</sup>.

O subsecretário diz ainda, reforçando o ponto mencionado por Stevenson em sua carta ao próprio Schlesinger, dias antes: “Eles não estão interessados na comunidade intelectual da América Latina ou no movimento trabalhista. Eles raramente vêm os latino-americanos em Washington, exceto em ocasiões formais e burocráticas”<sup>287</sup>.

Parece-me, então, que se pode agrupar os vários fatores para o colapso da Aliança: a política interna dos países, a mudança de importância da América Latina pós-Crise dos Mísseis e a mudança de direcionamento do governo Johnson e das questões políticas internas do Departamento de Estado. Fatores esses que aconteceram no decorrer da implantação da Aliança. Entretanto, quero sugerir que há um erro ainda anterior a todos esses e que já condenava ao fracasso a Aliança desde a sua origem. Ainda que tudo mais tivesse ocorrido de forma perfeita, havia alguns vícios de origem na Aliança. A Aliança calcava-se fortemente nas ideias da teoria da modernização e, como procurarei mostrar adiante, algo se perderia na tradução de teoria em prática.

## 6.5 *Lost in translation*

*Lost in Translation* é o segundo filme da cineasta Sofia Coppola, lançado em 2003. Nesse filme a cineasta retrata o encontro de um ator de meia-idade, vivido por Bill Murray, e uma jovem esposa de um fotógrafo ausente, vivida por Scarlett Johansson. No Brasil, o filme foi traduzido por “Encontros e desencontros”, mas *Lost in translation* é uma expressão americana que se refere àquelas pequenas coisas, as quais, ainda quando traduzidas, não conseguem ser completamente apreendidas pelo receptor, porque parte do significado está na cultura em que a língua está inserida e na qual nem sempre o receptor está imerso. O título é uma alusão às dificuldades pelas quais os dois protagonistas americanos passam para se comunicar na cidade de Tóquio, mesmo quando eles têm intérpretes. Para eles, algo sempre se perde na tradução.

---

<sup>286</sup> “Memorandum from the President’s Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Washington, 27 de junho de 1961. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. American Republics: **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.218-221.

<sup>287</sup> *Ibid.*

Em 19 de setembro de 1945, o embaixador americano no Brasil, Adolf Berle, passou com Vargas o discurso que faria para jornalistas. O cenário político brasileiro era conturbado e todo cuidado era pouco. De um lado, a relação Brasil-Estados Unidos havia deteriorando-se rapidamente desde a morte de Roosevelt<sup>288</sup> (TOTA, 2000), por outro, a situação política no Brasil era incerta, com Vargas falando publicamente em deixar o cargo e abrir o caminho para eleições democráticas e, ao mesmo tempo, insuflando secretamente o movimento queremista, o qual exigia sua participação nas eleições. O discurso de Berle, ainda que fosse destinado a não comprometer Vargas, um antigo aliado americano, foi comprometido pelo seu péssimo português. A impressão ao final era de que o governo americano não toleraria um novo governo Vargas e isto pareceu ser a senha para que os militares o removessem do poder (WEISS, 1993). Algo do discurso de Berle perdeu-se na tradução.

O que quero dizer com a ideia de que a Aliança foi perdida em sua tradução? Dois dos pilares da Aliança, a transformação econômica e a transformação social, eram vistas de formas distintas pelos políticos latino-americanos e pelos teóricos da modernização. Sem que esses pilares estivessem acertados, a Aliança dificilmente conseguiria atingir seus objetivos. Indubitavelmente todos os outros fatores vieram posteriormente e se somaram a esses problemas iniciais – alguns deles eram tão somente sintomas desse problema inicial, que foi a confusão de modernização com desenvolvimentismo e de uma revolução liberal liderada pela classe média latino-americana.

### **6.5.1 Erro de tradução 1: desenvolvimento não é modernização**

Quando, em 13 de março de 1961, John e Jackie Kennedy receberam embaixadores e autoridades de todos os países da América Latina – à exceção de Cuba – para aquilo que seria o discurso inaugural da Aliança para o Progresso, deu-se início oficialmente a uma aliança que nunca teve um fim oficial. Ela foi se esmaecendo aos poucos, ao ponto de se tornar, uma década depois, quando uma parte de seus objetivos já deveria ter sido alcançada, aquilo que o senador Edward Kennedy chamou de “uma grande decepção econômica”<sup>289</sup>. Kennedy diz em seu discurso:

Pedi a todas as pessoas do hemisfério que se juntassem a uma nova Aliança para o Progresso – *Alianza para Progreso* – um vasto esforço cooperativo, sem igual em magnitude e nobreza de propósito, para satisfazer as necessidades básicas do povo

---

<sup>288</sup> Pecequilo fala que o abandono do hemisfério ocidental é o resultado do abandono do eixo isolacionista americano e de sua reorientação definitiva a uma “vocação e orienta o global” (PECEQUILO, 2003, p.119). Joseph Smith faz uso do mesmo argumento (SMITH, 2005).

<sup>289</sup> Citado em Joseph Smith, *The United States and Latin America* (SMITH, 2010, p. 126).

americano para casas, trabalho e terra, saúde e escolas – *techo, trabajo y tierra*, saúde e escola.<sup>290</sup>

No discurso, percebe-se que Goodwin estava correto ao escolher o nome do plano. Kennedy teve de falar o nome do programa em espanhol, e talvez dizer “*desarrollo*” fosse um desafio tão grande – ou maior – do que promover o desenvolvimento da América Latina. Para que o plano fosse bem-sucedido, continuou o presidente:

Cada nação latina deve formular planos a longo prazo para o seu próprio desenvolvimento, planos que estabeleçam metas e prioridades, assegurem estabilidade monetária, estabeleçam mecanismos para mudanças sociais vitais, estimulem atividades e iniciativas privadas e providenciem um esforço nacional máximo. Esses planos serão a base do nosso esforço de desenvolvimento e a base para a alocação de recursos externos.

E aqui já havia o primeiro erro de tradução que maculou o plano em seu início. Quando ouviram “desenvolvimento”, os chefes das nações latino-americanas pensaram em seus modelos de desenvolvimento, os quais aconteceram largamente durante os anos 30, 40 e 50 no continente, amplamente escorados no nacionalismo, que, como já se viu, podia significar diferentes coisas. Mas quando Kennedy falava em desenvolvimento, pensava em modernização, o que, no seu plano prático, não era igual a desenvolvimento, por mais que os alvos buscados por ambos fossem os mesmos.

Segundo Arturo Escobar, o desenvolvimento é um conceito historicamente construído:

Development was – and continues to be for the most part – a top down, ethocentric, and technocrat approach, which treated people and cultures as abstract concepts, statistical figures to be moved up and down in the charts of “progress”. Development was conceived not as a cultural process (culture was residual variable, to disappear with the advance of modernization), but instead as a system of more or less universally applicable technical interventions (...) (1995, p. 44).

Assim, é preciso detalhar um pouco mais os significados a que estarei fazendo menção quando me referir a desenvolvimento.

O desenvolvimento, por vezes, é entendido como um mero sinônimo de crescimento econômico, sendo esse crescimento a capacidade de produzir bens de consumo e aumentar o

---

<sup>290</sup> “*If we are to meet a problem so staggering in its dimensions, our approach must itself be equally bold – an approach consistent with the majestic concept of Operation Pan America. Therefore I have called on all people of the hemisphere to join in a new Alliance for Progress – Alianza para Progreso – a vast cooperative effort, unparalleled in magnitude and nobility of purpose, to satisfy the basic needs of the American people for homes, work and land, health and schools – techo, trabajo y tierra, salud y escuela*”. (Papers of John F. Kennedy. Presidential Papers. President's Office Files. Speech Files. Address at White House reception for members of Congress and Latin American republics' diplomatic corps, 13 March 1961).

consumo de tais bens. Por vezes, uma compreensão mais ampla é usada, entendendo-se como desenvolvimento a capacidade de prover os bens básicos de vida, como educação, saúde, alimentação, segurança. Desenvolvimento também pode ser entendido no âmbito do indivíduo, no aumento das suas capacidades cognitivas e de funcionamento dentro da sua sociedade (MARGLIN, 1990).

As diferenças da forma de desenvolvimento acima apresentadas estão, como se pode perceber, nos objetivos que o desenvolvimento alcança, ora econômicos, ora políticos, ora sociais, ora culturais. Pois bem, um dos principais teóricos da modernização dos anos 50, Daniel Lerner, nos lembra que esses aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais estão, no âmbito da teoria da modernização: “*so highly associated as to raise the question of whether they are genuinely independent factors at all – suggesting that they went together so regularly because, in some historical sense, they had to go together*” (LERNER, 1958, p. 438). Assim, partindo da análise daquilo que o desenvolvimento e a modernização buscam, Marglin entende os dois termos como sinônimos. Escobar (1995) segue a mesma linha de entendimento. Mas aqui há uma questão importante. Se é verdade que, no sentido dos alvos que se pretende atingir, desenvolvimento e modernização podem ser entendidos como sinônimos, quando se passa à forma, tais objetivos podem ser alcançados com sutis diferenças que, ao meu ver, são responsáveis por um imenso ruído no funcionamento da teoria da modernização na América Latina. E como os alvos nunca foram alcançados, o que sobrou foi a forma utilizada, e nesta forma havia diferenças significativas entre aquilo que queriam os americanos e aquilo que queriam os latino-americanos.

Kirkendall (2014), por exemplo, vai em uma linha oposta e defende que desenvolvimento e modernização são “analiticamente diferentes”. Para o autor, enquanto o desenvolvimento diz respeito a um processo interno, dirigido por aspirações locais das diversas nações latino-americanas, a modernização é um processo externo, um paradigma esquemático que pretende impor um sistema de modelo econômico bastante estreito e rígido e que até por isso é estudado no âmbito da política externa americana. Destaca ainda que esses estudos sobre a modernização tendem a realçar exatamente essa certa presunção presente nos operadores americanos que entendiam ser os Estados Unidos o modelo de modernização a ser seguido (KIRKENDALL, 2014).

Entendo, tal como Kirkendall, que modernização e desenvolvimentismo são diferentes, mas entendo também que essa não é a questão mais importante. O problema é saber como os atores nos dois lados do hemisfério entendiam tais termos. Defendo que eles viam os termos como intercambiáveis, ou seja, na teoria, entendiam modernização como desenvolvimento,

mas na prática essas diferenças foram responsáveis em grande parte pela ruína de programas como a Aliança para o Progresso. Mas o que seria o desenvolvimento então no âmbito latino-americano? Rafael Ioris já demonstrou como, sobre a ideia de desenvolvimento, existiam vários projetos diferentes só no Brasil. A forma como o desenvolvimento era entendido por JK, por setores da UDN e do PTB ou pelos trabalhadores era bastante distinta. Desta forma, a confusão que se fazia entre um tipo de desenvolvimento e a modernização é um problema ainda mais complexo.

O desenvolvimento industrial latino-americano na década de 50 foi fortemente influenciado pelo pensamento cepalino, que por sua vez era bastante influenciado pelas ideias do economista argentino Raúl Prebisch, primordialmente sua ideia de “termos de troca declinantes”, isto é, em um mundo em que as *commodities* têm sempre um preço declinante e os produtos industriais têm preços que tendem a ser cada vez maiores, a troca comercial entre países industrializados e países produtores de *commodities* tenderá a ser cada vez mais deletéria para os produtores de *commodities*, que terão assim apenas na industrialização uma forma de sair desta armadilha (PREBISCH, 1949).

Ancorados nesta percepção, os políticos latino-americanos responsáveis pelo desenvolvimentismo enxergam, na ideia de desenvolvimento, basicamente o incremento do potencial industrial de seus países, isto é, desenvolvimento era industrialização<sup>291</sup>. Entretanto, o que o governo americano pensava quando mencionava o desenvolvimento no âmbito da Aliança para o Progresso era em modernização, e isto implicava uma total remodelagem dessas sociedades, inclusive de suas instituições, o que não era o plano das elites latino-americanas para aquele momento.

O plano de metas do presidente Juscelino Kubitschek, por exemplo, era composto por 30 metas além de Brasília, a metassíntese 31. Em seu início, o plano informa que “a política de desenvolvimento econômico do Presidente Juscelino Kubitschek consubstancia-se em seu

---

<sup>291</sup> Pode-se ver um exemplo desta influência no discurso do presidente Kubitschek na Comissão Brasileira da Operação Pan-Americana, a 6 de dezembro de 1959: “Não podemos estar sinceramente integrados em qualquer pensamento, sistema ou linha de idéias que não signifique, ao mesmo tempo, uma garantia para nossa liberdade e um caminho para nossa segurança. **Por amarga experiência própria, já nos convencemos de que os países que só podem tirar o seu sustento da extração e comércio de matérias-primas, são países condenados à dependência econômica, à estagnação, a um incerto e perigoso futuro. O Chefe da Delegação brasileira à presente Assembléia Geral das Nações Unidas, Senhor Augusto Frederico Schmidt, falou por direta recomendação minha quando, em discurso perante a Comissão Econômica, afirmou que nossa determinação de promover o desenvolvimento e incrementar o processo de industrialização do país não decorre de uma ambição excessiva, mas da nossa convicção de que estaremos em perigo, como nação, se agirmos de outro modo**” (PINTO, 2010, p. 35, grifo meu).

programa de metas, que abrange projetos a serem executados com recursos públicos e privados” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1958). As 30 metas estavam assim divididas:

\*As metas de 1 a 5 diziam respeito ao setor de energia e consumiriam 43,4% do investimento inicial previsto.

\* As metas de 6 a 10 eram da área de transporte, com 29,6% do investimento destinada a essa área.

\* As metas de 11 a 18 eram sobre alimentação, previam aumento da produção de trigo, construção e aparelhagem de armazéns, silos, frigoríficos, aumento da mecanização no campo e de fertilizantes. Consumiriam 3,2% do investimento.

\* As metas de 19 a 29 eram relacionadas à indústria de base e deveriam ser responsáveis por monopolizar 20,4 % do investimento total.

\* A meta 30 era a de educação, com treinamento de pessoal técnico e investimento total de 3,4% inicial. Segue abaixo a íntegra desta meta:

#### META 30 – FORMAÇÃO DE PESSOAL TÉCNICO

O plano de metas visa dotar o país de uma infra e superestrutura industrial e modificar sua conjuntura econômica; se não ocorrer interligação deste Plano com os demais fenômenos econômicos, sociais e políticos, o plano tornar-se-á falho. A conclusão, é simples: a infraestrutura econômica deve ser acompanhada de uma infraestrutura educacional e, portanto, social. A meta constitui propriamente um Programa de Educação para o Desenvolvimento. Em 1955-56, os deficits em matéria educacional eram graves. Para corrigi-los, traçaram-se metas compensadoras. Em matéria de ensino primário, prevê-se o aumento de 40 mil alunos em 1958; 120.000 em 1959; 220.000 em 1960 e 40.000 em 1961. Em matéria de ensino médio, providencia-se o aparelhamento físico das escolas e o aperfeiçoamento técnico-pedagógico do fator humano, sobretudo no ensino industrial e no ensino agrícola. Construção de novas escolas, e seu equipamento, ampliação das Escolas existentes. Equipamento para 26 Escolas de Magistério de Economia Rural e 33 Escolas de Tratoristas. Ampliação da rede federal de escolas agrotécnicas, agrícolas e de iniciação agrícola. Concessão, para o ensino de grau médio, de 56.068 bôlsas de estudos a alunos do Curso Ginásial; 9.106 a alunos do Curso Colegial; 36.534 aos do Comercial; 13.498 aos do Industrial; 14.492 aos do Normal e 11.308 aos dos Cursos Agrícolas. Total das bôlsas de grau médio: 141.006. Em matéria de ensino superior: aumentar para mil novos alunos por ano a capacidade as escolas. de Engenharia; instituir o regime de tempo integral dos professores e da frequência obrigatória dos alunos; reformar o ensino superior, visando a organizar os cursos de acôrdo com suas finalidades e as necessidades do meio em que operam; e criar novos cursos de pós-graduação e aperfeiçoamento. Para êsse objetivo, o Govêrno instalará 14 Institutos de Pesquisas, Ensino e Desenvolvimento nos principais centros do país, nos setores de química, economia, tecnologia rural, mecânica, electrotécnica, mineração e metalurgia, mecânica agrícola, matemática, física, genética e geologia.

Desta forma, o país que tinha, no início dos anos 50, pouco mais de 50% de sua população iletrada, de acordo com o IBGE<sup>292</sup>, destinaria 3,4% do seu arrojado plano de desenvolvimento à última das metas, aquela que tratava de educação. Tratava-se de um plano de desenvolvimento, certamente não era em absoluto um plano de desenvolvimento humano. Para constatar com esse documento brasileiro, apresento outro, um documento do governo americano. Em 20 de março de 1961, ou seja, 7 dias depois do discurso de lançamento da Aliança, o secretário executivo em exercício do Conselho de Segurança envia um memorando para o presidente Kennedy, com o título “*Checklist* de programas e ações a serem implementados no plano de 10 anos para a América”. O ponto 1 da “*checklist*” fala do trabalho de planejamento, quem deve ser convocado e que conselhos devem ser criados. O ponto 2 trata de “atacar as barreiras sociais que impedem o crescimento econômico através do empenho, logo que apropriados os 500 milhões do Fundo Inter-Americano para o Progresso Social (fundo de Bogotá) para:

- a. Combater o analfabetismo;
- b. Aumentar a produtividade do uso de terra;
- c. Acabar com as doenças;
- d. Atacar impostos arcaicos e a estrutura de posse de terras;
- e. Prover oportunidades educacionais;
- f. Iniciar projetos destinados a tornar acessíveis a todos os benefícios de aumentar a abundância<sup>293</sup>.

Quando se compara o memorando de *checklist* com o plano de metas de Juscelino, já se pode observar, portanto, um primeiro descompasso nas prioridades do desenvolvimento e da modernização. Não se trata, contudo, de dizer que os americanos tinham uma visão mais “social” do desenvolvimento. A questão é tão somente que, naquele momento, essa modernização, que gerava crescimento econômico e aperfeiçoamento das instituições, era vista

---

<sup>292</sup> De acordo com “Mapa do Analfabetismo no Brasil.” INEP, S/D. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>.

<sup>293</sup> *Attack the social barriers which block economic progress by committing, as soon as appropriated, the \$500 million Inter-American Fund for Social Progress (the Bogota fund) to: a. Combat illiteracy; b. Improve the productivity and use of land; c. Wipe out disease; d. Attack archaic tax and land tenure structures; e. Provide educational opportunities; and f. Initiate projects designed to make the benefits of increasing abundance available to all.*

como essencial para a estabilização política e, portanto, para a contenção das ideias vindas de Moscou. Ou seja, a teoria da modernização opera sob a lógica da Guerra Fria.

Wiarda (1986-87) aborda essa questão quando comenta o difícil debate sobre a “paternidade” da Aliança para o Progresso: seria uma ideia latino-americana ou uma iniciativa norte-americana? Para o autor, muitos latino-americanos que participaram da formação da Aliança entendiam que ela se tratava de uma ideia pautada nas necessidades identificadas por eles, mas, enquanto os latino-americanos queriam o crescimento econômico por si só, os americanos apreciavam o crescimento econômico como força de desenvolvimento e fonte de estabilidade política. Os políticos latino-americanos, ainda que utilizassem a lógica da Guerra Fria para obter mais dinheiro de Washington, operavam sob outra lógica quando pensavam o desenvolvimento. Sobre a ideia de desenvolvimento para as classes dirigentes do Brasil, Rafael Ioris afirma:

apesar das diferenças ideológicas, à medida que os anos 1950 avançavam, a busca pelo desenvolvimento nacional passou a significar, pelo menos para os dirigentes do país, um esforço organizado, realizado pelo governo federal na direção do crescimento e da industrialização acelerada (IORIS, Kindle Edition, p. 1037-1039).

Esse discurso de crescimento soube, sim, operar diante da lógica vigente, ou seja, da bipolarização entre a União Soviética e os Estados Unidos. Kubitschek menciona em diversos momentos a necessidade de desenvolvimento para a contenção das ideias estranhas ao nosso continente. Em um discurso na Comissão Brasileira da Operação Pan-Americana, em 1959, o presidente Kubitschek diz:

É que a ideia central da Operação Pan-Americana consiste em ressaltar o caráter imperioso da luta pelo desenvolvimento, bem como a necessidade de complementar, mediante uma ação conjunta multilateral, os esforços que cada Estado emprega para tal fim no plano interno. Ganhou corpo e criou raízes a convicção de que devemos imprimir novos rumos à vida da família continental, tendo em vista a aceleração do nosso desenvolvimento, a plena mobilização de nossos recursos, a convergência da iniciativa para a obra de redenção de vastas áreas ainda relegadas ao abandono (PINTO, 2010, p. 34).

Entretanto, bastava o desenvolvimento econômico, porque outras reformas, como as reformas institucionais, poderiam abalar outras estruturas, como as velhas estruturas políticas que sustentavam a república brasileira desde seu início, assentadas em uma oligarquia política bem sedimentada<sup>294</sup>. Mas a questão da Aliança é ainda um pouco mais complexa, porque a

---

<sup>294</sup> Ioris escreve que “O crescimento econômico foi, nesse sentido, definido como um meio para atingir não só um maior bem-estar material (mais do que social), mas também para promover a ordem interna e a estabilidade

forma como ela era entendida, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, não era homogênea. Se Rafael Ioris já demonstrou os vários significados que o desenvolvimento evocava no lado brasileiro, por exemplo, o lado americano também não tinha um entendimento homogêneo sobre quais deveriam ser os objetivos da teoria da modernização na América Latina, nem como a Aliança para o Progresso deveria agir para implantar esses objetivos. Em uma carta para seus pais, Arthur Schlesinger acaba por fornecer uma janela que permite enxergar por exemplo a tensão que existia entre o departamento de Estado e a Casa Branca:

Finalmente temos um Secretário de Estado Assistente para a América Latina, Bob Woodward, que como vocês sabem está assumindo o cargo, sempre me pareceu a melhor das opções do *Foreign Service*. Eu sinto que não tenhamos conseguido um não diplomata, porque até mesmo os melhores diplomatas têm uma linha de pensamento e ação pré-concebidas que atrapalham a decisão e políticas efetivas. Vocês provavelmente notaram a forte campanha do NY Times contra Berle, Goodwin e contra mim. Isso certamente vem de fontes do Departamento de Estado, e não há dúvidas de que eles estão irritados por lá com a intervenção da Casa Branca na política externa em relação à América Latina, mas tudo que temos feito é preencher a lacuna criada pela falta de energia deles. Essa é uma área muito importante; e pouco teria acontecido lá, especialmente no campo econômico, se não fosse pelo planejamento e pela pressão da Casa Branca.<sup>295</sup>

Além da divisão entre o que pensava a Casa Branca e o que queria o Departamento de Estado, havia ainda o grupo dos idealistas, que acreditavam na possibilidade de a Aliança vir a ser, de fato, um instrumento de transformação política e social para a América Latina, transformando-a, assim, em um polo irradiador dos princípios da modernidade. E por fim o grupo daqueles que a viam única e exclusivamente como um instrumento de contenção do comunismo no hemisfério. Foi assim, inclusive, que a Aliança foi vendida para o congresso (WIARDA, 1986) e uma vez que o perigo comunista fosse estancado, todos os demais

---

política. O desenvolvimento nacional em ritmo acelerado – ou melhor, o crescimento econômico acelerado, como ele e seus conselheiros mais próximos no Conselho do Desenvolvimento formulavam a questão – foi, portanto, considerado a única garantia real de que o que eram definidas como ideologias estrangeiras, exóticas (o que queria dizer principalmente o comunismo) poderiam ser mantidas à distância” (IORIS, Kindle Edition, 1179-1181).

<sup>295</sup> “*We finally have an Asst. Secretary of State for Latin American Affairs. Bob Woodward, who as you know is taking the job, always seemed to me the best of the Foreign Service possibilities. I am sorry that we could not get a non-pro, because even the best pros have a built-in conventionality of thought and action which gets in the way of decision and effective policy. You probably have noticed the long NY Times campaign against Berle, Goodwin, and myself. This has evidently proceeded from State Dept. sources, and no doubt they are irritated over there over White House intervention in Latin American policy. But all we have been doing is filling the vacuum created by their own lack of energy. This is a pretty important area; and very little would have happened there, especially in the economic field, if it had not been for White House planning and pressure.*” Carta de Arthur Schlesinger Jr. para Arthur e Elizabeth Schlesinger. Junho de 1961 (SCHLESINGER & SCHLESINGER, 2013, p. 245).

objetivos poderiam ser esquecidos, inclusive aqueles que visavam uma transformação das instituições<sup>296</sup>.

Entretanto, ainda que a visão dos idealistas tivesse sido completamente implementada e que o grupo que sonhava em construir uma nova sociedade na América-Latina tivesse todas as condições do governo americano para fazê-lo, o programa fatalmente não seria bem-sucedido, porque, como já mencionei, havia um desconhecimento da realidade política e cultural mais profunda da região por parte dos formuladores da Aliança para o Progresso. Wiarda fala de uma falta de conhecimento da realidade política latino-americana, que era extremamente personalista, permeada por laços familiares, de patronagem e com instituições mais frágeis (WIARDA, 1986, p.139). O relatório feito por Benton quando da primeira viagem de Stevenson deixa transparecer isso. Ele escreve que o sistema político brasileiro foi explicado a ele pelo assessor do cônsul geral em São Paulo, Mr. Burnton. Ele, que já contava com um ano e meio de Brasil e diz ter se sentido aclimatado tão bem ao país e à cidade que já se considerava um paulista, descreve o sistema político brasileiro para Benton como sendo “muito estranho” (*very strange*). Benton continua dizendo que, estranhamente, o prefeito da maior cidade do Brasil e a que mais cresce na América Latina reconhece, publicamente, que enriqueceu no cargo, mas que ele “*paid off to those who have paid him off – or something of this effect*”<sup>297</sup>. Mr. Burnton explica a Benton sobre a rivalidade entre Rio e São Paulo (algo que ele compara à rivalidade entre São Francisco e Los Angeles), sobre a ditadura varguista e o período de redemocratização que se seguiu. Sobre o sistema político em especial, Benton escreve em seu relatório: “O sistema proporcional de representação foi descrito como ‘muito estranho’. O indivíduo vota em outros indivíduos, mas cada voto é contado também para os partidos. Eu não entendo esse sistema ‘estranho’ e não vou tentar explicá-lo”<sup>298</sup>.

Entretanto, apesar dessa dificuldade em compreender a América Latina, a teoria da modernização e seus efeitos em outros “países em desenvolvimento” parecem fornecer aos planejadores da Aliança, pelo lado americano, a segurança que eles necessitavam para acreditar no sucesso do projeto. Eles acreditavam que a base teórica, ancorada nos preceitos da teoria da modernização, somada à vontade sincera em construir uma relação de cooperação com os latinos eram condições para que a Aliança fosse bem-sucedida. Entretanto, essa base teórica

---

<sup>296</sup> Wiarda chamará isto de o conflito de interesses, entre aqueles que pensavam a longo prazo (desenvolvimentistas) os que pensavam no curto prazo (estrategistas) .(1986, p.139).

<sup>297</sup> O prefeito era Adhemar de Barros e esta certamente foi a forma que Mr. Burnton encontrou para traduzir o popular bordão do ex-prefeito de São Paulo: rouba, mas faz.

<sup>298</sup> “Meeting with the Consul General and His Staff Sao Paulo – governor Stevenenson and Party. AES Papers. Caixa 452, folder 2. Série 9, Travel Materials. Benton, William – Notes, Vol. III: 1960.

evocava conceitos, como o de modernização, que, embora por vezes fosse traduzido como “desenvolvimentismo”, deixava escapar detalhes que causaram um grande ruído entre os técnicos americanos e os técnicos e políticos latino-americanos. Essa tensão pode ser vista no montante de verbas que estavam à disposição e no montante de verbas que eram efetivamente utilizadas pelas autoridades locais. Em reunião com Kennedy, em dezembro de 1962, isto é, pouco mais de um ano de lançada a Aliança para o Progresso, Kubitschek diria, na qualidade de representante da OEA, que os americanos prometeram à região uma ajuda de 130 milhões de dólares que, por conta de deficiências administrativas do lado brasileiro, nunca haviam sido usados; entretanto, continuou o ex-presidente, os inimigos dos Estados Unidos no Brasil dizem que o dinheiro foi prometido e não foi entregue, gerando assim um clima desfavorável para os Estados Unidos no país<sup>299</sup>.

Pode-se perceber assim que, os planos de desenvolvimento eram muito diferentes nas pranchetas do Departamento de Estado e na cabeça dos políticos locais. Por mais que, aparentemente, estivessem a falar da mesma coisa, havia uma vasta distância entre os objetivos de um e de outro, e esta vasta distância impossibilitava que, na prática, a Aliança conseguisse alcançar seus objetivos.

### **6.5.2 - Erro de tradução 2: a realidade social**

Há 22 de outubro de 1960, o correspondente americano do New York Times no Brasil, Tad Szulc, publica a primeira de uma série de reportagens sobre o Nordeste brasileiro. O título da reportagem é “*Northeast Brazil Poverty Breeds Threat of a Revolt*”. Nesse artigo, o repórter já abre o texto com uma afirmação alarmante: “*The makings of a revolutionary situation are increasingly apparent across the vastness of the poverty-stricken and drought-plagued Brazilian Northeast*”<sup>300</sup>. O jornal resumiu as reportagens de Tad Szulc na edição de 1º de novembro, dizendo que Szulc trazia um quadro alarmante, de uma população de cerca de 20 milhões de pessoas com expectativa de vida em torno dos 30 anos e que só a cidade do Recife, com 800 mil habitantes, abrigava cerca de 400 mil “desempregados ou parcialmente desempregados”. O jornal comenta que seria estranho se em um ambiente assim as ideias de

---

<sup>299</sup> “Presidential Memoranda of Conversation”: departamento de Estado, Lote 66 D 149, outubro-dezembro de 1962.

<sup>300</sup> Tad Szulc, ‘Northeast Brazil Poverty Breeds Threat of a Revolt’, In: The New York Times, 22 de outubro de 1960. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1960/10/31/105454258.pdf>. Acessado em 08/02/2018.

esquerda não se espalhassem rapidamente. Salienta ainda que, sob o comando de Jânio Quadros, o governo encontrava-se agora nas mãos dos “liberais” e que esforços tinham sido feitos para irrigar as terras arrasadas pela seca, mas, até aquele momento, o país que havia gastado “200 milhões” na nova capital era incapaz de resolver o problema no Nordeste. “Fidelistas” e os comunistas, adverte o *New York Times*, não trariam à população as soluções que ela tanto buscava. As reportagens do Sr. Szulc<sup>301</sup>, continua o periódico, mostram que é tempo de os Estados Unidos tomarem uma “*far more positive part in aiding our neighbours South of the Canal*”. E o jornal encerrava seu balanço sobre as reportagens com a constatação de que “*we can fight the “fidelistas” everywhere in Latin America not with armed forces, but with the kind of economic aid that proceeds from science and proper understanding*”<sup>302</sup>.

As impressões expressas por Tad Szulc em seu artigo parecem mesmo coadunar-se com aquelas que o governo americano veiculava em seus documentos mais secretos. Por exemplo, em um memorando de 20 de agosto de 1961 da CIA, intitulado “*Soviet Bloc interest in Brazil’s Northeast*”, os analistas da agência também chamavam atenção para um perigo vermelho no Nordeste do Brasil. Os analistas da CIA chamavam atenção para o fato de uma missão técnica de vários países do bloco soviético – Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental e Hungria – estarem visitando o Nordeste brasileiro e terem apresentado uma ajuda técnica específica para solucionar os problemas apresentados pela região<sup>303</sup>.

Assim, havia por um lado o perigo nacionalista, que passou de ser um mero sentimento antiamericano para se tornar um nacionalismo econômico que as campanhas do petróleo em

---

<sup>301</sup> Tad Szulc era polonês e foi criado na Suíça e no Brasil, onde se formou em jornalismo pela extinta Universidade do Brasil. Em 1953, ele emigrou para os Estados Unidos onde conseguiu cidadania americana. Correspondente da Associated Press e do NYT, ele não era muito bem visto pela CIA, principalmente quando publicou uma reportagem sobre a invasão da Baía dos Porcos dez dias antes dela acontecer. O presidente Kennedy ligou para o editor do Times pedindo que a matéria fosse retirada. Ele retirou parte da reportagem, mas ainda assim ela ganhou espaço na primeira página do periódico. Assim, Szulc era visto como bem informado e “contra a Agência”. <https://www.nytimes.com/2001/05/22/world/tad-szulc-74-dies-times-correspondent-who-uncovered-bay-of-pigs-imbroglio.html>.

<sup>302</sup> *New York Times*, “The Fidelistas of Brazil, 1o de novembro de 1960. Disponível em <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1960/11/01/99817538.pdf>. Acessado em 06/02/2018. A outra reportagem de Szulc, também publicada em 1º de novembro tinha o título “Marxists are organizing peasants in Brazil”. Disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1960/11/01/99817313.pdf>. Acessada em 06/02/2018.

<sup>303</sup> Para saber mais sobre a relação entre os países da cortina de ferro e a América Latina durante a Guerra Fria, ver “Michael Zourek, “Checoslovaquia y El Cono Sur 1945-1989: Relaciones Políticas y Culturales Durante la Guerra Fría”. Praga: **Ibero-American Pragensia Supplementum**, 2013. Ver também Michael Zourek, “Political and Economic Relations between Czechoslovakia and the Military Regimes of the Southern Cone in the 1970s and 1980s,” *In: Central European Journal of International and Security Studies* 7:3 (September 2013): 118-141. E também Matyáš Pelant, “Czechoslovakia and Brazil, 1945-1989: Diplomats, Businessmen, Spies and Guerrilheiros,” *In: Central European Journal of International and Security Studies* 7:3 (September 2013): 96-117.

lugares como o Brasil e a Argentina deixavam mostrar até se transformar na ameaça de um nacionalismo político-ideológico, que se transmutaria em apoio a um governo socialista. E, por outro lado, havia no Brasil uma região extremamente miserável, que nesta leitura era um lugar privilegiado para que ocorresse a expansão de ideias comunistas no país. Quando se juntam as duas coisas, parecia óbvio que o governo americano precisava agir no sentido de mitigar esse nacionalismo ao mesmo tempo em que ajudasse a “desenvolver” essa região miserável que, ao contrário de outras partes do Brasil, ainda não havia passado pelo estágio de “decolagem”. É claro que, por mais que houvesse grupos que gostariam de usar o “potencial” revolucionário da região para promover uma revolta dos proletários, é difícil imaginar que, de fato, houvesse alguma consistência ideológica na grande miséria da vida diária das pessoas. Mesmo Francisco Julião, o organizador das Ligas Camponesas, logo foi considerado uma espécie de oportunista pela próprio Partido Comunista, quando se negou a subordinar-se à hierarquia deste partido; além do mais, cerca de 70% da população sequer sabia quem era Julião (LEACOCK, 1990). Em um artigo escrito para a revista *Look*, a 22 de novembro de 1960, Stevenson narra um evento que exemplifica bem o grau de consciência ideológica nas zonas mais pobres da América:

Os métodos comunistas de Castro têm revoltado as pessoas mais conscientes da América Latina, mas seus métodos conseguiram captar a imaginação das massas. Por muito tempo vou me lembrar da grande delegação de camponeses que vieram me ver em Bogotá. Humildes e pobres, fizeram discursos hesitantes, comoventes de agradecimento por minha visita, na esperança de melhores preços para o café e, inocentemente, concluíram com gritos de viva os Estados Unidos – e viva Castro! (STEVENSON, 1960).

Assim, parece que a leitura do perigo vermelho no Nordeste brasileiro foi mesmo exagerada. Entretanto, a miséria da região chamou a atenção da administração Kennedy ainda em seu início. Menos de um mês depois de sua posse, Kennedy já mandava para a América Latina seu assessor especial Arthur Schlesinger Jr. e o governador McGovern, que seria o coordenador do programa “*Food For Peace*”. No Brasil eles se encontraram tanto com Kubitscheck quanto com Quadros, que havia tomado posse também há pouco menos de um mês. Foram conhecer o trabalho da SUDENE em Recife, onde foram recebidos por Celso Furtado, que disse a ambos que um programa emergencial de alimentos não faria bem nenhum para a região e deu sua versão simplificada do que entendia como desenvolvimento: “desenvolvimento de verdade significa ter a possibilidade de ser feliz em seu trabalho”. Depois de ouvir e ver o que era a região Nordeste, Schlesinger escreve: “McGovern e eu ficamos ambos chocados com a magnitude do problema e impressionados com as medidas já tomadas

pelo Brasil. Nós trouxemos a causa do Nordeste de volta conosco para Washington” (SCHLESINGER, 1965, p.180-181).

Stevenson também, em seu relatório para o presidente Kennedy ao término da segunda viagem à América Latina, observa: “a agitação comunista no Nordeste brasileiro é cada vez mais vigorosa e perigosa”<sup>304</sup>. No relatório havia uma seção dedicada à influência da Revolução Cubana na América Latina sob o título “*Communist-Castro Influence*”. Stevenson informa a Kennedy que “o alinhamento de Cuba com o movimento comunista tornou o comunismo mais atraente, uma vez que agora ele tem a aparência de um movimento revolucionário genuinamente latino-americano”. E continua dizendo: “Há agora uma simpatia largamente difundida pelos objetivos anunciados da Revolução Cubana, incluindo a Reforma Agrária, educação popular, igualdade social, remoção da influência dos negócios estrangeiros e desafio ao Colosso Yankee”<sup>305</sup>. Essa leitura, de que o Nordeste brasileiro estava à beira de uma revolução comunista, era equivocada<sup>306</sup>. Assim, tão logo ficou claro que o perigo vermelho não era tão iminente assim, as políticas americanas voltadas para a região perderam o vigor e o apoio em setores do governo americano. Em uma escala pequena, o que aconteceu no Nordeste brasileiro é o que aconteceu com a Aliança para o Progresso na América Latina. Quando se compara o que foi prometido e empenhado para a Aliança em seu início, em 1961, com o que foi efetivamente desembolsado, em 1966, pode-se perceber isso. A tabela abaixo ajuda a ver melhor esta diferença.

---

<sup>304</sup> “Communist agitation in the Brazilian Northeast is increasingly vigorous and dangerous.” Report to the President On South American Mission, June 4-22, 1966. (JOHNSON, 1979, p. 76).

<sup>305</sup> *The alignment of Cuba with the Communist movement has greatly added to the appeal of Communism, since it can now take on the guise of an indigenous Latin American revolutionary movement. There is very wide-spread popular sympathy for the proclaimed goals of the Cuban revolution, including land reform, popular education, social equality, removal of foreign business influence, and defiance of the Yankee Colossus.* Report to the President On South American Mission, June 4-22, 1966. (JOHNSON, 1979, p.78).

<sup>306</sup> Isto não significa dizer que não houvesse uma situação política tumultuada na região. Joseph Page explora bem o assunto, principalmente por meio de figuras como Miguel Arraes e Francisco Julião, mas mostra que a complexa realidade nordestina era diferente de uma região prestes a estourar em revolução (PAGE, 1972).

## RECURSOS INTERNACIONAIS CONCEDIDOS À SUDENE

(ago/61 a jul/66)

### 1. Assistência Técnica e Financeira (Resumo)

<b>DISCRIMINAÇÃO</b>	<b>Recursos Prometidos*</b>	<b>Recursos Desembolsados*</b>
<b><u>Assistência Financeira</u></b>		
USAID	62.100	12.135
BID	29.740	10.392
TOTAL	91.840	22.527
<b><u>Assistência Técnica</u></b>		
USAID	7.431	6.977
CONTAP	----	----
TOTAL GERAL	99.271	29.504

\* Em milhões de dólares.

(Fonte: Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica. Comissão de Coordenação da Aliança para o Progresso. 1966, p.199)

A próxima tabela nos permite ver os números, por setores e por região, das verbas empenhadas em dólares pela USAID apenas. Pode-se ver que alguns setores utilizaram completamente a verba alocada (educação, abastecimento de água, agricultura e abastecimento, recursos naturais, planejamento e reforma administrativa e indústria). Entretanto, os setores com maiores verbas alocadas (transporte e energia) utilizaram um percentual muito abaixo do que estava planejado (cerca de 2% para transporte e 30% para energia, aproximadamente).

### **ASSISTÊNCIA FINANCEIRA USAID**

#### **A) SETORES**

<b>SETOR</b>	<b>COMPROMETIDOS*</b>	<b>DESEMBOLSADOS*</b>
Educação	1.200	1.200
Habitação	----	----
Saúde	----	----
Abastecimento de água	376	376

Energia	18.300	5.511
Transporte	40.186	2.654
Agricultura e Abastecimento	619	619
Recursos Naturais	1.048	1.048
Planejamento e Reformas Administrativas	470	470
Indústria	7.332	7.234
<b>TOTAL</b>	<b>69.531</b>	<b>19.112</b>

\* Em milhões de dólares.

(Fonte: Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica. Comissão de Coordenação da Aliança para o Progresso. 1966, p. 199)

Na próxima tabela, a que permite que se vejam os recursos alocados por Estado, duas coisas chamam a atenção. Primeiro, dois dos estados mais pobres da região, Piauí e Maranhão, têm muito pouca verba alocada e nenhuma verba utilizada. Segundo, a verba alocada para Pernambuco parece desproporcional quando comparada à que foi destinada aos outros estados da Região, como mostram os dados abaixo:

## **B) ESTADOS**

<b>ESTADO</b>	<b>COMPROMETIDO**</b>	<b>DESEMBOLSADO**</b>
Regional*	29.448	6.966
Maranhão	3.510	----
Piauí	8.900	----
Ceará	5.653	4.031
Rio Grande do Norte	3.390	966
Paraíba	1.903	403
Pernambuco	11.000	3.810
Alagoas	3.309	512
Sergipe	---	----
Bahia	2.418	2.419
Minas Gerais	---	---
<b>TOTAL</b>	<b>69.531</b>	<b>19.112</b>

\*Projetos cuja área abrange mais de um Estado.

\*\* Em milhões de dólares.

(Fonte: Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica. Comissão de Coordenação da Aliança para o Progresso. 1966, p.199)

Embora esses dados não permitam que se possa saber quando as verbas foram realmente desembolsadas, há de se chamar a atenção para o fato de que em Pernambuco havia uma variável muito importante – o perigo Arraes. Miguel Arraes passou a ser visto pelos americanos como a personagem mais perigosa nesta trama de sedição nordestina que era contada nos memorandos do Departamento de Estado (LEACOCK, 1985). Em um primeiro momento, a Aliança – e não só ela, como a CIA – usou fundos para tentar impedir a eleição de Arraes em Pernambuco. Entretanto, em 1963, Arraes foi eleito mesmo assim, o que serve como um ponto de partida para duas reflexões importantes. A primeira é a de que havia um limite para aquilo que o dinheiro americano poderia e não poderia fazer no que diz respeito à influência nas eleições brasileiras, limite bem menor, ao que tudo indica, ao que hoje é atribuído a aplicativos em redes sociais. A segunda é de que há aqui mais uma mostra da tese de que modernização é diferente de desenvolvimento. A Aliança tinha, sim, verbas para projetos de melhorias das condições no semi-árido, mas, como a modernização implicava uma remodelagem de toda a sociedade, e principalmente a partir da Crise dos Mísseis de Cuba, o governo americano teve de optar entre o que era o mais importante entre suas prioridades: desenvolver a estrutura ou “desenvolver” o sistema político. Foi aí então que, principalmente a partir da ascensão de Thomas Mann como assessor especial para a América Latina, ficou claro que a prioridade número um era vencer o comunismo, ou seja, investir no “desenvolvimento” do sistema político. Jeffrey Taffet explica como a ascensão de Johnson e de Mann também ajudam a rever as prioridades da Aliança:

Changes in Washington were also important in encouraging a closer relationship with the Dominican armed forces. As Johnson replaced Kennedy and Thomas Mann became assistant secretary of state for inter-American affairs, promoting stability became more important than democracy and reform. The Mann Doctrine maintained that moral judgments about particular governments were less important than practical considerations. (TAFFET, Kindle Edition, p. 134)

Mais uma vez, quase 60 anos depois de Canudos, o Nordeste brasileiro mostrava-se necessitado de um processo “modernizatório”. Volto aqui às anotações de Vargas Llosa já citadas anteriormente: “Os Cães de Canudos. Lenda Fantástica ou Feito Real: depois da guerra, os cães de Canudos, acostumados a comer carne humana (havia comido cerca de 20.000

cadáveres) se converteram em feras carnívoras, atacavam as pessoas vivas para comê-las”. Parece que os cães de Canudos são uma lenda fantástica. Mas os canhões Krupp do Governo Federal que dizimaram o arraial eram reais. Agora, o Nordeste brasileiro era o foco de uma revolução fidelista. O governo americano tentaria salvar o Nordeste e outras áreas similares na América Latina, flageladas pelo atraso, por meio de uma política modernizadora: a Aliança para o Progresso.

Há, contudo, uma outra questão. Esse erro de análise – de que o Nordeste brasileiro estava à beira de uma Revolução Socialista – leva a um outro erro de leitura, o da realidade social latino-americana. O memorando que Schlesinger escreveu e que foi lido por Stevenson antes de sua missão pela América do Sul tinha uma visão bastante equivocada da sociedade civil latino-americana dos anos 60. No memorando que é enviado a Kennedy, a 10 de março de 1961, 3 dias antes do lançamento da Aliança na Casa Branca, Schlesinger escreve logo na introdução: “anexado você encontrará um relatório sobre minha recente visita à América Latina. Porque se trata de um longo documento, resumirei seus principais pontos”<sup>307</sup>. Schlesinger resume então os pontos que entende serem os mais importantes para a leitura imediata de Kennedy:

O argumento é que a América Latina está irrevogavelmente comprometida com a busca pela modernização. Esse processo de modernização não pode ocorrer sem uma revisão drástica da estrutura agrária semi-feudal da sociedade que ainda prevalece em grande parte do subcontinente<sup>308</sup>.

Chamo a atenção para o fato de que aqui há um erro de leitura. O processo pelo qual a América Latina estava passando não era um processo de modernização, mas um processo “desenvolvimentista” que, como já discuti na seção anterior, trata-se de um processo diferente. Esse desenvolvimentismo latino-americano prescindia de mudanças estruturais, aliás, preferia que mudanças estruturais fossem evitadas. Para Schlesinger, uma revisão das estruturas era uma condição *sine qua non* do processo de modernização, que era, em sua leitura, um

---

<sup>307</sup> *Attached you will find a report on my recent visit to Latin America. Because it is a long document, I will herewith summarize its main points.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. pp.155.

<sup>308</sup> *The argument is that Latin America is irrevocably committed to the quest for modernization. This process of modernization cannot take place without a drastic revision of the semi-feudal agrarian structure of society which still prevails through much of the subcontinent.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. pp.155.

compromisso irrevogável da América Latina. Logo, a revisão das estruturas “semi-feudais” do continente eram também uma espécie de constatação histórica; aconteceria de uma forma ou de outra. Aliás, Schlesinger até mesmo explica quais são as duas formas pelas quais essa revisão das estruturas iria ocorrer: “Essa revisão pode acontecer de duas maneiras – por meio de uma revolução da classe média ou por meio de uma revolução de ‘operários e camponeses’ (isto é, comunista ou peronista)”<sup>309</sup>. Mais uma leitura errada. As reformas “estruturais” do desenvolvimentismo latino-americano ocorreriam por meio da elite político-econômica que se beneficiava dessa estrutura. “Façamos a revolução antes que o povo a faça” é a frase atribuída a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e sintetiza bem o pensamento deste tipo de “modernização”. A “terceira via” latino-americana não era a social democracia, mas a revolução dos privilegiados. Entretanto, o memorando de Schlesinger contém outros erros de “tradução” de leitura da realidade brasileira. Schlesinger argumentava que a elite latino-americana era incapaz de perceber a gravidade do momento que vivia e que, por isso, era papel dos Estados Unidos fomentar essa revolução das classes médias, que era o antídoto à revolução proletária (assim como a teoria da modernização de Rostow se propunha a ser o antídoto ao materialismo histórico de Marx). Desta forma, Schlesinger escreve em sua síntese: “Obviamente, é do interesse dos EUA promover a revolução da classe média. Infelizmente, a oligarquia agrária da América Latina não entende a gravidade de sua própria situação”. A elite agrária latino-americana entendia muito bem a sua situação, bem como todas as variáveis que a lógica da Guerra Fria adicionava a essa situação. Eram os americanos, na verdade, que entendiam pouco a elite latino-americana, fosse ela agrária ou não. Finalizando sua síntese à Kennedy, Schlesinger explica então que o memorando sintetiza as medidas que os Estados Unidos devem tomar para catalisar essa revolução da classe média latino-americana. E que medidas eram essas?

Schlesinger estrutura o documento em duas grandes partes. Na primeira parte, intitulada “a atual crise na América Latina”, ele novamente expõe sua tese de que a grande questão da América Latina é a modernização premente e de que tal modernização implicará a ruptura com a estrutura semi-feudal existente no hemisfério. O grande obstáculo às mudanças nessa estrutura “retrógrada” são as elites que se beneficiam dela. Enquanto a estrutura subsistir, existirá também aquilo que ele chamou, parafraseando o historiador colombiano German

---

<sup>309</sup> *That revision can come about in two ways — through a middle-class revolution or through a “workers-and-peasants” (i.e., Communist or Peronista).* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. pp.155.

Arciegas, “as duas Américas”, a visível e a invisível. A invisível é formada pela massa camponesa, quase sempre indígena (ou negra, no Brasil), pobre, iletrada, alijada de acesso aos mais elementares aparelhos e bens públicos. A forma de fazer com que essa massa invisível passe a existir no universo visível latino-americano é por meio da modernização, que permitirá o controle político da classe média e também o acesso dos mais pobres até a classe média. “O meio mais favorável do ponto de vista dos EUA seria a revolução da classe média”, escreve Schlesinger, que continua dizendo: “os processos de modernização econômica levam a nova classe média urbana ao poder e produzem, junto com ela, as necessidades da sociedade técnica moderna como governo constitucional, administração pública honesta, um sistema partidário responsável, um sistema de terras racional, um sistema eficiente de tributação, educação de massa, mobilidade social, etc.”<sup>310</sup>. Em seguida, Schlesinger explica que essa revolução aconteceria por meio da mistura de inovações tecnológicas, ação da iniciativa privada e alguma doutrina estatizante: “Essas revoluções da classe média surgem tipicamente de uma combinação de mudança tecnológica, iniciativa empreendedora (frequentemente deflagrada pelo capital estrangeiro) e doutrina estatista”. Schlesinger afirma que tal revolução vem acompanhada também de alguma retórica nacionalista “enganosa e lúgubre” de variados espectros ideológicos. Em seguida, comenta alguns casos latino-americanos que já iniciaram sua revolução da classe média e alguns países que parecem estar prestes a iniciá-la:

Eles variam ao longo do espectro ideológico do Brasil de Kubitschek, onde os laços da antiga sociedade agrária foram estourados pelo ímpeto de crescimento econômico, à Revolução Mexicana de 1910, onde o Estado rompeu os laços sob a bandeira da extrema revolucionária de frases feitas. Betancourt está atualmente tentando realizar uma revolução da classe média em Venezuela; Haya de la Torre tem uma em mente para o Peru se ele puder vencer a eleição em 1962.<sup>311</sup>

---

<sup>310</sup> *The most favorable means from the US viewpoint would be the middle-class revolution where the processes of economic modernization carry the new urban middle class into power and produce, along with it, such necessities of modern technical society as constitutional government, honest public administration, a responsible party system, a rational land system, an efficient system of taxation, mass education, social mobility, etc.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.159.

<sup>311</sup> *These middle-class revolutions arise typically out of a combination of technological change, entrepreneurial initiative (often set off by foreign capital) and statist doctrine. They are often accompanied by deceptively lurid nationalist-populist rhetoric. They range along the ideological spectrum from the Brazil of Kubitschek, where the bonds of the old agrarian society were burst by the sheer momentum of economic growth, to the Mexican Revolution of 1910, where the state broke the bonds under the banner of extreme revolutionary sloganeering. Betancourt is currently trying to carry out a middle-class revolution in Venezuela; Haya de la Torre has one in mind for Peru if he can win the election in 1962.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.159-160.

A palavra final sobre a situação na América Latina no memorando de Schlesinger é que os Estados Unidos precisam fazer urgentemente a revolução da classe média na América Latina. Se as elites latino-americanas impedirem essa revolução, tornarão inevitável a outra: a dos proletários. Simplificando, se as elites inviabilizarem os Betancourt, viabilizarão os Castros<sup>312</sup>. Bom, a partir da constatação de que nem Betancourts nem Castros surgiram na América Latina nos próximos 10 anos, mas sim Médicis, Pinochets e afins, pode-se perceber que tal leitura da realidade social latino-americana era equivocada. Schlesinger entendeu a classe média como uma classe homogênea mundialmente, entendeu que as aspirações e os comportamentos da classe média americana eram e seriam iguais aos de uma classe média latino-americana. Entretanto, esse não era o caso.

Na segunda parte de seu memorando, Schlesinger explica porque os Estados Unidos precisariam agir com rapidez naquele momento. Segundo o historiador, existiam três razões que exigiam a rapidez de ação dos Estados Unidos: 1) a população tem crescido em ritmos maiores do que a produção, ou seja, a luta pelo desenvolvimento está sendo perdida; 2) os soviéticos, unidos aos cubanos, têm se aproveitado da situação e há, pela primeira vez, uma competição de verdade no hemisfério; 3) os partidos que querem promover a revolução da classe média têm perdido terreno frente às elites agrárias; 4) desde o discurso do presidente Kennedy a América Latina aguarda, com expectativa, uma ação de Washington. A partir desse ponto, Schlesinger explica como os Estados Unidos podem ajudar a catalisar essa revolução. Ele dividiu os esforços que os Estados Unidos podem fazer em três campos: o político, o econômico e o social.

Com relação ao campo político, ele afirma:

Aqui, o ponto principal é bem familiar – deixar absolutamente claro que consideramos as ditaduras e a supressão dos direitos como incompatíveis com os princípios do hemisfério. Não podemos começar uma cruzada antiditadura e, sem dúvida, continuaremos a ter relações de curto prazo com ditadores; mas ninguém no hemisfério deveria estar sob a ilusão de como os EUA se sentem em relação às ditaduras a longo prazo<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup> *The pressing need in Latin America is to promote the middle-class revolution as speedily as possible. The corollary is that, if the possessing classes of Latin America make the middle-class revolution impossible, they will make a “workers-and-peasants” revolution inevitable; that is, if they destroy a Betancourt, they will guarantee a Castro or a Peron.* “Memorandum from the President’s Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.160.

<sup>313</sup> *Here the main thing is familiar enough—to make it absolutely clear that we regard dictatorship and the suppression of popular rights as ultimately incompatible with the principles of the hemisphere. We can’t start off on an anti-dictatorship crusade, and no doubt we will continue to have short-run dealings with dictators; but no one in the hemisphere should be under any illusion how the US feels about dictatorships in the long run.* Memorandum from the President’s Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy. Office of the Historian,

Interessante que, haja vista o erro inicial de leitura, esse ponto, o principal e bem familiar, será logo abandonado pelos Estados Unidos, que passarão a apoiar as ditaduras desde que essas ajudem a manter a estabilidade política. No que diz respeito à economia, a receita também é clara: “Aqui devemos colocar nossa ênfase principal no desenvolvimento. Isso pode não parecer algo exatamente novo; mas para vários países latino-americanos, isso representará uma mudança radical na política dos EUA”<sup>314</sup>. Ele vai refinar o tema, argumentando que desenvolvimento não é apenas industrialização, mas que deve vir acompanhado de várias medidas, principalmente para que disparidades regionais não fossem alargadas. A industrialização não poderia acontecer, por exemplo, ao custo do abandono da agricultura. Uma política racional de preços das *commodities* teria de ser adotada para evitar grandes perdas no setor.

A questão da estrutura agrária parece ser mesmo central para ele, e isso certamente está relacionado com o fato de ser no campo o lugar em que os americanos enxergavam o maior perigo revolucionário. Isto é, eles estavam menos preocupados com o exemplo soviético e mais preocupados com o modelo chinês, em que Mao faz a revolução do campo para a cidade, e não vice-versa. O sistema de posse e taxaço de terras na América Latina é, na visão de Schlesinger, o maior obstáculo à modernização da região. Segundo ele,

Em grande parte da América Latina, o sistema de posse de terras existente, como vimos, é a barreira principal contra a modernização da sociedade. Com efeito, o sistema fundiário aprisiona grande parte da população, impedindo a participação efetiva na vida econômica ou política da nação. Por gerações, as pessoas aceitaram essa condição como se fosse uma lei da natureza. Agora, números crescentes se recusam a aguentar esta situação. No Peru, os índios estão se mudando para as grandes propriedades e ocupando as terras. No Nordeste do Brasil, as Ligas Camponesas de Francisco Julião estão mobilizando os camponeses e instando-os a afirmar seus “direitos”. No Brasil, Venezuela, Peru e outros países, as pessoas estão migrando do campo para as chocantes favelas que já existem no Rio, Caracas e Lima e que prometem tornar-se centros extremamente perigosos de agitação política<sup>315</sup>.

---

Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII**. iBooks. p.167.

<sup>314</sup>Here we must place our main emphasis on development. This may not sound like a new departure; but for several Latin American countries, it will represent a radical change in US policy. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII**. iBooks. p.167.

<sup>315</sup> *Through much of Latin America, the existing land system, as we have seen, is a main barrier against the modernization of society. In effect, the land system imprisons a large part of the population, cutting it off from effective participation in the economic or political life of the nation. For generations, people accepted this condition as a law of nature. Now increasing numbers refuse to take it any longer. In Peru the Indians are moving onto the large estates and squatting on land sites. In northeast Brazil the Ligas Camponesas of Francisco Julião are mobilizing the peasants and urging them to assert their “rights.” In Brazil, Venezuela, Peru and other countries, people are flocking out of the country into the shocking shanty-towns which already ring Rio, Caracas and Lima and which promise to become extremely dangerous centers of political unrest.* “Memorandum from the

Até mesmo por isso a reforma agrária, bem como a concepção de um sistema racional de taxaço de terras figurarão entre os objetivos da Aliança. Não se tratava de lutar por uma distribuição de terras para a melhoria de vida dos camponeses *per se*, mas sim porque a instabilidade social era um problema de política internacional para o governo americano, na medida em que se considerava que esses locais eram nascedouros de ideologia comunista. A partir do momento em que o governo americano identifica que tal perigo não mais existe, que a ameaça comunista na América Latina não é mais tão grande, que já não há mais um minuto para a meia-noite no hemisfério, tais questões são deixadas a cargo das elites locais, que saberão bem tratar deles a seu modo. As favelas não serão perigosos centros de agitação política na forma como Schlesinger tinha pensado, mas passarão a ser perigosos centros em que a estabilidade social passa pelo controle de um Estado paralelo que nada tem a ver com a lógica da Guerra Fria que preocupava Schlesinger.

No último aspecto, por fim, Schlesinger comenta a extrema necessidade de incremento nos bens básicos, saúde, transporte público: “no Brasil, me dizem, há menos quilômetros asfaltados do que em Vermont”, comenta ele. Mas, sem dúvidas, a necessidade número um, como já havia ficado claro em outros documentos, era a educação:

O mais importante de tudo é a educação. Atualmente (apesar de países como Costa Rica, Uruguai e Argentina), a América Latina permanece 40% analfabeta. Metade das crianças em idade escolar nunca chega à escola; dos que desistem, metade desistem no final do primeiro ano. Apenas cerca de 5 por cento completam a escola primária. As instituições de ensino superior são prejudicadas por uma tradição de organização universitária que dá controle excessivo aos estudantes e depende em grande parte de um corpo docente de meio período. Dos alunos que chegam às universidades, muitos se tornam advogados e contadores; muito poucos se tornam engenheiros, cientistas, agrônomos, metalúrgicos, veterinários. A condição de educação técnica é extremamente baixa em todo o continente. A economia da Argentina, por exemplo, foi organizada por gerações em torno do gado; mas suas universidades não oferecem graduação em pecuária. Administração pública, administração de empresas, engenharia industrial – tudo é virtualmente desconhecido. Obviamente, a modernização exige um novo desenvolvimento maciço com a ajuda do sistema educacional latino-americano pelos EUA e pela OEA, não apenas porque a alfabetização é indispensável para uma sociedade de classe média, mas porque o pessoal técnico treinado é indispensável para um rápido crescimento econômico<sup>316</sup>.

---

President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.174.

<sup>316</sup> *Most important of all is education. At present (despite such countries as Costa Rica, Uruguay and Argentina), Latin America remains 40 percent illiterate. Half of the children of school age never get to school; of those who do, half drop out at the end of the first year. Only about 5 percent complete primary school. The institutions of higher education are handicapped by a tradition of university organization which gives excessive control to the students and depends to a considerable degree on a part-time faculty. Of those students who do get to the universities, too many become lawyers and accountants; too few become engineers, scientists, agronomists,*

Ao se comparar as questões elencadas por Schlesinger com as metas da Aliança para o Progresso, encontra-se uma concordância de ideias. Mas não só isso, se compararmos ambos com o Pacto de Bogotá, documento que emergiu da reunião da OEA, em 1960, já se encontra a preocupação em promover uma distribuição mais equitativa da terra, a vontade de criação de instituições de crédito agrícola, a preocupação com as melhorias na produtividade agrícola, a necessidade de reforma dos sistemas tributários, a criação de programas habitacionais urbanos e o desejo de desenvolvimento de sistemas educacionais mais fortes e de uma extensão dos serviços de saúde para todos (TAFFET, Kindle Edition, p.19). Em todo caso, por mais que tais necessidades fossem expressas em diversos momentos, o que se via na prática era o que já foi mostrado aqui em relação ao programa de metas de JK, por exemplo, em que a educação, mesmo sendo uma das 5 metas básicas, acabou consumindo menos de 2% da verba total empregada.

Assim, ainda que, em alguns pontos, a análise de Schlesinger fosse acertada, de fato existia uma estrutura agrária opressora, havia uma necessidade premente de uma revolução educacional, sua leitura básica da sociedade latino-americana – desde o desconhecimento da elite local sobre suas condições até uma classe média desejosa de uma revolução liberal, passando por camponeses que, oprimidos, voltar-se-iam para o marxismo em busca de uma resposta – estava completamente equivocada. A elite latino-americana sabia bem de sua situação. Emília Viotti da Costa (2007) explica como o liberalismo brasileiro era defendido não por uma classe média, mas pelas elites rurais desejosas de um comércio mais livre para si, diferenciando-se assim da europeia e, por que não, da americana. As massas camponesas, longe de serem Maos e Fidéis em potencial, estavam mais próximas de um Fabiano de Graciliano Ramos, a quem dava muita raiva organizar o mundo interno por meio de um pensamento, frente a um mundo externo tão duro, tão árido. Che Guevara, que acreditara no potencial revolucionário dos camponeses bolivianos, iria se deparar também com essa realidade ao

---

*metallurgists, veterinarians. The condition of technical education is abysmally low throughout the continent. Argentina's economy, for example, has been organized for generations around livestock; but its universities offer no degrees in animal husbandry. Public administration, business administration, industrial engineering—all are virtually unknown. Obviously modernization requires a massive redevelopment with US and OAS help of the Latin American educational system, not only because literacy is indispensable to a middle-class society, but because trained technical personnel are indispensable to rapid economic growth.* “Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to President Kennedy”. Office of the Historian, Bureau of Public Affairs, United States Department of State. “American Republics. **Foreign Relations of the United States, 1961–1963, Volume XII.** iBooks. p.178-179.

perceber, em seu fim, que estava cercado de apenas mais 16 soldados-camponeses para fazer a revolução<sup>317</sup>.

## 6.6 Conclusão

Quando os americanos tentam implementar a teoria da modernização na América Latina, uma política espelhada em seus valores internos, acontece aquilo que considerarei como erros de tradução. Esses valores não eram os cultivados pela classe dominante do hemisfério, a qual era cooptada pelos americanos para implantar as ideias da modernização. As instituições latino-americanas tinham outras formações históricas e a sua classe dirigente, outros objetivos. O descompasso entre o plano de metas de JK e as expectativas americanas sobre a carta de Punta del Este mostram isso. Chego, assim, a uma conclusão diferente da de Jessé Souza, para quem

a elaboração de nosso culturalismo racista invertido, contra nós mesmos, foi realizada por mãos nativas e antes mesmo da coqueluche mundial do paradigma culturalista racista da teoria da modernização. Somos, por assim dizer, escravos tão subservientes que antecipamos os desejos do nosso senhor antes mesmo que ele os tenha expressado (SOUZA, 2017, p. 27).

Pelo que pude concluir, a posição dos intelectuais e políticos latino-americanos não era tão passiva e subserviente quanto Jessé de Souza sugere. A relação era muito mais dialógica e o poder menos hierárquico do que o texto dele faz supor. Onde ele identifica a “antecipação do desejo do senhor”, eu vejo a constatação de que aqui já existia um projeto de modernidade em curso. É por isso que optei pelo termo “modernidade fantástica” para falar desse tipo de modernidade, modernização e modernismo experimentado na América Latina. Poderia ter emprestado, por exemplo, o termo cunhado por Nicola Miller (1999), em seu estudo sobre os intelectuais e seu papel na busca pela identidade na América hispânica, a qual trata de uma “modernidade periférica”; mas aqui novamente enxergo o problema de se perceber a América Latina como sempre reativa e subordinada à Europa ou aos Estados Unidos, afinal os *periecos*, de onde o termo “periferia” deriva, eram aqueles que viviam no limite da cidade-estado, já fora dela, de seus perímetros, longe do centro de decisão e poder. Eram os estrangeiros em Esparta.

No centro desse descompasso, estavam expressões como modernização, modernismo, desenvolvimento e crescimento econômico. Tais conceitos têm definições muito claras no mundo das ideias. Na crítica que faz ao livro de Berman (1988) e que foi citada na introdução,

---

<sup>317</sup>Toro, Juan “El Hombre que Mató al Che”. Disponível em: <http://www.elmundo.es/cronica/2014/11/23/54704b50268e3eaf7e8b456c.html>.

Perry Anderson argumenta que um dos problemas do texto de Berman é exatamente o de não diferenciar as experiências de modernismo e colocá-las todas em uma única análise, unificadas e uniformizadas. O que Berman, Miller e Souza têm em comum é o fato de entenderem os fatos sempre a partir da Europa/Estados Unidos, a partir deste “centro”. O que procurei evidenciar é que, na dinâmica de uma Guerra Fria global, a América Latina inseria-se não a partir de uma “tábula rasa”, mas, é claro, a partir de sua experiência histórica e cultural. E ela era um ponto importante dessa nova fase da Guerra Fria. Podia, é certo, estar na periferia daquilo que era entendido como as prioridades externas dos Estados Unidos, mas isto não implica dizer que sua experiência cultural seja periférica, ou subordinada.

Tony Judt (2008) mostra como essa parte do continente americano foi negligenciada tanto pelos Estados Unidos, que custaram a perceber que os soviéticos viam na região um ponto fulcral para a vitória no conflito, como pelos historiadores americanos da Guerra Fria. Quando Judt critica Gaddis, o mais célebre deles, enfatiza como todo o aspecto cultural da Guerra Fria é negligenciado por ele: “*This is a pity, because an account of the cold war that was more sensitive to national variations might have picked up the cultural aspects of the confrontation to which Gaddis’s history is completely indifferent*” (JUDT, 2008, p. 377)<sup>318</sup>. Esse pouco prestar atenção às variações nacionais parecem ser o ponto fundamental para o colapso da Aliança para o Progresso, bem como também para a falha na análise por parte da historiografia desse colapso.

Por mais que se pesquisem arquivos variados, enquanto as explicações não levarem em conta que a Guerra Fria se deu em um tabuleiro com atores variados, algo ficará faltando. Assim, considerar os esforços tardios em ganhar a América Latina como uma “aliança tardia” parece-me ser também um erro, porque, assim, continua-se a analisar o que foi a Aliança para o Progresso apenas do ponto de vista dos Estados Unidos. Ora, a Aliança foi uma política para a América Latina e negligenciar como os latino-americanos a enxergavam, ou como eles percebiam as políticas dos últimos anos de Eisenhower, parece-me persistir no erro de se pensar uma Guerra Fria sem se atentar para as nuances regionais.

Nesta capítulo tentei evidenciar também que não só os latino-americanos não enxergavam muitas coincidências entre as políticas de Eisenhower e de Kennedy, como também que as políticas de Kennedy eram percebidas de maneiras diferentes por grupos distintos. Essa dificuldade na tradução daquilo que se pensava como desenvolvimento e modernização mostrou-se como um problema fundamental para que a Aliança pudesse existir.

---

<sup>318</sup> Refiro-me aqui à crítica de Tony Judt a Gaddis em: “Whose Story is It? The Cold War in retrospect” *In: Reappraisals: Reflections on The Forgotten Twentieth Century*.

Negligenciando toda uma experiência histórica de modernidade na região, o Departamento de Estado e a Casa Branca tentaram impor uma forma de modernização que pressupunha o remodelamento de instituições que eram basilares para a perpetuação da elite latino-americana que apoiava os americanos. Arno Mayer, em célebre estudo<sup>319</sup>, fala da persistência de características do Antigo Regime mesmo na Europa, às vésperas da Primeira Guerra, pois, da mesma forma, há a persistência de características da sociedade colonial na América Latina que experimenta a modernização da Guerra Fria, e isso o Departamento de Estado teve dificuldades em perceber.

Outro aspecto relevante que este capítulo permitiu-me deslindar, foi a ação de Adlai Stevenson como um emissário oficial do governo americano. Quando comparei as duas viagens de Stevenson, uma privada e outra como embaixador americano na ONU, o que percebi foi pouca diferença na forma como ele foi tratado pelos governos locais. Talvez porque as viagens tenham acontecido muito próximas uma da outra e porque, quando veio à América do Sul, mesmo como cidadão privado, Stevenson ainda era visto por muitos como potencial candidato americano para uma terceira tentativa à presidência. O fato é que, a partir deste estudo, o que me foi possível concluir é que a diplomacia feita por alguém como Stevenson é eficaz mesmo que essa pessoa não esteja ocupando um cargo oficial. Mas eficaz em que sentido?

Na primeira viagem, a privada, Stevenson conseguiu ajudar a fechar negócios para a *Britannica*, que teve sua primeira edição em português naquele momento. Sua missão era “conhecer” melhor a América do Sul e ele teve encontros de alto nível com ministros e presidentes, da mesma forma como aconteceu na segunda viagem. Até onde pude constatar, Stevenson emprestava sua *persona* pública à empresa, mas não usava o governo para ganhar vantagens pessoais para si. Na segunda viagem, essa oficial, Stevenson se mantém focado nas conversas em torno de Castro e da Aliança. Nessa viagem o objetivo era sondar os espíritos para a reunião de Punta del Este pós-Baía dos Porcos. Novamente encontros de alto nível foram travados, os recados do presidente Kennedy foram passados e posteriormente um relatório foi produzido. O relatório era mais do que uma mera transcrição de eventos e mais uma análise de Stevenson, como se pode perceber com a questão do Nordeste, quando o ministro Arinos disse a Stevenson que não se tratava de um problema para grandes preocupações, mas que ele descreve em seu relatório como um possível ponto de inquietação marxista.

---

<sup>319</sup> Refiro-me aqui ao livro “A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)”. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Por fim, o relatório de Schlesinger e outros documentos oficiais permitem ver que, por meio de uma leitura equivocada da sociedade latino-americana, os norte-americanos acreditavam que uma revolução das esperanças crescentes era iminente entre a classe média da região. Mas a classe média latino-americana mostrou-se conservadora e, na realidade, temia mudanças que, na sua leitura de mundo, pudessem aproximar os mais pobres de si. A sovietação, com sua planificação social, assustava mais a classe média latino-americana do que ao Pentágono. A homogeneização social, que para Celso Furtado era o que definia o desenvolvimento, era também o grande medo dessa classe média. E quem era, afinal, essa classe média? Parker e Walker mostram que, na América Latina, essa é uma categoria muito fluida e com grandes diferenças entre um país e outro:

In thinking about the relationship between everyday middle-class lives and “the middle class” as a historical force, we should not be surprised that Chilean businessmen or Peruvian bank employees often behaved in ways that confounded expert conceptions of how a middle class should behave (PARKER & WALKER, Kindle Edition, p.3-4).

Os teóricos da Aliança pensavam que essa classe média seria a promotora das reformas institucionais democráticas que os ideais de Aliança pregavam (mas que não se transformaram em prática), acreditavam que a Aliança para o Progresso poderia resolver a diferença que havia entre a presumida vontade de mudança da classe média e a presumida inclinação das massas por uma revolução de esquerda<sup>320</sup>, mas, na realidade, em lugares como o Brasil, a classe média foi ou uma massa indiferente ou uma massa a pedir a ponta das baionetas e as solas das botas sobre si. As massas populares, as mesmas que gritaram “viva Kennedy, viva Castro”, precisavam se preocupar, antes de tudo, em comer no dia seguinte e viver além dos quarenta e cinco anos. Clausewitz (2003) explica que, em uma guerra, uma nação é vitoriosa quando consegue impor sua vontade sobre outra. O confronto armado é só uma forma de se impor sua vontade. Há outras. No caso da teoria de modernização na América Latina, a princípio se pode dizer que os Estados Unidos conseguiram vencer a guerra, na medida em que conseguiram fazer com que sua maior vontade, o não alastramento das ideias comunistas, prevalecesse. Entretanto, por uma série de erros de leitura da realidade latino-americana – erros de tradução –, essa vitória não se deu exatamente na forma como era imaginada, mas sim na forma como as elites locais determinaram. Muito se comenta recentemente, por exemplo, da participação

---

<sup>320</sup> Bureau of Intelligence and Research, “Latin American Political Stability and the Alliance for Progress”, 17 de janeiro de 1962, FRUS 1961-1963, VOL. XV.

americana no golpe civil-militar de 1964, mas quando se observa esse golpe dentro do contexto maior dos planos de modernização dos americanos para o continente, percebe-se que ele não era o plano número um da administração Kennedy, mas certamente já era o plano um de setores como a UDN desde a morte de Vargas. Então uma pergunta se evidencia: por que a modernização não trouxe democracia?

Samuel Huntington, em 1968, explicava que a teoria da modernização era equivocada porque as esperanças crescentes não eram satisfeitas pelas instituições, que se aprimoravam em um ritmo muito mais lento. Por isso, de acordo com ele, as sociedades “em modernização” eram tão instáveis e outras, as “modernizadas”, eram estáveis (HUNTINGTON, 1968).

Fukuyama chama atenção para o erro de Huntington em creditar à modernização a causa da instabilidade quando essa parece estar na diferença entre os mais pobres e os mais ricos. No entanto, ele também ressalta o acerto de Huntington, ao entender que a modernização não era uma palavra mágica que poderia, por meio do crescimento econômico, resolver todos os problemas da sociedade. De fato, há, para Fukuyama, um descompasso entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento das instituições, e são essas as instituições que garantem um regime democrático sólido (FUKUYAMA, Kindle Edition, p.1282).

Os golpes na América Latina foram apoiados pelos norte-americanos sim, mas não porque isso era o plano, mas sim porque o plano não funcionou exatamente como era para ter sido. Ironicamente, a “Revolução das Esperanças Crescentes” desmanchou-se no ar, à medida que os americanos iam se desencantando com o plano de modernização e iam se dobrando à ideia, longamente acalentada pelas elites locais latino-americanas, de que só o exército verdadeiramente era, na América Latina, força efetivamente modernizante. No Brasil, já havia sido assim em 1889, em 1930 e agora – por que não? – em 1964.

Outro ponto a se considerar é que, quando a teoria da modernização é implementada na América Latina já existe ali uma longa e rica experiência de modernidade e modernização. É com toda essa memória histórica de modernidade que o latino-americano se encontra com a teoria da modernização em meados dos anos 50. Então, por mais que isso não seja explicitado, há, por um lado, uma certa desconfiança da modernidade inacabada, da modernização da república cafeeira, que aboliu escravidão, mas não privilégios e discriminações, das modernizações higiênicas que abriam *boulevards* e desabrigavam gentes, onde os cortiços não podiam mais existir à vista de todos, mas existiam ali, em cima das favelas, formadas pelos soldados modernos que foram lutar contra os bárbaros sertanejos e viram-se, eles mesmos, embrutecidos pela modernidade. Canclini chamará essa modernidade de híbrida, um tipo de

modernização que acontece na América Latina, uma modernização nascida, como já disse, da tensão entre o moderno e o nacional.

A América Latina tinha assim, já à época da implementação da Aliança para o Progresso e dos pressupostos da teoria da modernização no continente, suas próprias teorias de desenvolvimentismo e também suas críticas ao conceito de desenvolvimento.

Falo aqui de Paulo Freire e sua pedagogia do oprimido, a própria Teoria da Libertação, Fals Borda e, é claro, a Teoria da Dependência. Esta última a que teve o maior alcance (maior fora do Brasil do que no Brasil, como ressalta Fernando Henrique Cardoso em entrevista ao CPDOC). A teoria surge no início dos anos 60 como tentativa de aprofundar o debate da CEPAL sobre centro e periferia. A partir da ideia de deterioração dos elementos de troca para as *commodities* de Prebisch, o pensamento cepalino argumentava que havia uma relação assimétrica crescente entre centro e periferia que deveria ser solucionada pelo desenvolvimento industrial. Celso Furtado vai, a partir da ideia de Prebisch, formular uma teoria do subdesenvolvimento. Para ele, esta teoria “cuida dos processos sociais em que aumentos de produtividade e assimilação de novas técnicas não conduzem à homogeneização social, ainda que causem a elevação do nível de vida médio da população” (FURTADO, 2016, p. 7). Isto é, o desenvolvimento é estrutural e implica não somente crescimento econômico, mas também homogeneização social; quando isto não ocorre, ainda que haja elevação de vida média da população, o que se tem é subdesenvolvimento.

Muito embora a teoria de Furtado também lide com sociedades subdesenvolvidas, diferentemente da teoria da modernização, Furtado não verá o subdesenvolvimento como etapa para o desenvolvimento. Para ele, na realidade, o subdesenvolvimento é uma espécie de desvio, de má formação no processo de desenvolvimento de uma nação.

A teoria da dependência, principalmente na sua versão exposta por Enzo Faletto e Fernando Henrique, fazia uma crítica histórico-estrutural a esta versão que eles consideravam “mecanicista” da CEPAL. Para os autores, havia, sim, centro e periferia, mas havia uma formação histórica das periferias que resultavam em ‘estruturas’ de periferias diferentes. Assim, havia também várias formas de ligação entre centro e periferia(s), periferias formadas por enclaves, periferias de industrialização nacional, periferias que começam a se ‘mundializar’ e há interesse em se desenvolver o mercado interno desta periferia. Não só isso, a teoria apresentava também uma crítica aos marxistas, que defendiam que só haveria desenvolvimento na periferia por meio de uma revolução marxista. Os autores discordam dessa ideia e defendem que pode haver desenvolvimento na periferia dentro da lógica do sistema capitalista.

Mas para além de suas memórias de modernização, de suas críticas às teorias do desenvolvimento, a América Latina tinha, também é claro, seus nacionalismos. Na América Latina, a prática e a teoria dos desenvolvimentistas – e, como mostrei, havia desenvolvimentistas de todas as espectros ideológicos – já existiam antes mesmo da teoria da modernização ter sido sistematizada nos Estados Unidos. Quando a teoria da modernização chega à América Latina, estabelece-se uma real tensão entre os preceitos do desenvolvimentismo nacional e os preceitos da teoria da modernização, mesmo que em ambos os casos o objetivo fosse o mesmo. Sikkink (1991) observa que

although there are similarities between some aspects of modernization theory and developmentalism, the linkages have been overemphasized. Most modernization theory did not share the intense emphasis on heavy industry and indicative planning that was central to developmentalism (1991, p.13).

Albert Hirschman (1971) fala também de uma tensão nascida do fato de que, no mundo ocidental, as ideologias – como o nacionalismo – estavam perdendo forças, mas na América Latina elas ainda gozavam de todo seu vigor. Para Hirschman, por vezes, as falhas dos analistas americanos estavam em não entender esse fato. Ele escreve:

With increasing frequency, we are told these days that in the West ideology is dead, that ‘the old passions are exhausted,’ though great ideological issues were to be decided (...) If this is so, then we are seriously out of phase with the mood prevailing in Latin America. For, there, ideologies are in their accustomed roles, holding men in the grip, pushing them into actions that have important effects, both positive and negative, on economic growth. Part of the mutual difficulties between Latin America and the United States may derive from this disparity. Given our present distaste for ideology, we are unwilling to grant that certain convictions which may seem naïve to us can be held with the utmost sincerity and intensity. We are unable to understand that certain prepositions which we feel have long turned into half-truths are essential ingredients of the intellectual atmosphere elsewhere. (HIRSCHMAN, 1971, p. 305).

Assim, é nesse cenário de uma realidade político-ideológica bastante complexa que as políticas americanas ligadas à ideia da teoria da modernização vão ser implementadas. Parece-me que uma leitura errada dessa realidade é um dos principais motivos de sua falha. Havia, ao que tudo indica, ainda um incipiente conhecimento das realidades políticas e culturais de lado a lado. Stevenson parece ter identificado isso em sua viagem. Em seu artigo para a Revista *Look*, a 22 de novembro de 1960, ele relata:

Acredito que devemos atrair as mentes e os corações dos latino-americanos com a ideia de que esses mesmos objetivos econômicos e sociais podem ser alcançados dentro do sistema livre e democrático - por ação concertada, sua e nossa, para mobilizar plenamente a iniciativa privada. Mas primeiro a lacuna nas comunicações entre nossos continentes deve ser fechada. Temos poucas informações um sobre o outro, e muita informação errada. Por um mês, durante minhas viagens, nunca vi um

jornalista americano. Em nenhum momento encontrei uma biografia de um único volume de Lincoln em espanhol. No entanto, os russos e os chineses estão inundando todos os países com livros e até mesmo enviando suas revistas por via aérea<sup>321</sup> (JOHNSON, 1977, p. 444-445).

Essa lacuna cultural já estava sendo um foco dos esforços americanos no continente, e não só nele<sup>322</sup>. Em conversa com o chefe da USIA<sup>323</sup> no Brasil, durante a viagem de Stevenson, William Benton recebe um panorama da atuação da agência no país. Ao final, Benton produz um relatório com o resumo da conversa. De acordo com ele, o chefe da USIA explicou que há os objetivos de curto alcance – os informacionais – e os objetivos de longo alcance – os culturais. A iniciativa mais efetiva no Brasil são os centros binacionais de cultura. Existem 15 no Brasil. No centro de São Paulo, há 6.000 estudantes aprendendo inglês. A cada ano, o centro envia cerca de 35 ou 40 “paulistas” para os Estados Unidos. Dos Estados Unidos o centro recebe estudantes e professores Fulbright. A tradução de livros é de vital importância para os esforços da agência, mas ainda há muito que se fazer nesse campo. Ele informa ainda que o “*president's Fund*” está fazendo a “*American Symphony*”. Há cerca de 1.400 filmes no catálogo da agência e unidades móveis que ajudam a distribuir esses filmes entre grupos sindicais, religiosos e outros. Há uma estação de rádio e três de televisão para quem os filmes são fornecidos. Benton retrucou que tudo parecia exatamente com o USIA quando ele era responsável pelo órgão, só que havia mais de tudo<sup>324</sup>. Mas esse “mais de tudo” não foi suficiente. Quando a Aliança para o Progresso iniciou, ela já estava perdida, porque havia pouco conhecimento, de lado a lado, do que se queria efetivamente quando se falava de termos chave como modernização e nacionalismo.

Desenvolvimento não era modernização. A modernização tal qual entendida pelos americanos, pelo menos até a Crise dos Mísseis de Cuba, implicava uma transformação das estruturas que, por séculos, assegurava o poder das elites latino-americanas, mesmo das que se

---

<sup>321</sup> “I believe we must appeal to the minds and hearts of Latin Americans with the idea that these same economic and social objectives can be reached within free and democratic system - by concerted action, theirs and ours, to fully mobilize private initiative. But first the gap in communications between our continents must be closed. We have too little information about each other, and too much misinformation. For a month during my travels, I never saw an American newspaperman. At no point could I find a single-volume biography of Lincoln in Spanish. Yet the Russians and Chinese are flooding all the countries with books and even send their magazines by airmail”.

<sup>322</sup> Sobre a Guerra Fria cultural no mundo, o trabalho mais importante é o de Frances Saunders: **The Cultural Cold War, the CIA and the world of arts and letters**, The New Press, New, York, 2013. Para ver esta mesma Guerra na América Latina, ver Patrick Iber, **Neither Peace nor Freedom, The Cultural Cold War in Latin America**. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

<sup>323</sup> USIA é a *United States Information Agency*, fundada por Eisenhower em 1º de agosto de 1953. Em seu início, a USIA era mais uma agência operacional do que uma formadora de políticas. Sobre USIA e sua gênese, ver Kenneth Osgood, **Cold War: Eisenhower's Secret Propaganda Battle at Home and Abroad**, especialmente páginas 88-103.

<sup>324</sup> “Meeting with the Consul General and his staff – Sao Paulo Governor Stevenson and Party.” AES papers, caixa 452, Folder 2. Séries 9, Travel Materials. Benton, William, Notes. Vol. III, 1960.

autoproclamavam liberais. O que o desenvolvimentismo queria era um crescimento econômico, se possível uma melhoria de vida para os mais pobres, mas conservando-se sempre a mesma estrutura.

Por outro lado, a classe média revolucionária não existia na América Latina, tão pouco existia uma massa camponesa revolucionária. Existia uma classe média que queria, sim, melhorias, desde que seus privilégios também se mantivessem, e a manutenção de seus privilégios passava pela manutenção das estruturas existentes. Por outro lado, os camponeses queriam água, comida e, se possível, um pequeno pedaço de terra para plantar essa comida e usar essa água. A revolução marxista só existia no mesmo imaginário que permitia gritar “viva Castro e viva Kennedy” no mesmo fôlego, como aconteceu na viagem de Stevenson à Bolívia.

A partir da Crise dos Mísseis, fica patente que o perigo vermelho já não mais existe no hemisfério. Khrushchev retrocedeu, Castro perdeu força, Kennedy deixou claro o limite, que não seria ultrapassado. Um memorando do diretor executivo da CIA, com data de 31 de outubro de 1962, 3 dias depois do encerramento da Crise dos Mísseis, deixa transparecer que os responsáveis pela Aliança entendiam que a Crise dos Mísseis podia ser um ponto de inflexão do programa. Ele informa que Rostow havia manifestado sua preocupação de que, em face dos recentes acontecimentos, houvesse um relaxamento na implementação das políticas da Aliança. Rostow e o presidente exortavam a todos que isto não deveria acontecer<sup>325</sup>. Mas aconteceu. A morte de Kennedy, um ano depois, acelera ainda mais esse processo. A partir daí, uma série de outros elementos começa a contribuir para que a Aliança perca força, mas a verdade é que, já em sua gênese, o sucesso da Aliança era comprometido por duas questões fundamentais.

Primeiro, os objetivos da modernização e os do desenvolvimentismo eram distintos, e por mais que até falassem em mudanças estruturais, a verdade é que os latino-americanos, pelo menos suas classes políticas, estavam muito pouco comprometidas com tais mudanças.

Segundo, a sociedade latino-americana não era exatamente como pensada pelos americanos e, quando a questão maior, o perigo revolucionário, saiu de cena, o governo americano não teve dificuldades em assumir uma linha mais pragmática e se contentar com que os dirigentes dessa sociedade mantivessem a estabilidade social e o alinhamento aos Estados Unidos, não importando se tal alinhamento viria na forma de democracias liberais ou de ditaduras de direita.

---

<sup>325</sup> “Prevention of Relaxation in Pushing For Alliance For Progress Goals”. (FOIA) /ESDN (CREST): CIA-RDP80M01048A001500120210-2

Assim a Aliança tombou, mas a teoria da modernização não. Ainda tentou-se implementá-la em lugares tão díspares no tempo e no espaço quanto Vietnã (1966) e Iraque (2006). E o que aconteceu com a revolução das esperanças crescentes? Bem, ela nunca existiu na América Latina. Isto é, ela existiu sim, mas de outra forma. Ironicamente, os americanos enxergavam o mundo por meio de uma lente marxista. Eles misturaram Tocqueville com Marx. A revolução das esperanças crescentes não precisava ser uma revolução marxista, mas também não foi uma revolução liberal burguesa que transformou as sociedades latino-americanas em novos Estados Unidos. Ela foi uma revolução iliberal autoritária capaz de gerar, por algum tempo, crescimento econômico. E por que ela aconteceu dessa forma na América Latina?

Para se entender o porquê, volto a Tocqueville. Ele afirma que a melhor maneira de entender a Revolução Francesa era esquecer a França que se estava a ver, fechar os olhos e pensar na França que se tinha ido. Pois bem, a melhor forma de entender o porquê de, ao invés de terem ocorrido revoluções liberais, ou marxistas, ocorreram golpes militares, era esquecer esta América Latina que se via na superfície: a América Latina moderna em Brasília, na cidade do México, nas avenidas de Buenos Aires, na Bossa Nova e pensar nas raízes subterrâneas que sustentavam tudo isso, do privilégio crioulo, dos índios exterminados, da instituição que, como disse Nabuco, “permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil”, a escravidão.

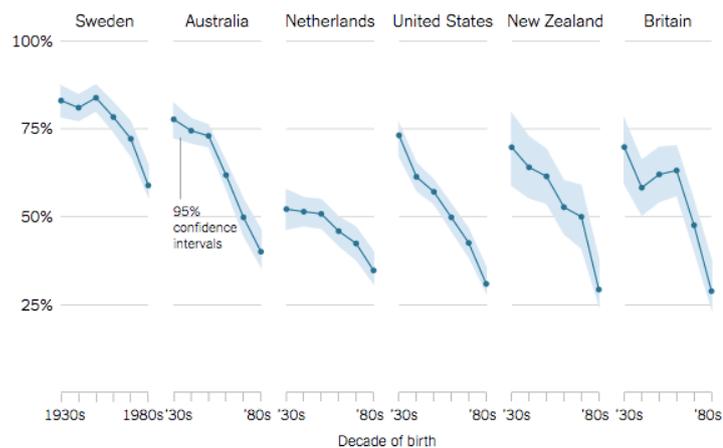
Hobsbawm (2016) vai chamar atenção para o fato de que qualquer tentativa de se analisar a política da América Latina em termos eurocêntricos é capaz de criar apenas confusão. Para ele, isso é fruto entre um descompasso entre as instituições liberais, que são introduzidas com as independências, mas que não fazem sentido algum em sociedades que mantêm suas estruturas coloniais e feudais. Essas instituições eram só mais uma forma de “enriquecer os que já eram ricos, fortalecer os que já eram fortes” (HOBSBAWM, 2016, p. 61). Assim, essas instituições que se percebem em perigo hoje na Europa e nos Estados Unidos nunca tiveram vida fácil na América Latina. Para entender o porquê é preciso pensar nas raízes subterrâneas que sustentam tudo isso.

Mais recentemente, Yascha Mounk (Kindle Edition) tipificou as democracias em liberais e iliberais, para tentar entender o recente fenômeno de governos autoritários que chegam ao poder e nele se perpetuam, por meio do voto popular. Assim, para ele, democracia é tão somente a vontade do povo, enquanto o liberalismo tem a ver com o funcionamento das instituições liberais (os três poderes). Mounk vê que, na Europa e nos Estados Unidos de hoje, boa parte da população, principalmente entre os mais jovens, parece não se importar em abrir mão de instituições liberais em troca da segurança de regimes autoritários (MOUNK, Kindle

Edition). Nos anos 60, Stevenson acreditava que poderia haver socialismo com democracia. Essa separação que Mounk faz entre democracia e liberalismo torna este pensamento de Stevenson ainda mais factível, contudo, o que ele agora define como democracia – simplesmente a vontade da maioria – não é aquilo que um liberal como Stevenson entendia como democracia.

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, em seu recente *“How Democracies Die”* (Kindle Edition), dizem que, ao contrário do que aconteceu na América Latina nos anos 60, hoje as democracias morrem lentamente, sem golpes, muitas vezes por voto popular. As pessoas cansaram-se das instituições liberais. Um gráfico extraído da pesquisa de Mounk e reproduzido no *New York Times* corrobora essa tese e exemplifica bem essa desesperança com a democracia em tempos recentes:

### Porcentagem de pessoas que dizem ser “essencial” viver em uma democracia



(Fonte: Yascha Mounk & Roberto Stefan Foa. *“The Signs of Democratic Deconsolidation”*. Journal of Democracy. Reproduzido no *The New York Times* de 29/11/2016.)

No Brasil, a mesma tendência parece existir, quando se percebem grupos significativos entoando odes a um passado autoritário militar quando, na verdade, o mais apropriado seriam elegias. Muitos defendem abertamente a glória presumida de um tempo de chumbo do qual ainda se tem pouca memória porque os assim chamados “heróis”, por medo de que seus “atos de heroísmo” fossem trazidos à luz, queimaram parte dos arquivos e mantém trancada a outra. Novamente, talvez a chave para entender essas questões no Brasil de hoje seja, como foi no

passado, tentar olhar por sob a superfície, nas raízes mais profundas e sedimentadas da cultura política e das práticas sociais do país.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa tentei evidenciar uma das formas pela qual a teoria da modernização ganhou o campo político norte-americano nos anos 50, por meio da vida e obra de Adlai Stevenson. Também foi meu intuito entender as razões desta ideia ter reverberado com tanta força, naquele momento, entre a elite política. O que essa análise permitiu-me ver, foi que a teoria tinha os predicados necessários para unir em torno de si as duas correntes liberais existentes dentro do Partido Democrata naquele momento: aquela dos oriundos do New Deal, para quem a ação do Estado, por meio de obras, era importante para o fomento do crescimento econômico e do desenvolvimento, e a corrente que representava o pensamento daqueles para quem as instituições políticas tinham um papel crucial no direcionamento de uma sociedade com mais equidade.

Contudo, esta grande virtude da teoria foi também sua maior fraqueza. Se ela tinha os predicados para unir porque conseguia exprimir os ideais e anseios de parcelas da elite política americana, ela falhou quando tentou implantar essas ideias em locais como a América Latina precisamente porque seus valores não se coadunavam com os anseios das elites locais, fossem elas liberais ou conservadoras. Por mais que, por muitas vezes, termos como desenvolvimento e modernização fossem usados tanto ao Norte quanto ao Sul do Rio Grande, a análise mostrou que, quase sempre, significavam coisas diferentes em contextos muito distintos, gerando os ruídos que levaram iniciativas como a Aliança para o Progresso ao fracasso antes mesmo de seu início.

Minha hipótese inicial era a de que erros de leitura da conjuntura latino-americana impossibilitaram qualquer sucesso de políticas como a Aliança para o Progresso na América Latina e, particularmente, no Brasil. A hipótese mostrou-se válida quando comparada a uma imensa gama de fontes, políticas e culturais. De fato, ocorreram alguns erros de leitura por parte dos americanos os quais entendiam, por exemplo, ser a democracia liberal um anseio das elites locais, o nacionalismo como um passo para o socialismo ou que no Nordeste do Brasil existia um foco eminente de revolução Bolchevique.

Outro objetivo do trabalho era o de resgatar a figura de Adlai Stevenson, explicá-lo melhor para o leitor e mostrar, dentro do contexto das relações internacionais, a importância da ação de agentes políticos como ele. Nos dois primeiros capítulos da tese evidenciei ao leitor, por meio de uma “semi-prosopografia” as redes de prestígio e amizades que envolviam

Stevenson. Assim, entendê-lo tornou-se mais do que compreender somente a personagem, foi também entender todo o grupo o qual o rodeava bem como os valores a nortear esses indivíduos, os quais eram muito influentes em uma nação que disputava, com a União Soviética, o controle mundial. Isto é, entendê-lo ajudou a compreender um pouco melhor algumas das pessoas mais poderosas do mundo naquele momento.

Como principal líder do Partido Democrata nos anos 50, Stevenson exerceu forte influência na política americana. Como já foi mencionado na introdução deste trabalho, sua liderança foi do tipo que evocava admiração. Ele era um homem que se orgulhava de suas raízes no centro-oeste. Suas muitas viagens, ainda criança, lhe deram uma visão mais cosmopolita, o fato de ser neto de um ex-vice-presidente facilitou seu convívio com a elite político-econômica desde muito cedo. Tudo isto ajudou a moldar o político em que ele se tornaria. Nos primeiros capítulos mostrei essas influências em sua vida e em seu pensamento. As viagens à Europa, o drama do assassinato acidental de sua prima aos 14 anos, o encontro com Woodrow Wilson, os anos de formação na Choate, sua vida à la Amory Blaine em Princeton, a oportunidade de viajar à União Soviética ainda jovem, tudo isso ajudou a construir a personalidade do homem público que viria depois.

Durante a Segunda Guerra Mundial veio uma outra fase desta formação. Trabalhou como assessor de Frank Knox, um republicano renomado que havia sido candidato a vice-presidente pelo Partido Republicano em 1936 e que se tornou ministro da Marinha de Roosevelt. Stevenson conhecia Knox desde os tempos em que ele era editor e dono do *Chicago Daily News*. Ainda na Guerra, outras figuras também ajudaram a moldar a personalidade de Stevenson. Gente como o poeta Archibald McLeish e o publicitário William Benton, pessoas com quem Stevenson trabalhou nos serviços de inteligência e que se mostraram fundamentais na formação de seus ideias e valores políticos. Depois da Guerra, Adlai se torna governador de Illinois e começa a chamar a atenção dos políticos do partido em âmbito nacional. No final de seu primeiro mandato o presidente Truman já o chama para ser o candidato do Partido Democrata nas eleições de 1952.

É nesse momento que Stevenson ascende como figura nacional e grande líder do Partido Democrata. Apesar de suas duas derrotas (1952 e 1956) para o presidente Eisenhower, Stevenson se distingue como um candidato de princípios que colocava o espírito público à frente de seus interesses privados. Suas viagens pelo mundo sedimentaram sua popularidade de forma global, foi cotejado por artistas e intelectuais, gente como John Steinbeck e Walter Rostow, este último, um dos pais da teoria da modernização.

É principalmente pelo seu contato com Rostow que Stevenson começa a se aproximar dos principais fundamentos da teoria da modernização. É por meio de Stevenson (mas não só por ele) que as ideias de Rostow ganham uma projeção na América Latina, sendo inclusive difundidas em publicações brasileiras. Este, aliás, é um ótimo exemplo de como a teoria da modernização, tal qual pensada por Rostow, ganha corpo político e se difunde. Volto a dizer que não quero afirmar com isto que esta foi a única forma como isto acontece ou mesmo que Stevenson tenha sido a ponte que levou a teoria da modernização do meio acadêmico para o meio político. No entanto, ele certamente foi uma das pontes, um vetor que, dada a riqueza de suas relações e de sua rede social, foi importante.

A partir de Rostow, Stevenson tem um contato mais sólido com a teoria, e passa a difundir as ideias do professor do MIT em muitos de seus artigos, que eram publicados e traduzidos para as mais diversas partes do mundo no fim dos anos 50. Em especial, um artigo que no Brasil foi publicado pela Revista Brasileira de Política Internacional, RBPI em junho de 1960 com o título “*Os Estados Unidos no Cenário Mundial*” deixa ver bem a influência de Rostow sobre Stevenson e a penetração de Stevenson nos meios intelectuais latino-americanos. A conclusão é a de que um político com a projeção e a credibilidade de Stevenson pode ser um importante e eficaz difusor de ideias.

Alguns eventos deixam transparecer isto, dentre os mais significativos cito o momento em que Stevenson é chamado por Foster Dulles, em 1957, para ajudar a lidar com a crise que o lançamento do Sputnik causou nos Estados Unidos. A ideia era que Stevenson auxiliasse a preparar as propostas americanas para o encontro da OTAN em Paris, que aconteceria em dezembro daquele ano. Stevenson trabalhou nas propostas em uma sala no Departamento de Estado e, como permite perceber a análise de suas correspondências com Rostow, ocorre neste momento uma intensa troca de ideias entre ambos. Como resultado, percebe-se a influência do pensamento de Rostow nas propostas americanas apresentadas em 1957 na conferência de Paris, ainda durante o governo Eisenhower.

O principal foco da mudança sugerida por Rostow era o de “ajuda externa”: a forma como ela deveria acontecer e quais objetivos deveria buscar. Rostow acreditava em uma ajuda mais contundente, que permitisse aos países recipientes experimentar uma “modernização” para que pudessem “decolar” de um estado “tradicional” para o estado verdadeiramente “moderno,” ou seja, à imagem e semelhança dos Estados Unidos. Era a alternativa que o capitalismo ofereceria aos países do Terceiro Mundo que se viam seduzidos pela via Marxista.

Como já disse, essa teoria da modernização foi utilizada naquele momento porque refletia valores importantes que acabavam por unir liberais da velha e da nova ordem dentro

dos Estados Unidos, aqueles que pensavam em desenvolvimento econômico e aqueles que entendiam ser a hora de ganhos sociais. Mas ela refletia ainda outros valores, menos evidentes, mas também presentes no mundo das ideias da política externa americana: a crença na superioridade da civilização anglo-saxã e algum paternalismo, principalmente quando lidando com nações do Terceiro Mundo.

Quando Kennedy vence as eleições de 1960 a Revolução Cubana parece ameaçar o mundo capitalista na América Latina. O novo governo tem de pensar em formas de conter este avanço. Rostow é um dos convidados a fazer parte daquilo que David Halberstam chamou de “*the best and the brightest*”. Era hora então de tirar a teoria do papel e implementá-la na prática. Kennedy está preocupado com a situação na América Latina, determina a criação de uma força tarefa para estudar a situação e, já em seu discurso inaugural, fala de uma “Aliança para o Progresso”. Entretanto, chegada a hora da transformação da ideia em prática, começam a surgir também os problemas que a teoria não soube prever. A modernização na América Latina já existia e projetos na cidade do México ou a construção de Brasília eram exemplos disto. Não só isto, já existiam projetos e debates sobre o que era desenvolvimento e de que forma ele deveria ser fomentado. Por fim, havia ainda uma crítica aos modelos de desenvolvimento do capitalismo internacional.

Logo, quando os pressupostos teóricos da modernização chegam a lugares como o Brasil, eles são resignificados. As elites locais, longe de serem uma massa de manobra passiva, aproveitam para colocar em marcha seus antigos planos de poder e jogar com essa nova variável que a ajuda externa norte-americana se torna. Por outro lado, há uma inépcia muito grande por parte dos formuladores de política externa estadunidenses em saber ler as realidades locais. Questões como nacionalismo e desenvolvimento foram mal “traduzidas” e, a partir da Crise dos Mísseis de Cuba, quando fica patente que as ideias marxistas terão muita dificuldade em se alastrar pelo hemisfério, os americanos desistem do esforço de tentar fazer a revolução das esperanças crescentes, ou seja, uma mudança de caráter burguês por melhora nos níveis de vida e aperfeiçoamento das instituições democráticas liberais.

Aliás, ao tratar das alternativas revolucionárias na América Latina, a pesquisa resgata esta ideia da “revolução das esperanças crescentes” que, com todas as precauções que deve ter o historiador quando se coloca a analisar eventos mais recentes, pode servir de suporte analítico para o entendimento de uma recente desesperança com os modelos democráticos que se alastra por diversos países neste primeiro quarto do século XXI. Em tal resgate desta ideia reside um dos pontos originais desta pesquisa.

No que tange ao entendimento da Aliança para o Progresso, a principal contribuição que a pesquisa traz para a área é a compreensão de seu funcionamento (ou melhor, de seu não funcionamento), a partir de uma visão latino-americana. Isto é, é certo que houve, entre os motivos que levaram a Aliança ao fracasso, razões que eram relacionadas estritamente com a política norte-americana e seus atores, como a Crise dos Mísseis e o assassinato do presidente Kennedy. Contudo, o que procurei evidenciar, foi que ainda que tais fatores não tivessem ocorrido, seria muito difícil que a Aliança obtivesse algum sucesso exatamente porque a realidade político-cultural latino-americana foi de alguma forma desconsiderada quando das formulações dos pressupostos da teoria da modernização que sustentavam teoricamente a iniciativa.

Creio que esta é uma diferença significativa porque procura compreender o protagonismo dos atores e fatores locais dentro da dinâmica da Guerra Fria. Ora, muito se fala de uma história global da Guerra Fria, muitas vezes tornando este termo sinônimo de uma pesquisa de arquivo multicontinental. Entretanto, embora a pesquisa em arquivos diversos seja uma condição necessária para um entendimento global do conflito, não é suficiente. Uma pesquisa que se ampare em corpos de arquivos múltiplos, mas que, em seus pressupostos teóricos, continue a sustentar uma visão de Guerra Fria que só enxergue protagonismo nos atores e fatores relacionados às superpotências ou à Europa, em nada se torna global. Tentei evidenciar nesta pesquisa que este conflito, quando travado na América Latina, era feito com o protagonismo dos atores locais, que muitas vezes usavam a lógica dialógica da Guerra Fria para fazer avançar suas agendas de poder.

Há ainda muito a se entender sobre a forma como os políticos locais na América Latina usaram a teoria da modernização em seus projetos de poder. Parece-me que de fato eles têm um papel bem menos passivo do que certa literatura sugere, mas é preciso ainda entender melhor de que forma essa articulação aconteceu. Políticos como Carlos Lacerda, por exemplo, chegaram a desenvolver uma amizade pessoal com Stevenson, e embora a correspondência que encontrei entre ambos seja muito superficial, quase sempre marcando encontros pessoais quando das várias idas de Lacerda a Nova Iorque, nada impede que nova documentação apareça jogando mais luz em relações como esta.

Aliás, há muitos aspectos sobre a Guerra Fria na América Latina e no Brasil que merecem mais pesquisa. Muito embora recentemente o campo tenha se oxigenado com pesquisas que procuram melhor entender essa dinâmica própria do conflito na parte sul do hemisfério, como os trabalhos que exploram a colaboração das ditaduras sul-americanas na caça aos comunistas, há ainda um vasto campo a ser explorado, como um estudo sobre a penetração de Moscou em órgãos como o Itamaraty, por exemplo.

Outro caminho é explorar ainda mais o pensamento de Stevenson. Ele escreveu muito e escreveu sobre muitas coisas diferentes de seu tempo. Este trabalho conseguiu cobrir apenas uma ínfima parte daquilo que pensava e, haja vista a riqueza de suas ideias e de suas conexões em seu tempo, é certo que aprofundar-se ainda mais no pensamento de Stevenson pode trazer bons resultados para o campo. Sua atuação como embaixador dos Estados Unidos na ONU, entre 1961 e 1965, é um profícuo campo para pesquisa. Até mesmo ao se considerar crises pontuais, como seu papel na Crise dos Mísseis de Cuba e seu famoso embate com o embaixador soviético Valerian Zorin, pode-se dizer que constituem pontos interessantes para análises posteriores.

Stevenson faleceu em Londres, a 14 de julho de 1965. Quatro dias antes ele havia conversado com o repórter Eric Sevareid e disse que depois de 30 anos no serviço público, como assessor especial da Marinha durante a guerra, governador de Illinois (1949-1952), candidato derrotado por duas vezes dos democratas à presidência da República (1952, 1956) e agora como embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas há mais de 4 anos, ele estava cansado. Mencionou uma série de pequenas humilhações, pequenas derrotas, que o acabaram por convencer de que era seu momento de se retirar da vida pública. Nas suas palavras era hora de se “*sentar à sombra com um copo de vinho às mãos e assistir outras pessoas dançando*” (Sevareid 1979, p.843). Na quarta-feira, 14 de julho, ele seria vítima de um ataque fulminante enquanto caminhava com Marietta Tree pela *Upper Grovesnor Street*, perto da embaixada americana em Londres.

O tom melancólico da declaração feita na entrevista final de Stevenson faz lembrar o rei Lear a dizer: “nascidos, nós choramos por chegar a este palco de tolos.” Contudo, a constatação de Stevenson vem não no nascimento, mas no final de sua vida. Assim, ele nunca teve tempo de se sentar à sombra e assistir, à distância, aos outros dançando. Sua vida, desde a infância, foi passada no palco de tolos da política americana.

Quando Stevenson morreu, Brasil, Argentina, Bolívia e República Dominicana já haviam abandonado os projetos de modernização democrática e haviam se rendido a projetos autoritários. A Aliança para o Progresso já também tombava, como ele havia tombado na *Upper Grovesnor Street*, naquele 14 de julho. Com as ditaduras bem postadas no Cone Sul, foram ficando cada vez mais escassos até que desaparecessem por completo documentos oficiais que mencionassem uma possível revolução das esperanças crescentes.

## APÊNDICE A

Europe Blacks - 2/3/60

Bank has loaned 1 billion - more than 1/5 of total loans

Little population problem. Increase a good thing for economy. Not crowded - water - land - resources that could be perpetually used.

Hard to generalize - each different. Make mistake acting as groups - "Latin-America"!!!. They say panel for U.S. which treats us as a group. Countries that try to do a job are linked up with people who aren't - Cuba

most countries have simple amt of capital, unless it has fled! World come back if confidence in Govt.

None loaned Cal. 150 million. Probably 275 million <sup>refuge</sup> in N.Y. - twice as much as loan! Trying to get it back. Seriously try that people have with money have little confid. in govt + send money to U.S. in Switz.

What can be done to attract capital? Hard when people send money out of country - Nixon.

In Asia desperate need for capital for minimum standard of living - Different in SA!

In Brazil can't sell any bonds; all issues selling on 9-10% basis - No credit! Don't sell bonds

✓

"Most impressive country in crowd. Most disappointing" - Brazil.  
In last decade here had 5 or 6 financial crises; come  
to Wash + inquire. - "We don't help them" - "Turn to  
Communists". Wash gives in - U.S. govt. thru Ex-Im  
bank has loaned a billion. Each time they promise  
to do certain things if we give in money to make it  
feasible. But they don't do the things!

During '59 congress at lowest; inflation worst;  
this time Wash said "No!" - make game piece with  
monetary Fund." Crisis passed through beyond coffee  
market.

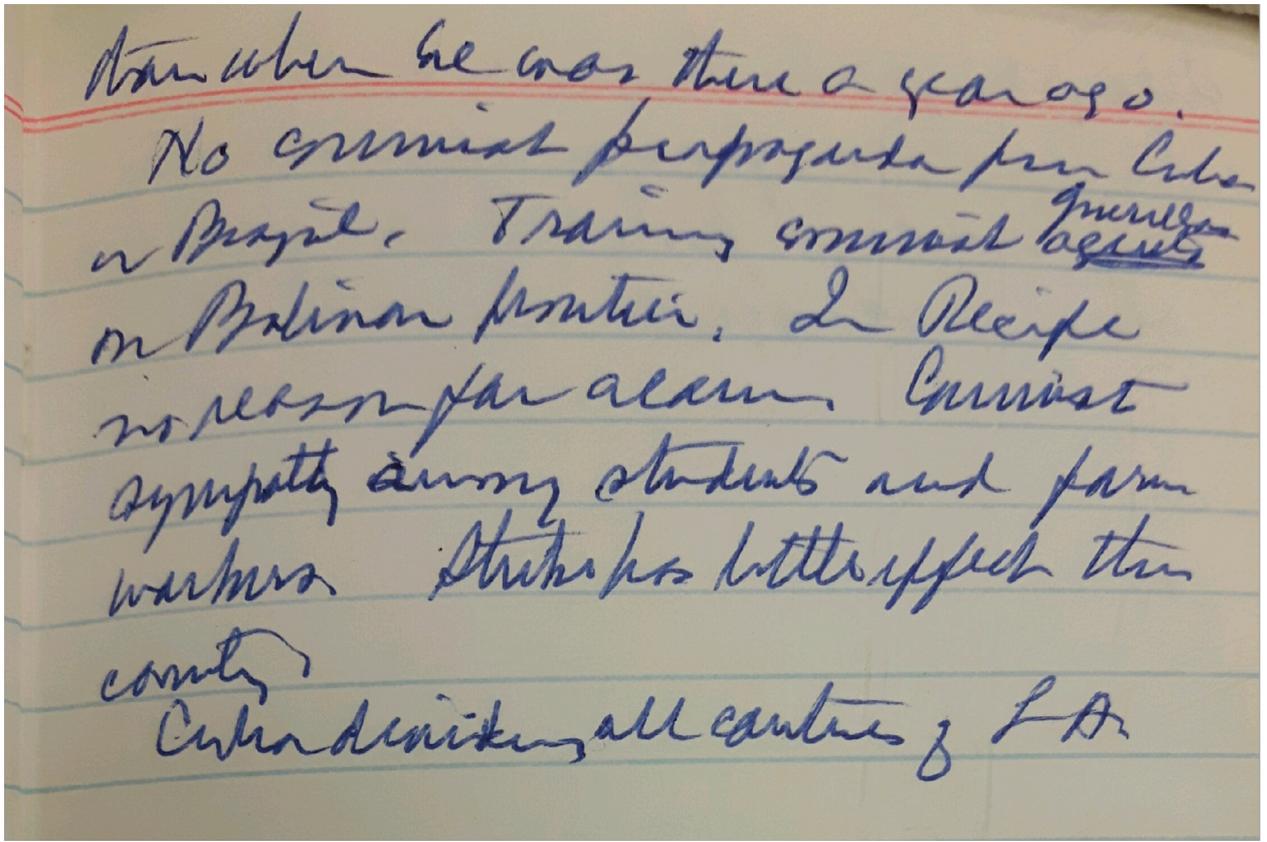
Kubrick in last year gave. Has no intention of  
doing the necessary. Tell IMF to go to hell. No  
unpopular steps in last year. Kub is carry over from  
old Vargas.

Quadrados would be better

All F-A defaulted in between war loans. Policy  
now - no money without settling old debts. Long  
Hard struggle - now all settled and very proud.  
No defaults to bank - some reservations by Ex-Im.

Bank imposes conditions - "sound policies". For example  
suppress a devel. program beyond capacity <sup>with</sup> inflationary  
effects. Bank says - cut it down. Fund will

APÊNDICE B

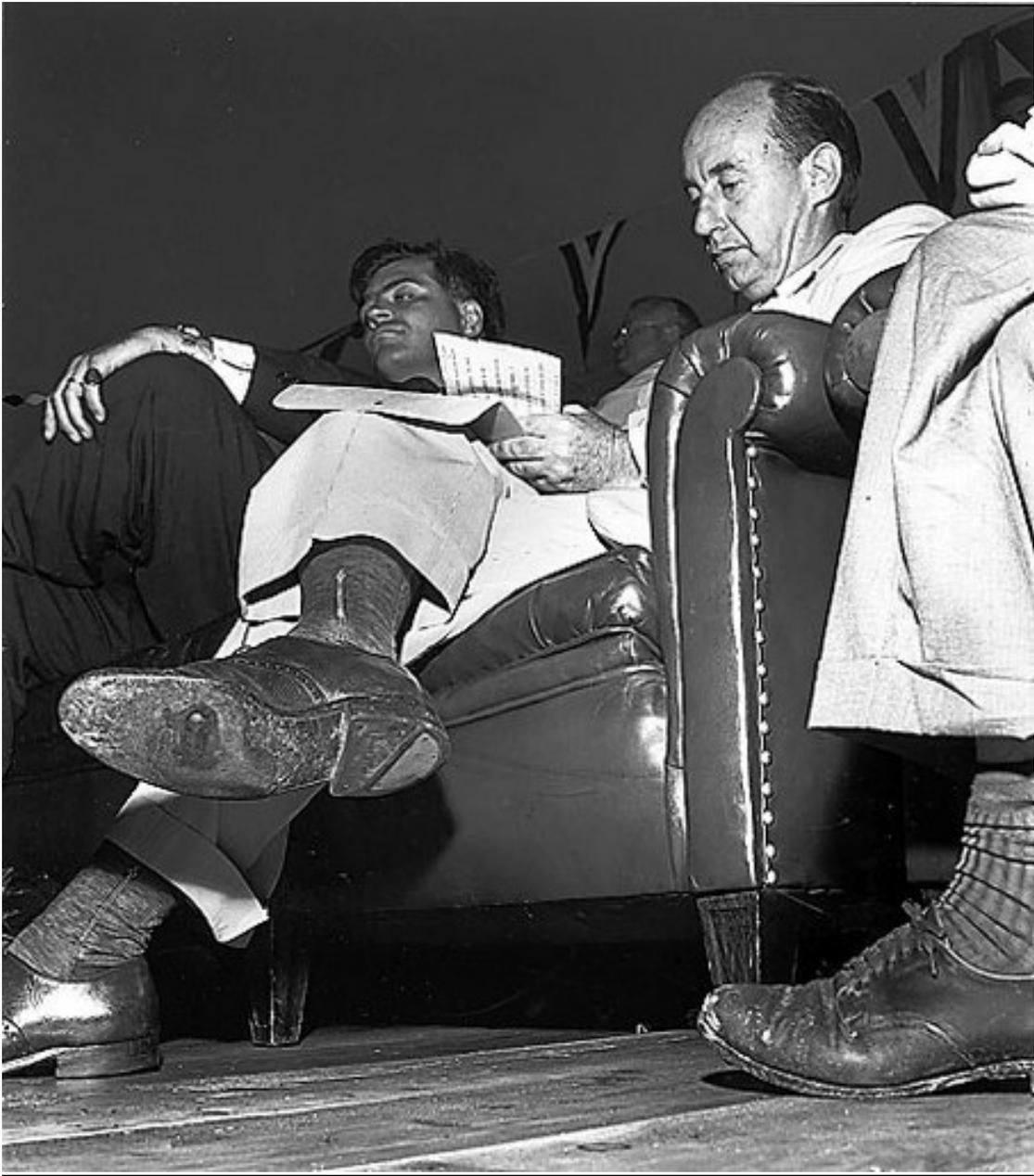


than when he was there a year ago.  
No criminal propaganda from Cuba  
in Brazil. Training communist <sup>guerrillas</sup> agents  
on Bolivian frontier. In Recife  
no less so far ahead. Communist  
sympathy among students and farm  
workers. Strike has better effect than  
country.  
Cuba dominates all countries of L.A.

APÊNDICE C

Righteous men of the earth  
Oh have you been patient  
I suppose our thoughts about United Nations  
Adlai, Adlai  
What did he say  
And what is the answer  
1952 the heart was not your master  
The accident you threw  
Would carry with your laughter  
Evidence, evidence  
I've heard of it  
And what is the answer  
Adlai, Adlai  
What did he say  
And what is the answer

APÉNDICE D



## **ARQUIVOS**

**Arquivo do Ministério das Relações Exteriores – Brasília, DF**

**Arquivo Carlos Lacerda – Universidade de Brasília – Brasília, DF**

**Columbia University Rare Book and Manuscript Library, New York, NY**

- Adlai E. Stevenson Oral Project.
- William Benton Oral Project.

**John F. Kennedy Presidential Library, Boston, MA**

- George Ball Papers.
- John F. Kennedy Papers.
- Richard Goodwin Papers.

**FDR Presidential Library**

- Adolf Berle Papers.
- Walt Rostow Papers White House Central Files.

**National Archives, London**

**New York Public Library, New York, NY**

- Arthur Schlesinger Papers.

**Seeley G. Mudd Library, Princeton University, Princeton, New Jersey**

- Adlai E. Stevenson Papers.
- John Bartlow Papers.
- George Ball Papers.
- George Kennan Papers.

**Southern Baptist Historical Library & Archives, Nashville, Tennessee**

**The National Archives – Washington**

## **PERIÓDICOS**

Correio da Manhã

The New York Herald Tribune

The New York Times

The Washington Post

## **BIBLIOGRAFIA**

ACHESON, Dean. **Present at the Creation, my years in the State Department.** New York: W.W Norton & Company, 1969.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: Sovereign power and bare life.** Stanford University Press, 1998.

ALBA, Víctor. **Alliance without allies: The mythology of progress in Latin America.** New York: Frederick A. Praeger, 1965.

ALFONSO, Juan Maestre. **Ernesto “Che” Guevara.** Madrid: Ediciones de Cultura Hispánica, 1988.

ALLCOCK, Thomas T. The first Alliance for Progress?: Reshaping the Eisenhower administration’s policy toward Latin America. **Journal of Cold War Studies**, v. 16, n. 1, Winter 2014, p. 85-110.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ANDERSON, Perry. Modernity and revolution. **New Left Review**, I/144, Mar./Apr. 1984.

ANDREW, Christopher ; MITROKHIN, Vasili. **The world was going our way: The KGB and the battle for the third world.** New York: Basic Books, 2005.

BAER, Werner. **A industrialização e o desenvolvimento econômico no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1979.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a.

\_\_\_\_\_. **As relações perigosas: Brasil-Estados Unidos (de Collor a Lula, 1990-2004).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENTON, William. **The voice of Latin America.** New York: Harper & Brothers, 1961.

BERMAN, Marshall. **All that is solid melts into air.** New York: Penguin Books, 1988.

BETANCOURT, Rómulo. **América Latina: democracia e integración.** Barcelona: Seix Barral, 1978.

BEVAN, Sewell. Early Modernization Theory? The Eisenhower administration and the foreign policy of development in Brazil. **The English Historical Review**, v. 125, n. 517, 2010, p. 1449-1480.

BHABHA, Homi K. (Org.). **Nation and narration.** New York: Routledge, 1990.

BIELOSCHWSKY, Ricardo. O desenvolvimentismo: do pós-guerra até meados dos anos 1960. *In: \_\_\_\_\_ et al. O desenvolvimento econômico brasileiro e a Caixa: palestras.* Rio de Janeiro: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento / Caixa Econômica Federal, 2011.

BLAKE, David Haven. **Liking Ike, Eisenhower, advertising, and the rise of celebrity.** Oxford University Press, 2016.

BOHRER, Joseph F. Boys in Bloomington. *In: DOYLE, Edward (Ed.) As we knew Adlai: The Stevenson story by twenty-two friends.* New York: Harper Publisher, 1966.

BRANDS, Hal. **Latin America's Cold War.** Cambridge: Harvard University Press, 2012. Kindle edition.

BRANDS, Hal; SURI, Jeremi (Ed.). **The power of the past: History and statecraft.** Washington, DC: Brookings Institution Press, 2016.

BRASIL, Ministério do Planejamento e Coordenação Econômica. **Aliança para o Progresso: conceitos, objetivos, estrutura e realizações no Brasil.** Brasília, Comissão de Coordenação da Aliança para o Progresso (COCAP), 1966.

BRASIL, Presidência da República. **Programa de Metas do presidente Juscelino Kubitschek: Estado do plano de desenvolvimento econômico em 5 de junho de 1958.** Rio de Janeiro: 1958.

\_\_\_\_\_. **Operação Pan-Americana.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1958a. (Documentário, v. 2).

\_\_\_\_\_. **Operação Pan-Americana.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1960. (Documentário, v. 5).

\_\_\_\_\_. **Operação Pan-Americana.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação, 1960. (Documentário, v. 6).

BRINKLEY, Alan. The New Deal and the idea of the State. *In: FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (Ed.) The rise and fall of the New Deal order 1930-1980.* Princeton University Press, 1989.

BROWMAN, Kirk. Battle for the heart of the heavyweight: Anti-americanism on Brazil. *In: McPHERSON, Alan (Ed.) Anti-Americanism in Latin America and the Caribbean.* New York: Berghan Books, 2012. Kindle edition.

BUITENHUIS, P. Prelude to War: The interventionist propaganda of Archibald MacLeish, Robert E. Sherwood, and John Steinbeck. **Canadian Review of American Studies.** v. 26, n. 1, Jan. 1996.

BUNDY, McGeorge. November 1952: Imperative of foreign policy. **Foreign Affairs**. v. 31, n. 1, Oct.1952. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1952-10-01/november-1952-imperatives-foreign-policy>> Acesso em: 14 fev. 2016

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAPUTO, Ana Cláudia; MELO, Hildete Pereira de. A industrialização brasileira nos anos de 1950: uma análise da instrução 113 da SUMOC. **Estudos Econômicos**, v. 39, n. 3, p. 513-538, set. 2009.

CARONE, Edgard. **A república liberal: evolução política (1945-1960)**. São Paulo: Difel, 1985.

CARPENTER, Ted Galen; INNOCENT, Malou. **Perilous partners, the benefits and pitfalls of America's alliance with authoritarian regimes**. Washington DC: Cato Institute, 2015.

CHOMSKY, Noam. The passion for markets. **Z Magazine**, May 1997.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Princípios da guerra**. Lisboa: Silabo, 2003.

CORBISIER, Roland. **Brasília e o desenvolvimento nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007.

CRAIG, Campbell; LOGEVALL, Frederik. **America's Cold War the politics of insecurity**. Cambridge: The Belknap Press, 2009.

CUORDILEONE, K. O. Politics in an age of anxiety: Cold War political culture and the crisis in American masculinity, 1949-1960. **The Journal of American History**, v. 87, n. 2, Sept., 2000, p. 515-545. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2568762>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

DAVIES, James C. Toward a theory of revolution. **American Sociological Review**. v. 27, n. 1, p. 5-19, 1962.

DAVIS, Kenneth S. **A prophet in his own country: the triumphs and defeats of Adlai E. Stevenson**. Garden City: Doubleday & Company, 1957.

DICK, Jane Warner. Forty years of friendship. In: DOYLE, Edward (Ed.) **As we knew Adlai: The Stevenson story by twenty-two friends**. New York: Harper Publisher, 1966.

DONALDSON, Scott. **Archibald MacLeish an American life**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1992.

DOYLE, Edward. **As we knew Adlai: The Stevenson story by twenty-two friends**. New York: Harper Publisher, 1966.

DULLES, John W. F. **Unrest in Brazil**: Political military crisis 1955-1964. Austin: University of Texas Press, 1970.

DUNNE, Michael. Kennedy's Alliance for Progress: Countering revolution in Latin America part I: From the White House to the Charter of Punta del Este. **International Affairs**, v.89, n. 6, 2013.

DUROSEILLE, Jean Baptiste e RENOUVIN, Pierre. **Introdução à História das Relações Internacionais**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

DREIER, John C. (Coord.). **A Aliança para o Progresso**: problemas e perspectivas. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

EKBLADH, David. **The great American mission, modernization & the construction of an American world order**. Princeton University Press, 2010.

ELIAS, Nobert. **The Germans. Power struggle and the development of habitus in the nineteenth and twentieth centuries**. New York: Columbia University Press, 1996.

ESCOBAR, Arturo. **Encountering development**: The making and unmaking of the third world. Princeton University Press, 1995.

FERREIRA, Jorge. **O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FITZGERALD, Scott F. **Este lado do paraíso**. Rio de Janeiro: Edições de Bolso, 2011.

**FOREIGN Relations of the United States: 1961–1963**. Washington, DC: United States Government Printing Office, 1996. V. 12. iBook Edition.

FOSTER, David William. Cunha, Euclides da. Backlands: The Canudos Campaign. **Chasqui**, v. 39, n. 2, 2010.

FRANCO, Álvaro da Costa Franco (Org.) **Documentos da política externa independente**. Brasília: FUNAG, 2007. V. I.

FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (Ed.) **The rise and fall of the New Deal order 1930-1980**. Princeton University Press, 1989.

\_\_\_\_\_ **Ruling America**. Cambridge: Harvard University Press, 2009. Kindle Edition.

FUENTES, Carlos. **O espelho enterrado**: reflexões sobre a Nova Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FUKUYAMA, Francis. **Political order and political decay: From the Industrial Revolution to the globalization of democracy**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2014. Kindle Edition.

FURSENKO, Aleksandr; NAFTALI, Timothy. **One hell of a gamble**: The secret history of the Cuban Missile Crisis. Londres: John Murray, 1997.

FURTADO, Celso. O subdesenvolvimento revisitado. **Economia e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 5-19, out. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643307/10831>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GADDIS, John Lewis. **We now know**: Rethinking Cold War history. Oxford: Clarendon Press, 1997.

\_\_\_\_\_ **The landscape of history**: How historians map the past. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_ **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_ **George F. Kennan**: An American life. New York: The Penguin Press, 2011.

\_\_\_\_\_ **On grand strategy**. New York: The Penguin Press, 2018.

GERSTLE, Gary. The protein character of American liberalism. **The American Historical Review**, v. 99, n. 4, p.1043-1073, Oct. 1994,

GOODWIN, Richard. **Remembering America: A voice from the sixties**. New York: Open Road, 2014. Kindle Edition.

GORDON, Lincoln. **A New Deal for Latin America**: The Alliance for Progress. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

\_\_\_\_\_ **O progresso pela aliança**. Rio de Janeiro: Record, 1962.

GRANDIN, Greg. **The last colonial massacre**: Latin America in the Cold War. Chicago University Press, 2004.

GRIEVE-CARLSON, Gary; DAY, Michael A. MacLeish, Oppenheimer and “The Conquest of America”. **Soundings: An Interdisciplinary Journal**, v. 93, n. ¾, p. 281-311, Fall/Winter, 2010.

HALBERSTAM, David. **The fifties**. New York: The Random House Publishing, 1994.

\_\_\_\_\_ **The best and the brightest**. Greenwich: Fawcett, 1972.

HART, Justin. Foreign relations as domestic affairs: The Role of The ‘Public’ in The Origins Of U.S Public Diplomacy. *In*: OSGOOD, Kenneth A.; ETHERIDGE, Brian, C. (Ed.) **The United States and Public Diplomacy, new directions in Cultural and International History**. Leiden: Martinus Nijhoff, 2010.

HART, Louis. **The liberal tradition in America**. New York: Harcourt, Brace and Wored, 1955.

HIRSCHMAN, Albert. **A bias for hope**: Essays on development and Latin America. New Haven: Yale University Press, 1971.

HOBBSAWN, Eric. **Viva la revolución: a era das utopias na América Latina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_ **Nações e nacionalismo desde 1780.** São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HOFSTADTER, Richard. **Anti-intellectualism in American life.** New York: Alfred A. Kopf, 1970.

HOPKINS, Michael F. **Dean Acheson and the obligations of power.** Lanham: Rowman & Littlefield, 2017.

HUNTINGTON, Samuel. **Political order in changing societies.** New Haven: Yale University Press, 1968.

IBER, Patrick. **Neither peace nor freedom: The cultural Cold War in Latin America.** Cambridge: Harvard University Press, 2015.

IKENBERRY, John *et al.* **The crisis of American foreign policy: Wilsonianism in the twenty-first century.** Princeton University Press, 2009

IORIS, Rafael R. **Qual desenvolvimento?: os debates, sentidos e lições da era desenvolvimentista.** Judiaí: Paco Editorial, 2017. Kindle Edition.

JAGUARIBE, Hélio. **Condições institucionais do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

JOHNSON, Walter (Ed.). **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1972. Vol. I

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1973. Vol. II.

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1974a. Vol. III.

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1974b. Vol. IV.

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1974c. Vol. V

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1975. Vol. VI.

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1977. Vol. II.

\_\_\_\_\_ **The papers of Adlai E. Stevenson.** Boston: Little, Brown and Company, 1979. Vol. III.

JUDT, Tony. **Reappraisals: Reflections on the forgotten twentieth century.** New York: Penguin Books, 2008.

KIRKENDALL, Andrew J. State of the Field: Cold War Latin America. **H-Diplo On-line**, v., n., oct. 2014.

KIRKPATRICK, Jeane J. **Dictatorships and double standards: Rationalism and reason in politics.** New York: Simon and Schuster, 1982.

KLINGER, Janeen. A sympathetic appraisal of Cold War Modernization Theory. **The International History Review**, v. 39, n.4, p. 691-712, 2017.

KUPCHAN, Charles; TRUBOWITZ, Peter. Grand strategy for divided America. **Foreign Affairs**, v. 86, n. 4, Jul./Aug., 2007.

LATHAM, Michael E. **Modernization as ideology: American social science and “Nation Building” in the Kennedy Era.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2000.

\_\_\_\_\_ **The right kind of revolution: Modernization, development, and U.S. Foreign Policy from the Cold War to the present.** Ithaca: Cornell University Press 2011.

LEACOCK, Ruth. **Requiem for revolution: The United States and Brazil, 1961-1969.** Kent State University Press, 1990.

LEVINSON, Jerome; ONÍS, Juan. **The alliance that lost its way: A critical report on the Alliance for Progress.** Chicago: Chicago Quadrangle Books, 1970.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **How democracies die.** New York: Crown, 2018. Kindle Edition.

LERNER, Daniel. **The passing of the traditional society.** Glencoe: Free Press, 1958.

LOUREIRO, Felipe Pereira. The alliance for or against progress? US-Brazilian financial relations in the early 1960s. **Journal of Latin American Studies**, v.46, n. 2 , p. 323-351, 2014.

MACLEISH, Archibald. **A continuing journey: essays and addresses by Archibald MacLeish.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1968.

MACKENZIE, G. Calvin; WEISBROT, Robert. **The liberal hour: Washington and the politics of change in the 1960s.** New York: The Penguin Press, 2008.

MANRIQUE, Jorge Alberto. Identity or Modernity. *In*: OLEA, Héctor; RAMÍREZ, Mari Carmen; YBARRA-FRAUSTO, Tomás. (Org.). **Resisting categories: Latin American and/or latino?** New Haven: Yale University Press, 2012.

MARGLIN, Frédérique Apffel; MARGLIN, Stephen A. (Ed.). **Dominating knowledge: development, culture and resistance.** Oxford: Clarendon Press, 1990.

MARTIN, John Bartlow. **Adlai Stevenson and the world**. Garden City: Doubleday & Company, 1977.

MARSH, Robert. Modernization theory then and now. **Comparative Sociology**, v.13, 2014, p. 261–283.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Sagrada Família ou a crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATUSOW, Allen J. **The unraveling of America, a history of liberalism in the 1960s**. New York: Harper & Row, 1984.

MAYER, Arno. **A força da tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

McMAHON, Robert J. How the periphery became the center: The Cold War, the Third World, and the transformation in US strategic thinking”. *In*: SEWELL, Bevan; RYAN, Maria. **Foreign policy at the periphery**. Lexington: University of Kentucky Press, 2017.

McPHERSON, Alan. **Yankee no! Anti-Americanism in US-Latin American relations**. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

McPHERSON, Alan (Ed.) **Anti-Americanism in Latin America and the Caribbean**. New York: Berghan Books, 2012. Kindle edition.

MEDHURST, Martin J. Text and context in the 1952 presidential campaign: Eisenhower's "I Shall Go to Korea" speech. **Presidential Studies Quarterly**, v. 30, n. 3, p. 464-484, Sept., 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27552117>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MEYERS, Cynthia B. From radio adman to radio reformer: Senator William Benton's career in broadcasting, 1930–1960. **Journal of Radio & Audio Media**, v.16, n.1, p. 17-29, 2009.

MILLER, Nicola. **In the shadow of the State: Intellectuals and the quest for national identity in the twentieth-century Spanish America**. Londres: Verso, 1999.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Brasília: A construção da nacionalidade: um meio para muitos fins (1956-1961)**. Vitória: EDUFES, 1998.

MOREIRA, Cássio Silva. **O projeto de nação do governo João Goulart: o plano trienal e as reformas de base (1961-1964)**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

MOUNK, Yascha. **The people vs. democracy: Why our freedom is in danger & how to save it**. Cambridge: Harvard University Press, 2018. Kindle edition.

MURRAY, Charles. **Coming apart: The state of white America, 1960-2010.** New York: Crown Forum, 2012. Kindle edition.

NANDY, Ashis. **The intimate enemy.** New Delhi: Oxford University Press, 1983.

OLEA, Héctor; RAMÍREZ, Mari Carmen; YBARRA-FRAUSTO, Tomás. (Org.). **Resisting categories: Latin American and/or latino?** New Haven: Yale University Press, 2012.

OLIVEN, Ruben George. Brazil: the modern in the tropics. *In*: SCHELLING, Vivian. **Through the kaleidoscope: the experience of modernity in Latin America.** Londres: Verso, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

\_\_\_\_\_. Popular Culture, Modernity and Nation. *In*: SCHELLING, Vivian. **Through the kaleidoscope: the experience of modernity in Latin America.** Londres: Verso, 2000.

OSBORNE, P. Modernity is a qualitative, not a chronological category. **New Left Review**, I/192, p. 65, 1992. Disponível em: <<https://search.proquest.com/docview/1301908481?accountid=13314>> . Acesso em: 01 set. 2017.

OSGOOD, Kenneth A.; ETHERIDGE, Brian, C. (Ed.) **The United States and public diplomacy: New directions in cultural and international history.** Leiden: Martinus Nijhoff, 2010.

PAGE, Joseph A. **The revolution that never was: Northeast Brazil 1955-1964.** New York: Grossman Publishers, 1972.

PARKER, David S.; WALKER, Louise E. (Ed.) **Latin America's middle class: Unsettled debates and new histories.** Lanham: Lexington Books, 2012. Kindle edition.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PECEQUILO, Cristina S. **A política externa dos Estados Unidos.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. **As relações Brasil Estados Unidos.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

PERLOFF, Harvey S. **Alliance for Progress: A social inventing in the making.** Baltimore: John Hopkins Press, 1969.

PFEIFER, Jack B. **Adlai Stevenson and the Bay of Pigs.** Langley: CIA, 1983. (Studies of Intelligence, v. 27)

PIKE, Frederick B. **FDR's Good Neighbor Policy: sixty years of generally gentle chaos.** Austin: University of Texas Press, 1995.

PINTO, Luiza Helena Nunes (Org.) **Discursos selecionados do presidente Juscelino Kubitschek.** Brasília: FUNAG, 2010.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. **Boletín Económico de América Latina**, v. 3, n. 1, 1962.

QUEIROZ, Rachel. O coração bárbaro do Brasil. *In*: MANZON, Jean. **Flagrantes do Brasil**. Rio de Janeiro: Bloch, 1956.

RABE, Stephen. The elusive conference: United States economics relations with Latin America, 1945-1952. **Diplomatic History**, v. 2, n. 3, p. 279-294, 1978.

RIGUZZI, Paolo; LOS RÍOS, Patricia de. (Org.) **Las relaciones México-Estados Unidos 1756-2010 : destino no manifiesto? 1867-2010**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2012. Vol. II.

ROSTOW, Walt Whitman. **The stages of economic growth: A non-communist manifesto**. Cambridge University Press, 1964.

\_\_\_\_\_ **The diffusion of power: an essay in recent history**. New York: The Macmillan Company, 1972.

SACKLEY, Nicole. Cosmopolitanism and the uses of tradition: Robert Redfield and alternative visions of modernization during the Cold War. **Modern Intellectual History**, v. 9, n. 3, 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. 2. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SARLO, Beatriz. The modern city: Buenos Aires the peripheral metropolis. *In*: SCHELLING, Vivian. **Through the kaleidoscope: The experience of modernity in Latin America**. Londres: Verso, 2000.

SAUNDERS, Frances Stonor. **The cultural Cold War: The CIA and the world of arts and letters**. New York: The New Press, 2013.

SCHELLING, Vivian. **Through the kaleidoscope: the experience of modernity in Latin America**. Londres: Verso, 2000.

SCHLESINGER, Andrew; SCHLESINGER, Stephen. (Org.) **The letters of Arthur Schlesinger Jr.** New York: Random House, 2013.

SCHLESINGER JR., Arthur M. **A thousand days: John F. Kennedy in the White House**. Boston: The Riverside Press, 1965.

\_\_\_\_\_ **The politics of hope**. Princeton University Press, 2008.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. Peregrinations, visions and the city: The backlands become the city and the city becomes the backland. *In*: SCHELLING, Vivian. **Through the kaleidoscope: the experience of modernity in Latin America**. Londres: Verso, 2000.

SEWELL, Bevan. Early Modernization Theory? The Eisenhower Administration and the foreign policy of development in Brazil. **The English Historical Review**, v. 125, n. 517, p. 1449-1480, Dec. 2010.

\_\_\_\_\_ **The US and Latin America, Eisenhower, Kennedy and economic diplomacy in the Cold War**. London: I.B. Tauris, 2016.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SIKKINK, Kathryn. **Ideas and institutions development in Brazil and Argentina**. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

SMITH, Joseph. **The United States and Latin America: A history of American diplomacy, 1776-2000**. New York: Routledge, 2010.

SNYDER, Timothy. **The road to unfreedom: Russia, Europe, America**. New York: Tim Duggan Books, 2018. Kindle edition.

SOLIVETI, Luigi M. W.W. Rostow and his contribution to development studies: A note. **The Journal of Development Studies**, n. 41 v.4, p. 719-724, 2005.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STEVENSON, Adlai E. **Friends and enemies: What I learned in Russia**. New York: Harper and Brothers, 1959.

\_\_\_\_\_ **Call to greatness**. New York: Atheneum, 1962.

\_\_\_\_\_ **Os Estados Unidos na ONU**. Rio de Janeiro: Record, 1965.

\_\_\_\_\_ Our plight in Latin America. **Look**, 22 de Nov. 1960.

TAE-GYUN, Park. W. W. Rostow and Economic Discourse in South Korea in the 1960s. **Journal of International and Area Studies**, v. 8, n. 2, p. 55-66, Dec. 2001.

TAFFET, Jeffrey. **Foreign aid as foreign policy: The Alliance for Progress in Latin America**. New York: Routledge, 2012. Kindle Edition.

TAVARES, Flávio. **O dia em que Getúlio matou Allende**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **The Old Regime and the French Revolution**. New York: Penguin Classics, 2008.

\_\_\_\_\_ **A democracia na América**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1998.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TULCHIN, Joseph S. **América Latina x Estados Unidos: uma relação turbulenta.** São Paulo: Contexto, 2016.

WACHTEL, Nathan. **Le retour des ancêtres: les indiens Urus de Bolivie, XXe-XXVIe siècle: essai d'histoire régressive.** Paris: Gallimard, 1990.

WELLING, Harriet. Friend of the family. *In*: DOYLE, EDWARD (Ed.) **As we knew Adlai: The Stevenson story by twenty-two friends.** New York: Harper Publisher, 1966.

WESTADD, Odd Arne. **The global Cold War.** Cambridge University Press, 2007.

WIARDA, Misreading Latin America: Again. **Foreign Policy**, n. 65 p. 135-153, Winter, 1986-1987.

WINNICK, R. H. **Letters of Archibald MacLeish 1907-1983.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1983.

WOOD, Bryce. **The making of the Good Neighbor policy.** New York: University of Columbia Press, 1961.

XAVIER, Ismael. **Alegorias do subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo Marginal.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ZELIZER, Julian. **Arsenal of democracy: The politics of national security - From World War II to the War on Terrorism.** New York: Basic Books, 2010.

\_\_\_\_\_ **The fierce urgency of now: Lyndon Johnson, Congress and the battle for the Great Society.** New York: Penguin Books, 2015.